

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, N° 74

Ano 2019

O POVOAMENTO GUARANI DO VALE DO RIO DOS SINOS



Pedro Ignácio Schmitz
Jairo Henrique Rogge
Jefferson Aldemir Nunes
Ranieri Hirsch Rathke

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - UNISINOS

Av. Unisinos, 950 - Bloco B05 108 - Bairro Cristo Rei
93022-000 - São Leopoldo, RS – Brasil - Caixa Postal 275
www.anchietano.unisinos.br anchietano@unisinos.br

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Comissão Editorial

Josafá Carlos de Siqueira, S.J.
Pedro Ignacio Schmitz, S.J.
Carlos Alberto Jahn, S.J.
Maria Salete Marchioretto
Marcus Vinícius Beber

Comissão Editorial

Rafael Carbonell De Masi, S.J.
Luis Fernando Medeiros Rodrigues, S.J.
Maria Gabriela Martin Ávila
Ana Luiza Vietti Bitencourt
Bartomeu Meliá, S.J.
Paulo Günter Windisch

Conselho Científico de Antropologia

Bartomeu Meliá, S.J. (Asunción/Paraguai)
Maria Gabriela Martin Ávila (UFPE)
Ana Luiza Vietti Bitencourt (UNIFESP)
Tânia Andrade Lima (Museu Nacional - UFRJ)
Paulo De Blasis (MAE - USP)
André Prous (UFMG)
José L. Peixoto (UFMS)
Jairo H. Rogge (UNISINOS)

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos trabalhos assinados. A publicação de colaborações espontâneas depende da Comissão Editorial.

Pesquisas aparece em 2 secções independentes: Antropologia e Botânica.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in current western languages.

The autor is response for his (her) undersigned contribution.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into 2 independent series: Anthropology and Botany.

Pesquisas / Instituto Anchietano de Pesquisas. - (2019).
São Leopoldo : Unisinos, 2019.

195 p. (Antropologia, nº 74)

ISSN: **2594-5645**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Capa: Casas da aldeia Mbya-guarani de Riozinho/RS. Foto: Denise Maria Schnorr, 1997.

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, N° 74

Ano 2019

Índice

APRESENTAÇÃO.....	5
1. A BACIA DO RIO DOS SINOS.....	9
2. SÃO LEOPOLDO.....	18
3. BAIXO VALE DO RIO DOS SINOS.....	39
4. LOMBA GRANDE.....	61
5. TAQUARA, NOVO HAMBURGO, CAMPO BOM E DOIS IRMÃOS.....	82
6. SAPIRANGA.....	108
7. ESTÂNCIA VELHA.....	135
8. ALTO VALE DO RIO DOS SINOS.....	148
9. OCUPAÇÃO GUARANI DO VALE DO RIO DOS SINOS.....	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	190

O POVOAMENTO GUARANI DO VALE DO RIO DOS SINOS

Pedro Ignácio Schmitz¹

Jairo Henrique Rogge²

Jefferson A. Nunes³

Ranieri H. Rathke⁴

APRESENTAÇÃO

O texto deseja oferecer uma visão do antigo povoamento guarani no vale do rio dos Sinos utilizando coleções e documentos resultantes de levantamentos feitos nas décadas de 1960 e 1970, colocando-os no contexto da região geográfica e iluminando-os com relatos de missionários jesuítas que estiveram entre os índios Guarani do Sudeste do Brasil, denominados Carijós, nas primeiras décadas do século XVII, quando eles eram disputados por escravagistas e por missionários. Imagens da aldeia Mbyá-guarani de Riozinho, no alto vale do rio dos Sinos, podem ajudar a leitura dos fragmentos arqueológicos.

As coleções e documentos, ainda pouco explorados, correspondem, aproximadamente, a setenta sítios arqueológicos. Só existe um relatório impresso sobre as primeiras explorações (Miller, 1967), uma tese de doutorado sobre o povoamento do alto vale (Dias, 2003) e uma sobre o povoamento do vale do rio Paranhana, principal afluente do rio dos Sinos (Dias, 2015).

Para a pesquisa estão disponíveis boas coleções. No Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), em Taquara, estão guardadas grandes coleções das décadas de 1960 e 1970, feitas por Eurico Th. Miller, que percorreu todo o vale e por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, Plínio Dall'Agnol e Guilherme Naue (Ir. Valeriano), que estudaram a margem direita do vale médio. No Instituto Anchietano de Pesquisas/Unisinos (IAP) estão coleções feitas, no mesmo período, em ambas as margens do vale médio do rio por Pedro Ignácio Schmitz e companheiros.

O presente trabalho examinou coleções de 51 sítios de todo o vale, incluindo alguns vistos nas teses mencionadas (**Figura 1**).

As coleções e as anotações que as acompanham são significativas por serem as únicas sobrevivências dos antigos assentamentos indígenas, os quais desapareceram sob o arado de ocupantes posteriores.

O rio dos Sinos, afluente da margem esquerda do rio Jacuí, é o maior curso de água do Nordeste do Rio Grande do Sul. Sua margem direita recolhe as águas da encosta do Planalto das Araucárias e a margem esquerda está mais perto dos Campos ondulados do sul. O ambiente assim produzido, com abundância de água, diversidade de solos, de vegetais e de animais era um convite para populações baseadas em diferentes formas de subsistência econômica: caçadores-coletores, horticultores, agricultores, pecuaristas, e industriais urbanizados. Para populações indígenas ele também seria um caminho para chegar aos férteis solos da planície costeira e aos recursos marinhos do litoral atlântico do norte do Rio Grande do Sul e do sul de Santa Catarina.

A população indígena da família linguística Tupi-guarani foi a última a chegar ao

1 Professor aposentado da Unisinos. Pesquisador sênior do CNPq. E-mail: anchietano@unisinos.br

2 Professor da Unisinos, Pesquisador do Instituto Anchietano de Pesquisas. E-mail: rogge@unisinos.br

3 Mestrando em História na Unisinos, bolsista CAPES. E-mail: jeffersonnunes92@gmail.com

4 Licenciando em História na Unisinos, bolsista de IC Pratic. E-mail: ranihirschathke@gmail.com

vale, provavelmente entre 400 e 500 anos atrás e sistematicamente colonizou sua floresta, implantando nela dezenas de pequenas aldeias. Ela fora precedida por caçadores-coletores pré-cerâmicos da tradição Umbu vários milênios antes, que já desaparecera quando eles chegaram; e por pequena intromissão da família Macro-Jê, da tradição ceramista Taquara, que dominava o planalto das Araucárias, um milênio antes, com a qual sempre manteve algum contato.

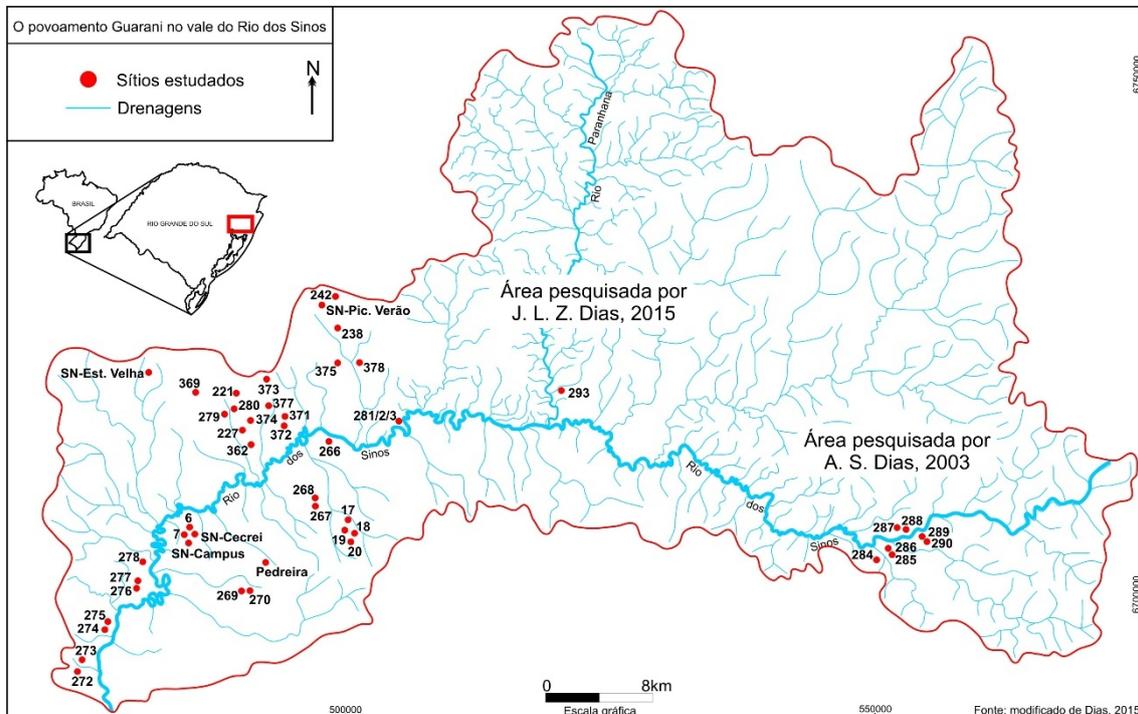


Figura 1. A Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, com os sítios estudados neste trabalho.

O primeiro levantamento dos sítios Tupi-guarani foi realizado no enfoque histórico-cultural, trazido pelo PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), coordenado pelos arqueólogos americanos Clifford Evans e Betty J. Meggers (1965-1970), da Smithsonian Institution, Washington DC. O programa propunha rápida cobertura de grandes extensões do território brasileiro, usando como referência geográfica as bacias hidrográficas.

Os sítios eram identificados com uma sigla, na qual constava: Estado (RS), área tendo como referência vales de rios (nesse caso, S) e o número sequencial dos sítios levantados (p.ex. 284). A documentação dos sítios compunha-se de fichas descritivas do sítio com sua correspondente numeração, além de croquis, fotos e mapas. (Evans; Meggers, 1965). Nesse tempo não havia GPS e a máxima precisão alcançada era a dos Mapas do Exército, mas nem estes eram de fácil aquisição. Uma ficha com estas observações também era encaminhada ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para a formação de um cadastro nacional.

O material recolhido no sítio não era tratado por unidade de objeto, mas como amostra de conjunto (de superfície, de quadrícula ou de nível de escavação) e era recolhido sistematicamente, na superfície total do sítio, por superfícies delimitadas, quadrícula e nível, evitando qualquer preferência ou seleção por tamanho, cor ou decoração.

Em laboratório, o material era lavado em água corrente e recebia um número de acervo por amostra, não por unidade de objeto. Por exemplo Catálogo MARSUL 485 corresponde a todo o material recolhido na superfície do sítio RS-S-284. A amostra assim nu-

merada, com tinta nanquin, era guardada em saco plástico e acomodada em caixa plástica, ou de papelão.

A cerâmica da coleta era analisada para criar tipos à maneira das Ciências Naturais; em sua formação o antiplástico formava o gênero e o acabamento da superfície a espécie do tipo. Com os tipos assim formados se criavam séries, baseadas na sequência das amostras organizadas por semelhança tipológica, posição estratigráfica e datação rádio carbônica, quando disponível. Séries parecidas por seus tipos se constituíam em fases e estas, por sua vez, em tradições, dentro de um enfoque neo-evolucionista.

Logo nasceram centenas de fases e a mesma tradição Tupiguarani (Brochado et al., 1969). Em âmbito nacional esta tradição foi dividida em subtradições: a Pintada pelo domínio numérico das vasilhas alisadas e pintadas e a Corrugada pelo domínio numérico das vasilhas com acabamento corrugado. Por sua localização no espaço e associação etnográfica, a subtradição Pintada também era chamada Tupinambá, a Corrugada Guarani (Brochado, 1984).

As séries e seus componentes, quando colocadas no espaço, mostrariam a distribuição, a sequência cronológica e a movimentação dos assentamentos representados nas amostras.

Esta era a norma para os membros do Pronapa. Dos executores da amostragem analisada neste texto só Eurico Th. Miller, que pertencia ao programa, fazia as coletas em conformidade com a norma. Os demais colecionadores a usavam mais livremente.

Nessa etapa a localização dos sítios do vale não foi sistemática e completa, mas aleatória. Posteriormente, Adriana S. Dias fez levantamento sistemático na parte alta do rio (Dias, 2003) e Jefferson L.Z. Dias, principalmente no vale do rio Paranhana, afluente principal do Sinos pela margem direita (2015). O texto abrange os sítios levantados no vale com exclusão parcial dessas duas áreas.

O presente trabalho estrutura-se da seguinte maneira: primeiro há uma descrição do vale. Segue o estudo individual dos sítios, agrupados por áreas ao longo do rio. O capítulo final se propõe uma síntese das informações produzidas e faz considerações sobre o resultado alcançado.

A apresentação dos sítios oferece os elementos da documentação, contendo a descrição e o croqui do sítio. Segue um quadro contabilizando os fragmentos cerâmicos da amostra com relação a seu acabamento de superfície e seu tamanho, e um quadro contabilizando os fragmentos com relação a sua espessura. A seguir indica-se o antiplástico e as marcas de possível uso. Com isso procura-se caracterizar a cerâmica de cada sítio e seu estado de conservação. Também é indicada a existência de outros materiais, como cachimbos. E a presença, qualidade e quantidade de artefatos líticos.

A localização das amostras sobre um mapa do vale com indicação da hidrografia, do relevo, do solo e da vegetação proporciona a visão da distribuição dos sítios e sua implantação ambiental.

A manipulação dos materiais e documentos produziu alguns conhecimentos, que são explicitados no capítulo final e que são, aqui, resumidos.

O rio dos Sinos orientou a ocupação indígena do vale. Os assentamentos, sob a forma de pequenas aldeias, encontravam-se distribuídos ao longo do curso, ocupando as primeiras elevações do terreno, no limite externo da várzea do rio ou de seus afluentes maiores. Elas se encontravam na proximidade da água de arroios ou nascentes; raramente junto ao rio (então, em alta barranca), porque este é margeado por banhados com vegetação intrincada e densa. Onde os banhados são mais expandidos, como na margem esquerda do baixo curso, não se localizaram assentamentos.

A implantação da aldeia se fazia de tal maneira que as famílias pudessem alcançar variados ambientes em suas atividades diárias. A distância entre os assentamentos era adequada para não esgotar o ambiente e evitar conflitos.

Recursos especiais, como a semente da Araucária do planalto, ou o peixe e os moluscos das lagoas litorâneas, exigia maior permanência fora do povoado.

Os assentamentos se mostravam ao pesquisador como uma, duas ou três pequenas manchas escurecidas, próximas, com fragmentos cerâmicos concentrados, que eram circundadas por um espaço maior, menos escuro, no qual os restos eram mais dispersos. Não havia forma específica para a disposição dessas manchas.

A cerâmica das aldeias reproduz o padrão Tupiguarani, subtradição Corrugada, ou Guarani, na pasta, na técnica de produção, no acabamento da superfície, na forma e no uso inferido.

Na análise da cerâmica, o Pronapa trabalhava com tipos compostos por gênero e espécie; o antiplástico formava o gênero, o acabamento da superfície a espécie. Sítios com tipos semelhantes formavam fases e fases semelhantes, a tradição. Não chegamos a formar tipos, mas usamos o antiplástico e o acabamento de superfície para tentar o agrupamento de sítios. Usando o antiplástico agrupamos os sítios em três conjuntos, que não denominamos fases. O primeiro, que usa caco moído, desdobra-se na parte baixa e média da planície do rio, podendo representar a conquista do vale. O segundo, que usa areia fina e média, proveniente do arenito Botucatu, ocupa lombas e colinas mais afastadas do rio, no médio e alto vale e pode representar a expansão e consolidação do povoamento. O terceiro, que usa areão composto por grãos de hematita e fragmentos angulosos de quartzo e feldspato, provenientes da decomposição do basalto, está mais próximo da encosta do planalto basáltico, que ao tempo era dominado pelo povo da tradição Taquara, com a qual ele intensifica o contato. Este povo tinha algumas aldeias no vale antes da chegada do Guarani e fragmentos de sua cerâmica continuam aparecendo em assentamentos guarani antigos, médios e recentes. Este terceiro conjunto pode representar um recuo para o interior fugindo da escravidão e da missão religiosa.

A utilização do acabamento de superfície para agrupar os sítios foi menos eficiente, mas acompanha o exercício anterior.

A estratigrafia demonstra que as casas eram estáveis, a pouca variedade de artefatos, um modo de vida simples, de chacareiros em meio à floresta, onde também conseguiam alguma proteína animal.

Colocando o vale dos Sinos na região, que ainda abrange o rio Caí e a planície costeira do Nordeste do Rio Grande do Sul e do Sudeste de Santa Catarina, observa-se que os sítios agrupados junto às lagoas da planície litorânea, mesmo apresentando os mesmos materiais e estruturas, parecem mais ricos e concentrados que aqueles dos vales dos rios, Sinos e Caí, onde eles estão mais distribuídos.

O povoamento da região, e do vale dos Sinos, é considerado recente, com predominância de datas de C^{14} entre 400 e de 500 anos A.P. Em tempos históricos a região era ocupada pelos índios Carijós, da família linguística Tupi-Guarani, a cujos antepassados e contemporâneos os sítios podem ser facilmente atribuídos. Assim, a analogia direta com seu modo de vida se tornou importante para iluminar os dados arqueológicos referentes à casa, à aldeia, à cerâmica, à subsistência e à organização da sociedade. Em tempos recentes um grupo Mbya-guarani voltou ao vale com uma pequena aldeia. Eles ajudam a dar alguma vida ao esqueleto arqueológico.

O término da ocupação nativa, no começo do século XVII, foi traumático, produzido por doenças trazidas pelo colonizador e pela transferência forçada dos moradores para São Paulo e Rio de Janeiro por ação escravista e missionária.

O quadro final alcançado compõe-se de fragmentos mais ou menos significativos para a história do povoamento do vale por uma população indígena que ocupou a floresta subtropical com uma rede de minúsculas aldeias com casas de palha cercadas por chácaras de plantas tropicais consorciadas.

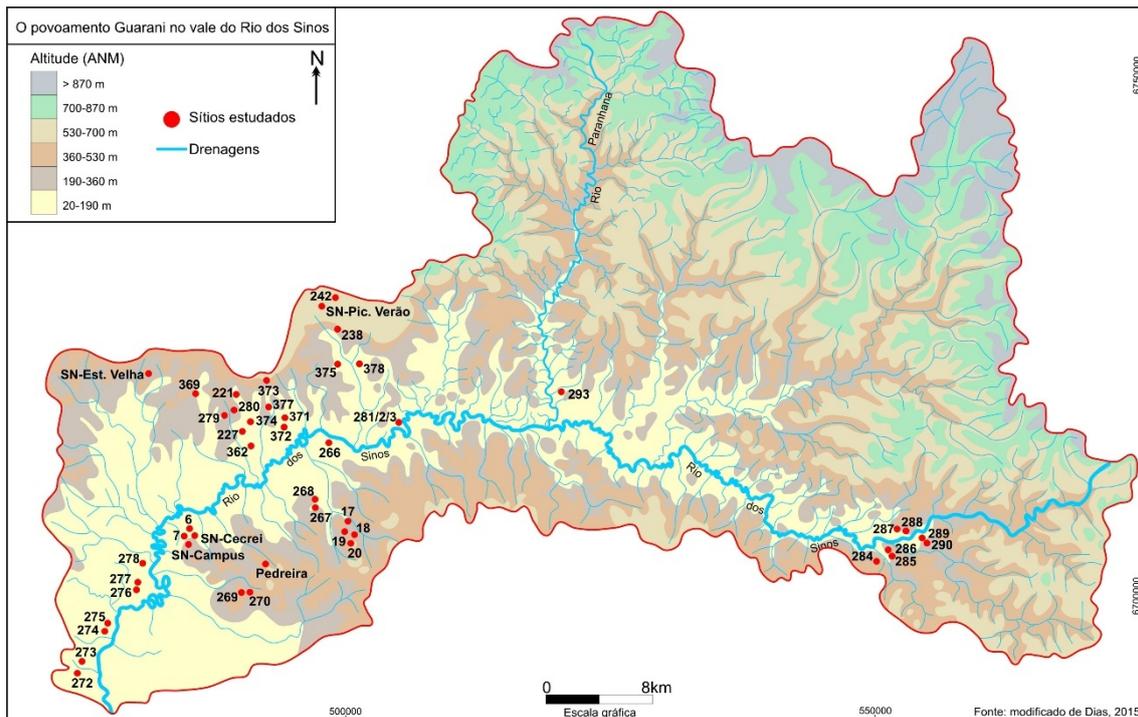


Figura 3. Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, mostrando as variações de altitude.

A geologia da área é formada, na maior parte da superfície, por rochas basálticas, geralmente em forma de diques que atravessam as formações inferiores. Uma superfície mais reduzida é formada por rochas areníticas friáveis da Formação Botucatu cobrindo as baixas altitudes. No contato entre os basaltos da Formação Serra Geral e os arenitos da Formação Botucatu se formaram arenitos silicificados, que passaram a constituir o teto de numerosos abrigos, de grande abertura e pouca profundidade. Ainda existe um espaço de cobertura sedimentar, associada às planícies de inundação do rio dos Sinos e de seus afluentes maiores, com grandes banhados atuais.

Nas corredeiras do alto e médio curso o rio juntou amostras das rochas de diferentes estratos geológicos, muito utilizadas pelos sucessivos ocupantes indígenas do vale para a produção de instrumentos.

Os abrigos tornaram-se lugar preferencial para o assentamento das populações caçadoras e coletoras da tradição Umbu, mas não eram aproveitados pelos cultivadores da tradição Tupiguarani.

A diferente resistência das camadas geológicas produziu relevos acidentados, com altos paredões, na área dos basaltos; colinas e lombas grandes na área dos arenitos, e morretes e morros com a erosão dos diques intrusivos de basalto.

A variação do relevo associada a diferentes volumes de precipitação pluviométrica deixou como resultado um mosaico de solos, com diferenças marcantes em termos de possibilidades de uso (Streck *et al.*, 2008) (**Figura 4**).

Nas partes mais baixas da bacia, em áreas de relevo ondulado, predominam os solos podzólicos vermelho amarelados, argilo-arenosos, com fertilidade moderada, ocorrendo associados a litologias areníticas e a uma cobertura vegetal de Floresta Estacional Decidual e Semidecidual. Ali assentavam as populações indígenas ceramistas, tanto da tradição Taquara como da Tupiguarani. Em termos econômicos recentes, ali se pratica agricultura familiar e pecuária extensiva.

Ao longo da calha principal do baixo vale dos Sinos, ocorrem planossolos em áreas com excesso de água permanente ou temporária; os planossolos são formados por material aluvial com alta concentração de argilas, utilizadas por numerosas olarias e que anti-

gamente teriam servido para fabricação das panelas indígenas. Atualmente se pratica lavoura de arroz e pecuária extensiva. Ali não existiam assentamentos indígenas.

Subindo a calha do rio, enquanto ainda se formam áreas de várzea, encontram-se cambissolos e podzóis, mais secos que os anteriores, derivados de sedimentos aluvionares argilo-siltosos, com fertilidade entre moderada e alta. Na sua borda se formaram os assentamentos indígenas. Hoje, devido a sua alta produtividade com práticas simples de manejo, são muito utilizados para agricultura familiar de cultivos de plantas herdadas dos guaranis, como mandioca, milho, feijões, batata doce, amendoim, abóboras, fumo, além de cultivares importados como cana de açúcar, arroz e banana.

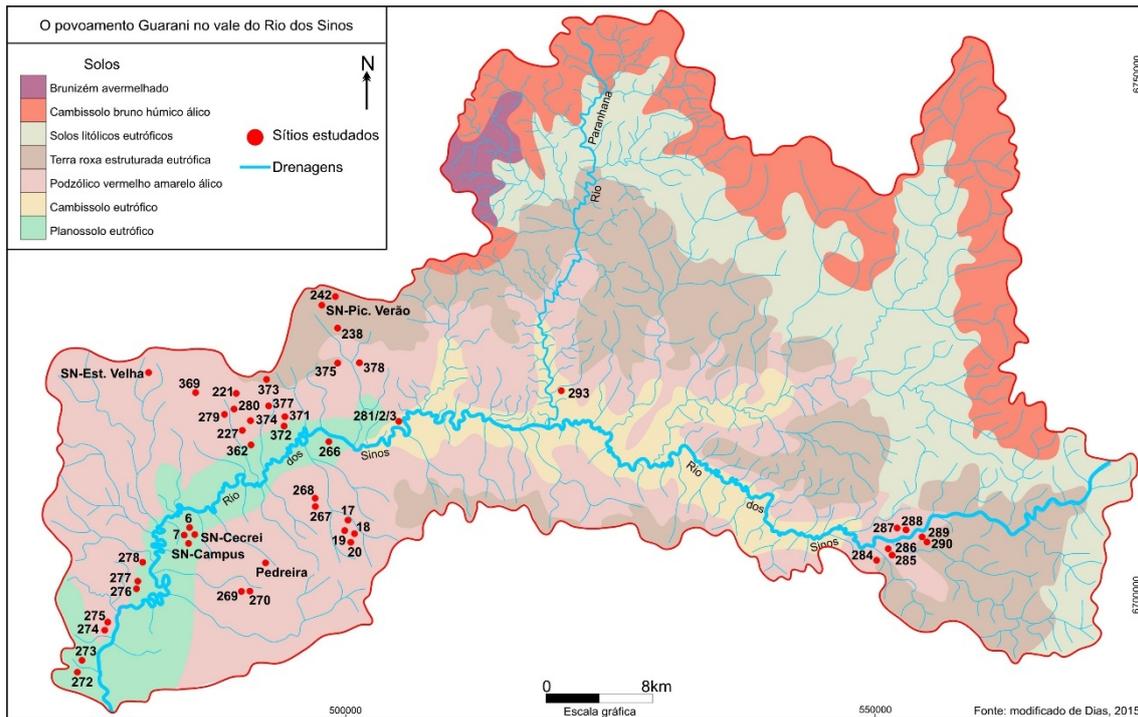


Figura 4. Solos da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.

Nas áreas médias e altas, a partir dos 200 m de altitude, de relevo mais dissecado, ocorrem extensas porções de solos do tipo terra roxa estruturada, argilosos e espessos, com boa fertilidade, resultantes de derrames basálticos. Os solos litólicos, encontrados em altitudes superiores, ainda que pouco espessos e muito pedregosos, com a rocha matriz (basalto) quase aflorando, também possuem boa fertilidade. Como já são pouco usados para cultivos familiares, ali voltou a crescer a mata. Neles são raros os assentamentos indígenas e estes, pequenos, predominantemente da tradição Taquara.

No extremo norte da área ocorrem ainda solos do tipo cambissolo húmico, com alta concentração de matéria orgânica, associados à área de ocorrência da Floresta Ombrófila Mista. No entanto, sua fertilidade é baixa por sua muita acidez. Hoje este tipo de solo é mais usado para pecuária ou cultivos que suportam temperaturas baixas, como maçãs e frutas semelhantes. Ali não se localizaram assentamentos indígenas. Na mesma área existem ainda, pequenos enclaves de solo brunizém avermelhado, de alta fertilidade, também associado à Floresta Ombrófila Mista que atualmente é utilizado para plantio anual de trigo, milho e soja.

Pante (2006) aponta que, de acordo com a classificação de Köppen, a bacia do rio dos Sinos apresenta os Tipos Climáticos Cfa – mesotérmico (temperatura média do mês mais frio inferior a 18°C e do mês mais quente superior a 22°C), subtropical úmido sem

estação seca, e Cfb - mesotérmico e temperado úmido (temperatura média do mês mais quente inferior a 22°C).

As precipitações são bem distribuídas ao longo do ano, com médias de 2.310 mm na parte alta, medidas em um posto localizado em São Francisco de Paula (área de tipo climático Cfb) e 1.401 mm na parte baixa, medidas em posto localizado em Taquara (tipo climático Cfa).

A temperatura média é de 14,4°C na região de tipo climático temperado (São Francisco de Paula) e 19,4°C na região de tipo climático subtropical (Taquara).

A umidade relativa do ar tem média anual de 83% no posto de São Francisco de Paula e 76% no posto de Taquara, tendo pouca variação ao longo do ano pela boa distribuição de chuvas.

Estes elementos são responsáveis pelas formações vegetais do vale (**Figura 5**).

A maior parte da bacia do rio dos Sinos estava coberta por Floresta Estacional Semi-decidual, que tem como característica a presença de um dossel arbóreo de grande porte, associado a um estrato arbustivo e herbáceo denso, cujas folhas caem parcialmente em ciclos anuais ligados a maior ou menor quantidade de chuva.

A maior parte dessa floresta está associada à divisão Submontana, que se desenvolve em solos mais secos, em altitudes medianas, entre 50 e 400 m de altitude. Acima dessa cota, ocorre uma pequena faixa da divisão Montana e, abaixo, a divisão Terras Baixas; esta última forma as matas ciliares que acompanham as drenagens.

A Floresta Estacional Semidecidual abrigava considerável diversidade fito-faunística, o que a tornava atraente para ocupação humana indígena como área de captação de recursos.

No extremo norte da área ocorrem ainda fragmentos de Floresta Ombrófila Mista, em cujo estrato arbóreo predominava a *Araucaria angustifolia*, associada a densa mata arbustiva, rica em frutos e matérias primas vegetais. Ligada a essa mata, ocorria diversidade faunística que também tornava essa área atraente para ocupação humana.

No extremo sudoeste da bacia do rio dos Sinos, já próximo à desembocadura no Lago Guaíba, ocorria ainda considerável extensão de Ecótono, ou área de Tensão Ecológica, entre a Floresta Estacional, áreas abertas campestres e grandes banhados, que proporcionava maior oferta de recursos econômicos.

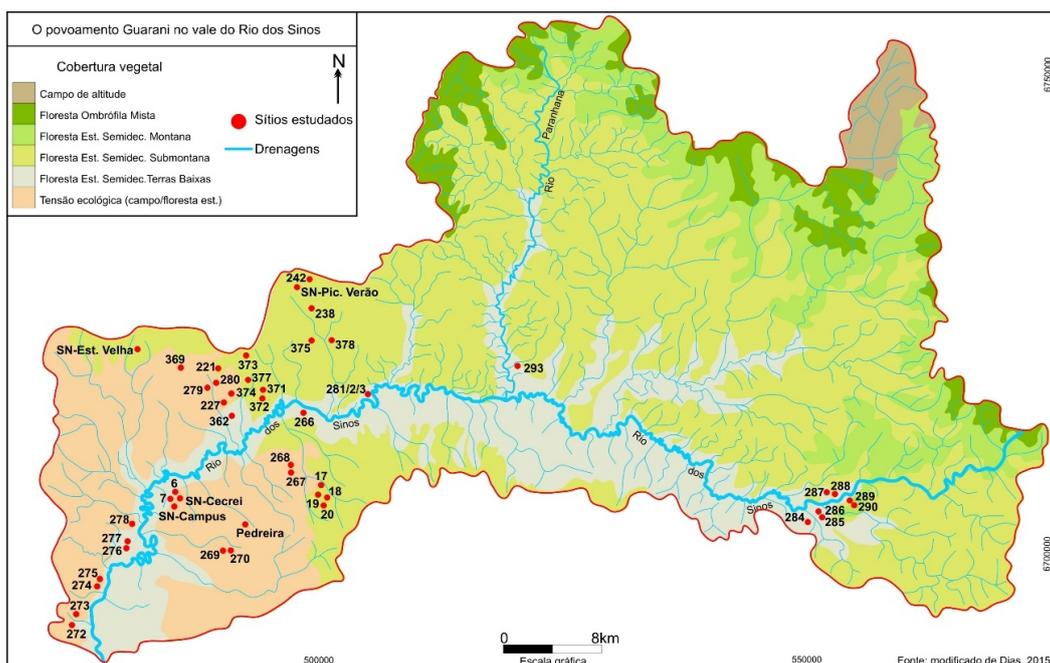


Figura 5. Cobertura vegetal da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.

Em termos de recursos econômicos ligados à caça, à pesca e à coleta, a Floresta Estacional Semidecidual, que cobria praticamente todo o vale no passado, forneceria alguma variedade de produtos vegetais, tanto para o consumo alimentar (ver **Janela 1**) quanto para a produção de artefatos, materiais construtivos e combustível; eles podiam ser ampliados subindo ao planalto, para a Floresta Ombrófila Mista, onde, durante o outono, se poderia recolher grande volume de sementes de Araucária; ou avançando pelos campos da margem esquerda até o litoral se alcançariam os butiazais e outros palmeirais da praia. Na mata, no rio, arroios, banhados e em excursões ao litoral se teria acesso a variedade de animais úteis para a alimentação (ver **Janela 2**). Mas o sistema alimentar conseguia alguma estabilidade só através do cultivo de plantas que podiam ser mantidas vivas no solo, como a mandioca e a batata doce, ou colhidas e guardadas dentro de casa.

As matérias primas líticas, restritas ao basalto, ao arenito friável ou arenito silicificado, ao quartzo e à calcedônia, estavam disponíveis em afloramentos, especialmente, nas cascalheiras do rio e dos arroios e em afloramentos do dique de basalto que forma pequenos morros, ou morretes.

Os assentamentos estavam relativamente próximos ao rio e a seus afluentes, com o que não faltaria água para as necessidades diárias. Eles também facilitavam a comunicação entre os assentamentos. A canoa seria, provavelmente, o melhor meio de transporte permitindo fugir da intrincada vegetação dos banhados e da floresta da encosta.

O vale teve ocupações humanas diferentes, durante os milênios do Holoceno.

Os primeiros ocupantes indígenas, a partir de aproximadamente 10.000 anos A.P., foram os caçadores-coletores da tradição Umbu, que se assentaram principalmente nos abrigos formados no arenito da Formação Botucatu em seu contato com o basalto. Além de proteção, o abrigo oferecia localização estratégica para acessar tanto os recursos do rio, dos banhados e da várzea quanto os recursos dos campos ondulados da margem esquerda e da encosta íngreme da margem direita.

JANELA 1
Elementos vegetais comestíveis no vale do Sinos:

- **Annonaceae: Araticum, Goiaba.**
- **Araceae: Guaimbé.**
- **Arecaceae: Butiá, Jerivá, Palmito, Tucum.**
- **Boraginaceae: Chá-de-bugre.**
- **Bromeliaceae: Gravatá.**
- **Caricaceae: Mamão-do-mato.**
- **Hippocrateaceae: Bacupari.**
- **Mimosaceae: Ingá.**
- **Moraceae: Amora, Figos.**
- **Myrtaceae: Araçá, Cereja, Goiaba-da-serra, Grumixama, Guabiju, Guabiroba, Guamirim, Jabuticaba, Pitanga, Sete capotes, Uvaia.**
- **Passifloraceae: Maracujá.**
- **Sapindaceae: Chal-chal.**
- **Verbenaceae: Tarumã.**

JANELA 2

Disponibilidade de animais para caça, pesca e coleta:

- Mamíferos ligados ao mato: porcos-do-mato, anta, veado mateiro, onça e outros felinos, macacos, gambá.
- Mamíferos ligados à água: cervo, capivara, ratão-do-banhado, lontra, irara.
- Aves ligadas ao mato: inhambu, perdiz, jacu, jacutinga, aracuã, tucano, pombas, papagaios, periquitos, sabiá, gralha, curicaca.
- Aves ligadas a ambientes aquáticos: gaivota, garça, maçarico, maria-faceira, marreca, marrecão, martim-pescador, mergulhão, narceja, jaçanã, saracura, socó.
- Aves do campo: ema, perdiz, tachã.
- Peixes residentes: traíra, jundiá, cará, joana, cascudo, muçum, lambari, biru. Peixes migradores estacionais: bagre, piava, peixe-rei, dourado, pintado. Peixes marinhos.
- Repteis: jacaré, tartaruga, lagarto.
- Mamíferos ligados ao campo: veado campeiro, tatu, preá, ratos.
- Insetos: mel e larvas de abelhas, outras larvas e outros insetos.
- Moluscos univalves e bivalves de água doce e salgada.

Esta população ainda estaria presente no primeiro milênio de nossa Era quando apareceram no vale isolados assentamentos de uma população caçadora-coletora do grupo linguístico Jê, que se tinha filtrado do planalto tropical do Brasil Central para o planalto frio do Sul a partir de uns 3.000 anos A.P. Estes assentamentos, periféricos à sua área principal, nas áreas altas e no vale ocupariam espaços semelhantes aos do grupo anterior, mas a céu aberto e um pouco mais perto do rio e de sua várzea. Estes assentamentos, realmente muito poucos, são reconhecidos por sua típica cerâmica, denominada Tradição Taquara.

Já avançado o segundo milênio de nossa Era, o vale recebe uma população cultivadora, de remota origem amazônica, cuja cerâmica forma a Tradição Tupiguarani. Os assentamentos estão distribuídos por todo o vale, implantados na baixa vertente das colinas que cercam as várzeas e seus banhados e buscando a proximidade de arroios maiores ou do rio. Esta localização lhes possibilitava o estabelecimento da aldeia e o plantio em terrenos secos de pequena inclinação e, ao mesmo tempo, dava acesso à várzea, ao rio e à encosta do planalto. Estas aldeias podiam manter algum contato com populações da tradição Taquara, às vezes até convivendo com elas no mesmo assentamento. Esta população, no começo do século XVII, foi atingida pela expansão colonial portuguesa tanto sob a vertente escravista, como missionária. Os missionários deixaram apreciáveis informações sobre a vida indígena. O escravismo foi responsável pela transferência da maior parte da população para São Paulo, onde ela desapareceu.

O terreno, já sem populações nativas, foi ocupado por sucessivos grupos de europeus e seus descendentes: paulistas criadores de estâncias, agricultores familiares açorianos e alemães, que criaram pequenas cidades de comércio regional; finalmente surgiram modernas cidades industrializadas junto com mecanização agrícola.

O impacto sobre o ambiente provocado pelas sucessivas ocupações foi diferenciado.

Os moradores da tradição Umbu modificaram o interior dos abrigos ocupados deixando aí seus restos e enriqueceram o entorno onde abandonaram sementes de frutas comidas ou só trazidas.

Os moradores da tradição Taquara já implantaram pequenas aldeias estruturadas em elevações próximas ao rio, o que implicaria em abrir clareiras e abandonar resíduos (cinzas, carvão, artefatos quebrados, restos de estruturas), além de sementes, que dariam origem a um pequeno nicho dentro do ambiente geral. Como esta população tem seu habitat central no Planalto das Araucárias, árvore com a qual sua cultura se identifica, eles poderiam trazer exemplares desta espécie para junto do assentamento.

A população da tradição Guarani interage mais com o ambiente, abrindo clareiras progressivas na mata para implantar aldeias e acampamentos, instalar roças, abrir caminhos, conseguir troncos para construções, canoas e outros móveis. Como as populações anteriores, transporta sementes de plantas nativas, mas também traz cultivares estranhos que são reproduzidos na aldeia, nas roças e nos caminhos. As clareiras abertas na mata, os movimentos de terra, os novos cultivares, as estruturas abandonadas com seus lixos acumulados, reestruturaram o sistema ambiental dos solos, das plantas e dos animais e até do rio. Uma paisagem fortemente antropizada.

Ela não impactou os sítios da ocupação anterior. Em casos isolados uma aldeia guarani se sobrepôs a uma instalação da tradição Taquara. Com mais frequência as duas populações conviveram na mesma aldeia.

Poderosamente impactou o ambiente a agricultura familiar implantada no vale, a partir de fins do século XVIII, por populações de origem lusa e germânica. Esta agricultura ainda persistia na década de 1960, quando se fizeram as pesquisas de campo do presente trabalho. Com essas populações houve uma nova configuração do espaço, com edificações maiores e mais numerosas, caminhos, desflorestamento, novas plantas e novas técnicas de cultivo, animais domésticos exigindo grandes pastos.

A nova instalação foi realizada predominantemente nos mesmos espaços da tradição Guarani e com isso produziu o dano previsível nos sítios arqueológicos, nas estruturas, no tamanho dos artefatos e na conservação de seus restos biológicos. Mesmo assim, depois de muitos anos de cultivos, ainda era possível reconhecer a sombra das antigas instalações, produzir coleções significativas de fragmentos cerâmicos e artefatos líticos e com alguma segurança foi possível datar duas aldeias.

A continuidade dos cultivos e a mecanização agrícola destas pequenas propriedades reduziram os sítios estudados de tal maneira que, trinta anos depois, os pesquisadores encontraram muito pouco material; apenas a lembrança das antigas pesquisas ainda estava presente entre alguns moradores.

As pesquisas do primeiro período estão representadas por Eurico Th. Miller, do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica), que visitou sítios em todo o vale e produziu a maior parte da documentação e das coleções agora em estudo; por Pedro Ignácio Schmitz e Pedro Augusto Mentz Ribeiro e companheiros, do Instituto Anchieta de Pesquisas, que levantaram sítios no vale médio. Os documentos e materiais dos três pesquisadores haviam ficado, na maior parte, inéditos, sendo retomados neste projeto.

Eurico Th. Miller (1967) fez uma publicação da pesquisa geral feita no nordeste do Rio Grande do Sul, compreendendo o vale do rio dos Sinos e o litoral oceânico setentrional. Nela estabeleceu duas fases para os sítios da tradição Guarani: a fase Maquiné, mais antiga (ver **Janela 3**) e a fase Paranhana, posterior (ver **Janela 4**).

Pedro Augusto Mentz Ribeiro (1968) fez pesquisas sobre o povoamento Guarani no vale do rio Caí.

As pesquisas do segundo período estão representadas principalmente pelos traba-

lhos do Projeto Arqueológico Santo Antônio da Patrulha (PASAP), coordenado por André Luis Jacobus, do MARSUL, cobrindo a alta bacia do rio dos Sinos. Com base neste projeto, Adriana Schmidt Dias realizou sua tese de doutorado, defendida na USP, em 2003, intitulada: “Sistema de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul.” Uma parcela menor da tese é dedicada ao estudo dos sítios da tradição Guarani e da tradição Taquara/Itararé.

A terceira etapa começou na década de 2010 com a intenção de criar uma visão do povoamento do vale a partir dos documentos inéditos e das amostras do período inicial de pesquisa. O primeiro resultado deste projeto, cobrindo parte do vale médio do rio, é a tese de doutorado de Jefferson Luciano Zuch Dias, defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 2015, com o título de “A ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani do Médio Vale do Rio dos Sinos e do Vale do Rio Paranhana”. Dois capítulos desta tese foram publicados em *Pesquisas, Antropologia* 72 (2016), p. 99-149.

A intenção do atual projeto é retomar as coleções e a documentação correspondente para criar um panorama do povoamento do vale.

Fase Maquiné

JANELA 3

É a mais antiga nessa região. Caracteriza-se, fundamentalmente, por seu corrugado tridimensionalmente maior que na fase Paranhana, pelo tempero muito grosso de grãos de hematita (de 2 a 10mm), visíveis à superfície dos recipientes e por pouca ou nenhuma decoração escovada.

Os sítios dessa fase localizam-se no topo das coxilhas e morros, sendo raro encontra-los nos patamares da encosta da serra, acima de 600 m de altitude. Na zona litorânea são encontrados entre lagos e no alto dos terrenos arenosos que, em grande parte, ainda se encontram cobertos por matas. Não são encontrados em terrenos muito baixos ou úmidos.

Os sítios são de habitação em campo aberto e de dimensões regulares, atingindo, não raro, a 5.000 m². O refugio atinge normalmente a 30 cm de espessura. As manchas de terra escura contam-se de duas a oito por sítio, sendo de forma circular ou elíptica e com dimensões que vão de 4 a 20 m. Dentro dessas manchas frequentemente são encontradas lentes de carvão próximas entre si. Presume-se que estas manchas sejam o antigo chão das casas, porém não encontramos sinais de estacas.

Os adultos e crianças eram enterrados nos sítios-habitagens em urnas de pequenas e grandes dimensões, ora pintadas, ora decoradas plasticamente. Cerâmica – Compõe-se de recipientes tanto decorados como não decorados. Os primeiros abrangem a maioria, desdobrando-se em pintada e plástica, predominando a última. O método de manufatura é de roletes sobrepostos, com tempero de areia e de grãos de hematita entre 2 e 10 mm de diâmetro, de textura tanto compacta como média.

Artefatos líticos – Existem machados polidos, mãos-d-pilão, alisadores em grés, batedores, quebra-cocos, meia-cana em pedra grés e raras pontas de projétil em pedra lascada. (Excertos de p. 21-22).

JANELA 4

Fase Paranhana

Define uma fase cerâmica de tradição guarani relativamente mais recente que a fase Maquiné. Caracteriza-se, fundamentalmente, pela pasta arenosa, corrugado baixo e pequeno e pela grande quantidade de decoração plástica escovada.

Os sítios localizam-se em terras baixas e arenosas e no topo das coxilhas que cercam o vale do rio dos Sinos. Evitam terrenos muito altos e comumente se localizam em terrenos úmidos, cercados por banhados e próximos a arroios. As manchas de terra escura são idênticas às da fase Maquiné, porém, quando numerosas, não raro se distribuem em círculo. As dimensões são semelhantes às da fase Maquiné. O refugo atinge uma profundidade de 30 cm.

Cerâmica – Compõe-se de recipientes decorados e não decorados. Os primeiros abrangem a maioria, desdobrando-se em pintada e plástica, predominando a última. O tempero é areia, tanto grossa como fina, de um a dois milímetros. A decoração plástica abrange os mesmos tipos da fase Maquiné, porém são menos salientes e de menores proporções. Surge em porcentagem elevada a cerâmica simplesmente escovada e escovada-corrugada. As formas são semelhantes, porém, menores que as da fase Maquiné.

Artefatos líticos – São menos abundantes que na fase Maquiné e, quando ocorrem, constituem-se em talhadores, polidores em arenito, meia-cana em arenito e percutores em basalto. (Excertos de p. 22 e 23).

2. SÃO LEOPOLDO

Os sítios de São Leopoldo podem dar uma ideia de um assentamento Guarani, com dois sítios maiores, que representam aldeias e outros menores que seriam complementares. Eles estão próximos entre si, apresentam material de características semelhantes, mas não precisam ser totalmente sincrônicos.

Eles estão localizados na margem esquerda do rio dos Sinos em terreno ondulado, com abundância de água, mas bem drenado. O ambiente é a floresta estacional no limite entre o banhado da várzea ribeirinha e os campos ondulados do Pampa. A água mais próxima costuma estar num arroio e não no rio. As instalações não eram grandes, constituídas no máximo por duas a três pequenas construções de material perecível. A conservação do material vai de média para boa, apesar de longo uso do espaço em ocupação agropastoril (**Figura 6**).

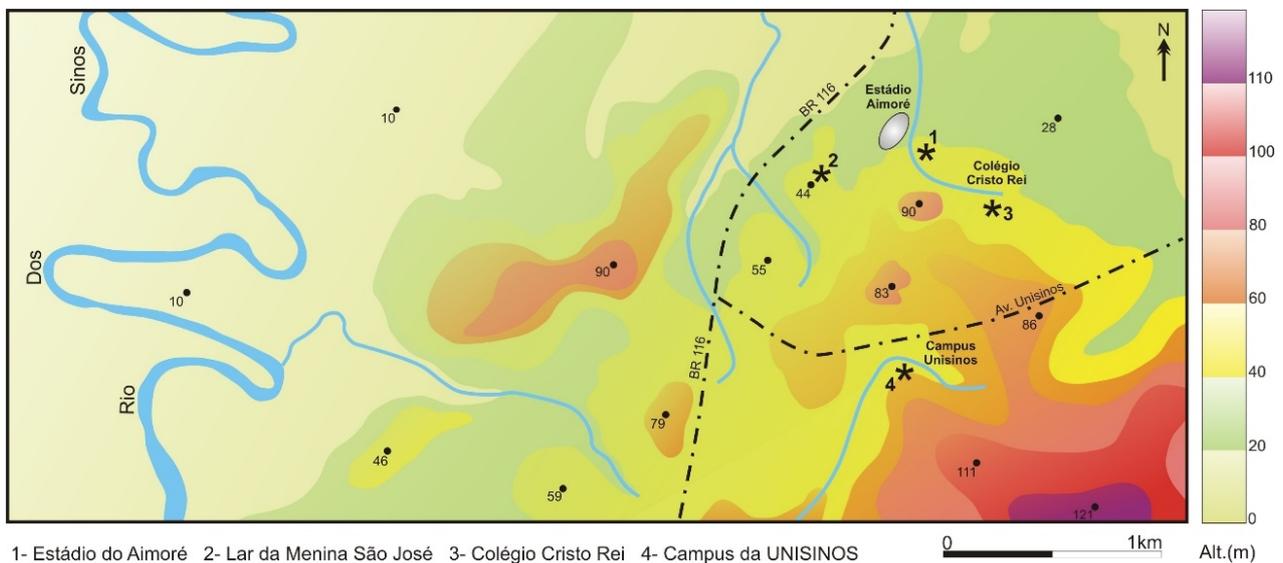


Figura 6. Localização dos sítios de São Leopoldo

O conjunto dos sítios pode ser tomado como só um assentamento no espaço e no tempo. O material cerâmico indica uma instalação padrão do grupo guarani na passagem do século XV para o XVI, estando representadas todas as formas tradicionais de suas vasilhas: o *cambuchi* para fermentação de bebidas (pouco), o *cambuchi caguabá* para servir bebida, a panela (*yapepó*) e a caçarola (*ñæetá*) para cozinhar o alimento, a tigela (*ñæembé* ou *tembiru*) para servir comida, nos correspondentes tamanhos, acabamentos e decorações e com bom acabamento. Estão ausentes o torrador de beiju e, no acabamento, o escovado. O antiplástico predominantemente usado na fabricação é o caco moído.

As amostras usadas para o estudo são as seguintes:

RS 6. Estádio do Clube Esportivo Aimoré (coleta principal). 1 mancha. 1 coleta. P.I. Schmitz e A.B. Rambo. 1965. Catálogo IAP 6. 1280 fragmentos. Antiplástico de caco moído. Muitas bordas. Presença de Tradição Taquara. Aldeia. UTM 22 J 484955.13 E; 6705202.54 S.

RS 6. Estádio do Clube Esportivo Aimoré (escavação). P.I. Schmitz e A.B. Rambo. 1965. Catálogo IAP Ai1-Ai550. Antiplástico de caco moído. Muitas bordas.

RS 6. Estádio do Clube Esportivo Aimoré (coleta inicial). 1 coleta anônima. 1942. Catálogo IAP 4. 191 fragmentos. Antiplástico de caco moído. 14 bordas.

SN. Campus da UNISINOS. 1 mancha. 1 coleta. P.I. Schmitz. 1962. IAP sn. 78 fragmentos. Antiplástico de caco moído. 9 bordas. Casa. UTM 22 J 484953.35 E; 6704058.44 S.

SN. Colégio Cristo Rei, 1 mancha. 1 coleta. Schmitz. S.d. Catálogo IAP 5. 12 fragmentos. Antiplástico de caco moído. 3 bordas. Casa. UTM 22 J 485405.01 E; 6704894.07 S.

RS 7. Lar da Menina São José. 1 coleta geral. A. Steffen. Década de 1960. Catálogo IAP 3. 516 fragmentos. 34 bordas. Presença de Tradição Taquara. Aldeia. UTM 22 J 484534.48 E; 6704984.22 S.

RS 6: ESTÁDIO DO AIMORÉ

Catálogo IAP 6

O sítio:

O sítio encontra-se na margem esquerda do rio dos Sinos, num local onde ele forma várias sinuosidades (donde o nome do rio), cercadas por grandes banhados. Depois o terreno se eleva até um máximo de 190 m, em suaves ondulações cobertas por campos naturais, com vegetação arbórea ao longo de pequenos arroios ou formando capões. O encontro de banhados, campos e matos criam uma área de tensão ecológica que soma recursos minerais, vegetais e animais variados para o homem que aí se venha a estabelecer. O solo Podzólico vermelho amarelo álico se junta ali com o Planossolo eutrófico e, junto com o clima, possibilita cultivos como o de milho, mandioca, feijão, amendoim, algodão. Os campos ondulados facilitam a comunicação entre aldeias por terra, o rio pela água.

O terreno em que se encontram os sítios pertencia aos jesuítas que tinham na cidade um grande seminário para formação de sacerdotes do Sul do Brasil. Nele havia um tambo, que fornecia leite e se criavam animais para consumo dos seminaristas. Em 1942 eles transferiram para ali parte do seminário da cidade, construindo, na proximidade do sítio, um novo prédio para as Faculdades de Filosofia e Teologia Cristo Rei, onde estudariam só jesuítas. Os tijolos para esta construção eram produzidos por olaria própria, que funcionava no local da construção.

No fim da década de 1950 também se construiu o Estádio do Clube Esportivo Aimoré nesses campos, na proximidade dos prédios do novo Colégio Cristo Rei. A movimentação de terra descobriu um antigo assentamento indígena. Ele se tornara visível em manchas escuras, próximas umas das outras, contendo cerâmica da Tradição Tupiguarani (**Figura 7**). No momento da pesquisa os fragmentos saíam principalmente da abertura do caminho, que circundava o estádio em construção e ao lado do caminho que conduzia para a olaria das Faculdades, que passaremos a chamar Colégio Cristo Rei. No campo, ao redor do sítio, perto de um pequeno arroio, na primeira metade do século XX, fora plantado eucalipto, que fora colhido e cujos rebrotes no momento tinham a altura de uma pessoa.

Um professor, que ensinava no seminário da cidade, já tinha começado a recolher fragmentos de cerâmica em 1927, 1928 e 1929, quando o local teria alguma plantação. É a coleção denominada 'antiga' (IAP 4). Quando, em 1942, se construiu o prédio do novo Colégio Cristo Rei voltaram a aparecer fragmentos de cerâmica em lavrados e com a plantação dos eucaliptos; o professor continuou a recolher: é a coleta inicial (IAP 5).

Com a terraplanagem para a construção do estádio do C. E. Aimoré apareceu maior quantidade de material e P.I. Schmitz, que, em 1961, estudava nas Faculdades, coletou material deslocado pela obra, que no catálogo do Instituto Anchietano de Pesquisas foi identificado como IAP 2. São mais de mil fragmentos de cerâmica Tupiguarani bastante conservados e de bom tamanho, alguns blocos de massa preparada, um pequeno recipi-

ente quase inteiro de uns 30 cm de altura, além de um cachimbo tubular quebrado, uma pequena lâmina de machado e um talhador bifacial em basalto.

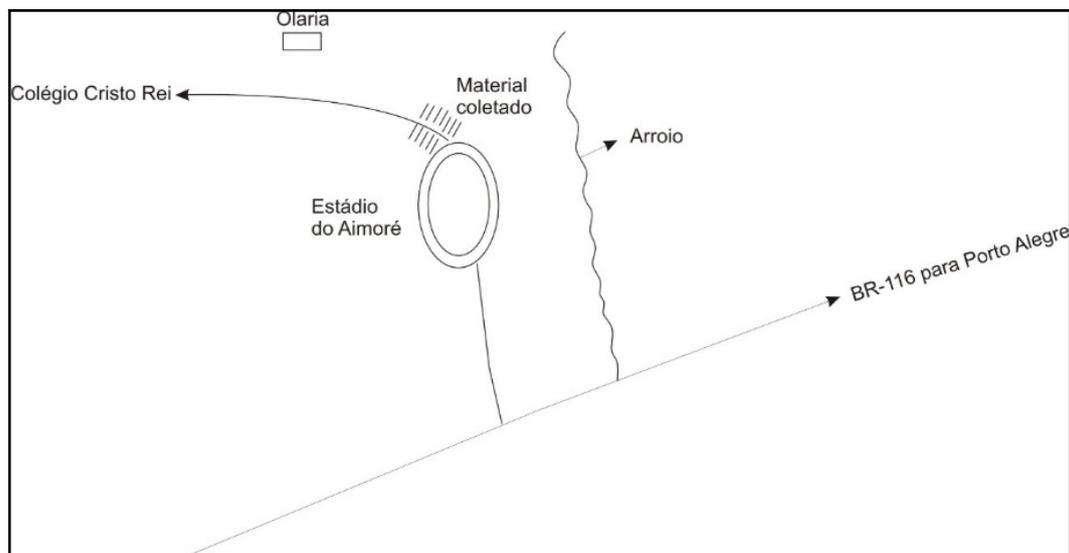


Figura 7. Croqui da localização da coleta IAP 6.

Devido ao adiantado da obra do Estádio já não era possível visualizar a organização da antiga aldeia, nem mesmo seu tamanho.

Entre 16/08 e 10/11/1962, quando a terraplanagem já ia bem adiantada e o estádio estava quase todo construído, durante 10 dias, P.I. Schmitz, auxiliado por Arthur Blásio Rambo, Dionísio Werlang, Otávio Etges e Arno Alvarez Kern, este aluno da UFRGS, realizaram pequena escavação num espaço de aproximadamente 6 metros de largura, que havia sobrado na bifurcação de dois caminhos. É a coleta da escavação (IAP Ai 1 a Ai 568).

Paralelamente foi realizada pequena coleta junto ao lago que era a nascente do arroio que passa ao lado do estádio do Aimoré (IAP 35). Foi realizada coleta igualmente na outra margem do arroio, em pequena elevação, ao redor do chamado Lar da Menina (IAP 3) e ainda na beira de um arroio um pouco mais distante, hoje Campus da UNISINOS (IAP s.n.).

Todos estes materiais foram usados para caracterizar o assentamento do Estádio do F. C. Aimoré, considerado um assentamento com seus desdobramentos. As amostras apresentam as mesmas características.

A escavação junto ao Estádio: IAP Ai 1 a Ai 568

O solo estava coberto por gramíneas rasteiras e sobravam troncos de eucalipto com rebrotes de uns dois metros de altura. O solo foi limpo, dividido em quadrados de dois metros de lado, foi realizado o levantamento da área, além de fotografias em cores e em preto-e-branco.

A escavação foi feita em quadras de 1 x 1 m (**Figura 8**), em camadas naturais, os sedimentos removidos em níveis de 10 cm: primeiro a camada superficial que havia sido revolvida pelo arado e que era de cor cinza-claro; ali foram encontrados fragmentos de cerâmica indígena misturados com ladrilhos modernos das construções próximas, balas de fuzil do estande de tiro do vizinho quartel militar, cacos de garrafas e objetos de metal. Esta camada tinha aproximadamente 15 cm de espessura. Seguia uma camada bem escura, com numerosos fragmentos de carvão, coquinhos calcinados, numerosos fragmentos de cerâmica Tupiguarani. Não apareceram nem ossos de animais, nem esqueletos

humanos. Esta camada tinha em média 15 cm, com aprofundamentos em forma de covas, cheias de fragmentos de carvão vegetal. Aos 30 cm terminava o material arqueológico. Até 70 cm de profundidade, entretanto, podiam ver-se pequenos canais, produzidos por raízes de árvores, cheios de carvão e por vezes também fragmentos cerâmicos (**Figuras 9 e 10**)



Figura 8. Quadras escavadas, de 1 x 1 m, mostrando as manchas escuras, com cerâmica e carvão.

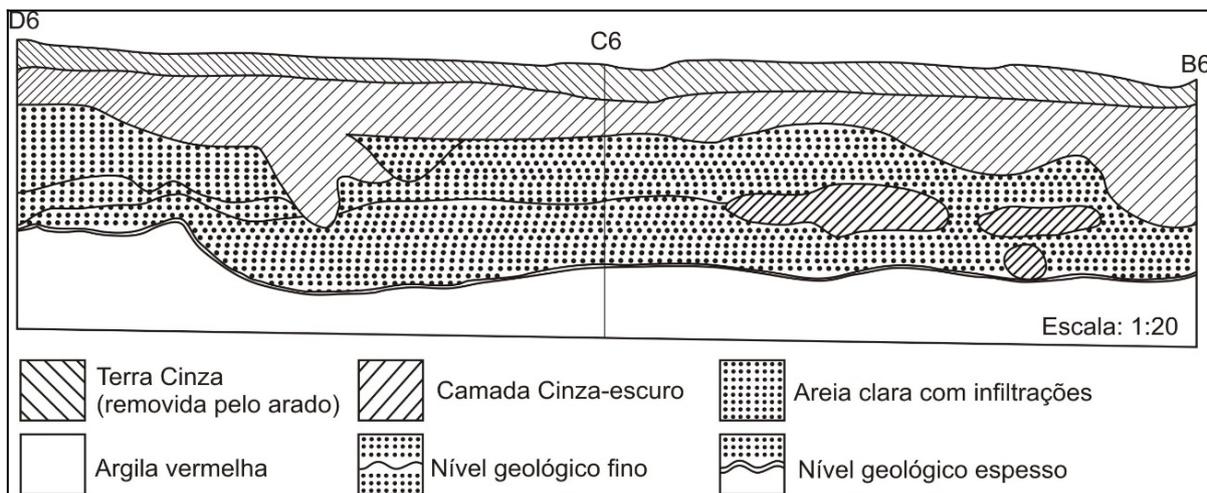


Figura 9. Perfil das camadas na linha D6, C6, B6.

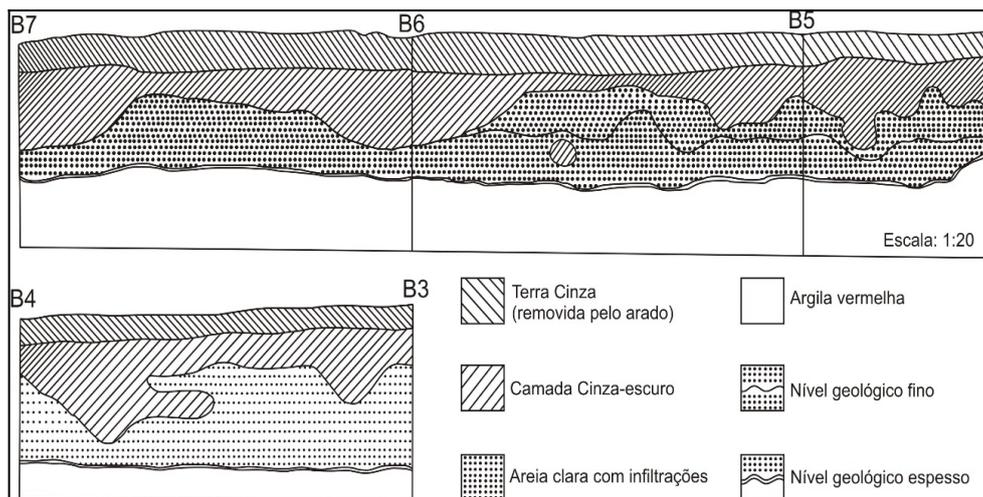


Figura 10. Perfil das camadas na linha transversal B7, B6, B5, B4, B3.

A escavação abrangeu 13 quadrículas de 1 m². Aquelas em que a camada escura era mais espessa parecem corresponder ao centro de uma habitação; as outras, em que a camada se adelgaçava e tinha menos material, poderiam ser da periferia da habitação. A escavação foi até o nível geológico, que se localiza a 70 cm de profundidade. Numa quadrícula central a escavação foi aprofundada até mais de um metro, para dentro da argila vermelha subjacente. Também se realizou um teste de 1 x 1 m em local mais afastado, sobre um barranco do outro lado do caminho. Ali as camadas já não eram nítidas e a cerâmica e o carvão eram menos abundantes. Dentro da camada arqueológica intacta não apareceu nenhum material moderno.

O material foi recolhido ao Acervo arqueológico do IAP sob o número 6 e cada fragmento foi numerado, de Ai 1 a Ai 568.

Em 26/3/65 o sítio foi registrado no IPHAN por Pedro Ignácio Schmitz e Arthur Blásio Rambo. O material só foi analisado em 2014 e 2015 e vem descrito abaixo.

Em 2015 o sítio foi datado AMS usando dois coquinhos de jerivá (*Syagrus romanzotifiana*) queimados e alguns grânulos de carvão, recuperados na escavação. Os coquinhos produziram uma data calibrada entre 450 e 355 A.P. (AD 1500 a 1595) e os grânulos de carvão uma data calibrada entre 340 e 295 A.P. (AD 1610 a 1655). A data média é 330 ± 30 A.P. (Beta 411919).

A cerâmica da coleta e da escavação:

Por sua abundância e conservação, a cerâmica do sítio foi usada como paradigma para o estudo dos diferentes assentamentos do vale. Sendo a primeira na sequência da análise também teve um tratamento mais explícito que as demais amostras, nas quais se destacaram só algumas características.

A cerâmica do sítio é típico produto da tradição conhecida como Tupiguarani, que alguns preferem denominar Guarani. Ela é variada, abundante e bem conservada podendo seu estudo servir de padrão para todos os sítios do projeto 'A ocupação guarani do Vale do Sinos', ao qual pertence. A comparação com a cerâmica dos outros sítios do vale do Rio dos Sinos servirá para construir uma história da ocupação.

Ela foi produzida usando roletes, cujos negativos aparecem marcados nas quebras.

A pasta com que ela foi construída, é homogênea, bem amassada e compacta, sem bolhas de ar, fissuras ou descontinuidades. Para tornar a pasta menos plástica foi usada predominantemente cerâmica triturada, distribuída densamente, o que dá à mesma uma impressão texturizada e áspera. Também foi usada areia, que produziu pasta mais uniforme e suave. Em menor proporção aparecem outros materiais como hematita e carvão ve-

getal. Não se percebe uma relação estável entre antiplástico e acabamento de superfície, ou forma e tamanho das vasilhas produzidas com esta pasta.

A queima foi oxidante incompleta. Os fragmentos apresentam, geralmente, núcleo escuro entre superfícies mais claras; a espessura da oxidação na face externa e interna, representada pela mudança de coloração, é variável, dependendo da queima inicial e da utilização posterior; às vezes não existe núcleo escuro. A cor das paredes também não é uniforme, mantendo-se ao redor de valores 5 e 6 do fator 5YR e 7,5YR da escala de Munsell, isto é, marrom acinzentado.

A dureza é 3, às vezes 3,5, na escala de Mohs.

O material recuperado provém de vasilhas, de um cachimbo tubular quebrado e de massas de barro preparadas.

As vasilhas produzidas obedecem ao padrão tupiguarani no acabamento das paredes, na construção da forma, no tamanho e na utilização.

O acabamento interno é sempre o alisamento, geralmente bom; às vezes com estrias mais ou menos acentuadas dependendo da dificuldade de acesso ao lugar. O acabamento externo pode ser alisamento ou tratamento plástico.

A parede alisada interna ou externamente, pode receber banho vermelho com o pigmento aquoso, cobertura vermelha com pigmento pastoso, pintura vermelha sobre engobe branco. No sítio não se constatou pintura vermelha e preta, nem pintura branca sobre engobe vermelho.

O acabamento plástico da parede externa apresenta-se como um corrugado tramado produzido pelo fechamento de roletes sucessivos ou sua imitação e a impressão de borda de unha sobre a superfície previamente alisada. Estão ausentes outras formas de acabamento, como o corrugado simples com os roletes expostos, o pinçado, o estocado, a incisão. Os acabamentos presentes são regulares e bem-acabados.

As diversas formas de acabamento acompanham conjuntos gerais de formas: há um conjunto de formas para vasilhas com acabamento simples ou com pintura, e um conjunto de formas para o acabamento plástico, cada conjunto com vasilhas mais fechadas e fundas e mais abertas e rasas, em tamanhos grandes, médios e pequenos. A forma e o acabamento das vasilhas podem ser associados com determinadas funções e usos.

O tamanho das vasilhas pode ser usado ainda para inferir o uso, mais familiar ou mais social, com a composição geral do assentamento, grande ou pequeno, e com a etapa de povoamento, inicial, consolidado ou decadente.

O uso é deduzido das marcas que deixa. Observamos especialmente lâminas escuras internas, produzidas por cozimento de alimentos pastosos ou sólidos; manchas escuras junto ao lábio, interna ou externamente, cuja origem desconhecemos; erosão interna nas bases de recipientes grandes, resultantes de longo uso para fermentação; e pequenos descascamentos internos, resultantes de aquecimento de paredes sem proteção aquosa.

O material analisado se compõe de fragmentos. Sua utilidade para a pesquisa pode ser avaliada tomando em consideração seu tamanho e estado de conservação. Fragmentos grandes permitem melhor reconstituição das formas; a espessura auxilia na avaliação do tamanho das vasilhas, a conservação das superfícies proporciona melhor avaliação do acabamento de superfície, incluindo a pintura e as marcas de utilização.

Na classificação do material separamos grandes grupos de tratamento de superfície: Corrugado, Ungulado, Simples e Pintado. O grupo Corrugado é majoritário no sítio, tanto na amostra da coleta, como na da escavação; o Ungulado é inexistente na coleta geral e pouco representado na da escavação.

O grupo Corrugado foi dividido em Corrugado 2 e 3 tomando como referência o tamanho e a regularidade das marcas deixadas na superfície (ver **Janela 5**). O Corrugado 1, correspondente a marcas muito grandes e bem organizadas, não foi encontrado na amostra. Corrugado 2, correspondente a tratamento com marcas longas (1,5 a mais de

2,5 cm) e altas (3 a 5 mm), dispostas em faixas horizontais regulares, cujas marcas às vezes ainda formam sulcos verticais; sem marcas acidentais ou intencionais da borda da unha. As vasilhas com este acabamento são grandes, com paredes grossas, tanto na categoria dos exemplares fechados e fundos (panelas), como na dos abertos e rasos (tigelas e caçarolas). Corrugado 3 apresenta essas marcas de forma irregular na produção e na disposição, com muita presença de impressões da borda da unha acompanhando ou complementando as depressões pulpares. As vasilhas podem ser grandes ou pequenas. Vasilhas com este acabamento externo podem apresentar dois bojos sobrepostos.

O grupo Ungulado está pouco representado no sítio; ele mostra impressões de unha ou estilete sobre superfícies ainda frescas previamente alisadas (ver **Janela 6**). As vasilhas podem ter um bojo ou dois bojos sobrepostos.

O grupo Simples reúne os fragmentos que têm as duas faces alisadas, sem tratamento posterior.

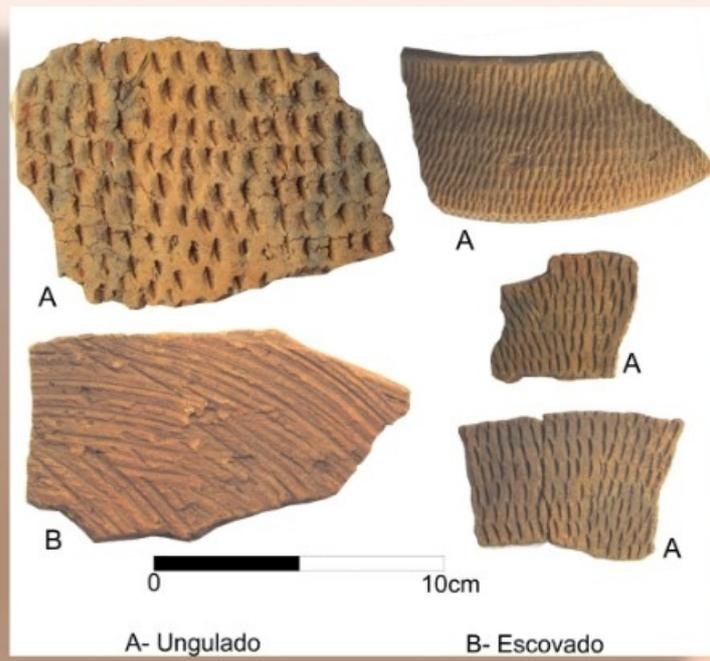
Sobre a superfície alisada podem ser aplicados pigmentos sob a forma aquosa resultando em banho, sob a forma pastosa resultando em pintura, que pode ser de desenhos sobre a superfície natural, recobrimento uniforme de uma superfície natural (engobe), e desenhos sobre o engobe branco. O banho é geralmente aplicado na superfície interna; como ele é aquoso se conserva menos. Pintura de uma cor pode ocorrer na face interna de vasilhas abertas e rasas, de acabamento externo simples ou plástico, eventualmente sobre vasilhas fechadas e fundas. Pintura sobre engobe ocorre interna e externamente (ver **Janela 7**). Desenhos sobre superfície natural podem ocorrer externamente, na parte inferior de vasilhas em cuja parte superior há desenhos sobre engobe branco. No grupo que reúne o Simples e o Pintado também existem recipientes fundos e rasos, grandes, médios e pequenos.

Foram desenhadas as bordas e com elas constituímos modelos de formas utilizáveis para todos os sítios. Reproduzimos desenhos dos fragmentos pintados para comparação com os padrões conhecidos. Observamos também elementos que possam indicar modos de utilização das vasilhas.



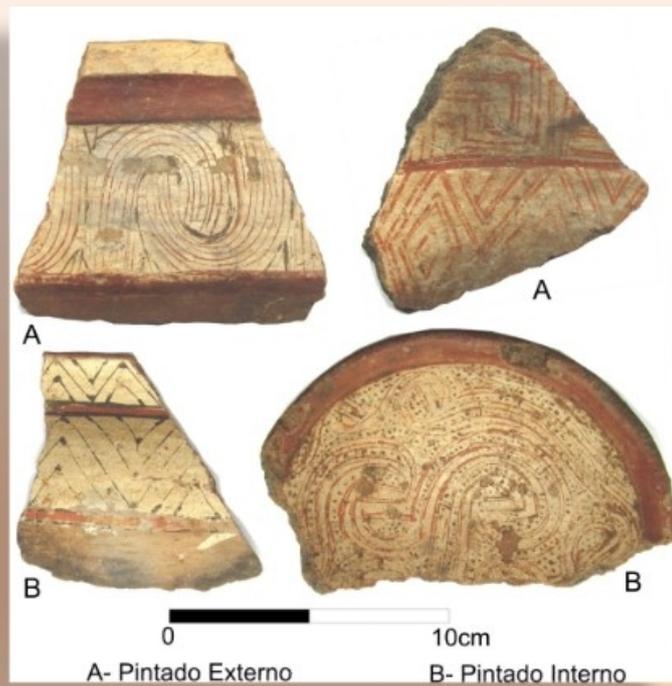
Cerâmica Ungulada e Escovada

JANELA 6



Cerâmica Pintada

JANELA 7



Na análise do material medimos o tamanho e espessura dos fragmentos por grupos de acabamento, de que resultaram as **Tabelas 1 e 2** correspondentes à amostra de superfície e as **Tabelas 3 e 4** correspondentes ao material da escavação. O tamanho dos fragmentos é um índice para a conservação do material e a espessura é um índice para o tamanho do vasilhame. As duas medidas permitem comparação entre sítios diferentes.

A **Tabela 1** mostra a distribuição do acabamento de superfície de um período antigo, com grande presença do Corrugado 2, uma presença equilibrada entre Corrugado 3, Simples e Pintado e presença ocasional de Escovado (não tabulados). O tamanho dos fragmentos sinaliza um sítio sem grandes impactos antrópicos.

Tabela 1: Tamanho dos fragmentos da coleção de superfície

Tamanho	Corrugado 2	Corrugado 3	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm		4	1	7	12 (1,21%)
2,6-5,0	156	118	12	130	416 (42,02)
5,1-7,5	132	75	68	40	315 (31,82%)
7,6-10,0	68	25	44	10	147 (14,85%)
10,1-12,5	30	4	21	3	58 (5,86%)
12,6-15,0	12		2	1	15 (1,51%)
15,1-17,5	16		6	1	23 (2,32%)
17,6-20,0	2		2		4 (0,41%)
Total	416 (42,03%)	226 (22,82%)	156 (15,75%)	192 (19,40%)	990

Na tabela faltam 3 fragmentos escovados com tamanhos entre 2,5 e 10 cm, 1 deles com espessura 0,50-0,75 cm, 2 de 1,00 a 1,25 cm. Ocorre ainda 1 fragmento ponteadado da Tradição Taquara.

A **Tabela 2** mostra que no Corrugado 2 predominam vasilhas de dimensões grandes para médias; no Corrugado 3, médias; no Pintado, pequenas; no Simples, pequenas para médias.

Tabela 2: Espessura dos fragmentos da coleta de superfície

Espessura	Corrugado 2	Corrugado 3	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm	10	72	59	10	151 (11,80%)
0,51-0,75	73	209	51	82	415 (32,42%)
0,76-1,0	142	97	24	51	314 (24,53%)
1,1-1,25	254	43	14	24	335 (26,17%)
1,26-1,5	44	6	4	11	65 (5,08%)
Total	523 (40,85%)	427 (33,36%)	152 (11,87%)	178 (13,90%)	1280

A **Tabela 3** mostra bastante diferença com relação à Tabela 1 no acabamento da superfície, especialmente o forte crescimento do Corrugado 3 em detrimento do Corrugado 2 e o aparecimento do Ungulado. Com relação ao tamanho dos fragmentos, a diferença não é tão grande.

Tabela 3: Tamanho dos fragmentos provenientes da escavação

Tamanho	Corrugado 2	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm		48	3	11	6	68 (12,36%)
2,6-5,0	38	203	9	35	27	312 (56,73%)
5,1-7,5	16	52	2	24	17	111 (20,18%)
7,6-10,0	22	24	2	2	5	55 (10,00%)
10,1-12,5	1		1	2		4 (0,73%)
Total	77 (14,00%)	327 (59,46%)	17 (3,09%)	74 (13,45%)	55 (10,00%)	550

A espessura mostrada na **Tabela 4** também não apresenta tantas diferenças.

Tabela 4: Espessura dos fragmentos provenientes da escavação

Espessura	Corrugado 2	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm			10	25	3	38 (6,97%)
0,51-0,75	13	88	7	39	22	169 (31,01%)
0,76-1,0	34	169		8	22	233 (42,75%)
1,1-1,25	30	57			5	92 (16,88%)
1,26-1,5		7			6	13 (2,39%)
Total	77 (14,12%)	321 (58,90%)	17 (3,12%)	72 (13,21%)	58 (10,64%)	545

É interessante observar como uma coleta geral no sítio pode proporcionar resultados bastante diferentes daqueles de um lugar específico, como o interior de uma habitação.

As vasilhas do Corrugado 2 possuem formas fundas de bordas infletidas e bojo único (panelas), com abertura de boca predominando entre 40 e 50 cm, e formas rasas de bordas diretas (caçarolas), com abertura de boca entre 30 e 50 cm.

As vasilhas do Corrugado 3 também possuem formas fundas de bordas infletidas, com um bojo, às vezes com 2 bojos sobrepostos separados por uma cintura (panelas), com abertura de boca predominando entre 12 e 25 cm (panelas), e formas rasas de bordas diretas (caçarolas e tigelas) com abertura de boca entre 15 e 30 cm.

As raras vasilhas Unguladas são fundas (panelas), têm formas semelhantes às do Corrugado 3, mas com variações; a abertura da boca vai de 12 a 18 cm.

As vasilhas Simples e as Pintadas externamente, com pescoço e ombro, possuem formas fundas grandes, cujas aberturas de boca estão entre 40 e 50 cm (*cambuchi*) e formas pequenas, cujas aberturas de boca estão entre 15 e 30 cm (*cambuchi caguabá*). Também possuem formas rasas, de bordas diretas (tigelas), simples ou pintadas internamente, cujas aberturas de boca vão de 12 a 30 cm.

As vasilhas têm boca circular e bases convexas um pouco aplanadas.

Como o material é abundante e apresenta boa conservação é possível mostrar bem sua morfologia, o que fazemos com o desenho do perfil das bordas e reconstituição de formas básicas (**Figuras 11 a 21**).



Figura 11. Bordas com acabamento Corrugado

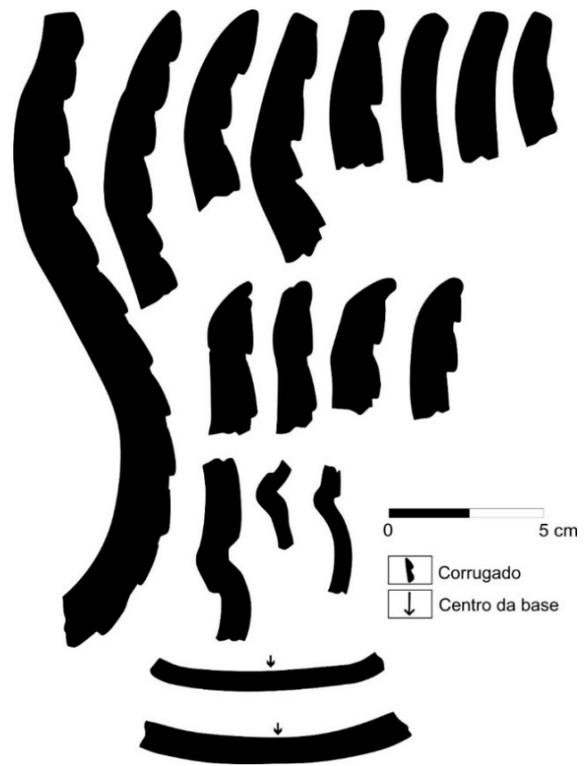


Figura 12. Bordas com acabamento Corrugado

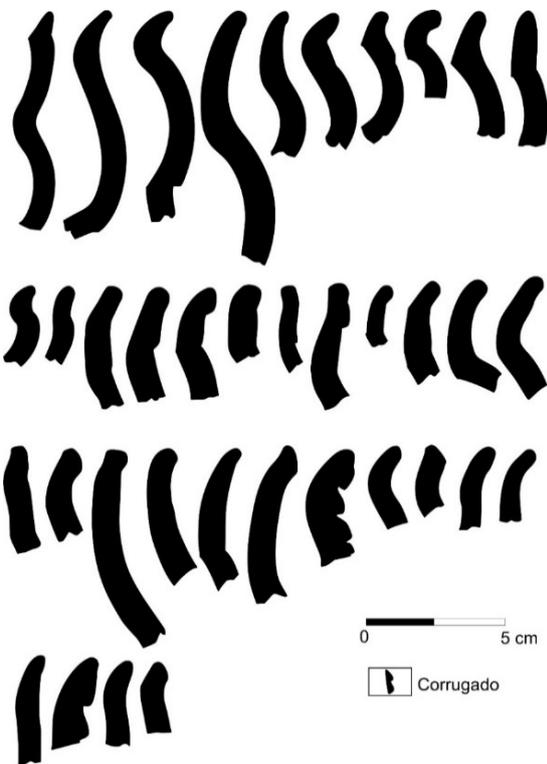


Figura 13. Bordas com acabamento Corrugado

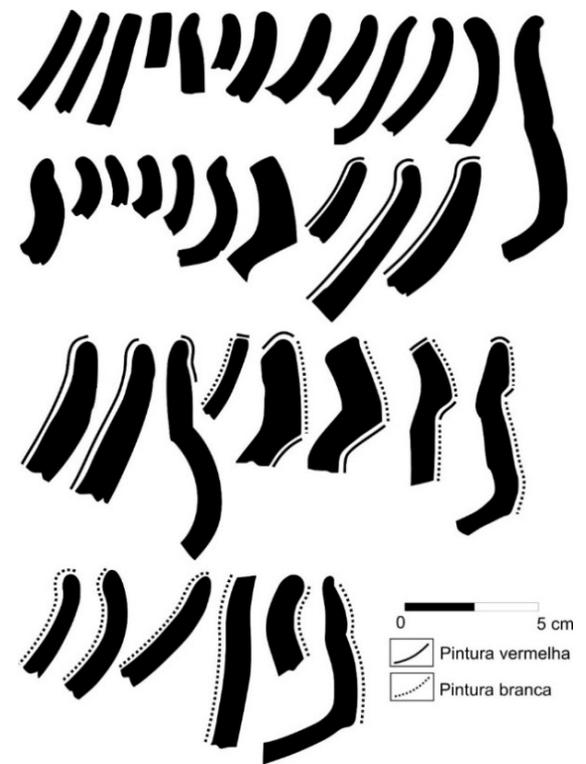


Figura 14. Bordas Simples ou Pintadas

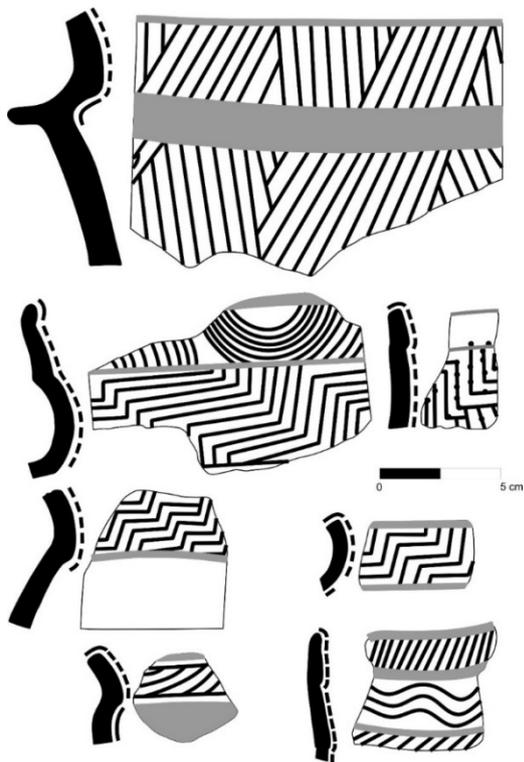


Figura 15. Fragmentos com pintura externa

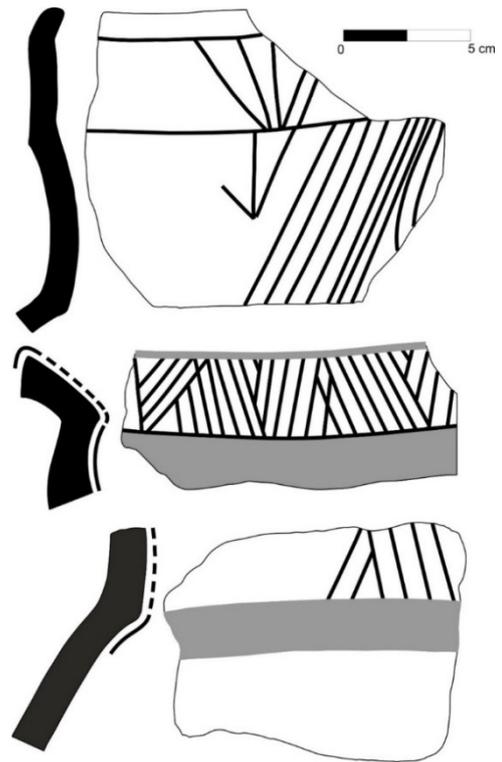


Figura 16. Fragmentos com pintura externa

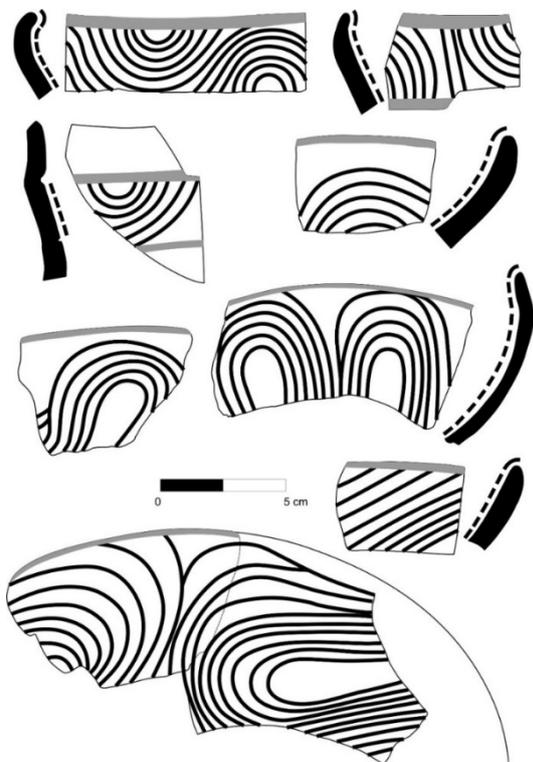


Figura 17. Fragmentos com pintura externa e interna

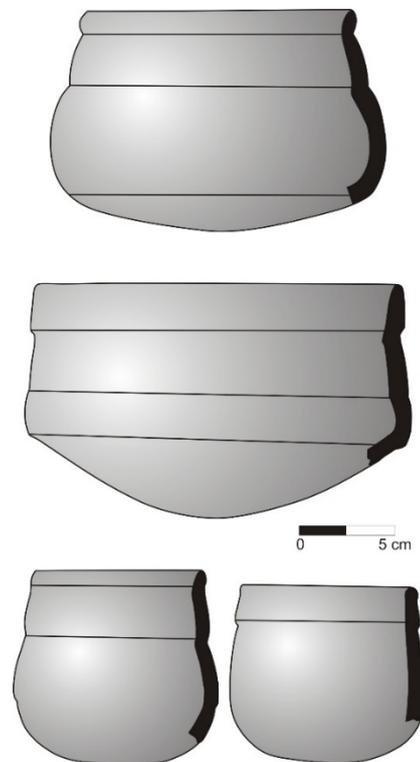


Figura 18. Vasilhas com pintura externa

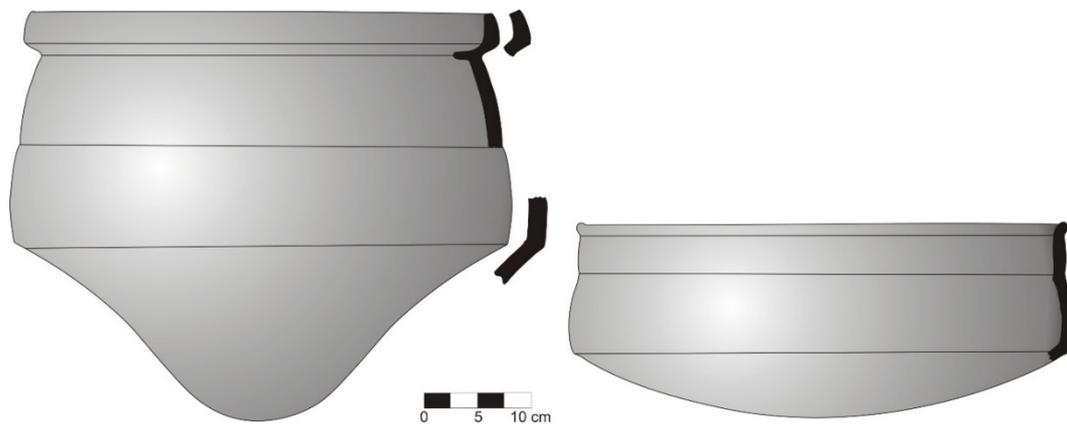


Figura 19. Vasilhas com pintura externa

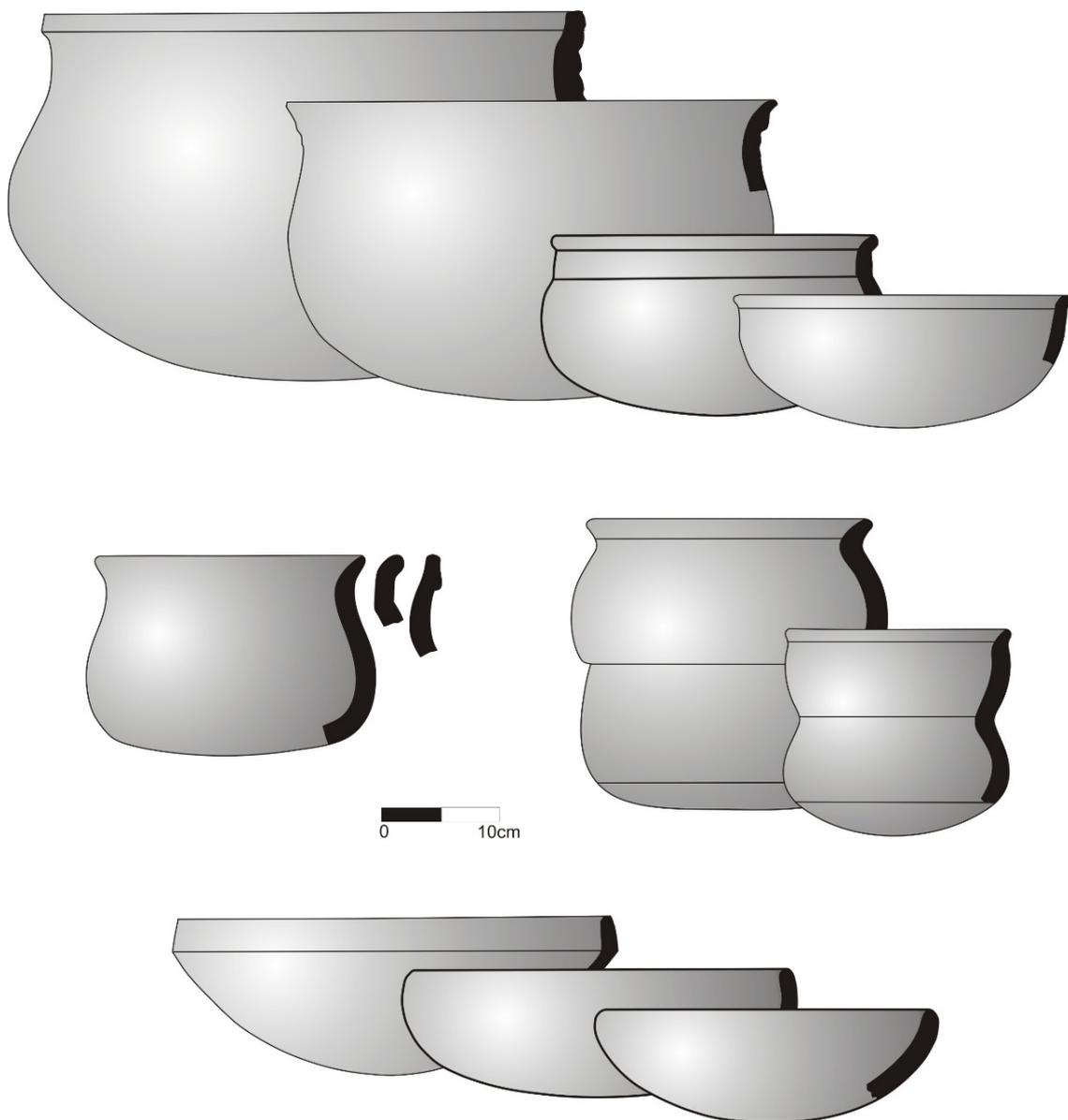


Figura 20. Vasilhas com acabamento Corrugado

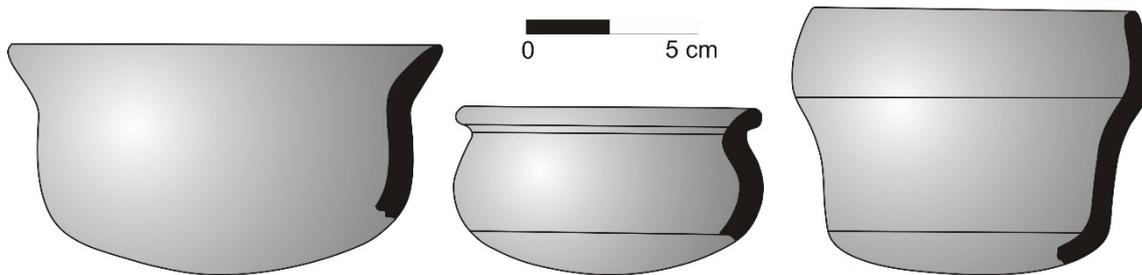


Figura 21. Vasilhas com acabamento Ungulado.

Marcas de uso: observamos também elementos que possam levar a dedução de uso nos diversos modos de acabamento. Percebemos a ocorrência de escurecimentos, películas ou manchas escuras, elementos ligados ao uso da vasilha sobre o fogo; espoucamentos, também ligados ao uso sobre o fogo; erosões, ligadas a fermentação.

No material da escavação eles estão mais conservados que nas outras amostras. Dos 77 fragmentos de Corrugado 2, 11 têm na parede interna uma película escura e 7 têm manchas escuras, fator 7,5YR N3/; 16 têm parede interna e externa de cor cinza, N4/; 4 bordas têm manchas escuras em ambas as faces junto à boca, cor N4/; a outra metade tem cor marrom fator 7,5YR, em ambas as faces.

Dos 327 fragmentos de Corrugado 3, 65 têm na parede interna uma película escura e 3 têm manchas escuras; 57 têm parede interna e externa cinza; 7 bordas têm manchas escuras em ambas as faces junto à boca; 14 fragmentos apresentam banho vermelho internamente. Os demais não apresentam modificações na cor original.

Dos 129 fragmentos Simples e Pintado, 67 apresentam pintura vermelha sobre branco externa, 4 interna, 1 pintura vermelha interna, 1 externa, 1 interna e externa. Dos Pintados, 1 fragmento tem película escura, 10 cinza interna e externamente, 1 mancha escura. Dos Simples, 8 têm película escura interna em bojo e base, 1 tigela pequena escura externa e interna junto da borda, 1 base com manchas escuras externas, 2 fragmentos de tigela vermelha interna têm manchas escuras interna e externamente, 1 fragmento de base com manchas escuras externas.

Na coleta geral, dos 523 fragmentos do Corrugado 2, 33 fragmentos são escuros internamente, 16 interna/externamente, 6 têm manchas escuras junto ao lábio, indicando uso na preparação de alimentos sobre o fogo (10,51%). Um fragmento tem espoucamentos internos ocasionados pelo calor, indicando áreas aquecidas sem proteção. Dois fragmentos grossos estão erodidos internamente, indicando provável fermentação. São tanto panelas como caçarolas e tigelas.

Dos 427 elementos do Corrugado 3, 123 de todas as espessuras são escuros internamente, 17 são escuros interna e externamente, 10 apresentam manchas escuras limitadas (35,12%). São tanto panelas como tigelas, inclusive uma forma dupla.

Os 4 Ungulados (2 bordas) são escuros internamente.

Dos 58 elementos Simples 16 fragmentos de bojo e base são escuros internamente, 1 tigela é escura externamente e junto à borda internamente, 1 base tem manchas escuras externas, 1 pequena tigela pintada internamente tem manchas, 1 fragmento vermelho interno tem manchas escuras interna e externamente (34,48%).

Dos 72 elementos Pintados, 17 são escuros internamente, 4 externamente, 20 escuros interna e externamente (56,91%).

Escurecimento da parede interna e/ou externa e manchas escuras especialmente junto à boca, que podem ser interpretados como marcas de uso sobre o fogo, são encontrados em todos os tipos de acabamento como mostram os números acima.

O material lítico:

Uma pequena lâmina polida de machado e um talhador (**Figura 22**).

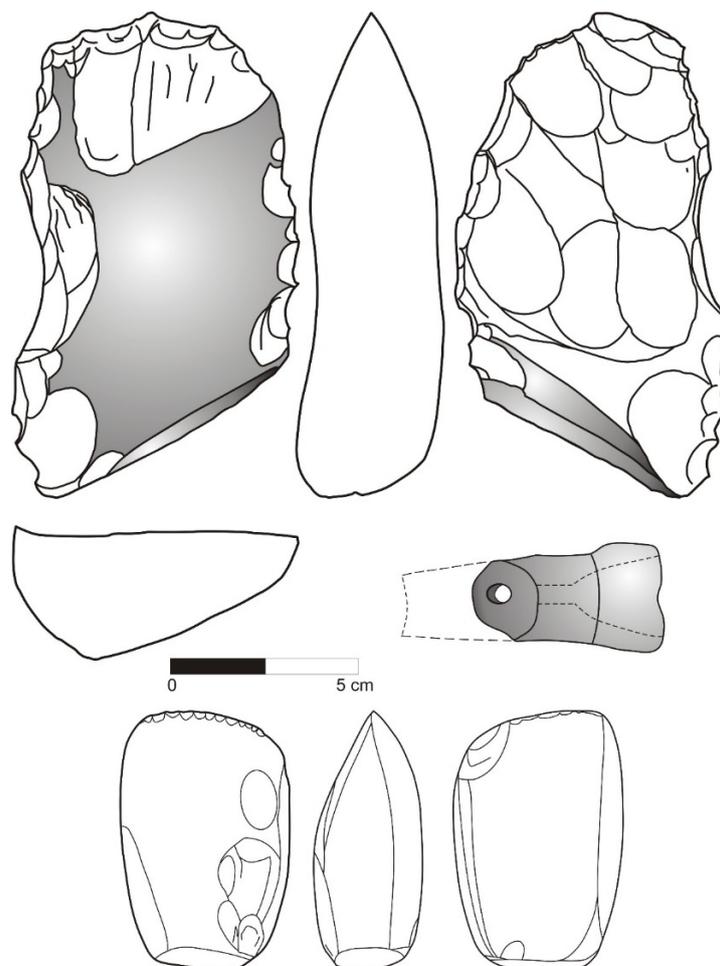


Figura 22. Material lítico mais significativo.

A cerâmica de uma coleta antiga: Catálogo IAP 4

Trata-se provavelmente da coleta feita a partir de 1927 por um professor do Seminário da cidade, quando o lugar ainda era campo de pastagem das vacas do seminário.

A **Tabela 5** mostra que os fragmentos de todos os acabamentos são pequenos, indicando forte impacto antrópico. Há forte predomínio do Corrugado 3, que é baixo e bem regular

Tabela 5. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm				2	2 (1,09%)
2,6-5,0	102	2	6	36	146 (79,78%)
5,1-7,5	24		3	6	33 (18,04%)
7,6-10,0	2				2 (1,09%)
Total	128 (69,94%)	2 (1,10%)	9 (4,92%)	44 (24,04%)	183

Não classificados: 3.

A **Tabela 6** mostra o predomínio de vasilhas de tamanhos médios, com espessuras de parede entre 0,6 e 1,25, mas vasilhas maiores no acabamento Simples.

Tabela 6. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm					
0,51-0,75	40	1	6	13	60 (32,79%)
0,76-1,0	75	1	3	12	91 (49,73%)
1,1-1,25	13			17	30 (16,39%)
1,26-1,5				2	2 (1,09%)
Total	128 (69,94%)	2 (1,10%)	9 (4,92%)	44 (24,04%)	183

Não classificados: 3.

Marcas de uso: película escura interna foi observada em Corrugado 3 em 46 fragmentos; interno e externo em 2 fragmentos. No Ungulado, é interna em 1 fragmento. No Simples, interna em 16 fragmentos, interna e externa em 9 e uma crosta interna com escuro externo em 1 fragmento.

Antiplástico: caco moído denso e bem visível, raros fragmentos com areia média.

Bordas: Corrugado 3 = 8; Simples = 3; Pintado externo = 1; Pintado interno cor vinho (engobe): 2.

A cerâmica de outra coleta antiga: catálogo IAP 5

Pequena coleção, provavelmente reunida no local por um professor quando o Colégio Cristo Rei estava em construção.

A **Tabela 7** mostra um sítio com fragmentos grandes, indicando pouco impacto antrópico e o predomínio dos corrugados, inclusive com boa representação do Corrugado 2.

Tabela 7. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 2	Corrugado 3	Simples	Total
0-2,5 cm		2		2 (4,55%)
2,6-5,0	1	11	7	19 (43,18%)
5,1-7,5	11	3	1	15 (34,09%)
7,6-10,0	3	1		4 (9,09%)
10,1-12,5	1	2		3 (6,82%)
12,6-15,0		1		1 (2,27%)
Total	16 (36,36%)	20 (45,45%)	8 (18,19%)	44

A **Tabela 8** mostra predomínio de vasilhas de tamanho médio, com espessuras que vão de 0,6 a 1,25 cm. No entanto, ocorrem vasilhas maiores, com Corrugado 2, bem como vasilhas pequenas (com espessuras menores que 0,6 cm), com tratamento Simples.

Tabela 8. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 2	Corrugado 3	Simples	Total
0-0,5 cm			4	4 (9,09%)
0,51-0,75		5	1	6 (13,64%)
0,76-1,0	3	9	3	15 (34,09%)

1,1-1,25	9	6		15 (34,09%)
1,26-1,5	4			4 (9,09%)
Total	16 (36,36%)	20 (45,45%)	8 (18,19%)	44

Antiplástico: caco moído grande e denso.

Bordas: Corrugado 2 = 1 de tigela; Corrugado 3 = 1 de panela, 1 de tigela; não re-produzidas.

Marcas de uso: ocorre película escura internamente em 10 fragmentos Corrugado 2 e em 10 fragmentos de bases de Corrugado 3; na cerâmica Simples, ocorre película interna e externa em 5 fragmentos.

SN: LAGOA DO COLÉGIO CRISTO REI

Catálogo IAP 35

O sítio:

O material arqueológico foi recolhido junto à nascente do córrego ao lado do qual estão os sítios do Lar da Menina e o sítio do Estádio do Aimoré, do qual não dista mais que uns 150 m.

Na década de 1960, Pedro Ignácio Schmitz recolheu 12 fragmentos numa plantação de girassóis na proximidade da lagoa em que foi transformada uma antiga nascente de água. A coleção é pequena para deduções precisas.

A cerâmica:

A **Tabela 9** mostra que os fragmentos são de tamanho pequeno, indicando intenso impacto antrópico, com predomínio de Corrugado 3.

Tabela 9. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm					
2,6-5,0	5	1	1	1	8 (66,67%)
5,1-7,5	3				3 (25,00%)
7,6-10,0				1	1 (8,33%)
10,1-12,5					
12,6-15,0					
Total	8 (66,66%)	1 (8,34%)	1 (8,34%)	2 (16,66%)	12

A **Tabela 10** mostra o predomínio de vasilhas de tamanho médio, com espessuras que vão, predominantemente, de 0,6 a 1,25 cm.

Tabela 10. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm		1			1 (8,33%)
0,51-0,75	5		1	1	7 (58,34%)
0,76-1,0	2			1	3 (25,00%)
1,1-1,25	1				1 (8,33%)

1,26-1,5					
Total	8 (66,66%)	1 (8,34%)	1 (8,34%)	2 (16,66%)	12

Antiplástico: caco moído com areia.

É uma amostra pequena de vasilhas de tamanho reduzido junto a uma nascente, um pequeno acampamento com características gerais semelhantes às do Estádio do Aimoré.

O material lítico: Não há.

Assentamento: Casa?

SN: CAMPUS DA UNISINOS

Catálogo IAP SN

O sítio:

Na década de 1960, Pedro Ignácio Schmitz coletou 78 fragmentos cerâmicos junto ao córrego, perto da ponte que liga o prédio da Escola de Humanidades com o Prédio Administrativo do campus da UNISINOS. A coleção é pequena para deduções precisas.

A cerâmica:

A **Tabela 11** mostra uma distribuição variada do tamanho indicando reduzido impacto antrópico. É significativa a presença de Corrugado 2.

Tabela 11. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 2	Corrugado 3	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm		3	1		4 (5,13%)
2,6-5,0	5	38	2	6	51 (65,39%)
5,1-7,5	8	7	1	1	17 (21,79%)
7,6-10,0	3	1		1	5 (6,41%)
10,1-12,5	1				1 (1,28%)
Total	17 (21,79%)	49 (62,82%)	4 (5,13%)	8 (10,26%)	78

A **Tabela 12** mostra a presença equilibrada de vasilhas dos diversos tamanhos.

Tabela 12. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 2	Corrugado 3	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm		8	1	1	10 (12,82%)
0,51-0,75		16	2	2	20 (25,64%)
0,76-1,0		13	1	3	17 (21,80%)
1,1-1,25	11	10			21 (26,92%)
1,26-1,5	6	2		2	10 (12,82%)
Total	17 (21,79%)	49 (62,82%)	4 (5,13%)	8 (10,26%)	78

Antiplástico: caco moído com areia fina.

Bordas: Corrugado 2 = 1; Corrugado 3 = 7; Pintado interno = 1; não reproduzidas.

Marcas de uso: ocorre película escura interna em 3 fragmentos de Corrugado 2 e em 7 com Corrugado 3; na cerâmica Pintada ocorre película escura interna em 1 fragmento.

O material lítico: Sem material lítico.

Assentamento: Casa?

RS 7: LAR DA MENINA SÃO JOSÉ

Catálogo IAP 3

O sítio:

Sobre uma baixa colina, cercando o prédio no qual funcionava o Lar da Menina São José, mantido pelo Círculo Operário Leopoldense e administrado por religiosas, apareceram fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani, em áreas cultivadas e no mato circundante (**Figura 23**). O então capelão do Lar da Menina (P. Antônio Steffen, SJ), que todos os dias rezava uma missa para a comunidade, na década de 1960, recolheu fragmentos cerâmicos que apareciam na superfície. As camadas arqueológicas já haviam desaparecido.

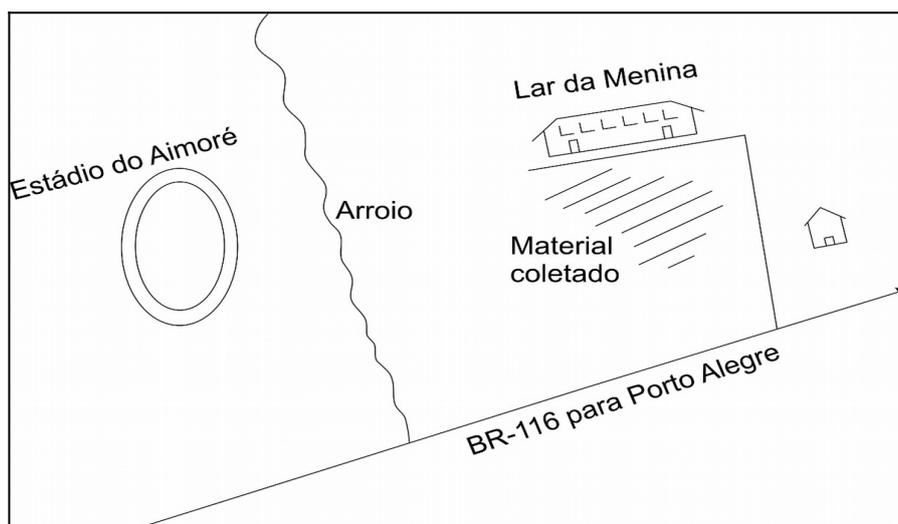


Figura 23. Croqui do sítio e sua relação com o estádio do Aimoré (RS-6)

O assentamento dista aproximadamente 100 m de pequeno arroio sem nome; o sítio do Estádio do Aimoré está na outra margem desse arroio, numa distância semelhante.

Desde anos a casa está abandonada e virou tapera, com os muros em pé, mas sem telhado e onde havia cultivos cresceu a capoeira. Na imagem de satélite aparece um espaço alongado com esta capoeira, dentro de um mato o qual abrigava a chácara e o estande de tiro do 19º Batalhão de Infantaria Motorizada, de São Leopoldo.

O sítio foi registrado no IPHAN, em 26/03/65, por P.I. Schmitz.

A cerâmica:

A construção das vasilhas é feita por roletes, a pasta está bem amassada e compacta, áspera ao tato por causa da densidade do antiplástico de caco moído, com os fragmentos maiores chegando a 2 mm e presença de isolados grãos de hematita; há presença de pequenas bolhas de ar. Na base de uma vasilha com Corrugado 3 existe a impressão de um cestinho de trançado fino, sobre o qual ela se apoiava quando produzida.

A queima foi oxidante incompleta, com grandes núcleos escuros entre paredes de tonalidade marrom. A cor das paredes é semelhante à do sítio do Estádio do Aimoré.

A dureza é 3 na escala de Mohs.

A **Tabela 13** mostra grande predomínio do Corrugado, especialmente de Corrugado 3. Não foi registrada a presença de Ungulado. Os acabamentos Simples e Pintado, juntos, representam uma porcentagem de apenas 25,15%. A tabela mostra também que o tamanho dos fragmentos está concentrado nos pequenos, até 7,5 cm, indicando forte impacto do cultivo na camada arqueológica. Sobraram poucos fragmentos de bordas (**Figura 24**).

Tabela 13. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 2	Corrugado 3	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm		119	5	11	135 (28,79%)
2,6-5,0	19	153	26	42	240 (51,17%)
5,1-7,5	10	35	14	13	72 (15,35%)
7,6-10,0	7	5	6		18 (3,84%)
10,1-12,5		2	1		3 (0,64%)
12,6-15,0		1			1 (0,21%)
Total	36 (7,68%)	315 (67,16%)	52 (11,08%)	66 (14,08%)	469

Não classificados: 47.

A **Tabela 14** permite ver que, no Corrugado 3 e no acabamento Simples, há predomínio de vasilhas pequenas e médias; no Corrugado 2 e no Pintado, há mais vasilhas grandes.

Tabela 14. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 2	Corrugado 3	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm		18	3	12	33 (8,73%)
0,51-0,75	4	107	9	23	143 (37,83%)
0,76-1,0	7	56	11	23	97 (25,66%)
1,1-1,25	7	33	29	8	77 (20,37%)
1,26-1,5	18	10			28 (7,41%)
Total	36 (9,52%)	224 (59,26%)	52 (13,76%)	66 (17,46%)	378

Junto à cerâmica Tupiguarani aparecem três fragmentos de cerâmica da tradição Taquara: uma borda ponteadada, dois fragmentos com impressão de cestaria, indicando algum tipo de contato do Guarani com este grupo.

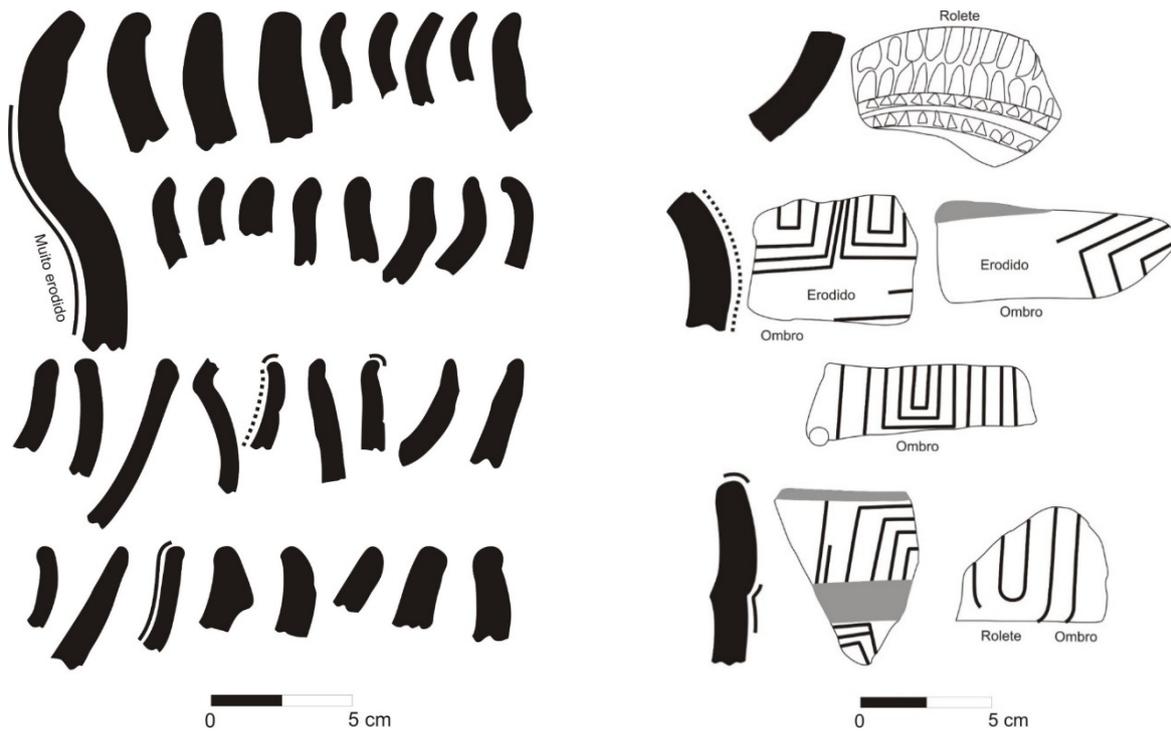


Figura 24. Fragmentos de vasilhas do Lar da Menina São José

Marcas de uso: película escura interna foi observada em 8 fragmentos de Corrugado 2 (22,22%) e em 55 fragmentos de Corrugado 3 (24,55%); numa borda de grande recipiente Simples foi observada mancha escura interna e externa perto do lábio; em 5 fragmentos Simples, perto das bases, foi observada forte erosão interna, supostamente resultante de fermentação de alimentos líquidos.

O material lítico: Não foi recolhido material lítico significativo.

Assentamento: Aldeia.

3. BAIXO VALE DO RIO DOS SINOS

Na margem direita do baixo vale do Rio dos Sinos, correspondente aos municípios de Santa Rita do Sul, Canoas e Portão, em área de tensão ecológica, existem sítios isolados sobre as primeiras elevações depois dos banhados que acompanham o rio (**Figura 25**). Na margem esquerda este banhado é mais largo e não há sítios. A água utilizável mais próxima dos sítios provém de arroios ou nascentes. Os fatores de impacto nos sítios são variados, de cultivos tradicionais a extração de terra para vários fins, o que resulta em sítios atualmente bastante mal-conservados.

As amostras usadas para o estudo nessa área do vale são as seguintes:

RS-S-272. Morretes. Nova Santa Rita. 3 manchas. 1 coleta. Miller. 1965. MARSUL 442. 190 fragmentos. Antiplástico areia. 11 bordas. Aldeia. UTM 22 J 473336.00 E; 6692391.00 S.

RS-S-273. Vasconcelos Jardim. Nova Santa Rita. 4 manchas. 1 coleta. Miller. 1965. MARSUL 443. 269 fragmentos. Antiplástico caco moído. 17 bordas. Aldeia. UTM 22 J 473743.00 E; 6693539.00 S.

RS-S-274. Berto Círio 1. Canoas. Mancha não estruturada. 1 coleta. Miller. 1965. MARSUL 444. 45 fragmentos. Antiplástico caco moído. 4 bordas. Aldeia. UTM 22 J 476160.10 E; 6696385.71 S.

RS-S-275. Berto Círio-2. Canoas. 3 manchas. 1 coleta. MARSUL 445. Miller. 1965. 135 fragmentos. Antiplástico areia e caco moído. 10 bordas. Aldeia. UTM 22 J 476515.00 E; 6697304.00 S.

RS-276. Caju 1. Canoas. 1 urna. 1 coleta. Miller. 1965. MARSUL 446. 1 panelão. Antiplástico caco moído. Enterramento. UTM 22 J 477836.77 E; 6701509.63 S.

RS-S-277. Caju 2. Canoas. 3 manchas. 1 coleta. Miller. 1965. MARSUL 447. 117 fragmentos. Antiplástico caco moído. 5 bordas. Presença de tradição Taquara. Aldeia. UTM 22 J 478137.01 E; 6702077.12 S.

RS-S-278. Morretinho. Portão. Mancha não estruturada. 1 coleta. Miller. 1965. MARSUL 448. 185 fragmentos. Antiplástico areia e caco moído. 19 bordas. Presença de tradição Taquara. Aldeia. UTM 22 J 480855.59 E; 6703012.32 S.

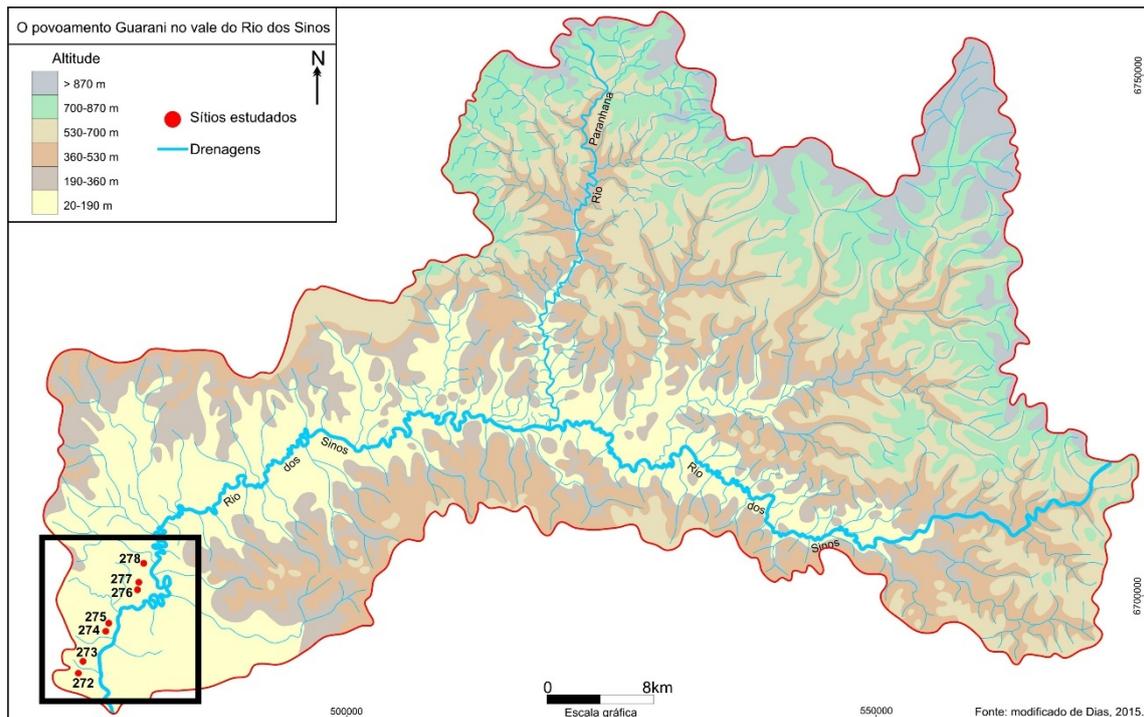


Figura 25. Localização dos sítios do baixo vale do Rio dos Sinos

RS-S-272: MORRETES

Catálogo MARSUL 442

O sítio:

Nas terras pertencentes aos herdeiros Dutra de Porto Alegre, no lugar chamado Morretes, está situado este sítio, à direita do Rio dos Sinos e à esquerda do Rio Caí, a 2 Km do Rio Guaíba. À esquerda da estrada que leva a Cimensul AS, sobre uma baixa coxilha coberta de campo, a dois anos atrás foi roça de mandioca. A noroeste e norte pequeno mato (90 m). Ao sul 60 m escavações da Cimensul, a leste várzea do Rio dos Sinos que dista 2 Km, a oeste plantação de eucaliptos. Sítio pequeno de habitação, com três manchas escuras, de forma triangular, coroa a coxilha descrita. Solo arenoso e coberto de gramíneas, mais ou menos fofo. Cacos pouco erodidos, de pequenos a médios. Número regular. Alguns petrefatos. (Eurico Th. Miller, 17.12.65 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figuras 26 e 27).

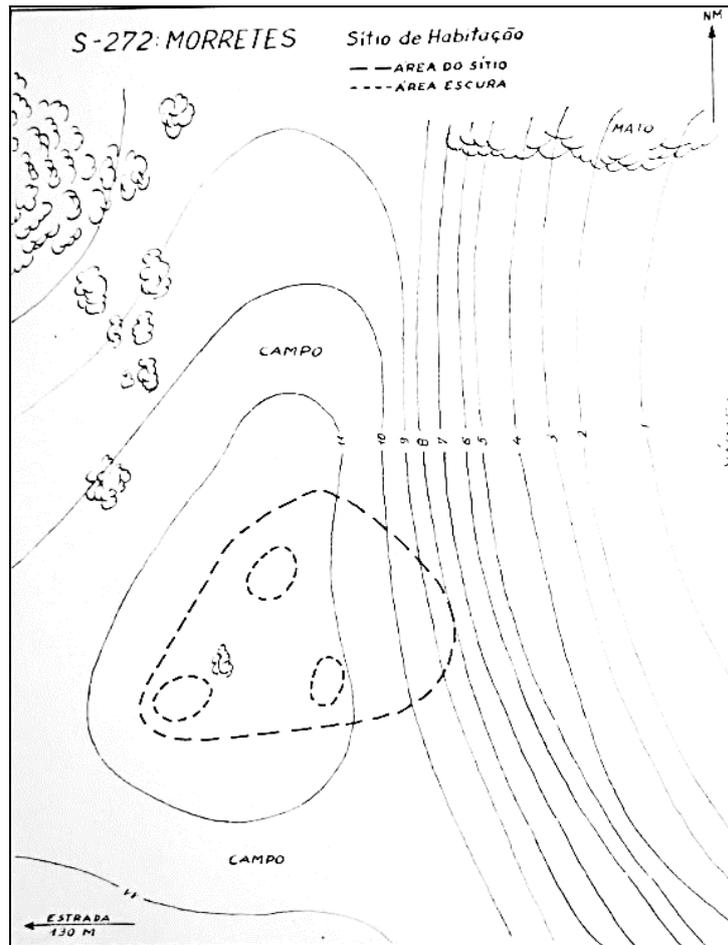


Figura 26. Croqui do sítio RS-S-272, de Eurico Th. Miller.



Figura 27. No primeiro plano o RS-S-272; no último plano os morretes em que se encontram os sítios RS-S-274 e 275. Foto: Eurico Th. Miller.

A cerâmica:

A **Tabela 15** mostra o aumento do Simples reduzindo a preponderância do Corrugado 3. Os fragmentos são predominantemente pequenos a médios, especialmente se incluímos os não-classificados.

Tabela 15: Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-2,5 cm	13	-	1	7	21 (12,65%)
2,6-5,0	50	7	17	42	116 (69,88%)
5,1-7,5	8	2	2	13	25 (15,06%)
7,6-10,0	2	-	-	2	4 (2,41%)
Total	73 (43,98%)	9 (5,42%)	20 (12,05%)	64 (38,55%)	166

Não classificados: 24.

A **Tabela 16** mostra que os tamanhos das vasilhas estão razoavelmente representados.

Tabela 16: Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-0,5 cm					
0,51-0,75	7	5	6	12	30 (18,07%)
0,76-1,0	42	4	4	17	67 (40,36%)
1,1-1,25	24		10	28	62 (37,35%)
1,26-1,5				7	7 (4,22%)
Total	73 (49,98%)	9 (5,42%)	20 (12,05%)	64 (38,55%)	166

Não classificados: 24.

Antiplástico: areia.

Bordas: Corrugado 3 = 5; Ungulado = 2; Simples = 2; Pintado externo = 2 (**Figura 28**).

Marcas de uso: com presença de película escura, ocorrem 36 fragmentos em Corrugado 3 (27 internos, 4 externos, 5 internos e externos, representando 49,31% do total de Corrugados); 7 fragmentos em Ungulado (3 internos, 3 externos, 1 interno e externo, representando 77,77% do total de Ungulados); 33 fragmentos em Simples (32 internos, 1 externo, representando 51,56% do total de Simples) e 4 fragmentos em Pintado externo (3 internos, 1 externo, representando 20,00% do total com esse acabamento).

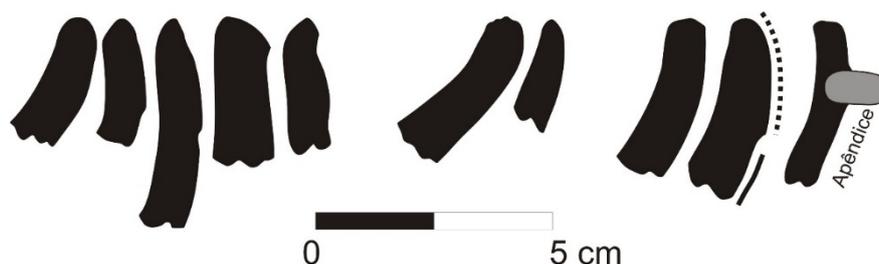


Figura 28. Bordas do sítio RS-S-272: Morretinho. As cinco primeiras, Corrugado; as duas seguintes, Simples e as demais, Pintado externo.

O material lítico:

Os materiais foram classificados e medidos e as peças mais características foram desenhadas (**Figura 29**).

Está composto por:

1 talhador de basalto sobre lasca grossa com retiradas nas duas extremidades e em um bordo lateral, sendo o outro um lado. 14 x 7 x 4 cm..

1 talhador bifacial de basalto sobre seixo, 9 x 8,5 x 4,8 cm.

1 núcleo de basalto com retiradas em todas as faces, 8,8 x 6,5 x 4 cm.

1 seixo de basalto colunar com batidas nas duas extremidades, 14 x 8,5 x 5 cm. 1 núcleo de basalto com retiradas em ambas as faces e lados, 9 x 10,2 x 5,5 cm.

1 núcleo de basalto meteorizado, 10 x 5,5 x 3,2 cm.

1 lasca com dorso, de basalto, 6,2 x 1,8 x 1,2 cm.

1 lasca semicortical, em basalto 6,8 x 6,5 x 2 cm.

5 lascas de basalto entre 3 e 5 cm.

1 seixo de basalto rachado pelo calor, 4 x 3,5 x 3,5 cm.

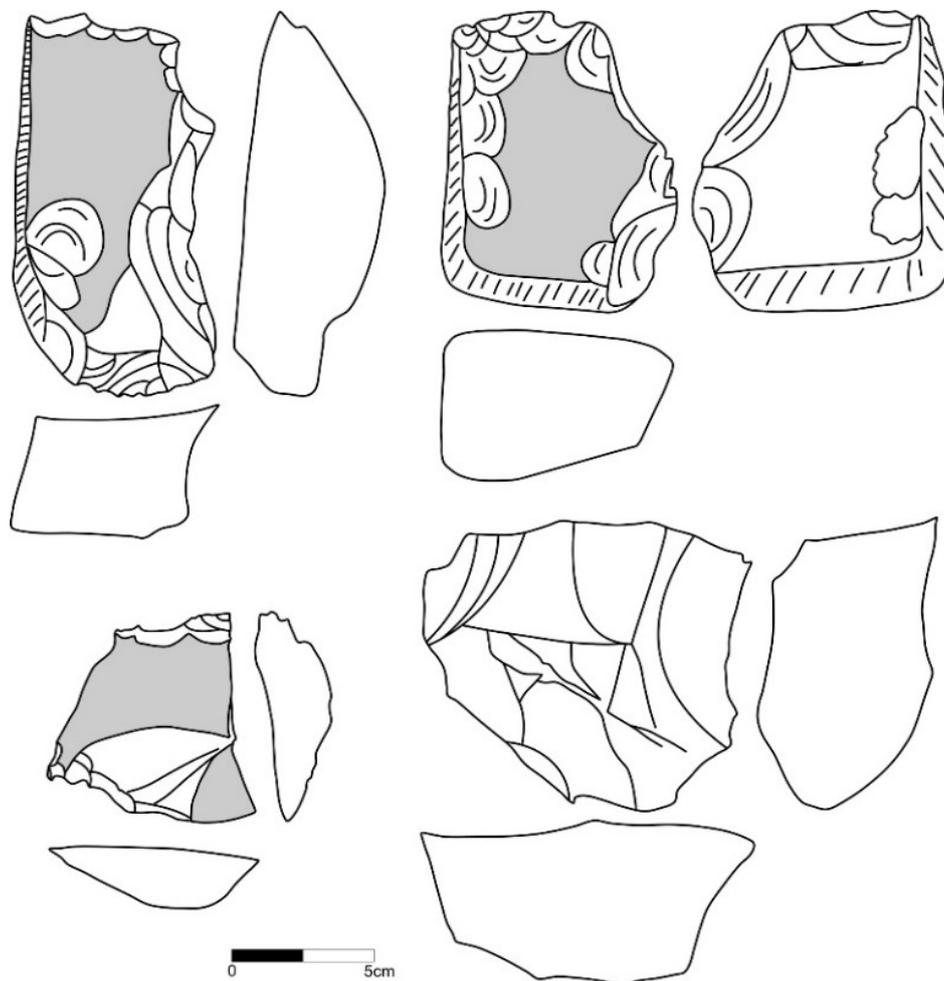


Figura 29. Amostra de material lítico do RS-S-272: Morretinho.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-273: VASCONCELOS JARDIM

Catálogo MARSUL 443

O sítio:

Terras de Teodoro Gonçalves Pereira, situadas em Vasconcelos Jardim. É a elevação maior da região e em seu topo está o sítio, indo desenvolver-se pelo declive leste. A forma deste sítio de habitação é oval e, de grandes dimensões. A oeste linda com a estrada para Sta. Rita. A parte centro-sul ocidental está sob o pomar e a casa do Sr. Pereira, o restante está em roça. Água mais próxima, na baixada, a leste em 60 m. Infelizmente os cacos estão muito espalhados. Apesar das várias manchas de terra escura, os testes nos demonstraram que não seria prático fazer qualquer escavação. Colhemos cacos na superfície junto à maior mancha, na parte centro-norte do sítio. Os cacos são pequenos a médios e pouco erodidos. (Eurico Th. Miller, 18.12.1965 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figuras 30 e 31).

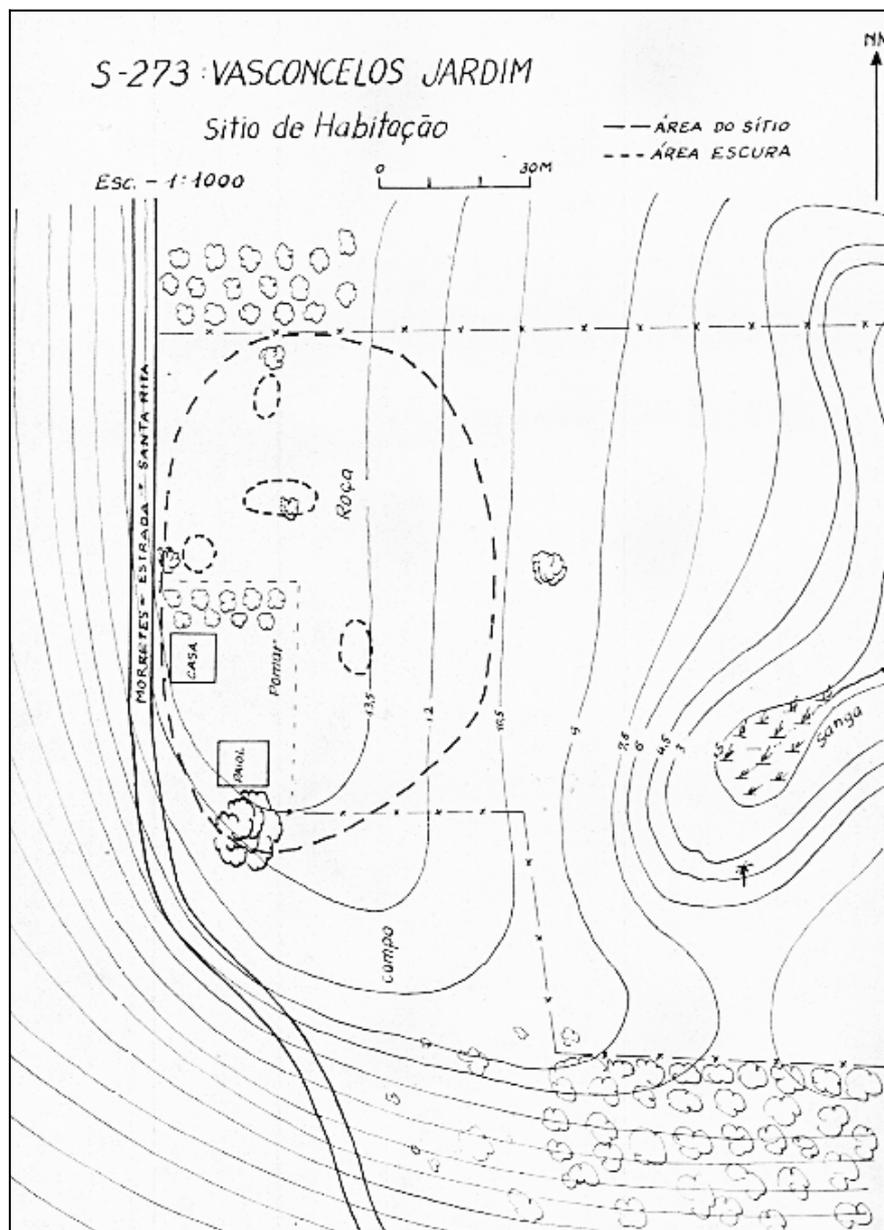


Figura 30: Croqui do sítio RS-S-273, de Eurico Th. Miller.



Figura 31: O sítio RS-S-273 está em último plano. Foto: Eurico Th. Miller.

A cerâmica:

A **Tabela 17** mostra boa presença do Corrugado 2. Os fragmentos são médios a grandes indicando reduzido impacto humano no sítio.

Tabela 17. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 2	Corrugado 3	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-2,5cm		12	4	1		17 (6,75%)
2,6-5,0	23	85	11	16	63	198 (78,57%)
5,1-7,5	14	4		5	7	30 (11,90%)
7,6-10,0	1	4		1	1	7 (2,78%)
Total	38 (15,08%)	105 (41,67%)	15 (5,95%)	23 (9,13%)	71 (28,17%)	252

Não classificados: 17.

A **Tabela 18** indica variado tamanho das vasilhas.

Tabela 18. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 2	Corrugado 3	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-0,5 cm		22	9	6	5	42 (16,67%)
0,51-0,75	6	35	3	8	19	71 (28,17%)
0,76-1,0	21	43	3	6	26	99 (39,28%)
1,1-1,25	11	5		3	16	35 (13,90%)
1,26-1,5					5	5 (1,98%)
Total	38 (15,08%)	105 (41,67%)	15 (5,95%)	23 (9,13%)	71 (28,17%)	252

Não classificados: 17.

Antiplástico: especialmente nas vasilhas grandes é caco moído denso e grande (até 3 mm) com alguma hematita e carvão; cor marrom; sensação suave ao tato. Areia média

densa, geralmente acompanhada de cor escura e sensação áspera ao tato.

Bordas (**Figura 32**): Corrugado 2 = 10; Ungulado = 2; Simples = 3; Pintado externo = 2.



Figura 32. Bordas de vasilhas do sítio RS-S-273

Marcas de uso: com película escura interna ocorrem 6 fragmentos em Corrugado 2 (15,78%); 30 fragmentos em Corrugado 3 (18 internos, 5 externo, 3 interno e externo, 4 com mancha interna, representando 28,57%); 5 fragmentos com película escura interna em Ungulado (33,33%); 26 fragmentos em Simples (11 internos, 1 externo, 12 interno e externo, 2 com manchas externas, representando 36,61%) e 2 fragmentos com película externa em cerâmica Pintado externo. Os fragmentos com película escura interna e externa possuem antiplástico composto por areia.

O material lítico:

Está composto por:

1 grande talhador unifacial (ou núcleo) de basalto: 16,5 x 15,8 x 7,8 cm.

1 nucleiforme de calcedônia: 2,6 x 2 x 1,6 cm.

1 lasca pequena de calcedônia: 2,5 x 1,6 cm.

1 fragmento de arenito silicificado: 4 x 2,6 x 1,6 cm.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-274: BERTO CÍRIO 1

Catálogo MARSUL 444

O sítio:

Fica a leste de RS-S-273, sobre o cume de um dos morros mais meridionais, que avança em direção ao Rio dos Sinos, que daqui dista 700 m. Do cume desenvolve-se pelo declive nordeste. Em seu extremo ocidental um taquaral, ao norte campo em declive, ao sul roça velha em capinzal, para oeste, em declive, roça nova, para sudoeste, a 30 m, resto de mata, que cobria o morro, de médio porte. Para o sul do morro, a várzea do Rio dos Sinos. Água mais perto a 100 m, para sudeste. Terras de Emídio Oliveira, em Morretes. Somente recolhemos deste sítio de habitação, material de superfície. Cacos médios a pequenos pouco erodidos, na parte centro-ocidental. Petrefatos na parte centro-oriental. Aparecem muitos núcleos de sílex. A terra é areno-argilosa e compacta, devido ao plantio de eucaliptos. (Eurico Th. Miller, 19.12.65 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figuras 33 e 34).

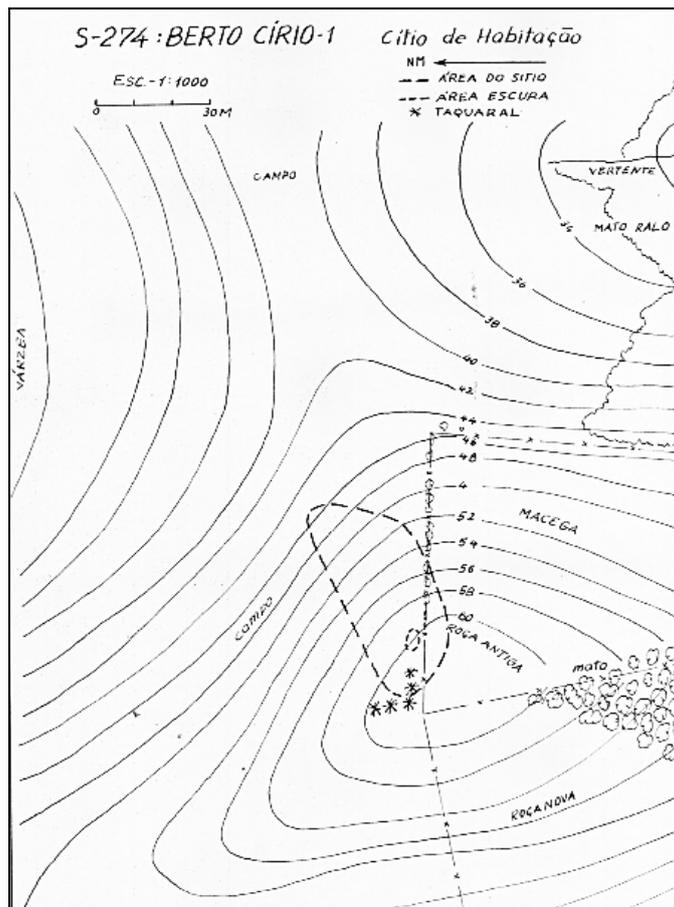


Figura 33. Croqui do sítio RS-S-274, de Eurico Th. Miller



Figura 34. Vista sobre o morrete do RS-S-274. Foto: Eurico Th. Miller

A cerâmica:

A amostra é pequena, mas mesmo assim foi utilizada na análise. Dos 45 fragmentos coletados, 36 puderam ser analisados e medidos. Os demais não foram classificados por estarem muito erodidos.

A **Tabela 19** mostra que há fragmentos de vários tamanhos e o sítio não está excessivamente impactado.

Tabela 19. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Pintado	Simplex	Total
0-2,5 cm	3		3	6 (16,67%)
2,6-5,0	14		6	20 (55,56%)
5,1-7,5	5	1	2	8 (22,22%)
7,6-10,0			2	2 (5,55%)
Total	22 (61,11%)	1 (2,78%)	13 (36,11%)	36

O mesmo sugere a **Tabela 20**.

Tabela 20. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Pintado	Simplex	Total
0-0,5 cm	1		3	4 (11,11%)
0,51-0,75	6		2	8 (22,22%)
0,76-1,0	15		4	19 (52,78%)
1,1-1,25		1		1 (2,78%)
1,26-1,5			4	4 (11,11%)
Total	22 (61,11%)	1 (2,78%)	13 (36,11%)	36

Antiplástico: caco moído visível e abundante.

Bordas: Corrugado 3 = 3; Simplex = 1. O Corrugado 3 é regular, sem impressão de unha.

Marcas de uso: ocorrem 5 fragmentos com película escura em Corrugado 3 (3 interno, 1 externo, 1 interno e externo, representando 22,72%) e 5 em Simplex (1 interno, 3 externos, 1 interno e externo, representando 38,46%).

O material lítico: Nada foi encontrado.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-275: BERTO CÍRIO 2

Catálogo MARSUL 445

O sítio:

Após descermos o declive leste de RS-S-274 e subirmos o aclave oposto, num percurso de 200 m, chegamos ao RS-S-275, na mesma altura, com o mesmo tipo de terra em sua parte setentrional. O mato de eucaliptos foi recém abatido. Na parte centro-meridional o solo está lavrado, mas coberto por altas ervas espinhentas. O terreno declina muito suavemente para norte, terminando em várzeas, ao sul mato, a oeste uma linha de pequenas árvores, a leste, mato. Daí percebe-se claramente, primeiro a vila Berto Círio, depois o Rio dos Sinos a 500 m, após Sapucaia do Sul e finalmente, como fundo, o morro Sapucaia. Colhemos material de superfície: cacos pequenos e erodidos.

Alguns petrefatos. Terras de Emídio Oliveira, em Morretes. (Eurico Th. Miller, 19.12.65 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figuras 35 e 36).

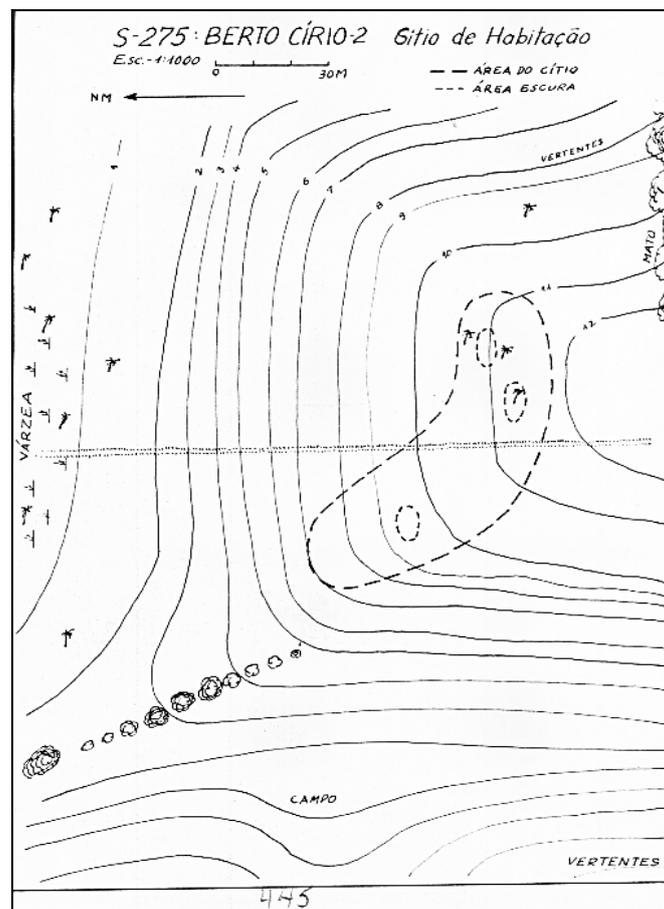


Figura 35. Croqui do sítio RS-S-275, de Eurico Th. Miller.

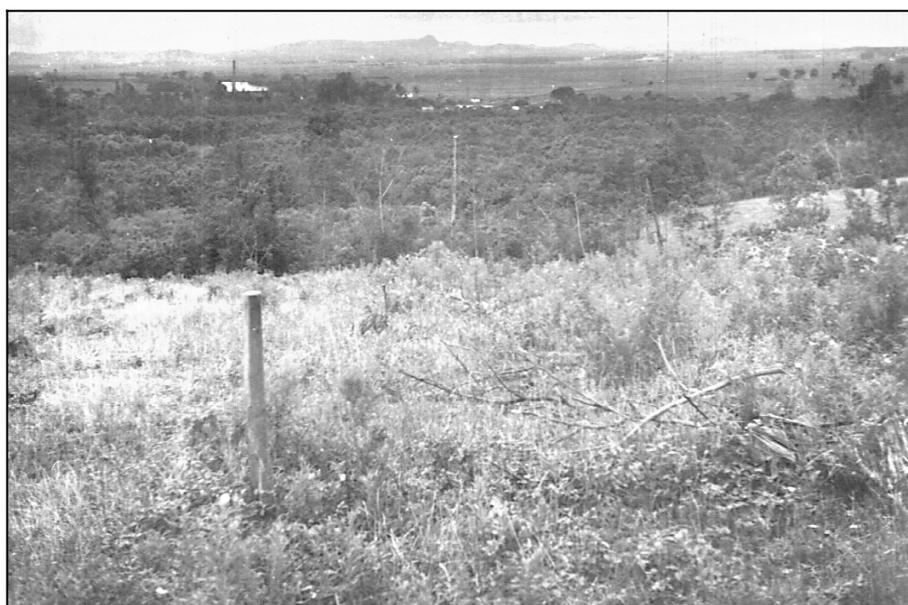


Figura 36. Vista do sítio RS-S-275 e do seu ambiente, com o rio ao fundo. Foto: Eurico Th. Miller

A cerâmica:

Na **Tabela 21** vê-se a presença de todos os acabamentos de superfície, com o domínio do Corrugado 3. Os fragmentos são, predominantemente, pequenos à médios.

Tabela 21. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrug. 2	Corrug. 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm		17	2	1	7	27 (22,13%)
2,6-5,0	7	39	3	10 (1**)	24 (2*)	83 (68,03%)
5,1-7,5	5	1	3 (1*)	1		10 (8,20%)
7,6-10,0		1			1	2 (1,64%)
Total	12 (9,84%)	58 (47,54%)	8 (6,56%)	12 (9,83%)	32 (26,23%)	122

Não classificados: 3. *Vermelho interno. **Pintado interno

A **Tabela 22** mostra a presença maior de vasilhas médias.

Tabela 22. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrug. 2	Corrug. 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm		9	6 (1*)	5	8	28 (22,95%)
0,51-0,75		24	2	2 (1**)	7 (2*)	35 (28,69%)
0,76-1,0	5	13		2	14	34 (27,87%)
1,1-1,25	7	11		3	3	24 (19,67%)
1,26-1,5		1				1 (0,82%)
Total	12 (9,84%)	58 (47,54%)	8 (6,56%)	12 (9,83%)	32 (26,23%)	122

Não classificados: 3. *Vermelho interno. **Pintado interno

Antiplástico: Areia média com caco moído, alguns fortemente com areia, outros fortemente com caco moído.

Bordas: Corrugado 3 = 2; Ungulado = 1; Simples = 3; Pintado = 4.

Marcas de uso: apresentando película escura ocorrem 4 fragmentos em Corrugado 2 (2 internos, 2 interna e externamente, representando 33,33%); 24 fragmentos em Corrugado 3 (13 internos, 11 interna e externamente, representando 41,37%); 5 em Ungulado (2 internos, 3 interna e externamente, representando 62,50% e 16 em Simples (3 internos, 3 externos, 10 interna e externamente, representando 50,00%).

O material lítico:

Está composto por:

1 lasca de gume de lâmina de machado polido: 3,0 x 3,5 x 0,6 cm.

1 fragmento de lascamento de basalto: 4,1 x 2,9 x 0,9 cm.

1 lasca de basalto com crista: 5,2 x 3,3 x 2,0 cm.

1 lasca secundária de basalto: 5,2 x 5,9 x 1,6 cm.

3 lascas de calcedônia: 1 = 4,6; 1 = 3,1; 1 = 2,2 cm.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-276: CAJU 1
Catálogo MARSUL 446

O sítio:

Enterramento: Terras de João de Souza Veiga, em Caju. Segundo o proprietário, a Sra. sua mãe, 15 anos atrás, lavrando a roça, bateu no panelão quebrando-o. Todos acorreram a escavar esperando um tesouro, quando toparam com um esqueleto. A mãe condoída reenterrou os ossos com alguns cacos grandes da panela, ao pé de uma árvore de timbauva. Pedimos ao Sr. Veiga que nos conduzisse aos dois locais. Ao pé da timbauva realmente encontramos alguns ossos com grandes pedaços de cerâmica. Na roça recolhemos os cacos visíveis. Sondamos o local original e verificamos que o solo e o subsolo não contêm traços de sítio da habitação. Portanto é um caso de enterramento isolado. O local está em roça, a qual está sobre uma pequena coxilha que, por sua vez, encontra-se na base de um coxilhão pelo oeste, norte e leste. A oeste, um bananal sem mata. Sondamos as redondezas sem encontrar sítio algum. (Eurico Th. Miller, 21.12.65 - Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figura 37).

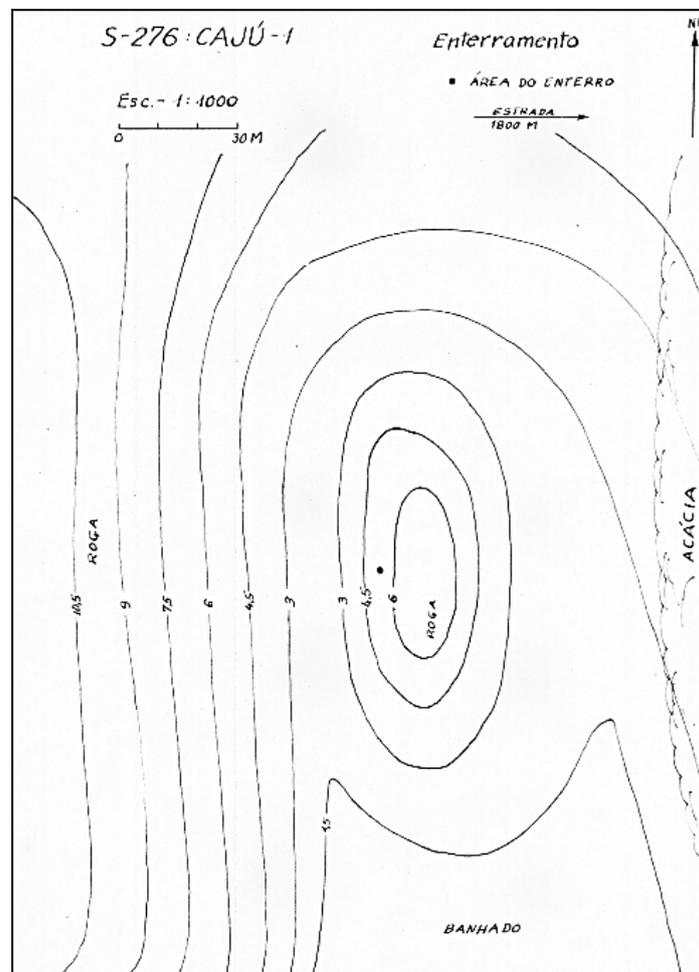


Figura 37. Croqui do sítio RS-S-276, de Eurico Th. Miller

A cerâmica:

Sob o número de catálogo 446 ocorrem fragmentos de uma grande vasilha, que havia sido parcialmente reconstruída, mas agora está em fragmentos, assim constituídos: 1 fragmento da parte superior da borda, 1 fragmento grande da borda incluindo o pescoço,

aparentemente todos os fragmentos do ombro, todos os fragmentos do bojo e da base. Só parecem faltar elementos da parte superior. O diâmetro da boca mede aproximadamente 52 cm e o bojo aproximadamente 60 cm. No reforço do lábio, junto à boca, há pintura vermelha em linhas paralelas levemente inclinadas, sobre engobe branco. No pescoço, linhas vermelhas paralelas. Apresenta algumas manchas escuras, isoladas, na superfície externa, perto da base e internamente, erosão possivelmente por fermentação de alimentos líquidos ou pastosos. O material está bem conservado. Tem como acompanhamento uma diáfise de osso longo, provavelmente do fêmur, que representa os restos do esqueleto de um adulto.

Existem 12 fragmentos de outra vasilha de formato parecido, com aproximadamente 40 cm de diâmetro de boca, também pintada externamente de vermelho sobre engobe branco, sendo identificáveis 2 fragmentos pequenos de borda, ao menos 4 de pescoço, 2 ou 3 de ombro. Terá servido, ao menos parcialmente, como tampa ao sepultamento na vasilha maior.

Ocorrem ainda 5 fragmentos de base, com 1,5 cm de espessura, apresentando alisamento grosseiro (áspero ao tato), de um grande recipiente Corrugado, com manchas escuras na base, mas internamente limpo. Também teria servido, parcialmente, como tampa.

Além desse vasilhame, há também a maior parte de uma tigela com pintura vermelha em ondas sobre engobe branco, com aproximadamente 20 cm de abertura de boca, faltando o centro da base. Possui película escura interna, em toda a extensão, mas não está incrustada na parte interna. Poderia ser uma oferenda funerária.

Antiplástico: predominantemente composto por caco moído, mas também areia com grânulos arredondados de quartzo, que podem chegar a 0,7 e 1,0 cm e hematita. Densos, os clastos de cerâmica são regulares, com tamanhos entre 1 e 2 mm, produzindo massa granulosa e áspera nas fraturas e nas superfícies erodidas. O tamanho da granulação do antiplástico e sua densidade variam de acordo com o tamanho do vasilhame produzido e da espessura das paredes, sendo mais grosso e denso nos recipientes grandes e mais fino e menos aparente nos vasilhames menores.

O conjunto representa muito bem um sepultamento da tradição Tupiguarani (**Figura 38**). Não há outros materiais, que poderiam representar um assentamento. Só uma lasca lítica retangular de basalto, aparentemente despreendida pela ação de fogo.

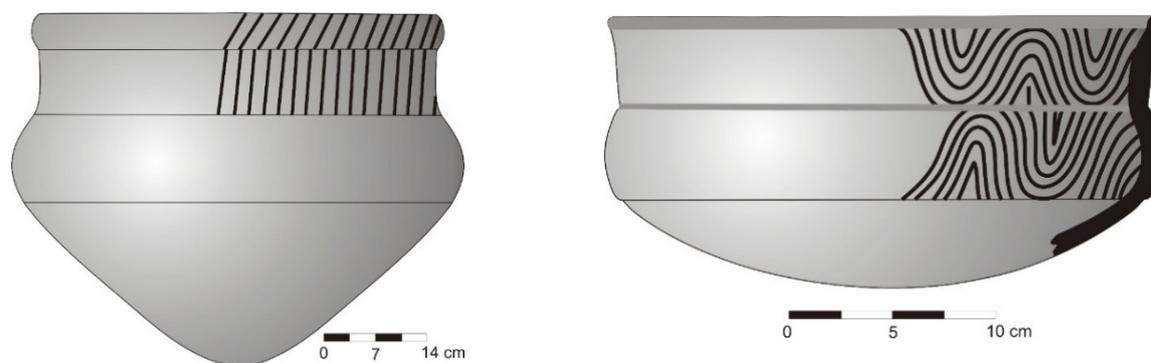


Figura 38. Duas vasilhas do sítio RS-S-276.

O material lítico: Nada foi encontrado.

O assentamento: Local de sepultamento.

RS-S-277: CAJU 2
Catálogo MARSUL 447

O sítio:

Sítio de habitação em Cajú, nas terras de Rubens Machado, Círio de Oliveira e Geraldo Martins (herdeiros). Esta região de terras compostas de coxilhas baixas possui muitos matos. O sítio está numa roça encravada num destes matos, estando porém a parte sul em campo. Para leste um banhado com fortes vertentes. O terreno declina suavemente para o sul. Está a 2 Km da margem direita do Rio dos Sinos. Três manchas de terra preta, arenosa e lavrada. Poucos cacos foram obtidos, de médios a pequenos e pouco erodidos. Não encontramos área possível de escavação. Degolamos três jararacas. (Eurico Th. Miller. 21.12.65 - Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figuras 39 e 40).

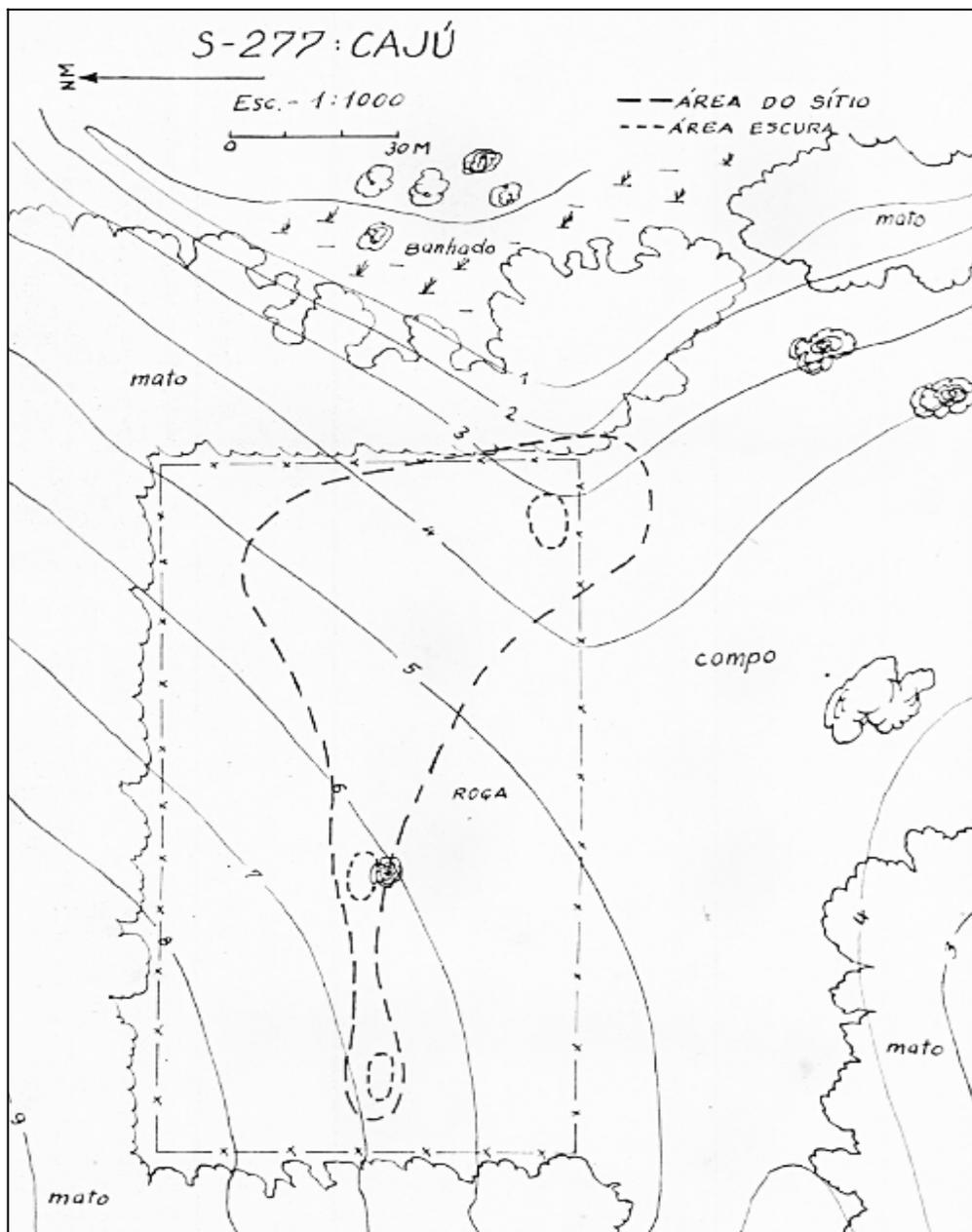


Figura 39. Croqui do sítio RS-S-277, de Eurico Th. Miller.



Figura 40. O mato no qual se encontra o sítio RS-S-277. Foto: Eurico Th. Miller.

A cerâmica:

Na **Tabela 23** nota-se um aumento do Corrugado 2 e do Simples. Os materiais estão bastante conservados.

Tabela 23. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrug. 2	Corrug. 3	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-2,5 cm		2				2 (1,75%)
2,6-5,0	13	25	1	3	19	61 (53,51%)
5,1-7,5	14	9	3	3	6	35 (30,71%)
7,6-10,0	5	3			2	10 (8,77%)
10,1-12,5	2	2		1	1	6 (5,26%)
Total	34 (29,83%)	41(35,96%)	4 (3,51%)	7 (6,14%)	28 (24,56%)	114

A **Tabela 24** mostra que os fragmentos representam todos os tamanhos das vasilhas. Ocorre uma peça associada à Tradição Taquara: 1 fragmento ungulado secante-em-linha, com tamanho entre 0 e 2,5 cm e espessura entre 0 e 0,5 cm.

Tabela 24. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrug. 2	Corrug. 3	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-0,5 cm					2	2 (1,75%)
0,51-0,75	3	11		1	9	24 (21,05%)
0,76-1,0	14	20	4	3	7	48 (42,11%)
1,1-1,25	14	7		1	9	31 (27,19%)
1,26-1,5	3	3		2	1	9 (7,90%)
Total	34 (29,83%)	41(35,96%)	4 (3,51%)	7 (6,14%)	28 (24,56%)	114

Antiplástico: caco moído.

Dureza 3 na escala de Mohs.

Bordas: Corrugado 2 = 2; Corrugado 3 = 2; Simples = 1.

Marcas de uso: apresentam película escura 11 fragmentos de Corrugado 2 (4 internos, 4 externos, 3 interno e externo, representando 32,35%); 14 de Corrugado 3 (7 interno; 7 interno e externo, representando 34,14%); 3 de Ungulado (2 interno, 1 interno e externo, com 75,00%); 6 de Simples (4 internos, 2 externos, representando 21,42%) e 2 fragmentos de Pintado externo (1 interno, 1 externo, com 28.57%).

O material lítico:

Está composto por 1 lasca de fogo, de basalto, com dimensões de 8,4 x 7,7 x 1,1 cm.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-278: MORRETINHO

Catálogo MARSUL 448

O sítio:

Terras dos herdeiros de Leopoldo Vicentino e Rodrigues da Rosa. Esta região recebe este nome devido a um morretinho encravado em meio à várzea do Rio dos Sinos, à margem direita. O sítio ocupa todo o topo desta elevação. Para nordeste avista-se a cidade de São Leopoldo, bem como a maior parte do vale do Rio dos Sinos que, à sua frente, em forma de cotovelo, desenvolve-se para leste rio acima e para o sul rio abaixo. Parte do flanco norte é ocupada também pelo sítio. Anos atrás havia eucaliptos, há dois anos roça e atualmente campo. O solo é fofo e arenoso. Está rodeado pela mata de porte médio. O teste efetuado mostrou que a 43 cm inicia-se a base arenítica do morretinho. O nível arqueológico atinge apenas 10 cm. Recolhemos cacos por toda a superfície atingindo um número regular. Fora sítios da planície marítima, este é um dos que mais forneceu petrefatos com somente cerâmica guarani. Os cacos são pequenos e erodidos. (Eurico Th. Miller, 22.12.65 - Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figuras 41, 42 e 43).

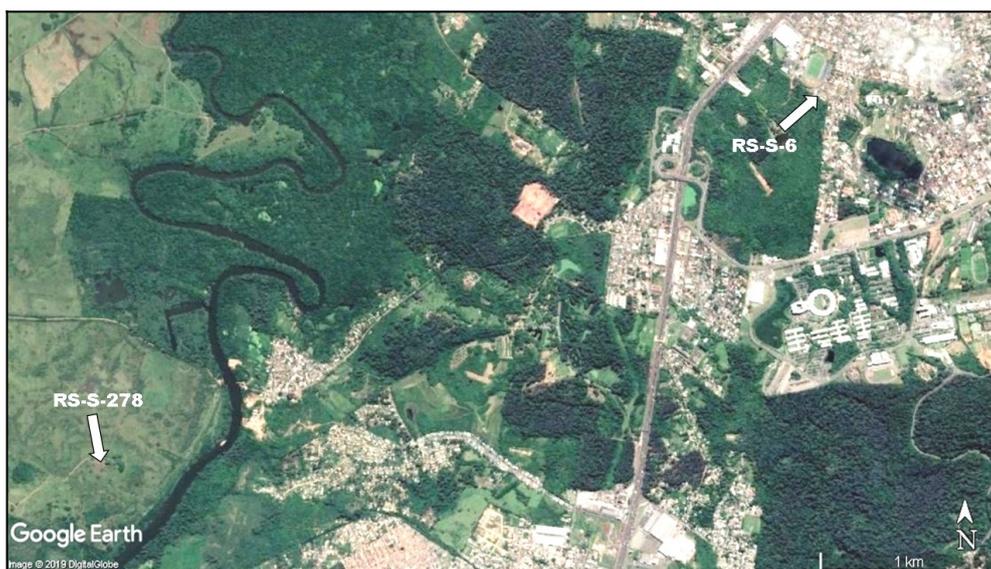


Figura 41. Localização do sítio RS-S-278 e sua relação com o sítio RS-S-06: Estádio do Aimoré, na cidade de São Leopoldo. Fonte: adaptado sobre imagem do Google Earth.

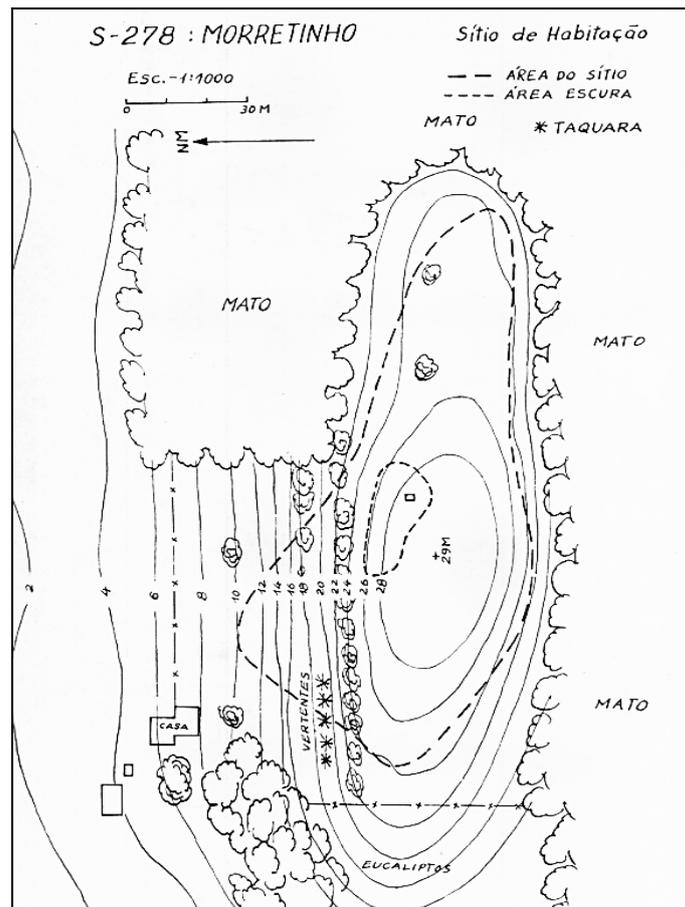


Figura 42. Croqui do sítio RS-S-278, de Eurico Th. Miller.



Figura 43. Vista do sítio RS-S-278 e sua relação com o vale do rio dos Sinos. Foto: Eurico Th. Miller.

A cerâmica:

A Tabela 25 mostra o predomínio do Corrugado 3, um aumento do Simples e pequena presença de Corrugado 2, Ungulado e Pintado. A maior parte dos fragmentos tem ta-

manho pequeno a médio (entre 2,5 e 7,5 cm), indicando algum grau de impacto no sítio. Vários fragmentos não puderam ser classificados por estarem muito erodidos.

Tabela 25. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrug. 2	Corrug. 3	Ungulado	Pint. ext.	Simples	Total
0-2,5cm			1	1		2 (1,20%)
2,6-5,0		101	1	5*	26	133 (79,64%)
5,1-7,5	4	19	1		7	31 (18,56%)
7,6-10,0				1		1 (0,60%)
Total	4 (2,39%)	120 (71,86%)	3 (1,80%)	7 (4,19%)	33 (19,76%)	167

Não classificados: 18 fragmentos *1 pintado interno

A espessura dos fragmentos (**Tabela 26**) parece indicar tendência a vasilhames médios a grandes.

Tabela 26. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrug. 2	Corrug. 3	Ungulado	Pint. ext.	Simples	Total
0-0,5 cm		1		4	1	6 (3,59%)
0,51-0,75		11		12	5*	28 (16,77%)
0,76-1,0		48	1	11	1	61 (36,53%)
1,1-1,25	4	52	2	6		64 (38,32%)
1,26-1,5		8				8 (4,79%)
Total	4 (2,39%)	120 (71,86%)	3 (1,80%)	33 (19,76%)	7 (4,19%)	167

Não classificados: 18 fragmentos *1 pintado interno

Ocorrem na amostra 2 fragmentos cerâmicos associados à Tradição Taquara, com tamanho entre 2,5 e 5,0 cm e espessura entre 0 e 0,5 cm. Um é ponteadado grosso e espaçado, o outro em linha grega.

Antiplástico: areia fina com algum carvão e caco moído.

Bordas (**Figura 44**): ocorre 1 borda em Corrugado 2, 12 em Corrugado 3, 4 em Simples, 3 em Pintado externo e 1 em Pintado interno.

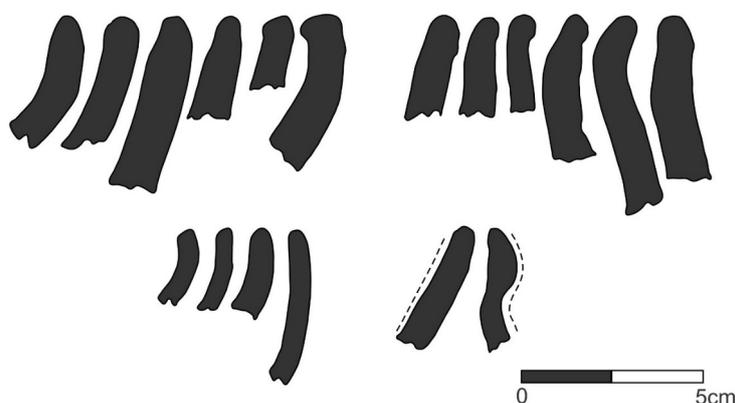


Figura 44. Bordas do sítio RS-S-278. Linha acima: Corrugadas; linha abaixo, à esquerda: Simples; à direita: Pintadas.

Marcas de uso: ocorre película escura em 4 fragmentos de Corrugado 2 (3 externos, 1 interno e externo, representando 100% do total; 36 em Corrugado 3 (20 internos, 7 externos, 9 internos e externos, representando 30,00%); 2 fragmentos com película escura externa em Ungulado (66,66%); 13 em Simples (11 internos, 2 internos e externos, com 30,39%) e 1 fragmento com película escura interna e externa (14,28%) em Pintado externo.

O material lítico:

Ele é abundante e variado. Ao lado de numerosos fragmentos naturais e naturais com fraturas de fogo, geralmente de basalto, que não classificamos, identificamos diversas categorias com marcas antrópicas.

Havia disponibilidade restrita e qualificada de matéria prima em cima da colina arenítica: colunas de basalto com mais ou menos córtex e arredondamento, às vezes com arestas ainda bem cortantes, além de seixos e nódulos de arenito silicificado. Os materiais reunidos sugerem que o morrete é um afloramento do dique de basalto colunar que passa pela cidade de São Leopoldo, onde existem outros assentamentos relacionados com ele. O arenito silicificado está associado ao contato da lava de basalto com o arenito subjacente. O material proveniente de meteorização local explica a ausência de seixos rolados de basalto que costumam provir do rio, o qual nesta altura é meandrante e cercado por grandes banhados.

Os materiais foram classificados e medidos e as peças mais características foram desenhadas (**Figura 45**).

Em basalto:

3 fragmentos de prismas com bordos longitudinais cortantes. Tamanhosa: 6,7 x 6,5 x 1,4; 8,1 x 2 x 1,7; 3,2 x 1 x 0,6 cm.

4 fragmentos de prismas com bordos longitudinais cortantes e retoque em ao menos um dos bordos e/ou embotamento. Tamanhos: 4,6 x 1,6 x 0,8 cm; 4,8 x 3,7 x 1,6 cm; 8,2 x 4,2 x 2,2; 10,7 x 3,6 x 1,3 cm.

1 fragmento de coluna, arredondada, com as extremidades cortadas e 2 cicatrizes longitudinais de um golpe bipolar. Tamanho: 4 x 3,6 x 4,2 cm.

1 seixo de basalto colunar trabalhado a partir das duas extremidade. Tamanho: 12 x 7,8 x 4,2 cm.

1 seixo de basalto colunar bastante trabalhado numa extremidade e nas laterais, a outra extremidade quebrada. Tamanho: 7,2 x 7,0 x 5 cm.

1 seixo de basalto colunar trabalhado nas duas extremidades. Tamanho: 11 x 6,8 x 4,8 cm.

1 seixo com fortes marcas de percussão regular numa extremidade. Tamanho: 7,9 x 6,4 x 3,8 cm.

1 seixo que serviria de bigorna. Tamanho: 10,2 x 8,7 x 4,8 cm.

1 pequeno seixo de superfície irregular e áspera, que poderia servir de percutor. Tamanho: 4,7 x 4,8 x 3,6 cm.

1 seixo alongado de basalto com uma extremidade quebrada, a outra em gume.

1 talhador bifacial com trabalho nas duas faces. Tamanho: 6,9 x 6,6 x 1,8 cm.

1 talhador simples de basalto sobre lasca bipolar. Tamanho: 7,6 x 5,6 x 2,5 cm.

1 talhador simples sobre lasca bipolar. Tamanho: 7,1 x 5,1 x 2,2 cm.

1 enxó sobre grande lascão de aresta dorsal simétrica. Tamanho: 10,5 x 6,6 x 5,2 cm.

1 lasca cortical com algum retoque periférico. Tamanho: 8 x 5,1 x 2,1 cm.

1 grande lasca de contorno elíptico com trabalho secundário em toda a periferia deixando poucos restos de córtex. Tamanho: 13,2 x 10,6 x 3,8 cm.

6 núcleos e nucleiformes. Tamanhos: 7,4; 5,5; 4,6; 5; 5,6; 4,5 cm.

1 cubo resultante de coluna de basalto, com faces corticais. Tamanho: 3,8 x 4,2 x 5 cm.

1 fragmento de lascamento de basalto. Tamanho: 5,3 cm.

Em arenito silicificado:

1 seixo com marcas de percussão e um golpe bipolar deixando 2 cicatrizes. Tamanho: 7,2 x 7,2 x 6,5 cm.

1 seixo com marcas de percussão e de fogo. Tamanho: 9,8 x 8,3 x 4,7 cm.

1 seixo com fortes marcas de percussão numa extremidade e um bordo longitudinal. Tamanho: 7 x 8 x 4 cm.

1 percutor com redução nos bordos longitudinais, peça toda trabalhada. Tamanho: 8 x 8,2 x 3,7 cm.

1 fragmento de plaqueta com tentativas de redução ou utilização em ambas as faces, que resultaram em retiradas curtas por causa da resistência do material. Tamanho: 9,4 x 8 x 2,9 cm.

1 núcleo com retiradas bipolares, sem criar produtos aproveitáveis. Tamanho: 7 x 4,3 x 5,6 cm.

1 núcleo bipolar piramidal com 4 lados terminando em ponta. Tamanho: 5,7 x 3,5 x 3,8 cm.

15 lascas unipolares, algumas com gumes úteis. Tamanhos desde 2,8 cm até 9 x 7,5 x 2,7 cm.

11 fragmentos de lascamento. Tamanhos entre 2 e 5 cm.

Outras matérias primas:

1 lasca pequena de calcedônia. Tamanho: 2,7 cm.

1 fragmento de drusa de calcedônia vermelha. Tamanho: 3,8 cm.

1 fragmento de drusa com cristais. Tamanho: 4 cm.

1 seixo de quartzo. Tamanho: 1,8 cm.

1 núcleo com 4 retiradas paralelas com um estrato de calcedônia coberta por camada de basalto amidaloide. Tamanho: 4 x 5,5 x 3,2 cm.

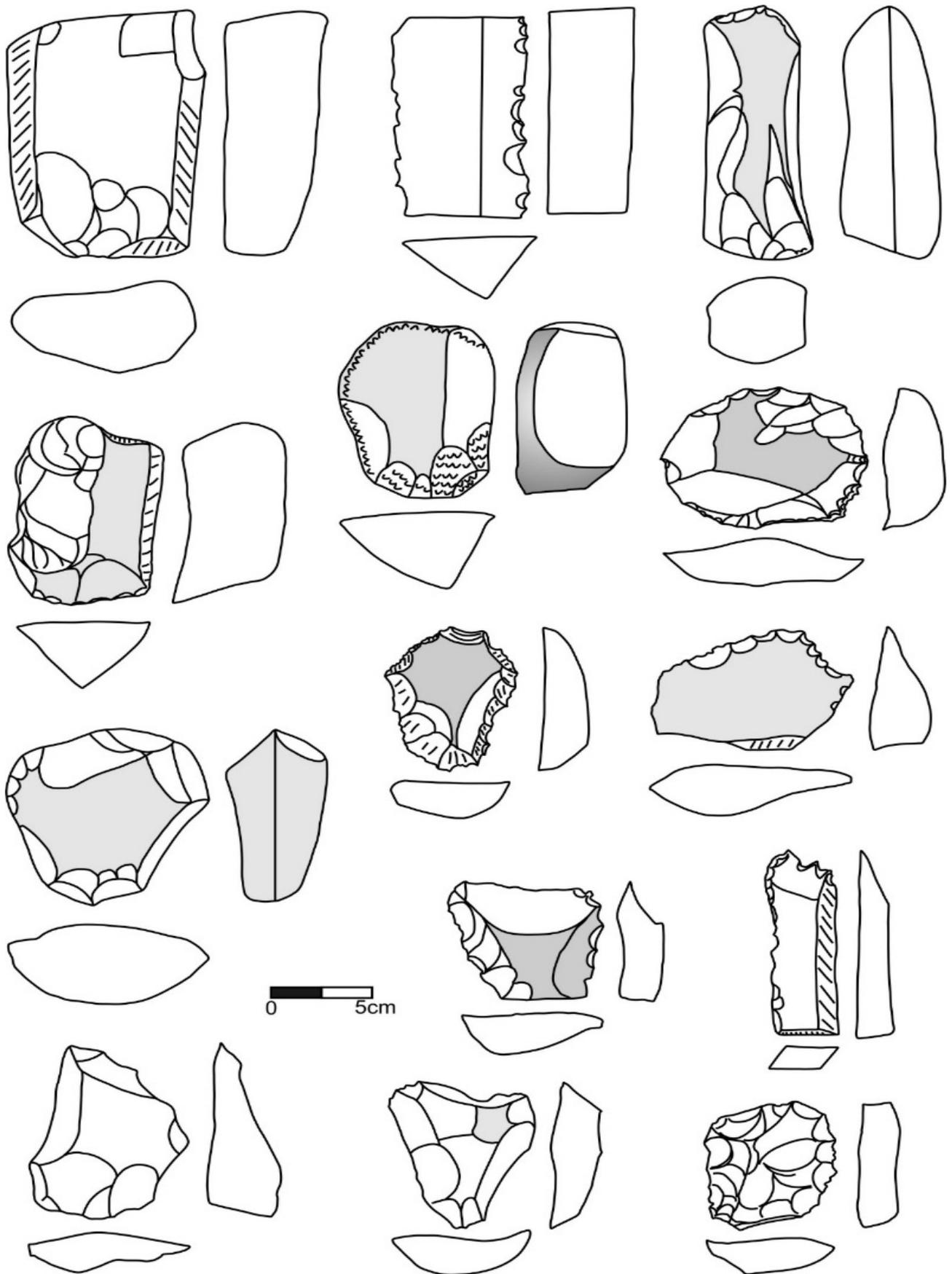


Figura 45. Amostra de material lítico do RS-S-278.

4. LOMBA GRANDE

Os sítios estão na localidade de Lomba Grande, município de Novo Hamburgo, e no município de Sapucaia do Sul, afastados da várzea do rio, sobre a grande lombada que caracteriza a região (**Figura 46**).

Estão todos à margem esquerda do médio vale do rio dos Sinos, em ambiente de Floresta Estacional Semidecidual. A água mais próxima aos sítios é encontrada em arroios ou nascentes. O estado de conservação dos mesmos é de grau médio, resultante de longos anos de agricultura tradicional.

Eles foram estudados por E. Th. Miller, Pedro Ignácio Schmitz e A.B. Rambo.

As amostras usadas para o estudo são as seguintes:

Novo Hamburgo:

RS-17. Oscar e Cristiano Müller. Schmitz e Rambo. 1965. 1 mancha. 1 coleta. IAP 34. 157 fragmentos. 18 bordas. Areia densa. UTM 22 J 501397.33 E; 6705641.30 S.

RS-18. João Valdemar Allgayer. Schmitz e Rambo. 1965. Mancha indefinida. 1 coleta. IAP 36. 4 fragmentos. Não classificado. UTM 22 J 501644.41 E; 6705084.32 S.

RS-19. Germano Plenz. Schmitz e Rambo. 1965. Mancha indefinida. 1 coleta. IAP 37. 75 fragmentos. 9 bordas. Caco moído e areia. UTM 22 J 501345.30 E; 6705388.71 S.

RS-20. Melchides Consul. Schmitz e Rambo. 1965. Mancha indefinida. 1 coleta. IAP 38. 64 fragmentos. 4 bordas. Areia densa. UTM 22 J 501609.47 E; 6704863.36 S.

RS-S-268. Feitoria Velha. São Leopoldo. Miller. 1965. 1 mancha. 1 coleta. MARSUL 430 e 4038. 246 fragmentos. 25 bordas. Areia fina. UTM 22 J 498054.33 E; 6706294.24 S.

RS-S-267. Lomba Grande 1. Miller. 1965. Mancha indefinida. 1 coleta. MARSUL 427. 140 fragmentos. 9 bordas. Areia fina/média. Presença de tradição Taquara. UTM 22 J 498033.57 E; 6706001.79 S.

RS-S-267. Lomba Grande 2. Miller. 1965. 1 mancha. 1 coleta. MARSUL 429. 145 fragmentos. 15 bordas. Areia fina/média. Presença de tradição Taquara. UTM 22 J 498033.57 E; 6706001.79 S.

Sapucaia do Sul:

RS-S-269. Morro Sapucaia 1. Miller. Mancha indefinida. 1 coleta. MARSUL 431. 90 fragmentos. 13 bordas. Areia/caco. UTM 22 J 489695.68 E; 6699336.61 S.

RS-S-270. Morro Sapucaia 2. Miller. Mancha indefinida. 1 coleta. MARSUL 432. 42 fragmentos. Areia fina densa. 2 bordas. Presença de tradição Taquara. Casa. UTM 22 J 489789.46 E; 6699394.61 S.

RS-S-SN. Morro da Pedreira. Sapucaia. 1 coleta. IAP 15. 78 fragmentos. Areia média. 11 bordas. UTM 22 J 492300.02 E; 6702971.59 S.

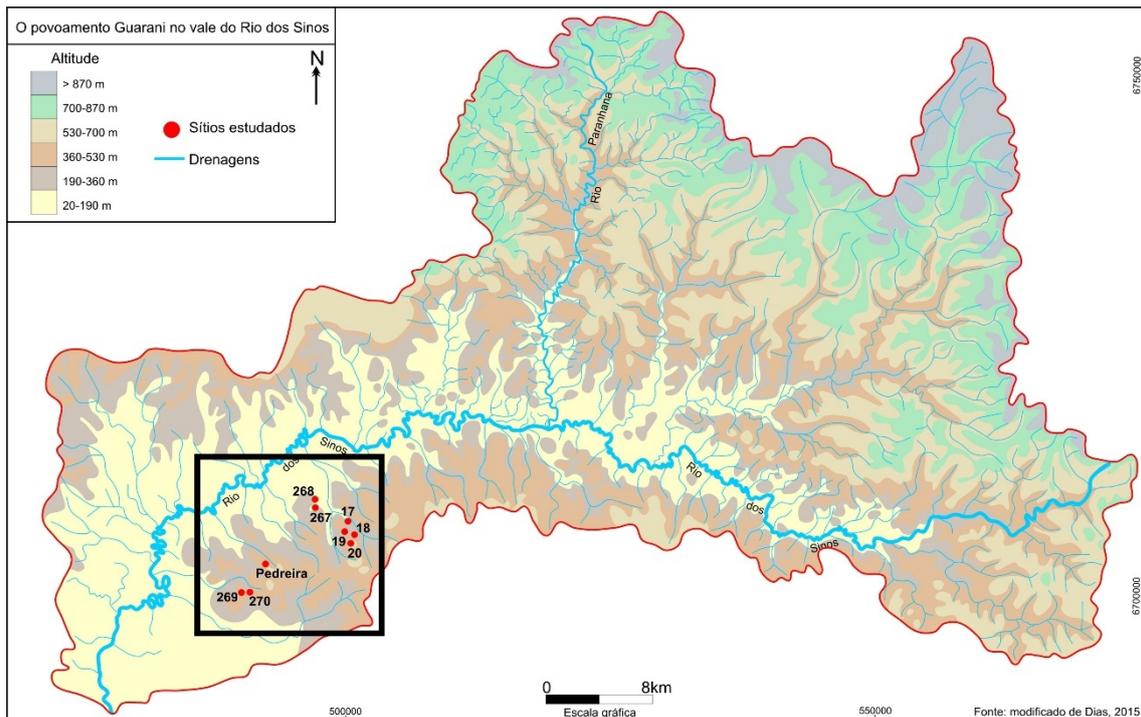


Figura 46. Localização dos sítios de Lomba Grande e de Sapucaia do Sul

RS-17: SÍTIO OSCAR E CRISTIANO MÜLLER

Catálogo IAP 34 e 35

O sítio:

Localizado em Taimbé, Lomba Grande, Novo Hamburgo, RS. Numa pequena elevação do terreno arenoso existem duas manchas escuras no meio de uma plantação com numerosos fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani. Distante uns 300 m, no mesmo terreno, junto à Escola Presidente Epitácio Pessoa, há outro sítio com poucos fragmentos. Segundo informação do proprietário, o terreno já era cultivado havia mais de 50 anos e continuava plantado. As manchas escuras, compactas, com bastante cinza e carvão cobriam uma superfície de uns 60 x 60 m. Em pequeno corte estratigráfico se observou um estrato arqueológico de 25-30 cm de espessura sem muita perturbação. A poucos metros de distância havia disponibilidade de água. (Pedro Ignácio Schmitz - Ficha de Registro de Sítio do IAP).

No primeiro sítio (Catálogo IAP 34) foram recolhidos 157 fragmentos sobrando ainda muitos. No segundo sítio (Catálogo IAP 35) foram todos recolhidos, formando outra coleção, pequena, aqui não analisada.

O sítio foi registrado no IPHAN, em 18/6/65 por P.I. Schmitz e A.B. Rambo (**Figura 47**).

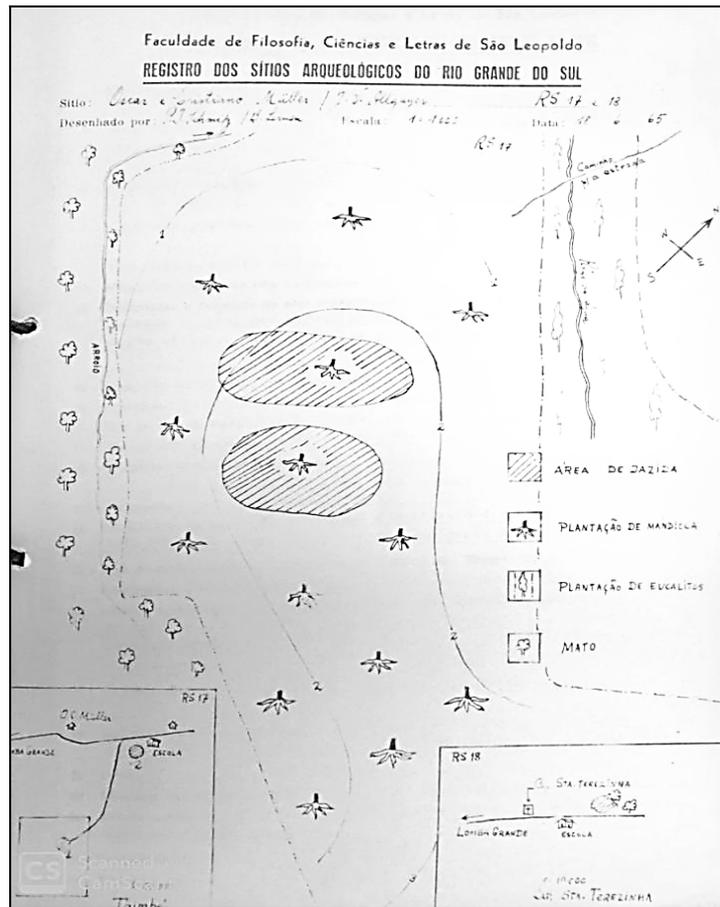


Figura 47. Croqui dos sítios RS-17: Oscar e Christiano Müller e RS-18: João Valdemar Allgayer, de Pedro I. Schmitz.

A cerâmica:

Na **Tabela 27** ocorre o predomínio de Corrugado 3, mas não ocorre Corrugado 2. Existe uma porcentagem considerável de Ungulado e até dois fragmentos de Escovado. Os fragmentos mostram tamanhos entre pequenos e médios, consequência de anos de cultivo por populações recentes.

Tabela 27. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos. Cat. IAP 34.

Tamanho	Corrug. 3	Ungulado	Escovado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm	5			1		6 (3,90%)
2,6-5,0	53	16		10	11	90 (58,44%)
5,1-7,5	26	11	2	6	5	50 (32,47%)
7,6-10,0	4	1		2	1	8 (5,19%)
Total	88 (57,14%)	28 (18,18%)	2 (1,30%)	19 (12,34%)	17 (11,04%)	154

Não classificados: 3 fragmentos.

A **Tabela 28** mostra uma tendência para formas médias e grandes; as Unguladas tendem para tamanhos pequenos.

Tabela 28. Espessura dos fragmentos. Cat. IAP 34.

Espessura	Corrug. 3	Ungulado	Escovado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm	5	3		1		9 (5,84%)
0,51-0,75	21	15		8	2	46 (29,88%)
0,76-1,0	27	7	1	8	7	50 (32,47%)
1,1-1,25	27	3	1	2	8	41 (26,62%)
1,26-1,5	8					8 (5,19%)
Total	88 (57,14%)	28 (18,18%)	2 (1,30%)	19 (12,34%)	17 (11,04%)	154

Não classificados: 3 fragmentos.

Antiplástico: areia bem densa, com alguns grânulos de hematita e carvão.

Bordas (**Figura 48**): Corrugado 3 = 12; Ungulado = 6; Pintado externo = 3.

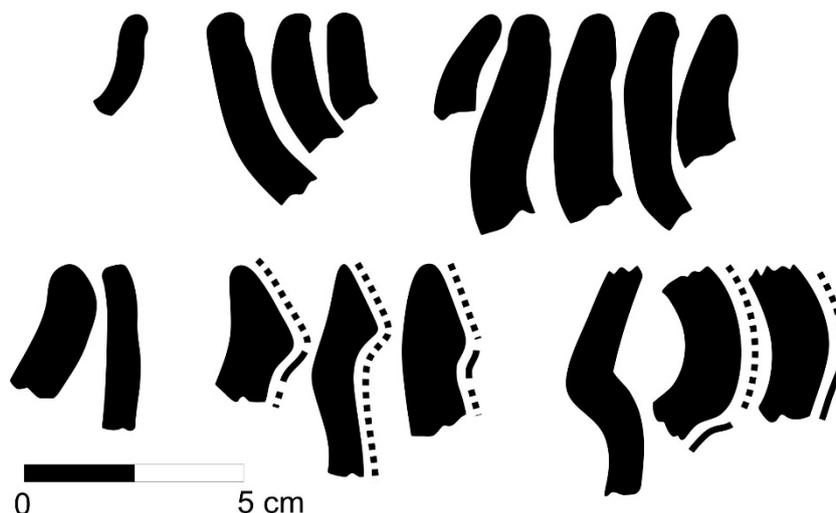


Figura 48. Bordas com Corrugado, Ungulado e Pintado externo,. Cat. IAP 34.

Marcas de uso: ocorre película escura em 26 fragmentos no Corrugado 3 (24 interna e 2 interna e externa, representando 29,54% do total com esse acabamento); 10 no Ungulado (7 interna, 3 externas, com 35,71%); 1 no Escovado (1 interna, com 50%), com 1 fragmento fortemente erodido internamente; 10 no Simples (5 interna, 4 externa, 1 interna e externa, com 58,82%); no acabamento Pintado, ocorrem 3 fragmentos no Pintado externo (1 interna, 1 externo, 1 interna e externa), com 1 fragmento muito erodido internamente e 1 no Pintado vermelho interno (representando 25% do Pintado). A película aparece mais na área da base das vasilhas.

Material lítico:

Está composto por:

1 núcleo de quartzo leitoso, de veio, com algumas retiradas: 3,5 x 2,5 x 2,5 cm;

1 fragmento de basalto amidaloide: 7,0 x 6,5 x 1,8 cm;

1 plaqueta de arenito silicificado: 6,5 x 3,0 x 2,5 cm;

1 plaqueta de arenito silicificado: 10,6 x 6,0 x 2,3 cm.

Assentamento: Aldeia.

RS-18: JOÃO VALDEMAR ALLGAYER

Catálogo IAP 36

O sítio:

Localizado em Capela de Santa Terezinha, Taimbé, Lomba Grande, Novo Hamburgo, RS. Num ponto alto do terreno arenoso aparecem manchas escuras, numa superfície de 60 x 30 m, com alguns fragmentos de cerâmica. Segundo o morador, antigamente havia muita cerâmica, mas com longos anos de cultivo eles desapareceram. Na proximidade não existe disponibilidade de água. Com auxílio de um grupo de crianças foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica, em meio a capim alto. (Pedro Ignácio Schmitz - Ficha de Registro de Sítio do IAP).

O sítio foi registrado no IPHAN, em 18/6/65 por P.I. Schmitz e A.B. Rambo. Ver croqui do sítio na **Figura 47**, junto com RS-17.

A coleção se compõe de apenas 4 fragmentos de Corrugado 3 baixo, de tamanho pequeno (2,5-5,0 cm), com espessura média de 1 cm.

RS-19: GERMANO PLENZ

Catálogo IAP 37

O sítio:

Localizado em Lomba Grande, Novo Hamburgo. Numa pequena elevação arenosa, em superfície de terra escura com carvão, de uns 50 m de diâmetro, em terreno cultivado desde muito tempo, foram encontrados fragmentos cerâmicos; segundo o proprietário do terreno antigamente eram muito numerosos. Existe disponibilidade de água a menos de 200 m. (Pedro Ignácio Schmitz - Ficha de Registro de Sítio do IAP).

O sítio foi registrado no IPHAN, em 6/7/65 por P.I. Schmitz e A.B. Rambo (**Figura 49**).

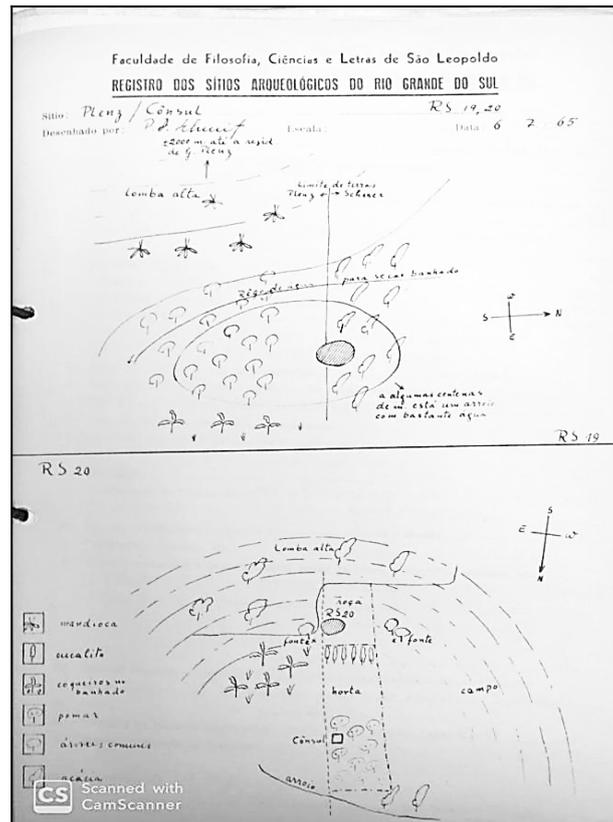


Figura 49. Croqui do sítio RS-19. Germano Plenz e RS-20. Melchides Consul, de Pedro I. Schmitz.

A cerâmica:

A Tabela 29 mostra uma diminuição do Corrugado3, ausência de Corrugado 2 e uma presença maior de Ungulado e de Simples. A maior parte dos fragmentos são médios a grandes, indicando impacto antrópico recente relativamente moderado.

Tabela 29. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm	1				1 (1,33%)
2,6-5,0	14	8	2	12	36 (48,00%)
5,1-7,5	9	4	4	5	22 (29,33%)
7,6-10,0	7			1	8 (10,67%)
10,1-12,5	5	2		1	8 (10,67%)
Total	36 (48,00%)	14 (18,67%)	6 (8,00%)	19 (25,33%)	75

A Tabela 30 mostra vasilhames médios a grandes. As de acabamento Ungulado tendem a ser pequenas e médias.

Tabela 30. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm	2	4	2	1	9 (12,00%)

0,51-0,75	4	6	2	4	16 (21,33%)
0,76-1,0	15	4	2	11	32 (42,67%)
1,1-1,25	15			3	18 (24,00%)
Total	36 (48,00%)	14 (18,67%)	6 (8,00%)	19 (25,33%)	75

Antiplástico: caco moído, areia fina a média, densa, com eventuais grãos de hematita e/ou de carvão.

Bordas: Corrugado 3 = 2; Ungulado = 3; Simples = 2; Pintado externo = 2 (não reproduzidas).

Marcas de uso: ocorre película escura em 10 fragmentos Corrugado 3 (5 internas em bases, 4 (em bojos), 1 interna), com 2 fragmentos erodidos internamente; 1 em Ungulado (com pequenos espoucamentos internos); 9 em Simples (interna), com 1 fragmento fortemente erodido perto da base; 1 em Pintado (interna) e 1 fragmento erodido interno e com marcas (cicatrices) de manejo.

Material lítico: Nada foi encontrado.

Assentamento: Aldeia.

RS-20: MELCHIDES CONSUL

Catálogo IAP 38

O sítio:

Localizado em Quilombo do Norte, Lomba Grande, Novo Hamburgo. Na encosta de uma lomba arenosa, perto de duas nascentes, numa superfície de uns 20 m, foram encontrados poucos fragmentos muito triturados; antigamente eram numerosos de acordo com o proprietário do terreno. No meio de plantas de mandioca e capim foram colhidos 64 fragmentos. (Pedro Ignácio Schmitz - Ficha de Registro de Sítio do IAP).

Localização geográfica aproximada: 29°47'129.6"S – 51°03'01.6"O. Ver croqui do sítio na **Figura 49**, junto ao RS-19.

O sítio foi registrado no IPHAN, em 6/7/65 por P.I. Schmitz e A.B. Rambo.

A cerâmica:

A **Tabela 31** mostra o predomínio do Corrugado 3 e uma presença considerável do Ungulado e Simples. O tamanho dos fragmentos, em geral, é pequeno e, devido a isso, uma quantidade razoável não pode ser identificada, nem medida.

Tabela 31. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm	1	1	1	4	7 (13,73%)
2,6-5,0	27	7	1	5	40 (78,43%)
5,1-7,5	3	1			4 (7,84%)
Total	31(60,78%)	9 (17,65%)	2 (3,92%)	9 (17,65%)	51

Não classificados: 13 fragmentos.

A **Tabela 32** mostra a predominância de vasilhas de tamanho médio.

Tabela 32. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm		3			3 (5,88%)
0,51-0,75	4	4	1	3	12 (23,53%)
0,76-1,0	21	2	1	5	29 (56,86%)
1,1-1,25	6			1	7 (13,73%)
Total	31(60,78%)	9 (17,65%)	2 (3,92%)	9 (17,65%)	51

Não classificados: 13 fragmentos.

Antiplástico: areia densa.

Bordas: Corrugado 3 = 3; Ungulado = 1 borda. Não foram reproduzidas.

Marcas de uso: ocorre película escura em 11 fragmentos Corrugado (8 interna, 1 externa, 2 interna e externa).

Material lítico: Não há ocorrência.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-267: LOMBA GRANDE 1

Catálogo MARSUL 427, 428, 429

O sítio:

Situa-se em Lomba Grande, em terras de proprietário não identificado, no município de Novo Hamburgo, sobre alta e extensa coxilha que domina o vale do Rio dos Sinos, rio que dista 2.000 m do sítio. Com o eixo maior para nordeste, apresenta três focos de restos culturais. O foco 1, cujos restos levam o número 427, localiza-se na parte mais alta da coxilha, contendo fragmentos de cerâmica guarani e jê, bem como algumas lascas e petrefatos. A água mais próxima deveria ter sido ao centro do sítio, junto ao foco 2 (número 428). O material do número 429 foi recolhido na terra escura que fica no extremo inferior do sítio, onde foram coletados todos os fragmentos visíveis. Terra erodida e limpa sem vestígios de muito carvão. Ao norte do sítio e a 100 m, um resto de mata, a leste roça de mandioca em macega. Todo o sítio está rodeado de roça. A sudeste um eucaliptal e uma estrada que leva a Lomba Grande. (Eurico Th. Miller, 22.11.65 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figuras 50 e 51).

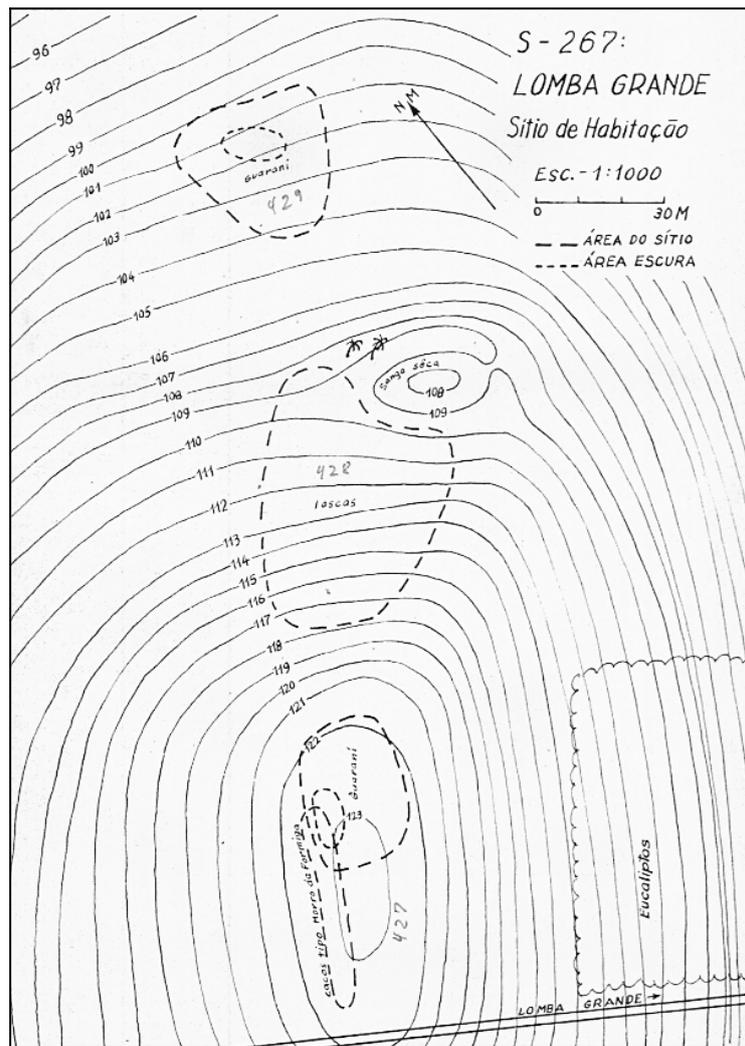


Figura 50. Croqui do sítio RS-S-267. Lomba Grande 1, de Eurico Th. Miller.

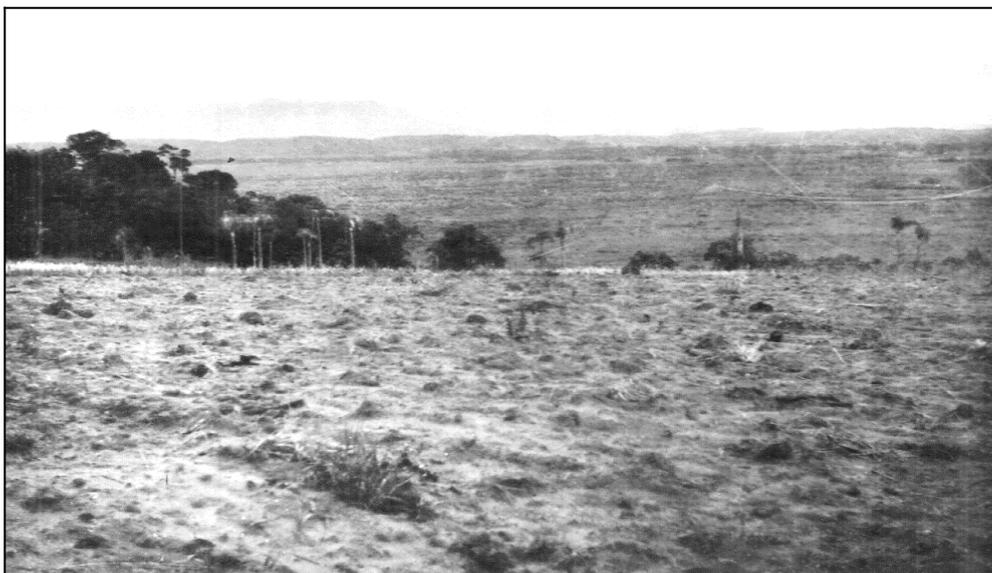


Figura 51. Fotografia do sítio RS-S-267. Lomba Grande 1. Foto de Eurico TH. Miller.

A cerâmica (cat. 427):

Na **Tabela 33** temos a predominância absoluta do Corrugado 3, com a presença do Ungulado em pequena porcentagem, bem como o Pintado; o Simples está bem representado. O tamanho dos fragmentos é médio e indica algum impacto antrópico.

Tabela 33. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm	3				3 (2,14%)
2,6-5,0	74	6	7 (1*)	25	112 (80,00%)
5,1-7,5	18	1	1	3	23 (16,43%)
7,6-10,0	2				2 (1,43%)
Total	97 (69,29%)	7 (5,00%)	8 (5,71%)	28 (20,00%)	140

*Pintado interno.

Na **Tabela 34** estão representados fragmentos com espessuras variadas, concentrando-se mais em vasilhas com tamanhos médios.

Tabela 34. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm	10	2	2	4	18 (12,86%)
0,51-0,75	27	5	3	13	48 (34,28%)
0,76-1,0	53		3 (1*)	9	65 (46,43%)
1,1-1,25	7			2	9 (6,43%)
Total	97 (69,29%)	7 (5,00%)	8 (5,71%)	28 (20,00%)	140

*Pintado interno.

Ocorrem 2 fragmentos da Tradição Taquara, com tamanho 0,25-5,0 cm, um com impressão de cestaria (ungulado-secante-em linha) e outro com ponteados grossos espaçados.

Antiplástico: areia fina a média rolada, com grãos de hematita, algum caco moído.

Bordas: Corrugado 3 = 6; Simples = 1; Pintado = 2. Não foram reproduzidas aqui.

Marcas de uso: ocorre película escura em 54 fragmentos de Corrugado 3 (22 interna, 7 externa, 25 interna e externa, representando 55,67% do total com esse acabamento); 3 em Ungulado (interna, com 42,85%) e 17 em Simples (10 interna, 1 externa, 6 interna e externa, com 60,71%).

Material lítico (cat. 428):

Com esse número de catálogo, há bastante lítico, mas que não foi analisado. Este material está relacionado com o mesmo sítio, mas que foi coletado em área separada.

A cerâmica (cat. 429):

As **Tabelas 35 e 36** praticamente repetem os mesmos elementos que aparecem nas tabelas do material relacionado ao catálogo 427, com porcentagens muito semelhantes. O Corrugado 3 é baixo, regular e com impressão de unhas.

Tabela 35. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm	6		2	3	11 (7,80%)
2,6-5,0	68	7	7 (1*)	22	104 (73,76%)
5,1-7,5	20			5	25 (17,73%)
7,6-10,0				1	1 (0,71%)
Total	94 (66,67%)	7 (4,96%)	9 (6,38%)	31 (21,99%)	141

Não classificados: 4.*Pintado interno.

Tabela 36. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm	6		5	8	19 (13,47%)
0,51-0,75	35	7	3 (1*)	11	56 (39,73%)
0,76-1,0	44		1	12	57 (40,42%)
1,1-1,25	8				8 (5,67%)
1,26-1,5	1				1 (0,71%)
Total	94 (66,67%)	7 (4,96%)	9 (6,38%)	31 (21,99%)	141

Não classificados: 4.*Pintado interno.

Bordas (**Figura 52**): Corrugado 3 = 11; Simples = 1; Pintado = 2.

Ocorrem ainda 2 fragmentos da Tradição Taquara, um apresentando decoração un-
gulada-secante-em linha, com tamanho 2,5-5,0 e espessura 0,6-0,75 e outro un-
gulado em-faixa, com tamanho 6,0-7,5 e espessura 0,6-0,75. Esse último possui uma forma que
lembra as da tradição Tupiguarani.

Antiplástico: areia bem arredondada, fina a média, com grãos de hematita e algum
caco moído.

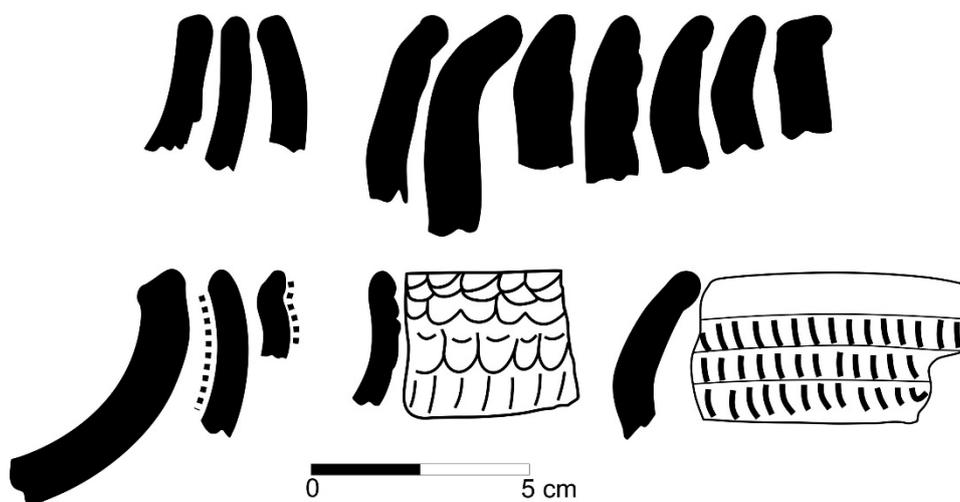


Figura 52. Bordas do sítio RS-S-267, coleta cat. 429. Em cima, Corrugado 3; embaixo, da esquerda para a direita, Simples e Pintados, Corrugado 3 e Ungulado trad. Taquara em forma que lembra vasilha Tupiguarani.

Marcas de uso: Escuros: Corrugado 3: 44 (27 internos, 5 externos, 12 internos e ex-

ternos) (46,80%). Ungulado: 3 (internos) (42,85%). Simples: 23 (12 internos, 1 externo, 10 internos e externos (74,19).

Assentamento: Aldeia.

RS-S-268: FEITORIA VELHA

Catálogo MARSUL 430, 4038

O sítio:

O sítio está dentro da vila de Feitoria Velha, sobre pequena coxilha arenosa de solo fofo. O sítio é cruzado por uma linha de alta tensão (torre nº 258, que leva energia para Cachoeirinha), e domina o alto da coxilha, descendo pelo flanco norte. É uma única mancha de terra preta. Foram recolhidos cacos por toda a extensão do sítio. No momento era roça de aipim em toda a extensão do sítio. A leste havia uma linha de pequenas árvores e também a oeste; ao norte roça de cana, afastada 100 m. Água mais próxima está a sudoeste, a 50 m. As terras pertenciam a Carlos Zimmermann, morador de Feitoria Velha, o qual as trabalhava. Pertenceram a seus familiares. Os fragmentos são pequenos e erodidos. (Eurico Th. Miller, 27.11.65 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figuras 53, 54 e 55).

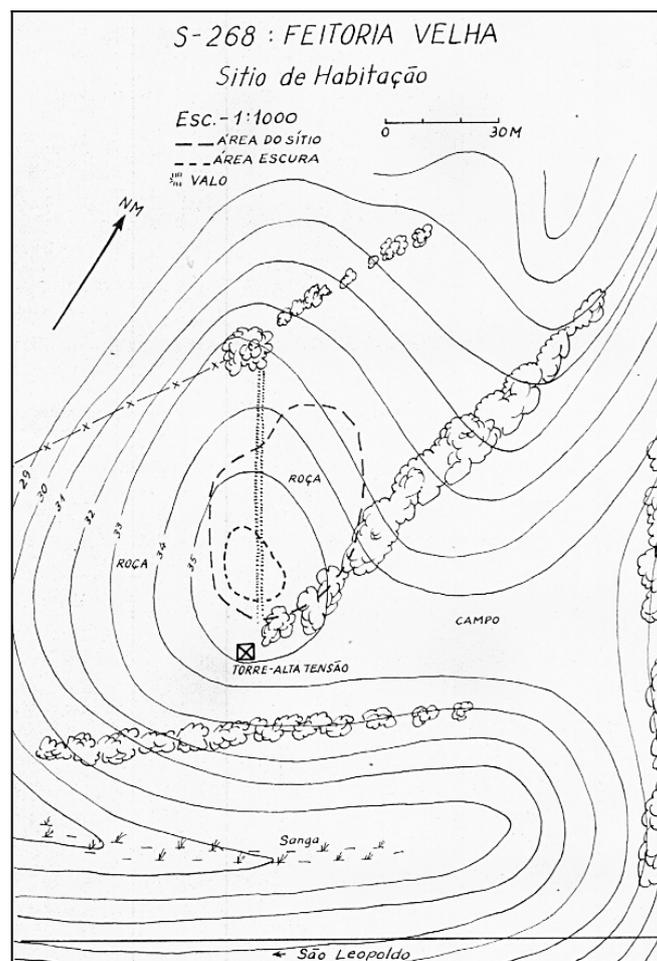


Figura 53. Croqui do sítio RS-C-268. Feitoria Velha, de Eurico Th. Miller.



Figura 54. Vista do ambiente do sítio RS-C-268. Feitoria Velha. Foto de Eurico TH. Miller.



Figura 55. Vista do sítio RS-C-268. Feitoria Velha. Foto de Eurico TH. Miller.

A cerâmica:

A **Tabela 37** mostra o predomínio quase total do Corrugado 3, com pouca representatividade do Ungulado e uma presença regular e constante do Simples e do Pintado. Os fragmentos são predominantemente pequenos, como também mostra a grande quantidade de fragmentos não classificados.

Tabela 37. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-2,5 cm					0
2,6-5,0	109	11	24 (1*)	24	168 (80,77%)
5,1-7,5	18	2	3 (1*)	5	28 (13,46%)
7,6-10,0	11		1		12 (5,77%)
Total	138 (66,35%)	13 (6,25%)	28 (13,46%)	29 (13,94%)	208

Não classificados: 38 * Pintado interno.

A **Tabela 38** mostra uma distribuição ao longo de todas as espessuras, mas com uma concentração maior entre finas a médias, indicando vasilhas de tamanho pequeno e médio, sem excluir grandes vasilhames.

Tabela 38. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-0,5 cm	5	3	8		16 (7,70%)
0,51-0,75	53	7	7	12	79 (37,98%)
0,76-1,0	59	3	10 (2*)	10	82 (39,42%)
1,1-1,25	19		3	7	29 (13,94%)
1,26-1,5	2				2 (0,96%)
Total	138 (66,35%)	13 (6,25%)	28 (13,46%)	29 (13,94%)	208

Não classificados: 38 * Pintado interno.

Grande parte do Corrugado 3 é baixo, irregular e com muitas impressões de unha. Entre o Corrugado 3, há 4 fragmentos de uma mesma tigela que é possível reconstituir e que é internamente escura, 4 fragmentos grandes de outra tigela com as mesas características e 1 fragmento grande de bojo, com inclinação para a base cônica, que só tem manchas escuras isoladas em sua superfície (**Figura 56**).

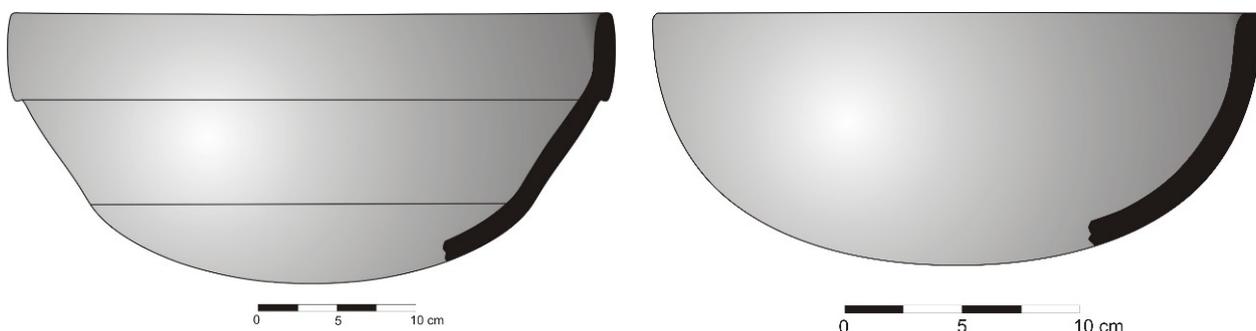


Figura 56. Reconstituição de vasilhas de acabamento corrugado.

Antiplástico: Areia fina com grãos de hematita. Geralmente só areia, em alguns fragmentos bastante hematita e caco moído.

Bordas: Corrugado 3 = 19; Simples = 1; Pintado externo = 5 (**Figura 57**).

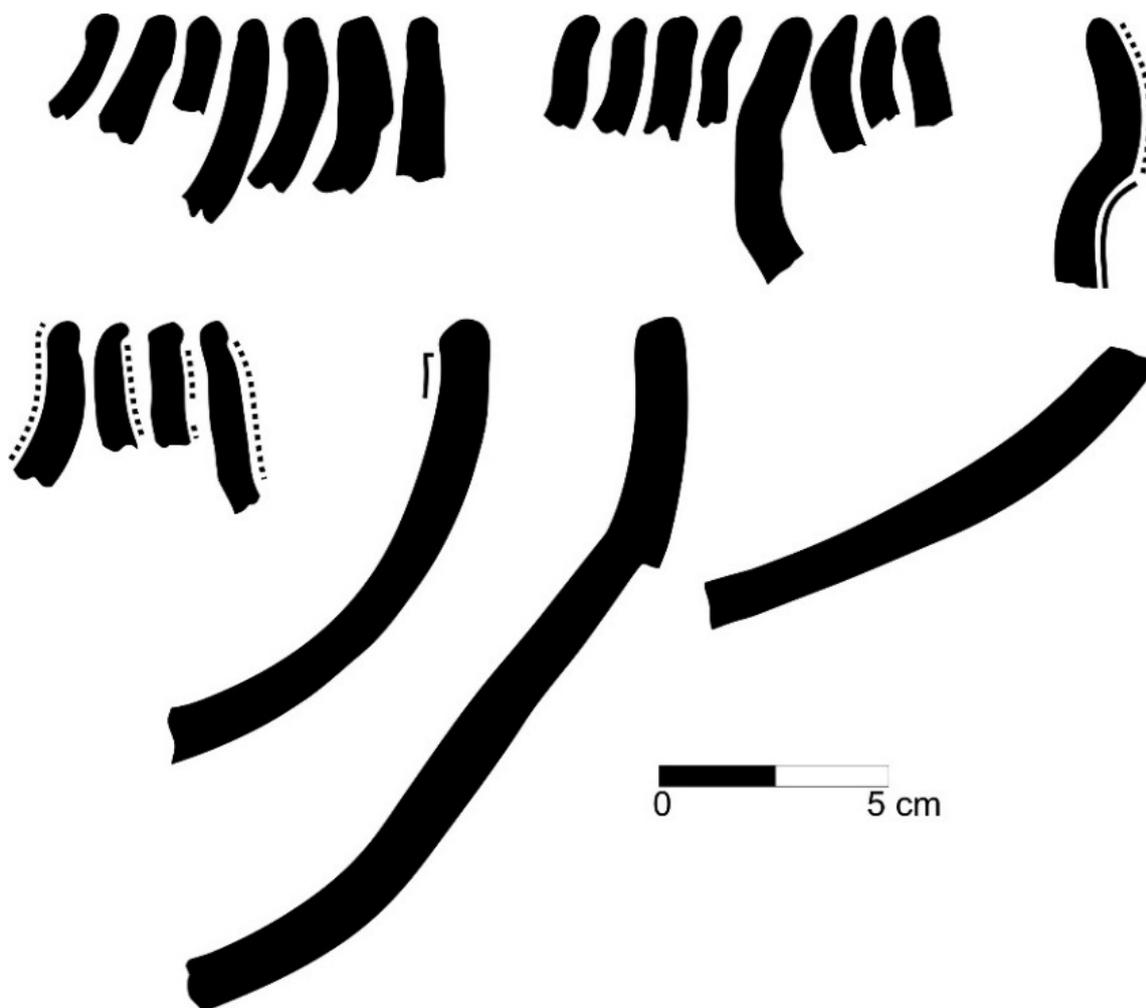


Figura 57. Bordas do sítio RS-S-268.

Marcas de uso: ocorre película escura em 62 fragmentos Corrugado 3 (todas internas, incluindo 7 bordas; destes 16 também são escuros externamente, representando 45,65%); 7 em Ungulado, todas internas (53,84%); 9 em Simples (6 interno, 1 externo, 2 interno e externo, com 31,00%) e 7 em Pintado externo (interno, com 25%).

Material lítico: não há ocorrência.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-269: MORRO SAPUCAIA 1

Catálogo MARSUL 431

O sítio:

A coleta foi realizada por Eurico Th. Miller. Não há nenhuma outra informação sobre a localização ou as características do sítio.

Não foi localizada ficha de registro, somente material cerâmico e lítico, na Reserva Técnica do MARSUL.

A cerâmica:

A **Tabela 39** mostra o predomínio do Corrugado 3, a pequena presença do Ungulado, e a regular e constante presença do Simples e do Pintado. O tamanho dos fragmentos é, majoritariamente, médio, indicando relativamente pouco impacto antrópico recente.

Tabela 39. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm	4	1		5	10 (11,36%)
2,6-5,0	46	3	3	9	61 (69,32%)
5,1-7,5	15			2	17 (19,32%)
Total	65 (73,86%)	4 (4,55%)	3 (3,41%)	16 (18,18%)	88

Não classificados: 2.

Na **Tabela 40** se percebe a presença maior de vasilhas pequenas e medias.

Tabela 40. Espessura dos fragmentos.

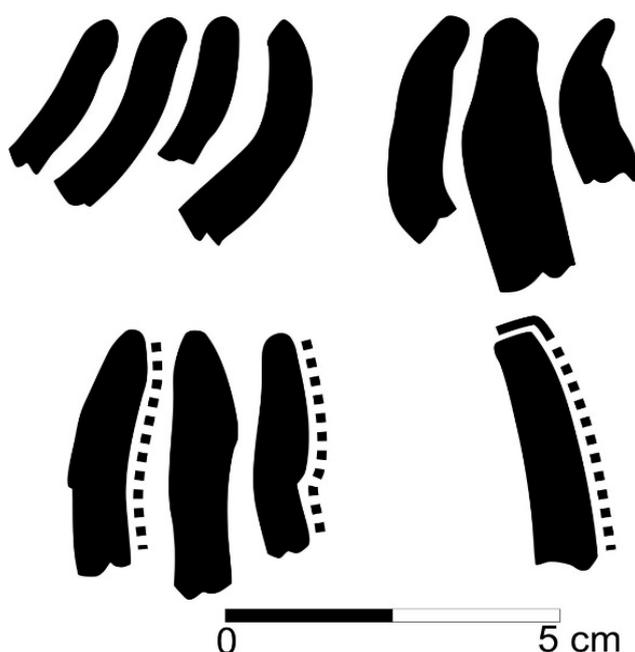
Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm	8	2	1	9	20 (22,73%)
0,51-0,75	11	1	2	5	19 (21,59%)
0,76-1,0	17	1		2	20 (22,73%)
1,1-1,25	29				29 (32,95%)
Total	65 (73,86%)	4 (4,55%)	3 (3,41%)	16 (18,18%)	88

Não classificados: 2.

Ocorrem vários fragmentos com coloração escura: Corrugado 3 = 23 interna, 3 externa, 5 interna e externa. Ungulados = 1 interna, 1 interna e externa. Simples = 3 interna, 2 externa, 4 interna e externa.

Antiplástico: Areia, eventualmente algum caco moído.

Bordas (**Figura 58**): Corrugado 3 = 9; Simples = 1; Pintado = 3.

**Figura 58.** Bordas do sítio RS-S-269. Em cima: Corrugado; em baixo: Simples e Pintado externo.

Marcas de uso: não foram observadas.

Material lítico:

O material lítico é variado e relativamente abundante, predominando como matéria prima o basalto colunar e o arenito silicificado. Sua disponibilidade está ligada ao Morro Sapucaia, que é o resíduo isolado de um dique de basalto colunar ao qual estão ligados diversos outros assentamentos Tupiguarani. O arenito silicificado forma-se no contato da lava basáltica com o arenito Botucatu subjacente. Material semelhante aparece no sítio seguinte, ligado ao mesmo morro.

Está composto por:

Em basalto:

1 talhador-biface de basalto ácido, todo trabalhado, cordiforme. Tamanho: 10,6 x 9,3 x 4,6 cm.

1 talhador unifacial sobre seixo de basalto. Tamanho: 7,7 x 9,7 x 5 cm.

1 fragmento de coluna de basalto, cortical, com as extremidades cortadas, perfil losangular. Tamanho: 5,5 x 3,6 x 3,1 cm.

1 nucleiforme poliédrico de basalto, fraturas possivelmente pelo fogo. Tamanho: 5,5 x 4,5 x 2,7 cm.

1 seixo de basalto colunar. Tamanho: 7,1 x 3,5 x 4,9 cm.

1 fragmento de seixo colunar com diversas fraturas, que podem ser antrópicas. Tamanho: 6,5 x 3,3 x 4,3 cm.

5 lascas de basalto. Tamanho: 3,5 a 5 cm.

1 lasca secundária boa de basalto. Tamanho: 6,5 x 4,6 x 1,3 cm.

1 fragmento prismático de basalto com extremidades quebradas. Tamanho: 4,1 x 2,8 x 1,8 cm.

10 fragmentos de basalto colunar. Tamanho desde 2,8 x 1,8 x 2,2 a 5 x 3,5 x 3 e 7 x 2,8 x 2,5 cm

Em arenito silicificado e outras matérias primas:

1 núcleo bipolar retangular de arenito silicificado roxo, com um resto de córtex numa extremidade, plano liso, o oposto liso, 5 retiradas paralelas a partir do plano. Tamanho: 6 x 4,8 x 4 cm.

1 núcleo bipolar piramidal truncado de arenito silicificado roxo com plano cortical, 3 retiradas paralelas. Tamanho: 6,5 x 5 2,3 cm.

1 percutor encabado de arenito com uma depressão cupuliforme numa face e duas na outra face. Tamanho: 7,5 x 5,7 x 3,8 cm.

1 seixo achatado de arenito silicificado, quebrado. Tamanho: 8,6 x 7,3 x 3,4 cm.

1 pequeno fragmento de calcedônia. Tamanho: 1,9 cm.

1 cristal com ponta lascada.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-270: MORRO SAPUCAIA 2

Catálogo MARSUL 432

O sítio:

A coleta foi realizada por Eurico Th. Miller. Não foi localizada ficha de registro, somente material cerâmico e lítico, na Reserva Técnica do MARSUL.

A cerâmica:

As Tabelas 41 e 42 mostram que os fragmentos recolhidos são predominantemente pequenos e representam vasilhas pequenas e médias, estando ausentes os grandes reci-

pientes.

Tabela 41. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simple	Total
0-2,5 cm	9		1	1	11 (33,33%)
2,6-5,0	11	2		6	19 (57,58%)
5,1-7,5	3				3 (9,09%)
Total	23 (69,70%)	2 (6,06%)	1 (3,03%)	7 (21,21%)	33

Não classificados: 9.

Tabela 42. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simple	Total
0-0,5 cm	4	2		1	7 (21,21%)
0,51-0,75	12		1	6	19 (57,58%)
0,76-1,0	7				7 (21,21%)
Total	23 (69,70%)	2 (6,06%)	1 (3,03%)	7 (21,21%)	33

Não classificados: 9.

Bordas: Ungulado = 1; Simple = 1; não foram reproduzidas. Ocorre uma borda associada à tradição Taquara, com cestaria impressa, tamanho entre 2,5-5,0 cm e espessura entre 0-0,5 cm.

Antiplástico: areia fina densa.

Material lítico:

Como no sítio anterior, também ligado às matérias primas que ocorrem no Morro Sapucaia, sendo que o material é abundante e variado (**Figura 59**).

Está composto por:

Em basalto:

2 pequenas lascas de basalto.

1 fragmento de mão-de-pilão ou de lâmina de machado de basalto com pequena depressão (quebra-coco) numa face, muitas marcas de batida na outra face. Tamanho: 4,2 x 6,5 x 4,4 cm.

1 fragmento de seixo de basalto com retiradas. Tamanho: 4,5 x 3,8 x 1,6 cm.

1 seixo chato de basalto com fraturas. Tamanho: 8,2 x 7,3 x 2,3 cm.

1 núcleo de basalto com duas retiradas. Tamanho: 9,7 x 5,8 x 3 cm.

1 fragmento de biface de basalto amidaloide quebrado. Tamanho: 6,2 x 9,5 x 2,6 cm.

1 pedaço de plaqueta de basalto com retiradas periféricas. Tamanho: 6 x 4,3 x 1,3 cm.

1 lasca semicortical de basalto. Tamanho: 5,5 x 3,3 x 1,5 cm.

1 biface pequeno de basalto. Tamanho: 6,5 x 6,2 x 3 cm.

1 seixo de basalto trabalhado. Tamanho: 7,2 x 4,5 x 3,5 cm.

1 fragmento de plaqueta de basalto com possíveis pequenas depressões numa face e num lado quebrado. Tamanho: 7,5 x 4,2 x 3,7 cm.

1 seixo de basalto com várias retiradas como núcleo inicial. Tamanho: 8 x 7 x 4,5 cm.

1 seixo achatado de basalto amidaloide transformado em talhador bifacial. Tamanho: 12 x 9,5 x 2,8 cm.

1 seixo de basalto transformado em talhador bifacial. Tamanho: 9,9 x 8 x 3,9 cm.

1 fragmento de seixo colunar com diversas fraturas que podem ser antrópicas. Tamanho: 6,5 x 3,3 x 4,3 cm.

1 talhador-biface todo trabalhado nas faces e bordos, cordiforme, de basalto ácido. Tamanho: 10,6 x 9,3 x 4,6 cm.

1 talhador unifacial sobre seixo de basalto, ou núcleo para lascas unipolares. Tamanho: 7,7 x 9,7 x 5 cm.

5 lascas de basalto entre 3 e 5 cm de tamanho.

1 lasca secundária de basalto bom. Tamanho: 6,5 x 4,6 x 1,3 cm.

1 fragmento de lascamento, prismático, de basalto, com as extremidades quebradas. Tamanho: 4,1 x 2,8 x 1,8 cm.

10 fragmentos de basalto colunar. Tamanhos desde 2,8 x 1,8 x 2,2 a 5 x 3,5 x 3 e 7 x 2,8 x 2,5 cm.

Em arenito silicificado e outros:

1 lasca secundária de arenito silicificado. Tamanho: 7,8 x 4,5 x 1,4 cm.

1 seixo de arenito silicificado (lasca grossa) transformado em enxó. Tamanho: 10,4 x 7,6 x 3,3 cm.

1 seixo de arenito silicificado quebrado. Tamanho: 8,6 x 7,3 x 3,4 cm.

1 percutor de arenito com entalhes laterais para encabamento e depressões cupuliformes, 1 numa face, 2 na face oposta (quebra-coquinho). 7,5 X 6,5 x 4 cm.

1 pequeno fragmento de calcedônia. Tamanho: 1,9 cm.

1 cristal com ponta lascada.

Assentamento: Aldeia.

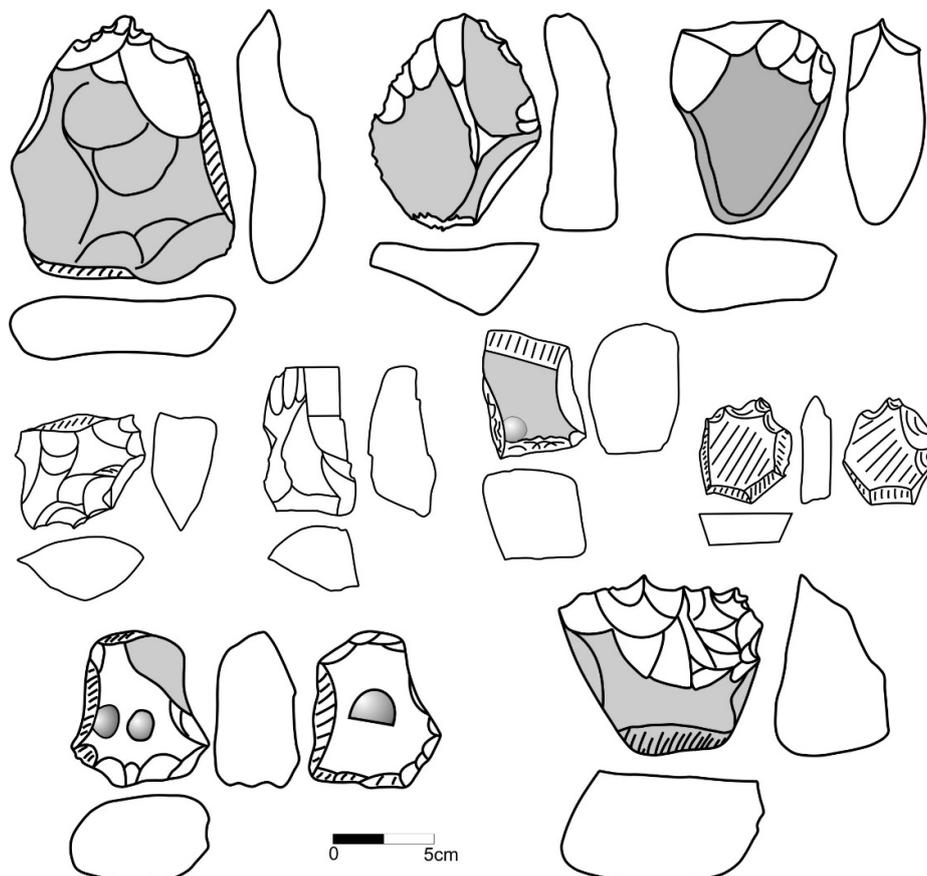


Figura 59. Amostra de material lítico do sítio RS-S-270. As duas peças inferiores são do sítio RS-S-269.

RS-S/N: MORRO DA PEDREIRA

Catálogo IAP 15

O sítio:

Trata-se de uma coleta antiga, somente de cerâmica, sem referência, provavelmente de um professor do Seminário Central ou do Seminário Cristo Rei, de São Leopoldo, na primeira metade do século XX.

A cerâmica:

As **Tabelas 43 e 44** mostram que o Corrugado 3 continua apresentando presença significativa, agora junto com o Corrugado 2. Aparece com certa representatividade o Ungulado, com valores parecidos aos do Pintado e do Simples. Os fragmentos, representados principalmente por tamanhos médios, mostram relativamente pouca interferência antrópica no sítio.

Tabela 43. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrug. 2	Corrug. 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm						0
2,6-5,0	2	15	3	1	4	25 (32,05%)
5,1-7,5	3	14	7	6	3	33 (42,31%)
7,6-10,0	4	6	1	1	4	16 (20,52%)
10,1-12,5	2					2 (2,56%)
12,6-15,0				1	1	2 (2,56%)
Total	11 (14,10%)	35 (44,87%)	11 (14,10%)	9 (11,54%)	12 (15,39%)	78

As espessuras, concentradas entre 0,76 e 1,25 cm, indicam vasilhas com tamanhos médios a grandes.

Tabela 44. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrug. 2	Corrug. 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5cm						0
0,51-0,75		7	6	3		16 (20,52%)
0,76-1,00	2	11	4	2	3	22 (28,20%)
1,1-1,25	5	13	1	4	6	29 (37,18%)
1,26-1,5	4	4			3	11 (14,10%)
Total	11 (14,10%)	35 (44,87%)	11 (14,10%)	9 (11,54%)	12 (15,39%)	78

Antiplástico: areia média

Bordas: Corrugado 2 = 1 de caçarola; Corrugado 3 = 6; Ungulado – 1; Pintado externo = 3 (**Figura 60**).

Marcas de uso: ocorre película escura em 7 fragmentos de Corrugado 2 (4 interna, 1 externa em borda de tigela, 2 interna e externa, sendo que vários fragmentos estão erodidos internamente); 20 em Corrugado 3 (14 interna, 6 interna e externa); 5 em. Ungulado

(4 interna, 1 externa); 9 em Simples (4 interna, 4 externa, 1 interna e externa) e 2 em Pintado externo (2 internas).

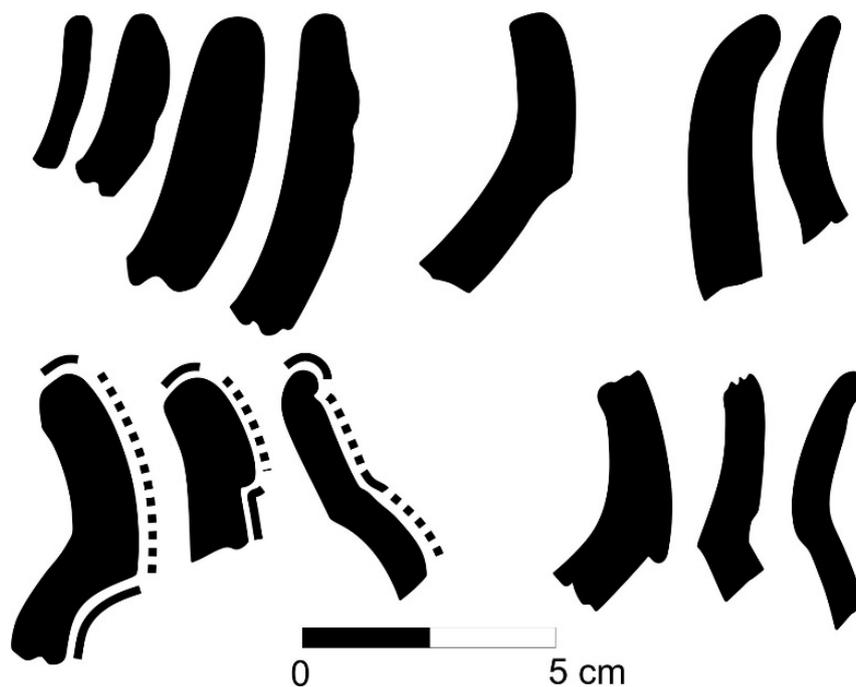


Figura 60. Bordas do sítio Morro da Pedreira. Em cima: Corrugado, em baixo Pintado externo e ungulado.

O material lítico: não há ocorrência.

Assentamento: Aldeia.

5. TAQUARA, NOVO HAMBURGO, CAMPO BOM E DOIS IRMÃOS

Os sítios estão localizados na margem direita do médio vale do Rio dos Sinos, nos municípios de Taquara, Novo Hamburgo, Campo Bom e Dois Irmãos, em ambiente de Floresta Estacional Semidecidual. Encontram-se, geralmente, bastante afastados do rio principal, sendo que as fontes de água mais próxima estão em arroios ou nascentes (**Figura 61**).

Impactados por longos anos de agricultura tradicional e mecanizada, ficaram em estado de conservação médio a ruim.

Foram localizados e originalmente estudados por P. A. Mentz Ribeiro, G. Naue e P. Dall'Agnol; alguns por E. Th. Miller. O estado de conservação do material é variado. Algumas coleções não foram encontradas no acervo do MARSUL, para onde tinham sido recolhidos.

As amostras usadas para esse estudo são as seguintes:

RS-S-293: Arroio Taquara, Taquara. 1 mancha. 1 coleta, 2 cortes. Miller. 1966. MARSUL 474. 1.217 fragmentos. Areia média. 29 bordas. Estudado anteriormente por Dias, 2016: 115-117 e 135-136. UTM 22 J 519890.34 E; 6719887.04 S.

RS-S-221: Alcides Friedrich, Novo Hamburgo. 1 mancha. 1 coleta. Mentz Ribeiro e Naue. 1966. MARSUL 4409-2. 124 fragmentos. Areia densa. UTM 22 J 488906.98 E; 6720316.94 S.

RS-S-266: Butiá, Novo Hamburgo. 5 + 3 manchas. Enterramento. Escavação. Miller. 1965. MARSUL 423, 424, 425. Urnas. Caco moído/areia. Diversas bordas. UTM 22 J 499628.13 E; 6713505.17 S.

RS-S-374: Artur Berlitz, Novo Hamburgo. 1 mancha. 1 coleta. Mentz Ribeiro e Naue. 1967. MARSUL 4383. 334 fragmentos. Areia fina/média. 23 bordas. UTM 22 J 490606.23 E; 6718010.85 S.

RS-S-371: Alfredo Lanzer, Campo Bom. 1 mancha. 1 coleta. Mentz Ribeiro. 1967. MARSUL 4379. 53 fragmentos. Areia média. 2 bordas. UTM 22 J 492361.71 E; 6717172.75 S.

RS-S-372: Alfredo Lanzer, Campo Bom. 1 mancha. 1 coleta. Mentz Ribeiro. 1967. MARSUL 4380. 349 fragmentos. Areião. 19 bordas. UTM 22 J 492396.84 E; 6716851.21 S.

RS-S-373: Wendelino Maurer, Dois Irmãos. 1 mancha. 1 coleta. Mentz Ribeiro. 1967. MARSUL 4381. 110 fragmentos. Areia fina/média. 2 bordas. UTM 22 J 492090.51 E; 6719612.32 S.

RS-S-377: Walter Ludwig, Dois Irmãos. 1 mancha. 1 coleta. Mentz Ribeiro. 1968. MARSUL 4387. 213 fragmentos. Areia densa/quartzo. Sem bordas. UTM 22 J 491426.05 E; 6718477.60 S.

RS-227: Famílias Underleiter, Adams, Escola Industrial Alberto Pasqualini, Novo Hamburgo. Destruído. Mentz Ribeiro, Dall'Agnol, Naue. 1967. 1 panela. Não encontrado. UTM 22 J 489580.47 E; 6717682.92 S.

RS-S-362: Ignácio Félix Schaefer, Novo Hamburgo. 1 mancha. 1 panela. Mentz Ribeiro e Naue. 1967. MARSUL 4409. UTM 22 J 488519.25 E; 6717137.55 S.

RS-S-279: Arroio Pampa 1, Novo Hamburgo. 1 mancha. 1 coleta. Miller. 1967. MARSUL 4393. Não encontrado no acervo. UTM 22 J 489507.84 E; 6717943.81 S.

RS-S-280: Arroio Pampa 2, Novo Hamburgo. 1 mancha. 1 coleta. Miller. 1965. MARSUL 453. Não encontrado no acervo. UTM 22 J 490127.70 E; 6718457.47 S.

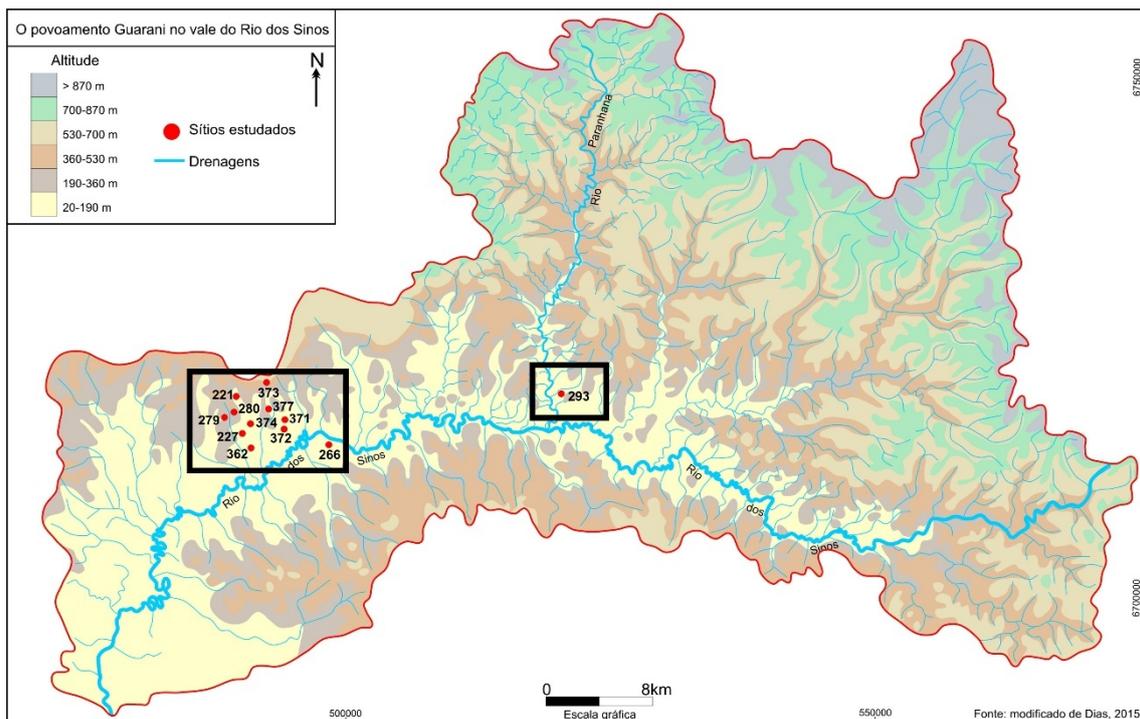


Figura 61. Localização dos sítios de Taquara, Novo Hamburgo e Campo Bom

RS-S-293: ARROIO TAQUARA

Catálogo MARSUL 474.

O sítio:

“Sítio de habitação Guarani. A 70 m para o sul da rua Pinheiro Machado em Taquara, junto à margem esquerda da canalização do Arroio Taquara, ao sul 100 m faixa Taquara-São Leopoldo, a leste capão (remanescente de antiga mata). Este sítio está situado em meio a uma várzea, a oeste de Taquara, e a apenas 2,5 m acima dos banhados que o rodeiam. Superfície com mandioca, milho a oeste, pasto e campo ao centro oeste no capão. Muitos cacos pequenos a médios erodidos, alguns petrefatos. As manchas escuras ocupam mais de 180° da periferia do sítio. Proprietário Sr. Sauer, ex-prefeito de Taquara. Eurico Th. Miller, 13/01/66 - Ficha de Registro de Sítio do MARSUL. (Figura 62).

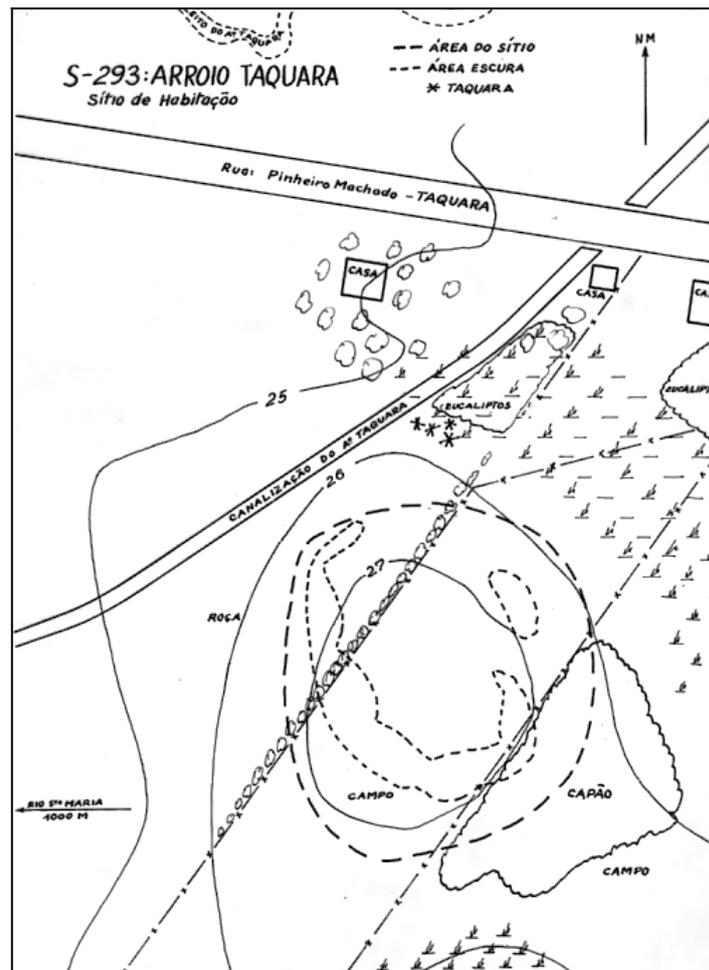


Figura 62. Croqui do sítio arqueológico RS-S-293, de Eurico Th. Miller

Dias (2015) informa que, atualmente, este local está totalmente incorporado à zona urbana de Taquara e a área é coberta, em parte, por mata secundária e, em parte, foi recentemente terraplanada.

Além de coleta superficial, foram realizadas por Miller duas sondagens estratigráficas de 1,5 x 1,5 m cada uma, alcançando 70 cm de profundidade, embora o material lítico e cerâmico tenha ocorrido somente nos primeiros 30 cm.

Junto à ficha de registro, teriam sido identificadas, ainda, as seguintes informações sobre o material do sítio: *com relação ao material lítico, estão contabilizadas 43 peças e para os fragmentos cerâmicos, pertencentes à tradição Tupiguarani, um total de 518 fragmentos, todos relacionados às coletas superficiais.*

Ainda existe a seguinte observação na respectiva ficha de contagem de material: *246 fragmentos de cerâmica sem número; 17 líticos sem número e ainda 2 fragmentos de concha, também em superfície.*

Corte I, nível 1 (0-10 cm)

Escavação de 1,5 x 1,5 m na parte centro oeste do sítio. Superfície capim, milho e mandioca. Solo fofo, muito úmido, cor cinza marrom escuro, pouco carvão, algumas raízes de capim e milho. Cacos pequenos a médios, erodidos e escassos. Data: 13/01/66.

Neste nível estão registrados 61 fragmentos cerâmicos, pertencentes à tradição Tupiguarani e 1 peça lítica

Corte I, nível 2 (10-20 cm)

Solo fofo, úmido, cor cinza marrom escuro, na base norte transição violenta para o

cinza claro. Pouco carvão. Na base sul transição branda, poucas raízes de capim. Cacos pequenos e erodidos. Data: 13/01/66.

Constam 17 fragmentos, pertencentes à tradição Tupiguarani e 1 peça lítica.

Corte I, nível 3 (20-30 cm)

Solo fofo, cinza claro para areia limpa ao norte, ao sul cinza claro. Sem carvão e muito úmido. Cacos pequenos e erodidos. Aos 50 cm começa a verter água e aos 70 cm encontramos areias movediças. Data: 13/01/66.

A cerâmica era composta por 7 fragmentos pertencentes à tradição Tupiguarani. Neste nível não havia material lítico.

Corte II, nível 1 (0-10 cm)

Escavação de 1,5 x 1,5 m na parte centro nordeste do sítio. Superfície semi-gramada. Solo solto, cor cinza marrom claro, algumas raízes e carvão em pequena quantidade. Cacos médios a pequenos, erodidos. Data: 13/01/66.

A cerâmica é composta por 46 fragmentos pertencentes à tradição Tupiguarani. Não existe material lítico.

Corte II, nível 2 (10-20 cm)

Solo fofo, cor cinza médio até 18 cm com pouco carvão, muita umidade, de 18 a 20 cm cor cinza escuro com muito carvão. Cacos pequenos e erodidos. Data: 13/01/66.

A cerâmica é composta por 53 fragmentos pertencentes à tradição Tupiguarani. Não foi encontrado material lítico.

Corte II, nível 3 (20-30 cm)

Solo solto, cor cinza escuro com muito carvão, tendendo aos 28 cm para cinza claro e pouco carvão. Solo úmido. Cacos pequenos e erodidos, aos 50 cm verte água e a areia aos 60 cm torna-se movediça. Data: 13/01/66.

A cerâmica é composta por 13 fragmentos pertencentes à tradição Tupiguarani. Não havia material lítico.

A cerâmica:

Dias (2016:115-117 e 135-136), fez uma análise detalhada da cerâmica das várias coleções deste sítio.

Recentemente, Schmitz e Rogge (7/12/2017) reanalisaram como um todo o material cerâmico, guardado sob a identificação MARSUL 474.

Nessa reanálise, foram considerados Ungulados os fragmentos que primeiro foram alisados e nesta superfície lisa se imprimiu a borda da unha. Foram considerados Escovados os fragmentos que apresentavam clara e unicamente estrias profundas e regulares, paralelas ou semiparalelas entre si, produzidas sobre superfície previamente alisada; não foram incluídos nesse tipo aqueles fragmentos que tinham estrias, mesmo quando regulares, feitas por cima do corrugado. Finalmente todos os demais acabamentos foram considerados Corrugados; trata-se de um corrugado bastante irregular e baixo, com muita impressão irregular de unha sobre as cristas das corrugações. Havia ocorrência de pintura ou banho vermelho na superfície interna de numerosos desses fragmentos corrugados, mas que não foram indicados na reprodução gráfica das bordas. Devido ao estado de conservação do material, não foram separados os fragmentos Simples dos Pintados.

A **Tabela 45** mostra a porcentagem normal de Simples+Pintado e de Corrugado, um pequeno aumento do Ungulado e a presença bem marcada do Escovado. O tamanho pequeno de grande parte dos fragmentos indica forte impacto antrópico no sítio como um todo, mas também existe material bastante conservado, como mostram as bordas desenhadas.

Tabela 45. Tamanho dos fragmentos

Tamanho	Corrug.	Ungulado	Escovado	Simple+Pint.	Total
0-2,5 cm	18	3		25	46 (3,87%)
2,6-5,0	418	55	29	216	718 (60,44%)
5,1-7,5	152	28	48	87	315 (26,52%)
7,6-10,0	45	5	20	29	99 (8,33%)
10,1-12,5	4		2	2	8 (0,67%)
12,6-15,0	2				2 (0,17%)
Total	639 (53,79%)	91 (7,66%)	99 (8,33%)	359 (30,22%)	1188

A **Tabela 46** mostra forte concentração nos tamanhos médios para grandes, o que é confirmado pela abertura de boca das vasilhas: as panelas corrugadas têm o diâmetro da boca de 24 a 30 cm, as panelas escovadas de 30 e 32 cm, as tigelas corrugadas de 28 a 38 cm, as panelas unguiladas de 22 a 28 cm, as simples+pintadas de 14 a 32 cm. Sente-se falta de grandes panelas corrugadas e cmbuchis e de mais vasilhas simples e pintadas de tamanho pequeno, os elementos da grande sociabilidade.

Tabela 46. Espessura dos fragmentos

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Escovado	Simple+Pint.	Total
0-0,5 cm	2	1			3 (0,25%)
0,51-0,75	31	10	1	59	101 (8,50%)
0,76-1,0	215	38	30	136	419 (35,27%)
1,1-1,25	348	42	60	144	594 (50,00%)
1,26-1,5	42		8	20	70 (5,90%)
1,6-2,0	1				1 (0,08%)
Total	639 (53,79%)	91 (7,66%)	99 (8,33%)	359 (30,22%)	1188

Antiplástico: areia média bem selecionada, com muita areia em relação à argila.

As formas são características da tradição Tupiguarani, com algum detalhe: as grandes panelas corrugadas e as grandes panelas escovadas têm a borda reforçada e sua terminação é introvertida; as grandes tigelas corrugadas também têm a parte superior da borda reforçada. Nas formas unguiladas esta característica também aparece, porém em menor proporção. As formas de acabamento simples e pintado são as tradicionais, mas não se percebem os grandes cambuchis.

Os elementos técnicos são os da tradição Tupiguarani, com o acréscimo do escovado. A produção não é muito cuidadosa. O reforço da borda e seu término introvertido é uma particularidade dessa produção. Esses elementos, mais o formato do sítio, em círculo, com grande densidade de material, indicam que é um assentamento diferente, provavelmente recente. A concentração dentro de um círculo sugere um espaço fechado, que poderia ser tanto um aparelho de defesa em tempo de conflito, como um local de reclusão de pessoas aprisionadas. Ambas as situações responderiam ao período em que os paulistas estavam preando índios guarani na região para leva-los como escravos para São Paulo, na passagem do século XVI para o século XVII.

Está presente também, entre o material cerâmico, um fragmento de cachimbo côni-co.

Dias (2015:127) fez a reconstituição gráfica das formas das vasilhas cerâmicas presentes no sítio. Na reanálise feita por Schmitz e Rogge, em 2017, a cerâmica foi separada por acabamento de superfície e variantes de bordas foram novamente desenhadas (**Figura 63**).

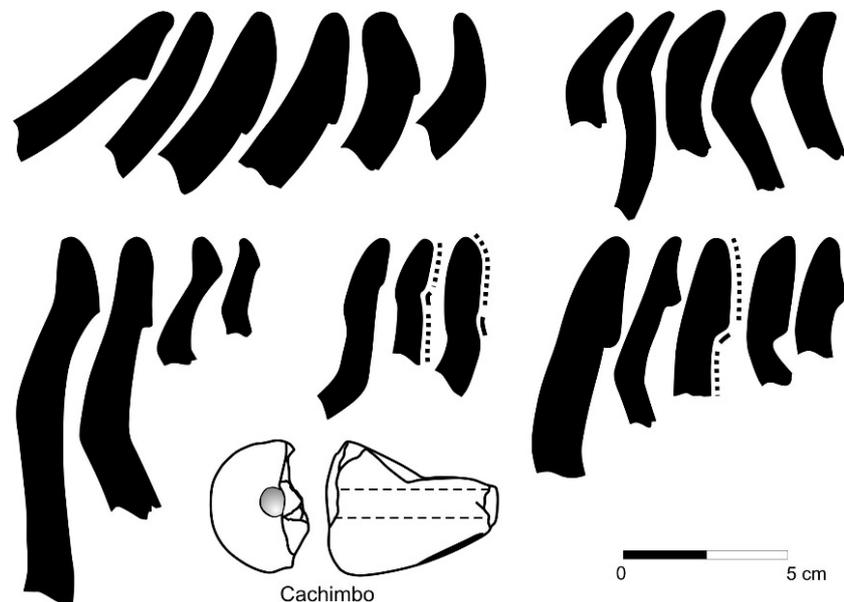


Figura 63. Bordas e fragmento de cachimbo do sítio RS-S-293.

O material lítico:

O material lítico foi integralmente analisado por Dias (2015) e, em nossa reanálise do sítio, não retomamos este material, mas nos apropriamos das informações daquele autor.

Segundo ele, os artefatos líticos são pouco abundantes, e sua maior ocorrência vem da coleta superficial feita por Miller; nas sondagens o número de peças foi mínimo.

Miller menciona 63 artefatos, incluindo a coleta superficial, as sondagens e mais 17 peças sem numeração de catálogo, mas que pertenceriam a esse sítio. Porém, Dias (2015) localizou somente 54. Segundo ele, a maior parte do material corresponde a seixos, que podem estar quebrados intencionalmente ou terem recebido retiradas de poucas lascas, eventualmente formando uma pequena área de gume, além de raros instrumentos formatados, como percutores e pelo menos um fragmento de instrumento polido, provavelmente lâmina de machado (**Figura 64**).

A matéria prima utilizada é fundamentalmente o basalto, mas ocorrem alguns seixos e fragmentos naturais de arenito friável.

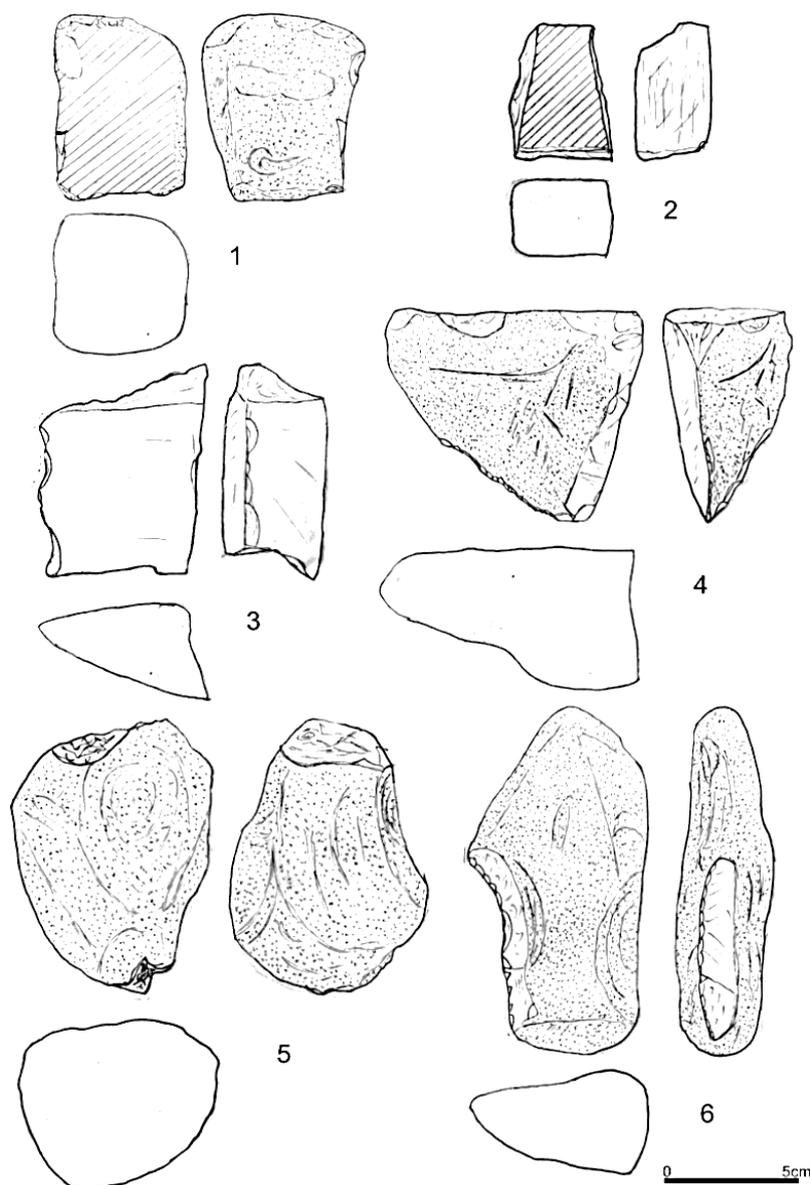


Figura 64. Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-293. 1 – seixo lascado com face polida (basalto), 2 – fragmento de instrumento polido (basalto), 3 – prisma com gume (basalto), 4 – seixo lascado (raspador?) (basalto), 5 – percutor (basalto), 6 – seixo lascado com gume (basalto). Fonte: Dias (2015:128).

RS-S-362 (IAP RS-236): IGNÁCIO FÉLIX SCHAEFER

Catálogo MARSUL 4409

O sítio:

Hamburgo Velho, Novo Hamburgo. Terreno situado no bairro Vila Nova, Hamburgo Velho, na rua Porto Alegre (norte) e rua Gel. Genuino Sampaio (sul); ao leste o terreno com a residência do Sr. Alberto Kichler e, ao oeste, o terreno baldio do Sr. Décio Dumont (este terreno, bem como o sítio, seriam cortados pela continuação da rua Gel. Genuino). Mandioccal, anteriormente mato, solo arenoso, 20 x 30 m, arroio a 150 m. O operário Ângelo José da Silva, da firma Oscar Kunz, SA (fábrica de formas de sapatos) recolheu ao Colégio São Jacó uma panela que encontrou emborcada ao retirar uma árvore de guajuvira. Eram poucos fragmentos finos de uma panela. Na oportunidade do registro foram recolhidos uns poucos fragmentos.

O sítio foi registrado no IPHAN por Irmão Valeriano (do Colégio São Jacó) e Pedro

Augusto Mentz Ribeiro, em 27/03/67. O material arqueológico não foi encontrado e não há nenhuma outra informação sobre o sítio além da descrição acima e do croqui (**Figura 65**).

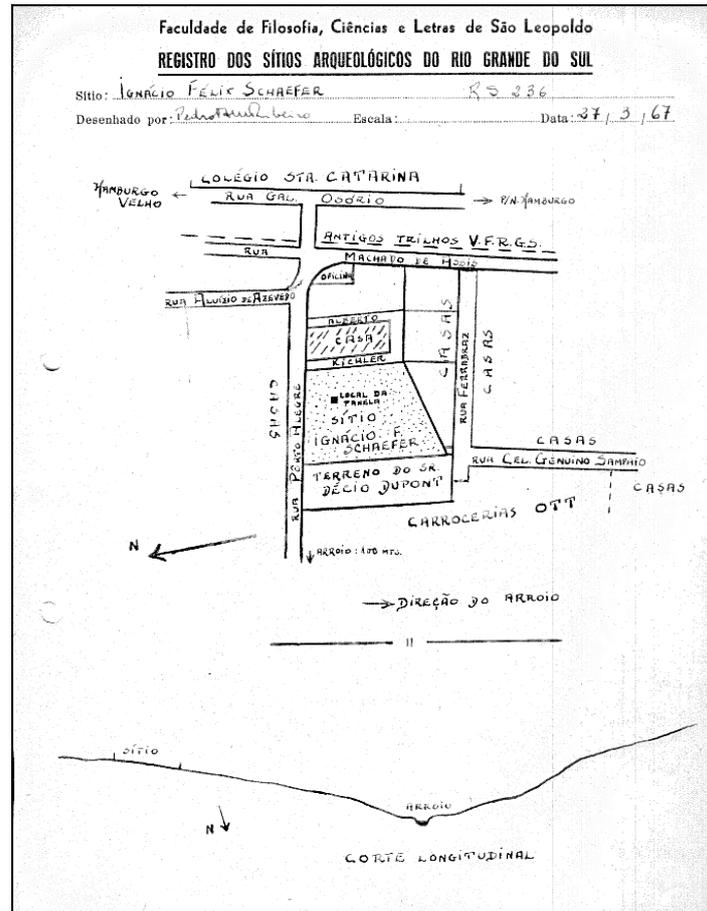


Figura 65. Croqui do sítio RS-S-362: Ignácio Félix Schaefer, de Pedro A. M. Ribeiro.

RS-S-279: ARROIO PAMPA 1

Catálogo MARSUL 324, 4393

O sítio:

Novo Hamburgo. Num terreno baldio em frente (leste) à escola Alberto Pasqualini de Novo Hamburgo, à direita do Arroio Pampa, cerca de 200 m. É um sítio de habitação Tupiguarani cuja conformação está prejudicada por construções de alvaria nas proximidades. É constantemente lavrado e plantado, sofrendo relativa erosão. Um teste mostrou cerâmica até 15 cm de prof. Sendo impraticável uma coleta em corte. A cerâmica é relativamente abundante, bastante fragmentada, um tanto erodida, sem contudo prejudicar totalmente o diagnóstico (Eurico Th. Miller, 23.12.65 - Ficha de Registro de Sítio do MARSUL).

O material arqueológico não foi encontrado na reserva técnica do MARSUL e não há nenhuma outra informação sobre o sítio além da descrição acima e do croqui (**Figura 66**).

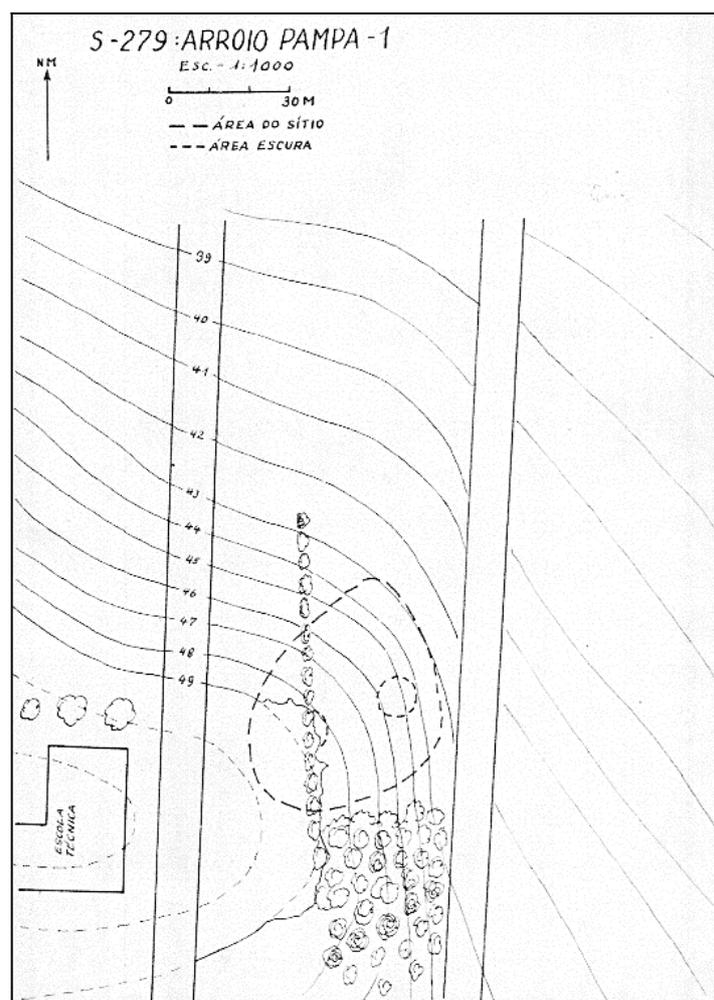


Figura 66. Croqui do sítio RS-S-279: Arroio Pampa 1, de Eurico Th. Miller.

RS-S-280: ARROIO PAMPA 2

Catálogo MARSUL 453

O sítio:

Novo Hamburgo. Em terras de Guido Panitz, num morrinho ao sul do Morro Dois Irmãos. A nordeste da Escola Técnica Industrial de Hamburgo Velho e à esquerda do Arroio Pampa. Este sítio de habitação de pequenas dimensões, que se situa na parte mais alta do morretinho, tem ao sul uma pequena sanga, a leste e oeste mato e para o norte roça. O sítio está coberto de matações e plantação de mandioca e milho. Declina suavemente para o sul até a sanga. Uma única mancha pouco perceptível de terra escura. Poucos cacos, erodidos, de pequenos a médios. (Eurico Th. Miller, 23.12.65 - Ficha de Registro de Sítio do MARSUL).

O material arqueológico não foi encontrado na reserva técnica do MARSUL e não há nenhuma outra informação sobre o sítio além da descrição acima e do croqui (**Figura 67**).

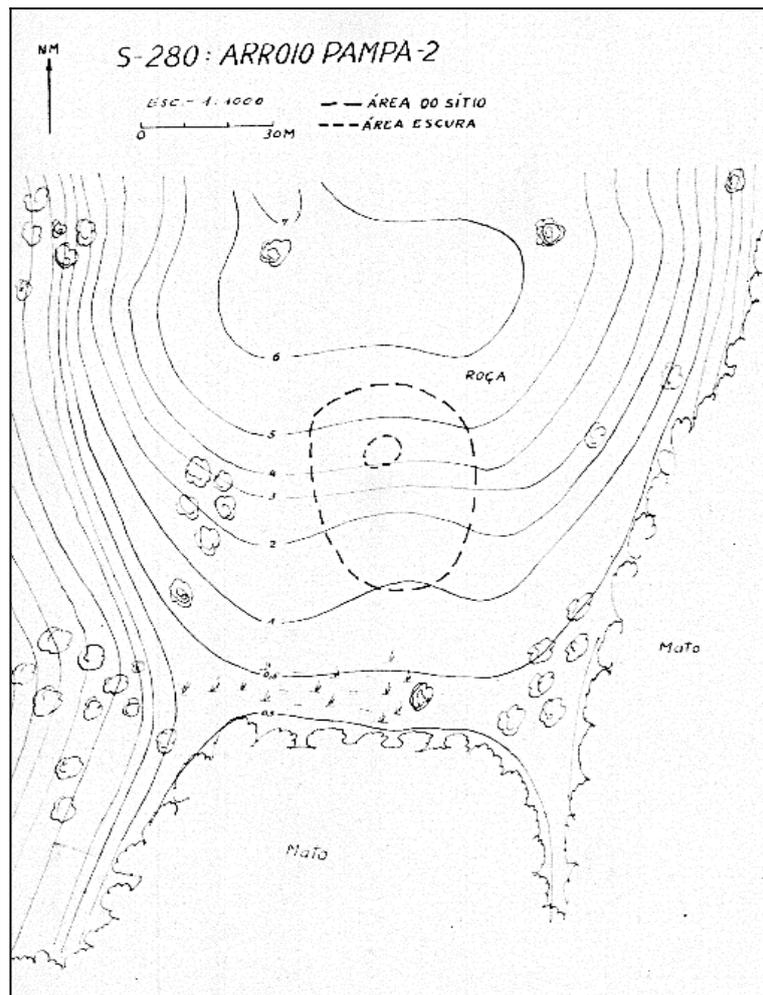


Figura 67. Croqui do sítio RS-S-280, Arroio Pampa 2, Eurico Th. Miller.

RS-S-374 (IAP RS-220): ARTUR BERLITZ

Catálogo MARSUL 4383

O sítio:

Vila São Jorge, Hamburgo Velho, Novo Hamburgo, RS. O sítio começa no alto de uma elevação média e se estende encosta abaixo por uns 250 m. Nele existem numerosas manchas de fogueiras, separadas ou sobrepostas, com 4, 7 e até 10 m de diâmetro e 15 a 20 cm de espessura. Terreno arenoso. Tamanho: uns 250 m. Água próxima: uns 300 m. No terreno cultivado foram recolhidos uns 400 cacos de cerâmica.

O sítio foi registrado no IPHAN por P.A. Mentz Ribeiro e Ir. Valeriano (Guilherme Naue) em 23/11/66 (**Figura 68**).

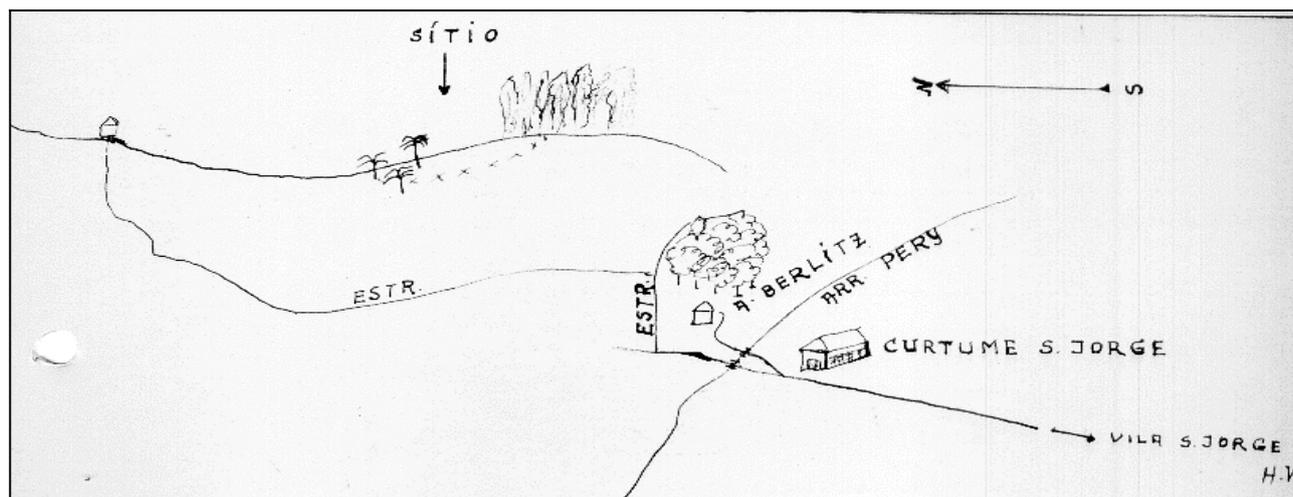


Figura 68. Croqui do sítio RS-S-374: Artur Berlitz, de Pedro A. M. Ribeiro.

A cerâmica:

A Tabela 47 mostra que os fragmentos estão distribuídos ao longo de todas as classes de tamanho, mas se concentram especialmente em tamanhos médios a grandes, indicando um bom grau de conservação em local pouco impactado, no momento da coleta.

Tabela 47: Tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5cm	5	1	1		7 (2,10%)
2,6-5,0	158	22	26	32	238 (71,26%)
5,1-7,5	38	5	3	11	57 (17,06%)
7,6-10,0	23	2		2	27 (8,08%)
10,1-12,5	4			1	5 (1,50%)
Total	228 (68,26%)	30 (8,98%)	30 (8,98%)	46 (13,78%)	334

A Tabela 48 indica predominância de vasilhas médias com tendência para grandes, o que é confirmado pelas bordas conservadas.

Tabela 48: Espessura dos fragmentos

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm					0
0,51-0,75	20	23	17	17	77 (24,84%)
0,76-1,0	130	6	9	21	166 (53,55%)
1,1-1,25	58	1	3	5	67 (21,61%)
Total	208 (67,10%)	30 (9,68%)	29 (9,35%)	43 (13,87%)	310

24 fragmentos não puderam ser medidos.

O Corrugado é regular e predomina largamente; a soma do Ungulado, com o Simples e o Pintado não chega à metade da quantidade de Corrugado.

Antiplástico: areia fina a média.

Há 13 bordas de acabamento corrugado, com aberturas de 14 a 32 cm; 2 de acabamento Ungulado, com abertura de 28 cm; 3 de Simples, com aberturas de 12 a 24 cm; 5 de Pintado, com aberturas de 16 a 24 cm (**Figura 69**).

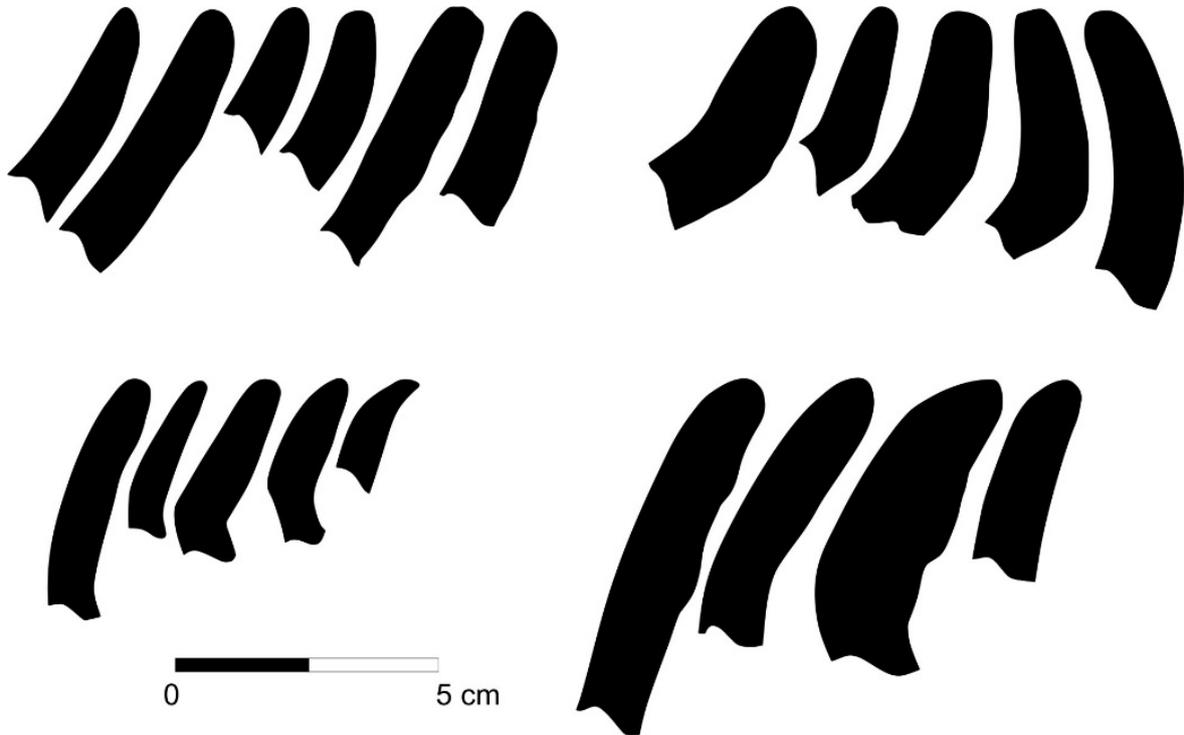


Figura 69. Bordas do sítio RS-S-374.

O material lítico: um polidor de arenito.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-373: WENDELINO MAURER

Catálogo MARSUL 4381

O sítio:

Wendelino Maurer. Morro Dois Irmãos, Dois Irmãos. O sítio está na encosta leste do morro oeste dos Dois Irmãos. Para alcançar o sítio segue-se pela estrada de terra (ou de Dois Irmãos ou de Novo Hamburgo) que leva ao morro; a casa do proprietário é uns 500 m antes do fim da estrada, a esquerda de quem sobe; da casa segue-se pelo caminho de roça uns 500 m, direção leste. O sítio está bem junto ao caminho, lado direito. O cume do morro dista uns 300 m do local, aproximadamente. O local é roça há 20 anos e hoje o cultivo é mandioca; água mais próxima: vertentes; o sítio está a mais ou menos 300 m de altitude; solo: basalto em decomposição. Área: 30 m de diâmetro. Material: cerâmica tupiguarani. Mentz Ribeiro.

A cerâmica:

A **Tabela 49**, com os fragmentos concentrados nos tamanhos 1 e 2 e a ausência de Pintado, mostram que o sítio foi muito impactado. Devido ao mau estado de conservação do material não foram separados os fragmentos Simples dos Pintados.

Tabela 49. Tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-2,5 cm	19		5	24 (21,82%)
2,6-5,0	46	4	13	63 (57,27%)
5,1-7,5	9	1	6	16 (14,55%)
7,6-10,0	5	1	1	7 (6,36%)
Total	79 (71,82%)	6 (5,45%)	25 (22,73%)	110

A **Tabela 50** indica predominantemente vasilhas médias, com tendência para grandes.

Tabela 50. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm				0
0,51-0,75	2		6	8 (7,27%)
0,76-1,0	68	6	19	93 (84,55%)
1,1-1,25	7			7 (6,36%)
1,26-1,5	2			2 (1,82%)
Total	79 (71,82%)	6 (5,45%)	25 (22,73%)	110

Antiplástico: areia fina a média.

Só existem duas bordas de acabamento Ungulado, com abertura de 20 cm.

O material lítico:

Uma lasca secundária de calcedônia, meteorizada.

Assentamento: Aldeia.

RS-221: ALCIDES FRIEDRICH

Catálogo MARSUL 4409

O sítio:

Vila Diehl, Hamburgo Velho, Novo Hamburgo, RS. Sítio aberto entre dois morros, com cerâmica, fogueiras e carvão. Terreno arenoso. Tamanho: 20 m. Água a 100 m. Coleta superficial.

O sítio foi registrado no IPHAN, em 6/11/66 por Ir. Valeriano (Guilherme Naue) e P.A. Mentz Ribeiro (**Figura 70**).

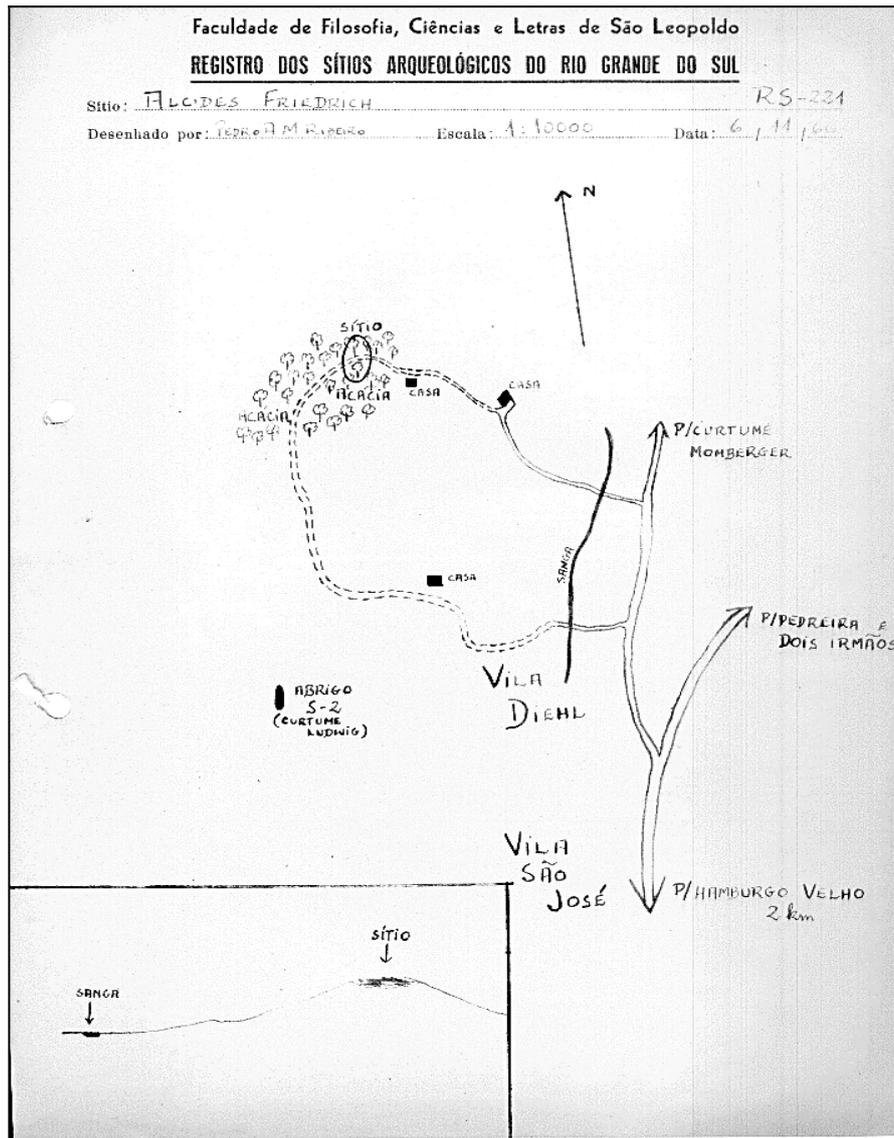


Figura 70. Croqui do sítio RS-221: Alcides Friedrich, de Pedro A. M. Ribeiro.

A cerâmica:

Devido ao mau estado de conservação do material, não foram separados os fragmentos Simples dos Pintados.

A **Tabela 51** mostra que o sítio foi muito impactado, deixando os fragmentos muito pequenos e erodidos, com pouca utilidade para uma comparação.

Tabela 51. Tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-2,5 cm	6		6	12 (10,71%)
2,6-5,0	49	6	33	88 (78,57%)
5,1-7,5	8	1	1	10 (8,93%)
7,6-10,0	1	1		2 (1,79%)
Total	64 (57,14%)	8 (7,14%)	40 (35,72%)	112

Não classificados: 12.

A **Tabela 52** mostra a predominância de vasilhas médias.

Tabela 52. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm				0
0,51-0,75	7	4	16	27 (24,11%)
0,76-1,0	45	3	22	70 (62,50%)
1,1-1,25	11	1	2	14 (12,50%)
1,26-1,5	1			1 (0,89%)
Total	64 (57,14%)	8 (7,14%)	40 (35,72%)	112

Não classificados: 12.

Antiplástico de areia densa, com grãos maiores de quartzo.
As bordas não foram desenhadas por serem muito pequenas.

O material lítico: não há ocorrência.

Assentamento: Aldeia.

RS-227: FAMÍLIAS UNDERLEITER, ADAMS, ESCOLA INDUSTRIAL ALBERTO PASQUALINI E OUTROS

O sítio:

Hamburgo Velho, Novo Hamburgo, RS. No declive, em terreno levemente acidentado, cobrindo umas 12 quadras cobertas de casas, fábricas e uma Escola Industrial, no bairro de Hamburgo Velho, foram recolhidos fragmentos cerâmicos e uma mão-de-pilão medindo 71 cm de comprimento, pesando 4 kg. por P.A. Mentz Ribeiro, Ir. Valeriano e Plínio Dall'Agnol. Terreno arenoso, superfície grande, não definida, com diversos afloramentos. Água junto ao sítio. Coleta superficial.

O sítio foi registrado no IPHAN por Plínio Dall'Agnol, em 20/10/1967.

O material arqueológico não foi localizado e não há nenhuma outra informação além da descrição acima e do croqui (**Figura 71**).

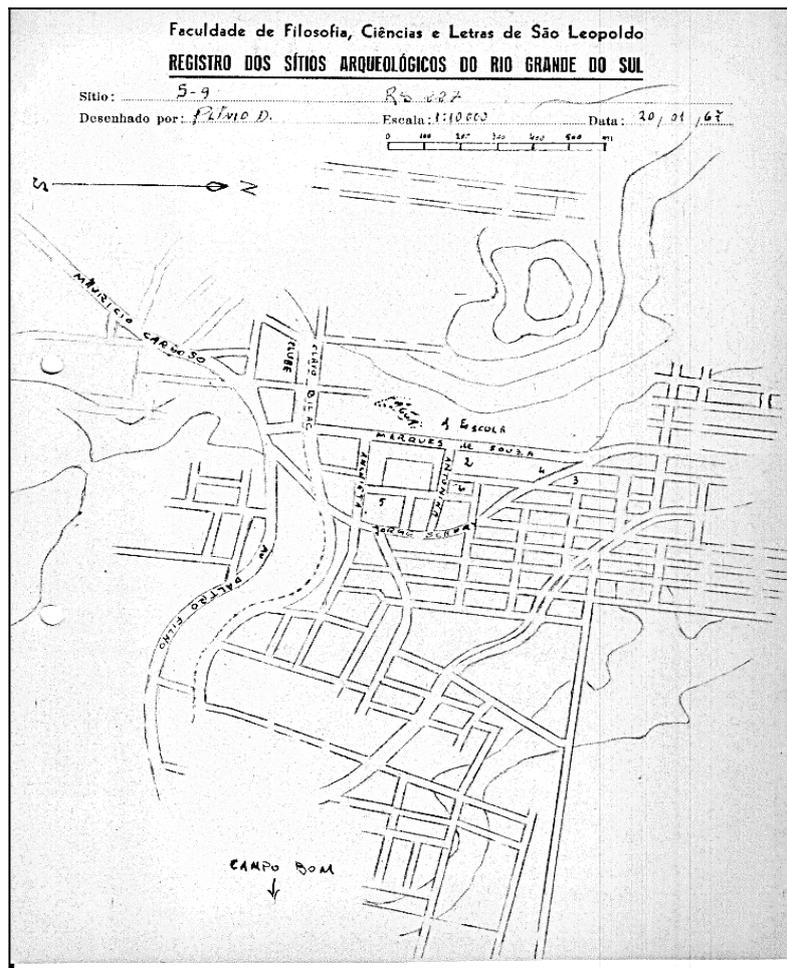


Figura 71. Croqui do sítio RS-227: famílias Underleiter, Adams, Escola Industrial Alberto Pasqualini e outros, de Pedro A. M. Ribeiro.

RS-S-266: BUTIÁ

Catálogo MARSUL 423, 424, 425, 426

O sítio:

Enterramento. Este sítio habitação situa-se em Santa Maria do Butiá, no município de Novo Hamburgo, em terras de Albino José de Mello Filho. O sítio localiza-se numa coxilha suave que é raiz de um morro, que fica no sul do sítio. Ao sul existe um banhado, a oeste pequeno córrego e a leste vertentes e mato ralo. O solo atual é campo; dois anos atrás foi roça de mandioca, ocasião na qual o Sr. Albino, ao vir da roça, sentiu que a roda da carreta afundou. Contou que desenterraram um panelão pintado, ficando, porém, um maior, quebrado. Trabalhamos o local e desenterramos um tigelão que se encontrava dentro do panelão quebrado, cujos cacos trouxemos em parte. Peneiramos a terra, porém nenhum objeto apareceu, nem ossos, nem manchas de terra que acusassem algo. O Sr. Albino nos disse que havia terra preta no fundo do panelão pintado e que o mesmo estava enterrado a 45°, encostado na panela quebrada, para leste. (Eurico Th. Miller, 21.11.65 - Ficha de Registro de Sítio do MARSUL).

Foi feita uma sondagem de 1,5 x 1,5m, em níveis de 10 cm, no extremo leste do sítio, em superfície gramada, que apresentou as seguintes características:

- Nível 0-10 cm, cat. MARSUL 424. Solo escuro cinza com traços de carvão, pouco duro, com raízes espalhadas de capim. Cacos médios e erodidos.

- Nível 10-20 cm, cat. MARSUL 425. Solo escuro cinza com poucos grãos de carvão, fofo, com raízes de capim espalhadas. Cacos médios erodidos, porém mais abundantes que em 424.

- Nível 20-30 cm, cat. MARSUL 426. Solo arenoso cinza claro manchado, carvão raro, fofo, com poucas raízes de capim. Poucos cacos erodidos.

Apesar de haver várias manchas de terra escura (**Figuras 72 e 73**), a contagem de todos os fragmentos não chegaria a uma centena (100), portanto não foram coletadas por Miller. A sondagem também se revelou pouco fecunda, segundo ele, em termos de material arqueológico.

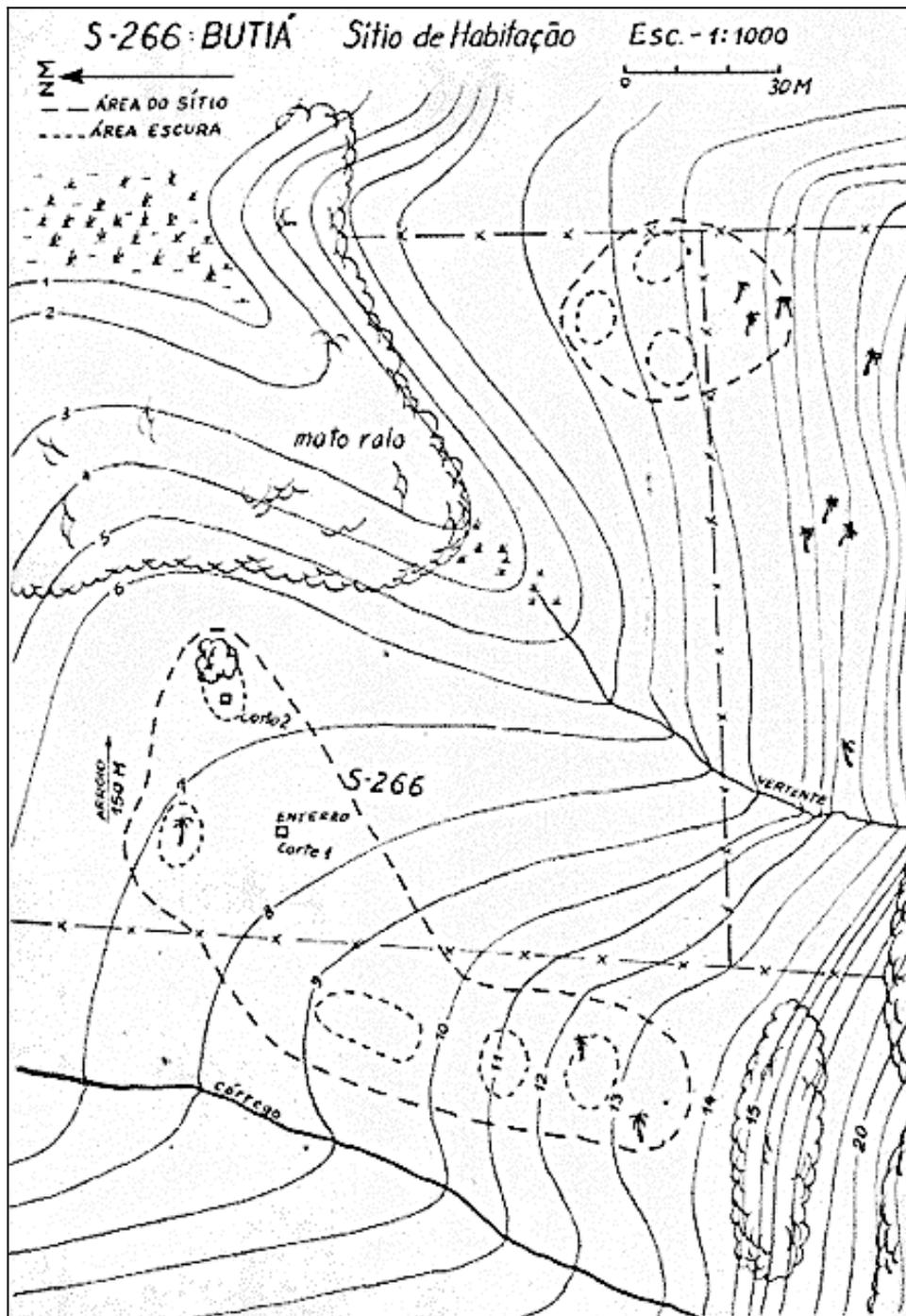


Figura 72. Croqui do sítio RS-S-266: Butiá, de Eurico Th. Miller.

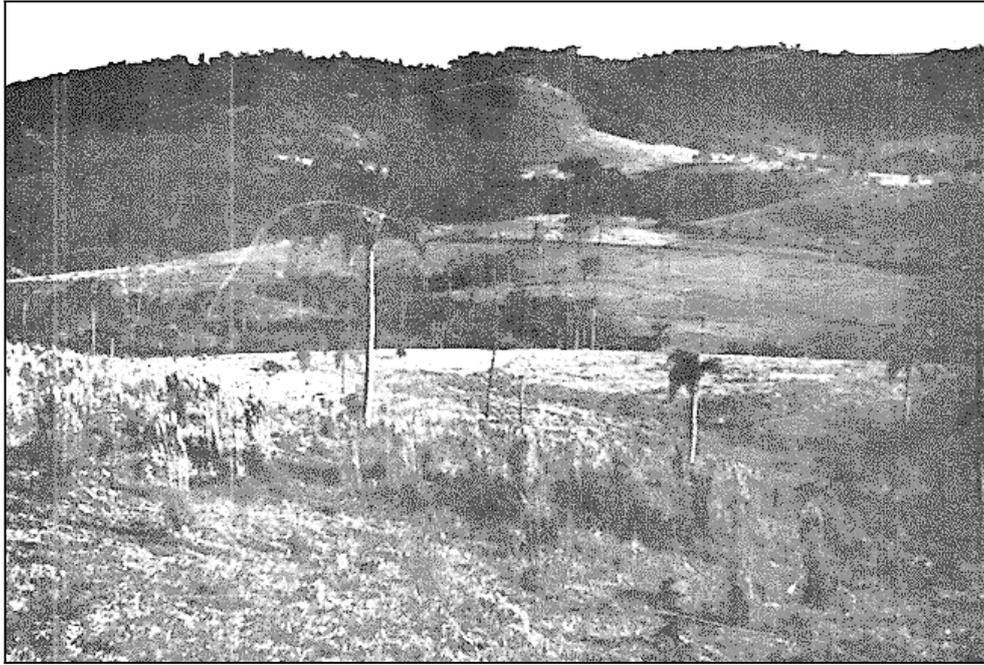


Figura 73. Vista do sítio RS-S-266: Butiá. Foto de Eurico Th. Miller.

A cerâmica:

O material está separado por níveis artificiais, mas as peças quebradas podem ter fragmentos distribuídos em vários níveis. Os desenhos de Eurico Th. Miller, que estão na documentação, mostram dois recipientes pintados, um fundo e um raso formando uma urna com tampa, contendo uma tigela pintada menor; e dois recipientes corrugados, formando outro sepultamento com urna e tampa. Na análise realizada em 2017, foi possível identificar parcialmente o material dessas 5 vasilhas, como se indica mais abaixo. Estes vestígios seriam do assentamento claramente indicado nas anotações de Miller, mas considerado “pouco fecundo” para uma coleta, dentro dos parâmetros da metodologia de pesquisa empregada naquela época.

O antiplástico, de um modo geral, é formado por caco moído denso e bem aparente em muitos fragmentos, mas em outros é mais arenoso. A análise recente do material encontrado no acervo do MARSUL mostrou os seguintes dados:

Sob o número de catálogo MARSUL 423, existe uma grande vasilha pintada, alta, com gargalo e ombro, que seria a urna do sepultamento 423-B, somando 17 fragmentos de borda, 25 fragmentos de ombro e, ao menos, 34 fragmentos de bojo e base. Em direção à base a espessura dos fragmentos é de 1,6 a 2,0 cm. A parede externa é limpa, avermelhada nas partes não pintadas, com manchas escuras na base, onde há também alguns traços ou faixas vermelhas, que podem ser naturais, da queima. O interior é limpo, não erodido, bem vermelho. A queima, de maneira geral, é bem produzida. (**Figura 74**).

Há mais 3 fragmentos de uma tigela pintada de interior vermelho, com algumas manchas escuras na base, com espessura de 0,76-1,0 cm.

Há 2 fragmentos de pequena tigela pintada, com interior escurecido. No catálogo MARSUL 425 há mais um fragmento que parece ser da mesma tigela, que seria a oferenda funerária do sepultamento 423-B (**Figura 75**).

Ainda há 2 fragmentos de base, com espessura de 0,5 cm, com camada escura interna; 10 fragmentos escuros externamente e vermelhos internamente, com espessuras entre 0,76 e 1,25 cm; 1 fragmento escuro interna e externamente, com espessura de 0,76-1,0 cm; 3 fragmentos de base, com espessura de 0,76-1,0 cm, com pintura branca interna e 1 fragmento de tigela pequena, branco interno.

Ainda sob o número de catálogo MARSUL 423, com tratamento de superfície Corrugado 3, sem marcas de unhas, ocorre uma panela grande, infletida, limpa, com 2 fragmentos de borda e um grande fragmento de base, além de ao menos 34 outros fragmentos, sem camada escura ou crosta interna, com espessura de 1,1-1,25 cm. Esta é a urna do sepultamento 423-A (ver **Figura 74**). Além desta, também uma tigela grande, provavelmente completa, escurecida externamente, com 37 fragmentos com espessura de 1,1-1,25 cm. Esta é a tampa da urna do sepultamento 423-A

Há mais 4 fragmentos de base de um recipiente grande, com espessa crosta carbonizada no interior e mais 25 fragmentos de painéis grandes, com corrugado alto: 9 fragmentos com espessura de 0,76-1,0 cm; 10 com espessura de 1,1-1,25 cm e 6 com espessura de 1,26-1,5 cm. Seis deles são escurecidos internamente e um é borda.

Ocorrem ainda 14 fragmentos de corrugados mais baixos: 10 com espessura de 0,6-0,75 cm e 4 com espessura de 0,76-1,0 cm. Destes, 4 são bordas e um é escurecido internamente.

Ainda há mais 4 Ungulados: 2 bordas, com espessura de 0-0,5 cm e 2 bordas com espessura de 0,6-0,75 cm. Um dos fragmentos é escuro interno, outro é escuro externo e um terceiro, escuro interna e externamente.

Sob o número de catálogo MARSUL 424 está uma borda de pequena panela, pintada de branco externamente, com espessura de 0,6-0,75 cm; 1 fragmento de vasilha grande, pintada de branco externamente, com espessura de 1,1-1,25 cm; 2 fragmentos de ombro, branco externamente, um deles com espessura de 0-0,5 cm e outro com espessura de 0,76-1,0 cm, mais uma borda Simples, com espessura de 0,6-0,75 cm.

Com tratamento de superfície Corrugado 3, ocorrem 4 fragmentos com espessura de 0,6-0,75 cm; 4 fragmentos com espessura de 0,76-1,0 e 3 fragmentos com espessura de 1,1-1,25 cm. Desses, 1 fragmento é escuro internamente e 3 são escuros interna e externamente. Não há bordas.

Ocorrem ainda 2 fragmentos Ungulados, um com espessura de 0,6-0,75 cm e outro com 0,76-1,0 cm, além de um fragmento Escovado, com sulcos largos, com espessura de 1,1-1,25 cm.

O antiplástico é formado por areia média rolada com pequenos seixos de quartzo e cacos moídos médios.

Sob o número de catálogo MARSUL 425 há 12 fragmentos de uma tigela grande, com espessuras entre 1,1 e 1,5 cm, pintados externamente, com o interior fortemente erodido. No catálogo MARSUL 426 há mais um fragmento com as mesmas características. Esta seria a tampa de sepultamento 423-B (**Figura 76**).

Além disso, ocorre uma tigela pequena, com branco interno, espessura de 0,6-0,75 cm e um ombro, branco externo, com espessura de 0,6-0,75 cm.

Dois fragmentos de panela pequena, pintada de branco externamente, com espessura 0,6-0,75 e 8 fragmentos de ombro, branco externo, 3 deles com espessura de 0,6-0,75 e 5 com 0,76-1,0 cm. Ainda ocorrem 2 fragmentos brancos internamente, de área perto da base, com espessura de 0,6-0,75 cm.

Com tratamento Simples, ocorrem 3 fragmentos próximos da base, sendo 2 com espessura de 0,76-1,0 cm e um com espessura de 1,1-1,25 cm e 3 fragmentos de ombro, 3 deles com espessura de 0,76-1,0 cm e um com 1,1-1,25 cm.

Com tratamento Corrugado 3, ocorrem 12 fragmentos com espessura de 0,6-0,75 cm, 17 fragmentos com espessura de 0,76-1,0 cm, 14 fragmentos com 1,1-1,25 cm (estes apresentando um corrugado mais alto), 12 escuros internamente, 4 externamente e 2 interna e externamente, sendo que alguns são vermelhos internamente.

Sob o número de catálogo MARSUL 426, ocorre 1 fragmento de urna, com espessura de 1,26-1,5 cm.

Além disto, com tratamento de superfície Corrugado 3, existem 10 fragmentos: 2 com espessura de 0-0,5 cm, 4 de 0,6-0,75 cm, 3 de 0,76-1,0 cm e um de 1,26-1,5 cm.

Destes, um é borda, 4 são escuros internamente e 3 externamente. Ocorre também, neste número de catálogo, uma borda com tratamento Ungulado.

Em síntese, no conjunto do material se percebem dois sepultamentos: um sepultamento com urna, tampa e oferenda pintadas, um sepultamento com urna e tampa corrugados, sem registro de oferenda funerária. Os sepultamentos foram realizados num espaço ocupado, como o de uma habitação, na qual existiam outros materiais cerâmicos pintados e com decoração plástica. Ao todo podem ser identificadas, usando as bordas, as seguintes peças: Pintadas: 1 urna grande, 1 tigela grande (desenho de Miller 423-B), ao menos 4 pequenas tigelas pintadas externamente e 2 tigelas pintadas internamente. Corrugadas: ao menos 1 panela grande, 1 tigela grande (desenho Miller 423-A), 5 panelas pequenas, 3 tigelas pequenas. Unguladas: 3 panelas pequenas. Simples: 1 panela e 1 prato pequeno. Os fragmentos restantes sugerem, ainda, a ocorrência de várias outras vasilhas (**Figura 77**).

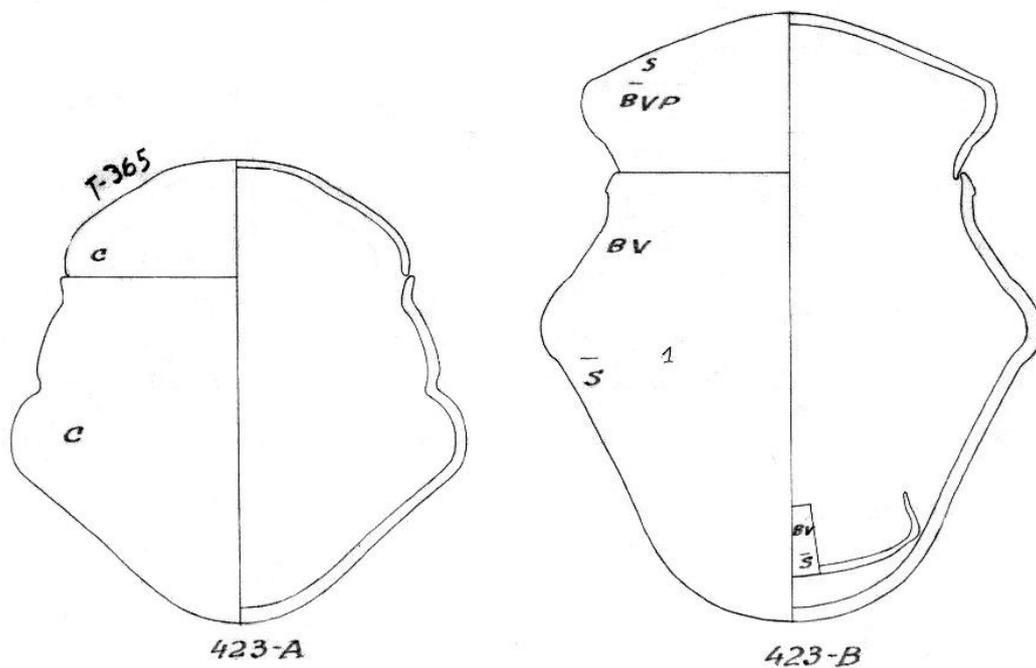


Figura 74. As urnas desenhadas por E. T. Miller: na esquerda, Corrugada; na direita, Pintada.

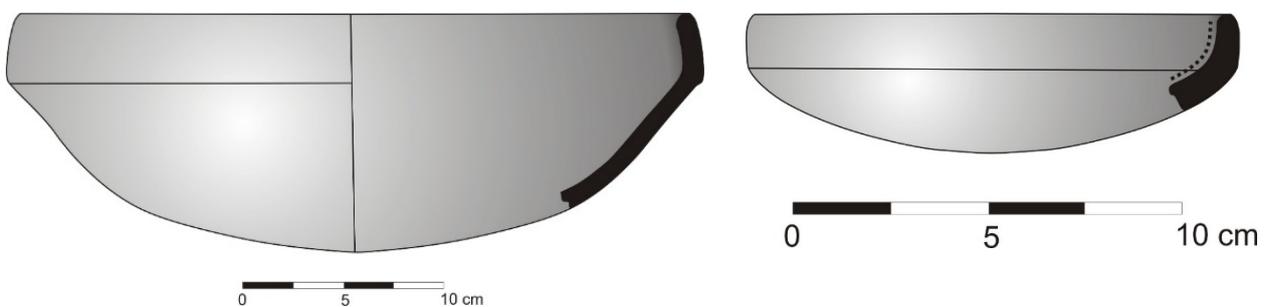


Figura 75. Na esquerda, oferenda do sepultamento 423-B; na direita, tigela encontrada junto ao sepultamento 423-B.

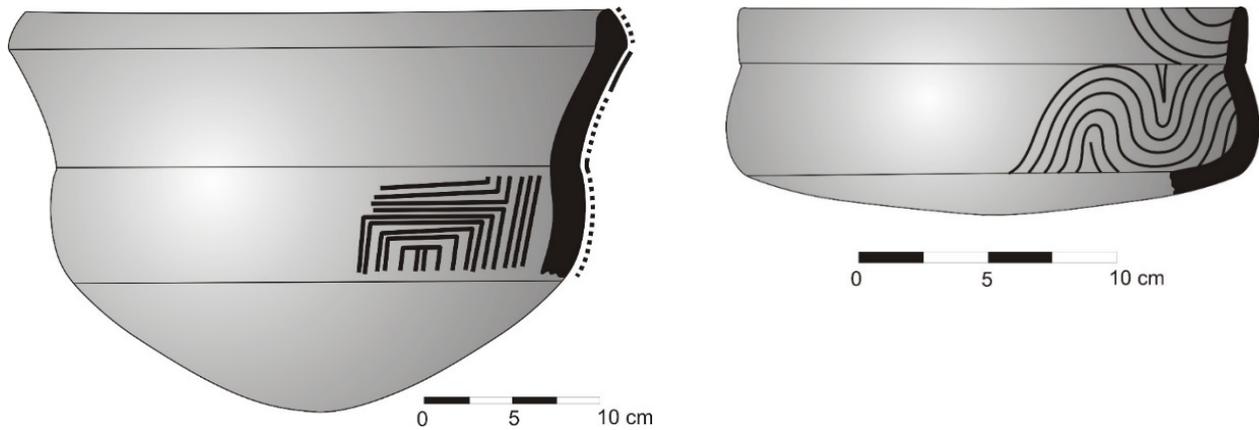


Figura 76. Urna e tampa do sepultamento 423-B.

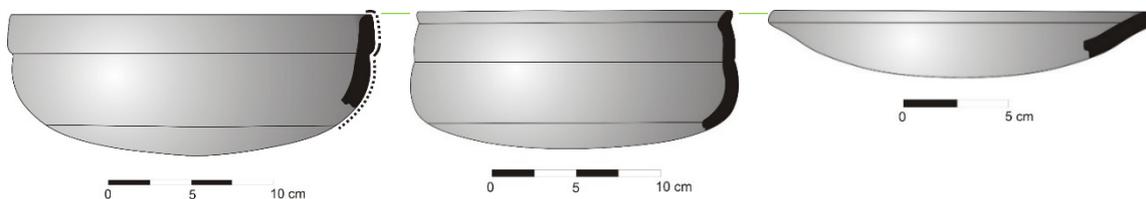


Figura 77. Outras vasilhas reconstituídas: a primeira à esquerda, pintada externamente; as demais, pintadas internamente.

O material lítico (cat. MARSUL 424):

É pouco abundante na amostra e está composto por (**Figura 78**):

- 1 talhador bifacial grande sobre plaqueta de basalto (cat. MARSUL 424).
- 1 talhador bifacial grande sobre seixo de basalto (cat. MARSUL 424).
- 1 talhador unifacial grande sobre seixo (cat. MARSUL 424).
- 1 talhador bifacial grande em basalto (cat. MARSUL 425).

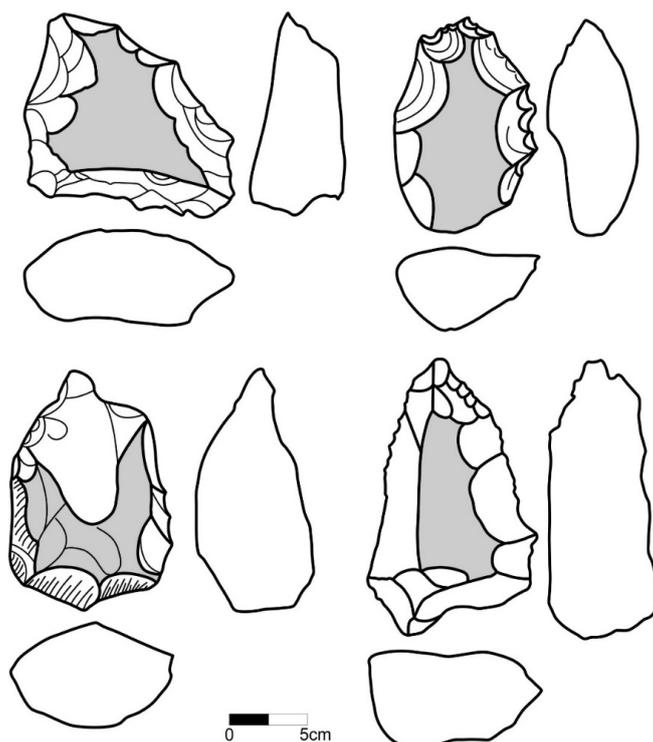


Figura 78. Material lítico do sítio RS-S-266.

RS-S-377 (IAP RS-313): WALTER LUDWIG

Catálogo MARSUL 4387

O sítio:

Recanto Vila Nova, Novo Hamburgo, RS. No topo e encosta de um pequeno morro, P.A. Mentz Ribeiro recolheu cerâmica num pasto que foi longamente cultivado e já serviu para plantação de eucalipto. Terreno arenoso, róseo-avermelhado. Tamanho 30 m de diâmetro. Água próxima: sangas a 200 a 300 m.

O sítio foi registrado junto ao IPHAN em 10/08/68, por P.A. Mentz Ribeiro.

No acervo do MARSUL, não foi localizado o croqui do sítio, somente a coleção de material arqueológico e a descrição acima.

A cerâmica:

Na Tabela 53, o número considerável de fragmentos pequenos (além dos não classificados) mostra um sítio bastante impactado pelo cultivo e pela plantação de eucalipto. O alto grau de alteração dos fragmentos fez que não se pudessem reconhecer os Pintados, que foram somados aos Simples.

Tabela 53. Tamanho dos fragmentos

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-2,5 cm	28		18	46 (23,71%)
2,6-5,0	99	2	27	128 (65,98%)
5,1-7,5	13		4	17 (8,76%)
7,6-10,0	2		1	3 (1,55%)
Total	142 (73,20%)	2 (1,03%)	50 (25,77%)	194

Não classificados: 19.

Na **Tabela 54**, a espessura dos fragmentos indica predominância de vasilhas grandes.

Tabela 54. Espessura dos fragmentos

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm				0
0,51-0,75	17	1	22	40 (20,62%)
0,76-1,0	78	1	15	94 (48,45%)
1,1-1,25	47		13	60 (30,93%)
Total	142 (73,20%)	2 (1,03%)	50 (25,77%)	194

Não classificados: 19.

Antiplástico: areia densa com alguns grãos maiores de quartzo.

Não havia bordas com tamanho suficiente para mostrar a forma das vasilhas.

O material lítico:

Um afiador-em-canaleta e um polidor em arenito friável, um seixo-percutor de 7,5 x 6,5 x 3,5 cm.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-371 e 372 (IAP RS-233/234): ALBERTO HENRIQUE LANZER

Catálogo MARSUL 4379 e 4380

O sítio:

Campo Bom, RS. Na encosta de um morro entre Campo Bom e Novo Hamburgo foram recolhidos poucos cacos de cerâmica em dois pontos. Terreno arenoso. Acácia. 200 x 100 m. Arroio a 600 m. Coleta superficial em terreno longamente plantado.

O sítio foi registrado junto ao IPHAN e 25/03/67 por P.A. Mentz Ribeiro (**Figura 79**).

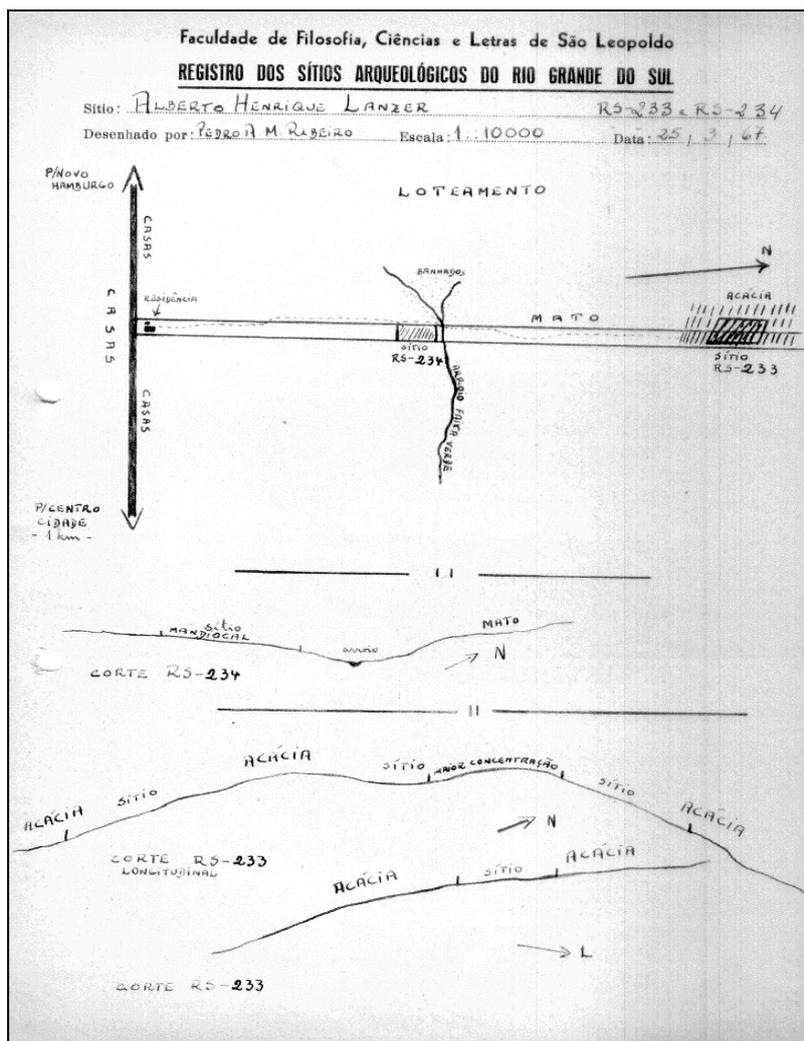


Figura 79. Croqui do sítio RS-S-371 e 372: Alberto Henrique Lanzer, de Pedro A. M. Ribeiro.

A cerâmica:

A coleta RS-S-371 (cat. MARSUL 4379), de um modo geral, se apresenta fortemente impactada, com poucos fragmentos coletados.

Na Tabela 55, percebe-se o alto grau de impacto sobre a cerâmica pela concentração dos fragmentos em tamanhos muito pequenos.

Tabela 55. Tamanho dos fragmentos. MARSUL 4379.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-2,5cm	17			17 (32,07%)
2,6-5,0	24	4		28 (52,83%)
5,1-7,5	6			6 (11,32%)
7,6-10,0	2			2 (3,78%)
Total	49 (92,45%)	4 (7,54%)	0	53

A Tabela 56 indica tendência para a produção de vasilhas grandes. O estado de conservação não permite outras observações.

Tabela 56. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm				0
0,51-0,75				0
0,76-1,0		4		4 (7,55%)
1,1-1,25	22			22 (41,51%)
1,26-1,5	27			27 (50,94%)
Total	49 (92,45%)	4 (7,54%)	0	53

Antiplástico areia fina a média.

Existe a borda de uma tigela, Corrugado 3, de 32 cm de abertura de boca.

O material lítico:

Um raspador com uma depressão circular na superfície externa.

Para a coleta RS-S-372 (cat. MARSUL 4380), a **Tabela 57** mostra que o sítio sofreu impacto de alguma importância, mas preservou uma amostra representativa, composta por cerâmica bem-acabada, na qual predomina o Corrugado, que é regular e sem impressão de unhas; o Simples/Pintado está bem representado e o Ungulado é apenas vestigial.

Devido ao estado de conservação do material, não foram separados os fragmentos Simples dos Pintados.

Tabela 57. Tamanho dos fragmentos. MARSUL 4380.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-2,5cm	5			5 (1,49%)
2,6-5,0	145	1	45	191 (57,02%)
5,1-7,5	80	1	19	100 (29,85%)
7,6-10,0	28		5	33 (9,85%)
10,1-12,5	4		1	5 (1,49%)
12,6-15,0	1			1 (0,30%)
Total	263 (78,51%)	2 (0,60%)	70 (20,89%)	335

Não classificados: 14.

As espessuras, na **Tabela 58**, indicam muitas vasilhas médias a grandes.

Tabela 58. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm				0
0,51-0,75	28	1	17	46 (13,73%)
0,76-1,0	72	1	35	108 (32,24%)
1,1-1,25	137		14	151 (45,07%)
1,26-1,5	26		4	30 (8,96%)
Total	263 (78,51%)	2 (0,60%)	70 (20,89%)	335

Não classificados: 14.

Dentre estas vasilhas, estão representadas panelas corrugadas de bordas infletidas com aberturas de boca de 16, 18, 26 e 36 cm; grandes tigelas corrugadas de borda direta com 26, 26, 28 e 36 cm; cambuchis caguabá com pintura externa, de 18, 18, 20, 22, 24, 24 cm de boca; com pintura interna, de 22 e 30 cm e um cambuchi pintado com 38 cm de boca (**Figura 80**).

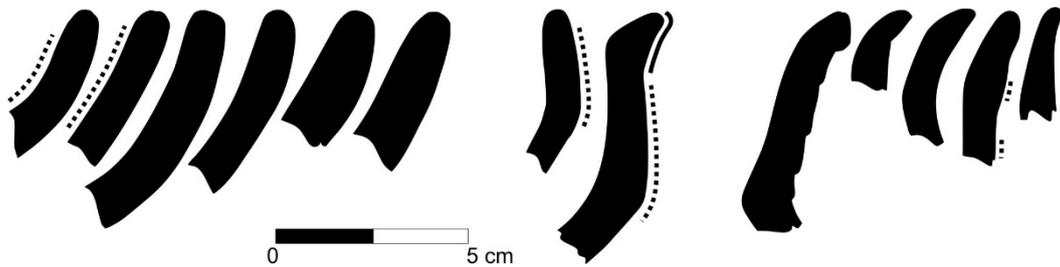


Figura 80. Bordas do sítio RS-S-372.

O antiplástico é areia densa, com muito quartzo e alguma hematita.

Material lítico: um afiador em canaleta em arenito.

Assentamento: Aldeia.

6. SAPIRANGA

Os sítios Tupiguarani do município de Saporanga estão na margem direita do médio vale do Rio dos Sinos, em ambiente que era de Floresta Estacional Semidecídica. A água mais próxima, disponível para o consumo ordinário, a pesca e eventual transporte dos moradores, costumava ser um arroio ou uma nascente, mesmo quando estavam na baranca do rio (**Figura 81**).

A estrutura era de pequenas aldeias indígenas com poucas construções aleatoriamente distribuídas, cujos resíduos principais são fragmentos cerâmicos, alguns artefatos líticos e solos escurecidos com grânulos de carvão. Longos anos de ocupação do espaço por agricultores familiares impactaram fortemente os sítios, cujo estado de conservação, por ocasião da pesquisa, era precário a muito precário; hoje, depois da intensificação do uso do solo para cultivos, reflorestamento e urbanização, dificilmente se encontram vestígios dessas antigas aldeias. Para elas não existem datações por C¹⁴, nem documentos históricos.

A pesquisa foi realizada majoritariamente pelo grupo formado por Pedro A. Mentz Ribeiro, Plínio Dall’Agnol, Guilherme Naue (Irmão Valeriano) e Pedro I. Schmitz, ligados ao Instituto Anchieta de Pesquisas e por Eurico Th. Miller do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL). As amostras provenientes de alguns sítios foram depositadas no IAP, as de outros no MARSUL, sendo que algumas não foram novamente encontradas.

Dias (2015) analisou a cerâmica de alguns desses sítios (RS-S-375, RS-S-378, RS-S-281, RS-S-282 e RS-S-283), que foram retomados por Schmitz e Rogge em 2017, além de vários outros sítios nos municípios de Parobé e Taquara e no vale do rio Paranhana (ver **Janela 8**).

As amostras utilizadas no presente estudo são as seguintes:

Sítios afastados do rio:

RS-S-375: Otto Wingert 1. Mentz Ribeiro. 1967. 1 mancha. 1 coleta. MARSUL 4385. 39 fragmentos. Antiplástico de areião. Incompleto. Foi estudado anteriormente por Dias (2015; 2016:130 e 138-142). UTM 22 J 496766.38 E; 6723955.70 S.

RS-238 a. Wilibaldo Felt. Mentz Ribeiro. 1967. 1 mancha. 1 coleta. IAP 210. 137 fragmentos. Antiplástico de areião. 26 bordas. UTM 22 J 496689.90 E; 6725293.94 S.

RS-238 b. Wilibaldo Felt. Mentz Ribeiro. 1967. 1 mancha. 1 coleta. IAP 211. 375 fragmentos. Antiplástico de areião. 59 bordas. UTM 22 J 496689.90 E; 6725293.94 S.

RS-S-378: José Wenter (IAP RS-240a). Mentz Ribeiro. 1967. 1 mancha. 1 coleta. MARSUL 4388. 144 fragmentos. Antiplástico caco moído. 38 bordas. Também estudado anteriormente por Dias (2016: 131 e 138-142). UTM 22 J 498221.84 E; 6723844.03 S.

RS-242: Willy Closs. Mentz Ribeiro e Dall’Agnol. 1967. 1 mancha. 1 coleta. IAP 209. 53 fragmentos. Antiplástico areia média. 9 bordas. UTM 22 J 496417.04 E; 6728315.06 S.

RS-SN: Picada Verão - Família Lima. Schmitz. 1967. 1 mancha. 1 coleta. IAP 869. 142 fragmentos. Antiplástico areião e areia. UTM 22 J 495686.09 E; 6727647.75 S.

Sítios próximos ao rio:

RS-S-281. Porto Palmeira 1. Miller. 1967. 3 manchas. 1 coleta. MARSUL 454. 129 fragmentos. Caco moído. Bordas? Presença de Tradição Taquara. Estudado anteriormente por Dias (2016: 126-127 e 138-142). UTM 22 J 505558.47 E; 6715506.59 S.

RS-S-282. Porto Palmeira 2. Miller. 1965. 3 manchas. 1 coleta, 2 cortes. MARSUL 455. 486 fragmentos. Caco moído. 69 bordas. Presença de Tradição Taquara. Estudado anteriormente por Dias (2016: 127-129 e 138-142).

RS-S-283. Porto Palmeira 3. Miller. 1965. 2 manchas. 1 coleta, 1 corte. MARSUL 462. 323 fragmentos. Caco moído. 38 bordas. Presença de Tradição Taquara. Estudado anteriormente por Dias (2016: 129-130 e 138-142). UTM 22 J 505558.47 E; 6715506.59 S.

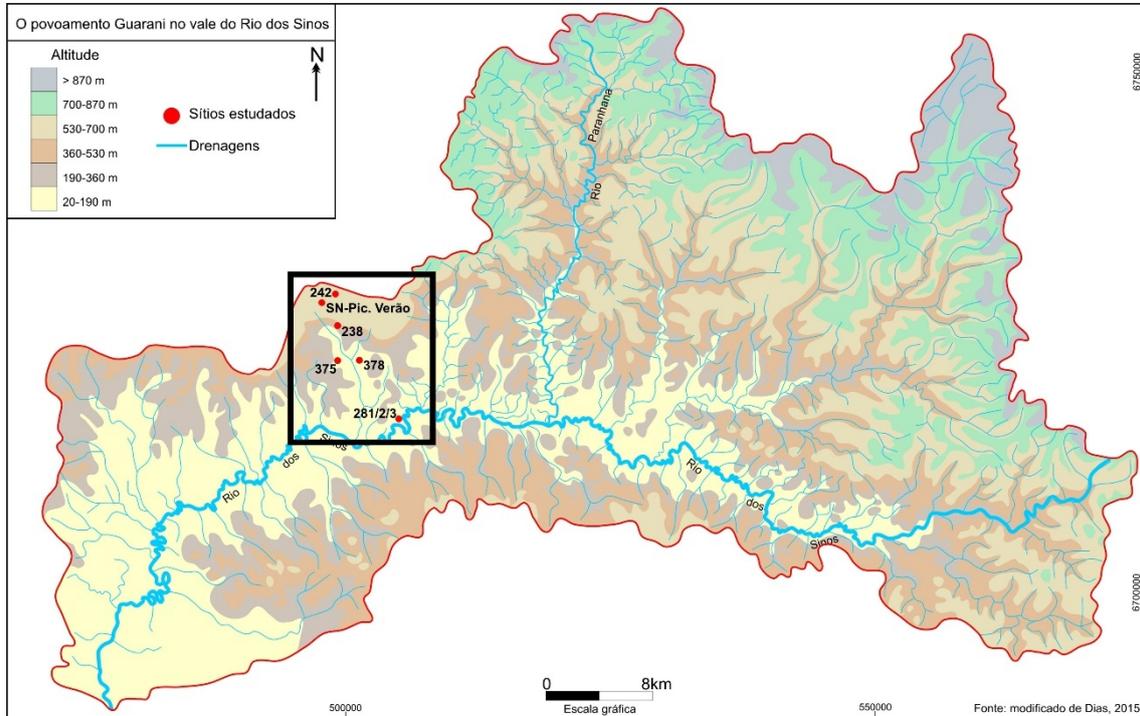


Figura 81. Localização dos sítios de Saporanga.

JANELA 8

Sítios estudados por Dias (2015):

RS-S-296: Arroio Iraparú 1	RS-S-30: Tucanos
RS-S-297: Arroio Iraparú 2	RS-S-34: Morro Negro
RS-S-299: Arroio Lamp 1	RS-S-260: Pinhal
RS-S-300: Arroio Lamp 2	RS-S-291: Zezinho Paz 1
RS-S-320: Rodeio Bonito 1	RS-S-292: Zezinho Paz 2
RS-S-321: Rodeio Bonito 2	RS-S-281: Porto Palmeira 1
RS-S-293: Arroio Taquara	RS-S-282: Porto Palmeira 2
RS-S-380: Moquém 2	RS-S-283: Porto Palmeira 3
TQ-1: Mineiro	RS-S-375: Otto Wingert 1
TQ-2: Km 4	RS-S-382: Otto Wingert 2
TQ-4: Patomé	RS-S-378: José Wenter 1
	RS-S-383: José Wenter 2

RS-S-375: OTTO WINGERT 1

Catálogo MARSUL 4385

O sítio:

Sapiranga, proprietário: Otto Wingert. O sítio 1 (4385) está na encosta sul de uma suave elevação de terreno e o 2 (4395) na encosta norte de um morro próximo à baixada e distante do 1, em linha reta, 600 m, aproximadamente.

Para chegar aos sítios toma-se a estrada Sapiranga-Kraemer Eck; até a casa do proprietário são 3 km e está à esquerda da estrada; uns 100 m depois, à direita um caminho de roça leva ao sítio 1, distante 400 m e bem junto ao caminho, à direita; para o 2 deve-se tomar o caminho à esquerda, distante uns 200 m depois da casa do Sr. Otto, e neste último caminho, mais 200 m, depois de passar por um arroio e iniciar a subida (está em ambos os lados, mas o caminho cortou a extremidade leste do mesmo).

Sítio 1: área de 30 m de diâmetro, solo arenoso, água mais próxima: arroio Sapiranga uns 100 m ao sudoeste. Material: cerâmica Tupiguarani. O local é lavrado há 15 anos e no início apareciam manchas pretas no chão. Cultivo: mandiocal (parte de mato natural cobre o sítio).

Sítio 2: solo arenoso, área de 30 m de diâmetro, água mais próxima arroio Sapiranga 150 ao norte. Material: Cerâmica Tupiguarani. Cultivo: mandiocal, canavial e macegas. O proprietário diz que aparecia mancha preta circular, mas fazem 45 anos que o local é lavrado. Registrado por: Pedro Augusto Mentz Ribeiro. Data: 25/03 e 22/04/67.

O sítio RS-S-375: Otto Wingert 1 forma um conjunto com RS-S-382: Otto Wingert 2. Na reserva técnica do MARSUL, receberam numeração de catálogo distintas: 4385 e 4395, respectivamente.

Dias (2015:85) afirma não ter encontrado, nos arquivos do MARSUL, nenhum croqui ou fotografia desses sítios, mas somente a descrição e o material arqueológico. Porém um croqui, produzido por P. A. Mentz Ribeiro, foi localizado no arquivo do Instituto Anchieta de Pesquisas e é mostrado na **Figura 82**.

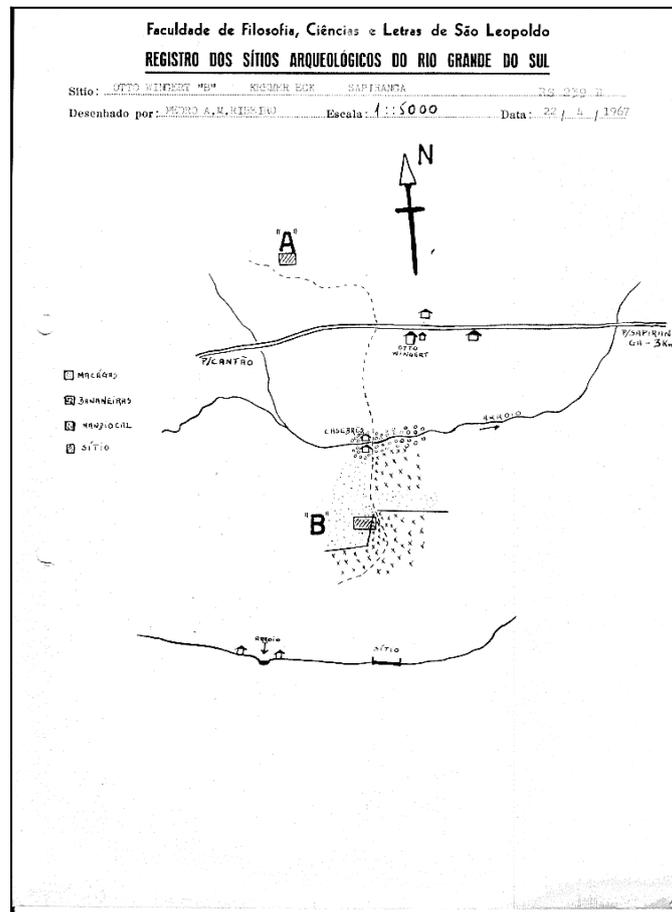


Figura 82. Croqui do sítio RS-S-375 Otto Wingert 1 (“A”) e RS-S-382: Otto Wingert 2 (“B”), de Pedro A. M. Ribeiro.

A cerâmica:

Segundo Dias (2016:130 e 138-142), na ficha de contagem de material existente no Museu, no sítio RS-S-375 foram recolhidos, em superfície, 157 fragmentos cerâmicos da tradição Tupiguarani; no RS-S-382 foram recolhidos em superfície 82 fragmentos de cerâmica Tupiguarani. Do RS-S-375 ele analisou 156 fragmentos; do RS-S-382 analisou 82 fragmentos.

Na reanálise feita em 2017 por Rogge e Schmitz, no sítio RS-S-375 (cat. MARSUL 4385), só foram encontrados 39 fragmentos cerâmicos. O material do sítio RS-S-382 não foi reanalisado.

Devido à ausência da maior parte do material cerâmico, fica difícil interpretar o significado da porcentagem de acabamento e o grau de impacto no sítio. No entanto, no que foi analisado, os fragmentos conservados são predominantemente grandes (**Tabela 59**).

Tabela 59: Tamanho dos fragmentos

Tamanho	Corrugado 3	Simples+Pint.	Total
0-2,5cm			0
2,6-5,0	5	12	17 (43,59%)
5,1-7,5	2	4	6 (15,38%)
7,6-10,0	9	2	11 (28,21%)
10,1-12,5	2	3	5 (12,82%)
Total	18 (46,15%)	21 (53,85%)	39

Não classificado: 1.

A **Tabela 60** indica a presença de vasilhas médias a grandes.

Tabela 60. Espessura dos fragmentos

Espessura	Corrugado 3	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm			0
0,51-0,75			0
0,76-1,0	11	4	15 (38,46%)
1,1-1,25	5	14	19 (48,72%)
1,26-1,5	2	3	5 (12,82%)
Total	18 (46,15%)	21 (53,85%)	39

Não classificado: 1.

Antiplástico: areia densa, com maior quantidade de grãos de quartzo, algum feldspato. Na cerâmica avermelhada, muitos grânulos de hematita.

Para as bordas e formas, ver Dias (2015).

Não foram observadas marcas de uso.

O material lítico: não há ocorrência.

Assentamento: Aldeia.

S-238: WILIBALDO FELT

Catálogo IAP 210, 211

O sítio:

Picada São Jacó, Sapiranga, RS. Na encosta de morro, de solo arenoso, junto à estrada que liga a Picada São Jacó ao morro Ferrabraz, foi encontrada cerâmica em dois pontos da propriedade: junto à casa, em superfície de 100 x 30 m (IAP 210) e na encosta mais acima, em superfície de 200 x 80 m (IAP 211). Existe disponibilidade de água a 150 m (pequeno arroio) e a 600 m (arroio São Jacó). Foram realizadas coletas superficiais por P.A. Mentz Ribeiro e Plínio Dall'Agnol, que depositaram o material no Instituto Anchieta de Pesquisas.

O sítio foi registrado junto ao IPHAN em 09/04/67, por P.A. Mentz Ribeiro (**Figuras 83 e 84**).

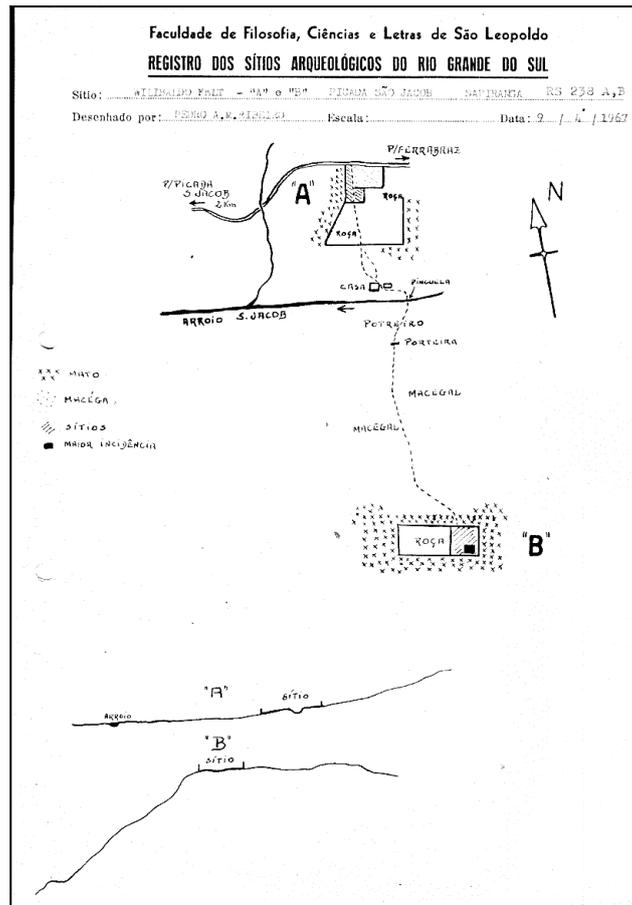


Figura 83. Croqui do sítio RS-238: Wilibaldo Felt, de Pedro A. M. Ribeiro.



Figura 84. Vista do sítio RS-238: Wilibaldo Felt. Foto de Pedro A. M. Ribeiro.

A cerâmica da coleta A (cat. IAP 210)

A Tabela 61 mostra a ausência do Corrugado 2, a predominância do Corrugado 3 e

uma porcentagem bastante alta do Ungulado. Predominam fragmentos de tamanho médio, indicando algum impacto antrópico recente no sítio.

Tabela 61. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5cm				3	3 (2,19%)
2,6-5,0	32	12	9	13	66 (48,18%)
5,1-7,5	30	15	4	8	57 (41,60%)
7,6-10,0	6	4	1		11 (8,03%)
Total	68 (49,63%)	31 (22,63%)	14 (10,22%)	24 (17,52%)	137

A **Tabela 62** mostra a ocorrência de vasilhame de tamanhos médios e grandes, inclusive com acabamento Ungulado.

Tabela 62. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm				1	1 (0,73%)
0,51-0,75	3	1	5	5	14 (10,22%)
0,76-1,0	36		2	15	53 (38,69%)
1,1-1,25	29	15	7	3	54 (39,41%)
1,26-1,5		15			15 (10,95%)
Total	68 (49,63%)	31 (22,63%)	14 (10,22%)	24 (17,52%)	137

Antioplástico: areia média angulosa, densa, com alguns grânulos de hematita.

Bordas: ocorrem ao todo 26 bordas, sendo 12 com acabamento Corrugado 3, 2 Ungulado, 7 Pintado e 5 Simples (**Figura 85**).

Marcas de uso: há ocorrência de película escura interna em 8 fragmentos de cerâmica Corrugado 3 e 4 em Ungulado.

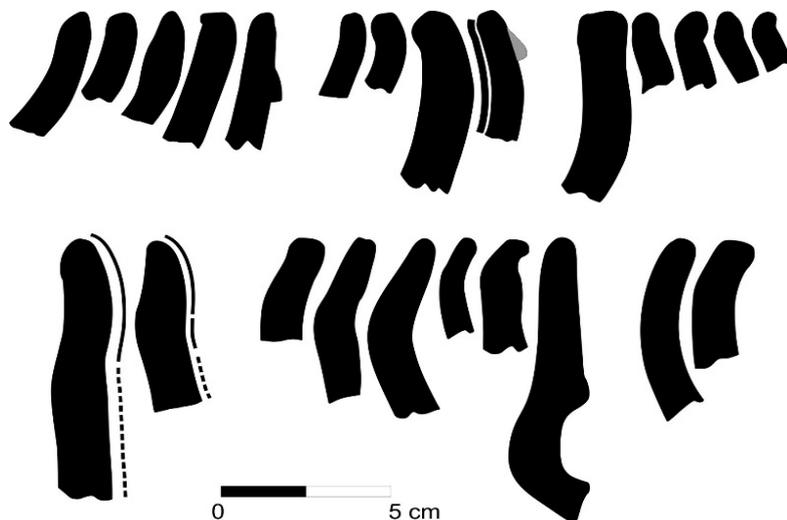


Figura 85. Bordas da cerâmica do sítio RS-238, cat. IAP 210.

O material lítico:

Ocorre um talhador em basalto, com ambas as faces trabalhadas.

Assentamento: Aldeia.

Cerâmica da Coleta B (cat. IAP 211)

A **Tabela 63** mostra predominância de cerâmica com acabamento Corrugado 3, mas com presença significativa do Corrugado 2. O acabamento Ungulado é bem representado e há uma discreta ocorrência de Escovado, além de presença forte de Pintado e Simples. Os fragmentos são grandes e bem preservados, permitindo boa reconstituição de todas as formas mais comuns e indicando relativamente pouco impacto sobre o sítio.

Tabela 63. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrug. 2	Corrug. 3	Ung.	Esc.	Pintado	Simples	Total
0-2,5cm					1	2	3 (0,80%)
2,6-5,0	12	82	12	1	15	21	143 (38,13%)
5,1-7,5	19	79	12	3	19	26	158 (42,13%)
7,6-10,0	6	27	4	1	11	2	51 (13,60%)
10,1-12,5	6	7			4		17 (4,53%)
12,6-15,0		2			1		3 (0,80%)
Total	43 (11,47%)	197 (52,53%)	28 (7,47%)	5 (1,33%)	51 (13,60%)	51 (13,60%)	375

A **Tabela 64** mostra que todos os tamanhos dos vasilhames estão bem representados no sítio.

Tabela 64. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrug. 2	Corrug. 3	Ung.	Esc.	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm		1					1 (0,27%)
0,1-0,75		13	1		8	5	27 (7,20%)
0,76-1,0	6	44	8	1	11	24	94 (25,07%)
1,1-1,25	30	101	17	3	32	17	200 (53,33%)
1,26-1,5	7	38	2	1		5	53 (14,13%)
Total	43 (11,47%)	197 (52,53%)	28 (7,47%)	5 (1,33%)	51 (13,60%)	51 (13,60%)	375

Antiplástico: composto por areia quartzosa, angulosa, com grânulos de hematita.

A coleção pode ser tomada como amostra típica da cerâmica Tupiguarani do vale dos Sinos, mas com uma característica própria: reforço na parte superior da borda, que se repete no sítio RS-S-293: Arroio Taquara (**Figuras 86, 87 e 88**).

O Corrugado 2 é bem regular, sem impressão de unhas, com a sequência de corrugações frequentemente formando canais verticais. Há fragmentos de painéis e de tigelas. As bordas devem ser como as mais espessas do Corrugado 3. As bases não são reforçadas. Ocorre uma única borda de uma tigela.

Marcas de uso: ocorrem 34 fragmentos com presença de película escura (19 fragmentos internamente, 9 externamente, 6 interna e externamente), que corresponde a

79,07% da cerâmica com esse acabamento. Quatro fragmentos, perto da base, estão erodidos, mas limpos. Alguns fragmentos têm crosta carbonizada escura dentro, especialmente em direção à base, o que pode indicar cozimento de alimento pastoso. No bojo também aparecem crostas escuras, mas com uma camada menos acentuada.

O Corrugado 3 é alto e regular, mas há certa quantidade de fragmentos em que, junto com o Corrugado aparece a impressão da unha. As faixas são largas e destacadas e há certa quantidade de ombros, separando o corrugado da borda do corrugado da base, que geralmente apresenta um alisado irregular. Ocorrem 38 fragmentos de bordas e 5 de bases.

Marcas de uso: são 160 fragmentos, perfazendo 81,22% da cerâmica com acabamento Corrugado 3. Desses, 64 apresentam película escura externamente e 68 interna e externamente; 28 fragmentos apresentam outros tipos de marcas de uso.

Das bordas que foram graficamente representadas, somente 3 não apresentam marcas ou película escura interna e/ou externamente. Nas bases, frequentemente existe uma crosta carbonizada. Nas paredes interna e externa, muitas vezes a coloração escura não é totalmente de cor preta, mas acinzentada e estão presentes tanto nos recipientes grandes como nos pequenos. Em geral, as bases não são especialmente reforçadas e uma delas apresenta impressão de cestaria fina, possivelmente indicando o suporte sobre o qual foi produzida.

O Ungulado está representado pela impressão de unha sobre um alisamento anterior da superfície externa.

Marcas de uso: 20 fragmentos (71,43% do total) apresentam película escura internamente (71,42%).

O Escovado está representado somente por 5 fragmentos, dos quais 3 estão fortemente erodidos internamente.

No acabamento Pintado, a pintura é sempre externa. Estão representados fragmentos de ao menos 5 formas de recipientes, de tamanho médio a grande. Devido às inflexões e ângulos das vasilhas, a superfície interna costuma apresentar estrias altas de alisamento.

Marcas de uso: dos 51 fragmentos, 17 (33,33%) apresentam película escura. Destes, 5 apresentam película de cor preta internamente, 4 a apresentam mais acinzentada internamente, 4 apresentam película escura externa e 4 apresentam interna e externamente.

Da cerâmica Simples, 3 são bordas e 2 bases.

Marcas de uso: 31 fragmentos (60,78% do total) apresentam película escura, sendo 20 fragmentos internamente, 8 externamente e 3 internamente e manchas escuras externas. Destes, 3 são tigelas escuras externamente e 1 interna e internamente.



Figura 86. Bordas da cerâmica do sítio RS-238, cat. IAP 211, Corrugado, Ungulado e Pintado interno.

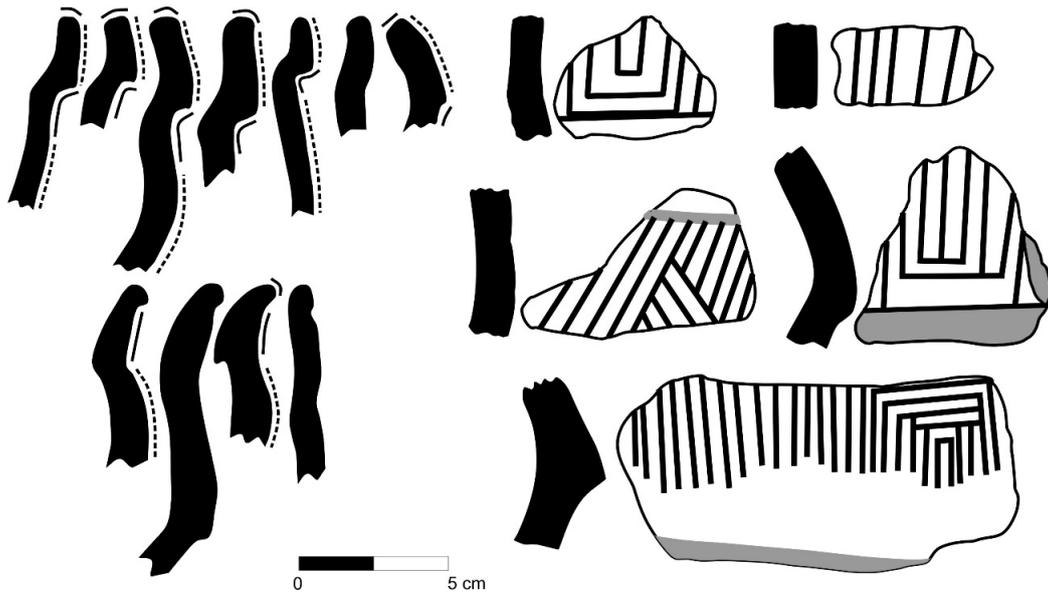


Figura 87. Bordas da cerâmica do sítio RS-238, cat. IAP 211, Pintado externo e Simples.

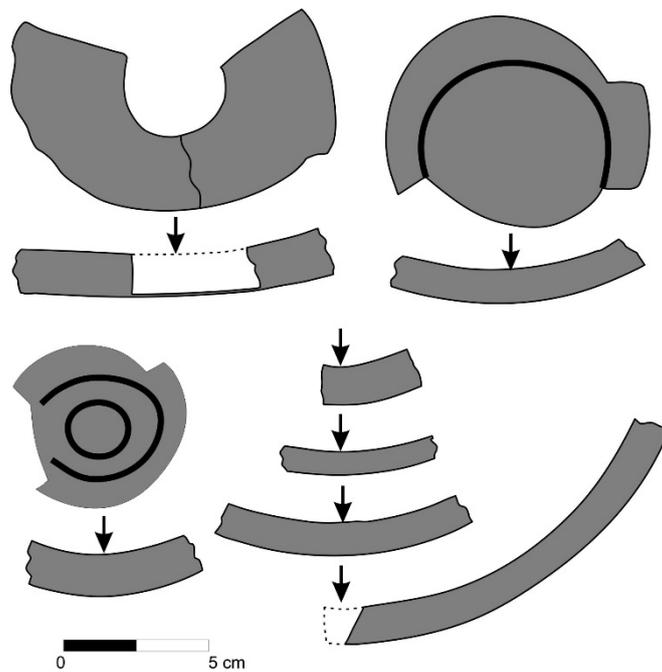


Figura 88. Bases da cerâmica do sítio RS-238, cat. IAP 211.

O material lítico: Não há material lítico.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-378 (IAP RS-240 A e B): JOSÉ WENTER

Catálogo MARSUL 4388, 4389

O sítio:

Morro Ferrabraz, Sapiranga. Proprietário: José Wenter. Para chegar-se nos sítios deve-se tomar a estrada de Amaral Ribeiro ao Morro Ferrabraz; uns 3 km da primeira localidade, no grande patamar do morro, depois de um entroncamento sendo que a esquerda acompanha o patamar podendo-se, por ele, alcançar ou a parte baixa novamente, ou a Picada São Jacob e, seguindo-se reto por uns 100 m, à direita, está a casa do proprietário. Nos fundos da casa, distante uns 50 m, num lugar plano, está o sítio 1; o sítio 2 está em frente, de outro caminho, uns 150 m distante e num local mais alto, num pequeno patamar.

Sítio A: área de 50 x 30 m, solo avermelhado (basalto em decomposição); água mais próxima é uma vertente e pequenos córregos (o mais próximo 100 m); cultivo de milho, aveia e cana-de-açúcar. Material: cerâmica tupiguarani. (O proprietário) Encontrava manchas pretas de mais ou menos 5 m de diâmetro logo que abriu o mato para fazer roça; encontrou 3 manchas e uma delas tinha mais ou menos 10 m de diâmetro, fazem muitos anos.

Sítio B: área 100 x 300 m, solo avermelhado (basalto em decomposição), água mais próxima vertentes e córregos (mais próxima a 100 m); cultivo de hortaliças e solo areado para cultivo. Material: cerâmica tupiguarani. O proprietário doou uma boleadeira.

O sítio foi registrado junto ao IPHAN em 25/05/67, por P. A. Mentz Ribeiro (**Figuras 89, 90 e 91**).

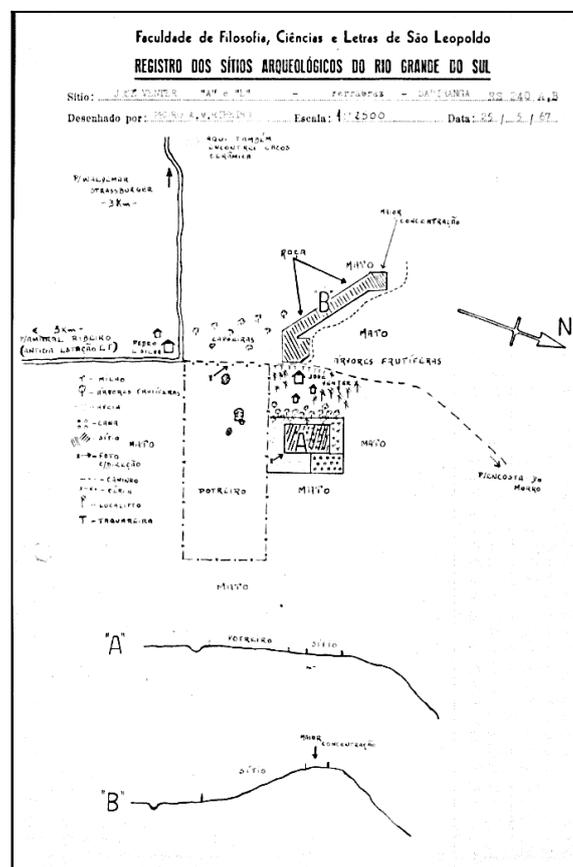


Figura 89. Croqui do sítio RS-S-378: José Wenter, de Pedro A. M. Ribeiro.



Figura 90. Vista do sítio A. Foto de Pedro A. M. Ribeiro.



Figura 91. Vista do sítio B. Foto de Pedro A. M. Ribeiro.

A cerâmica:

Segundo Dias (2016: 131 e 138-142), sob o número de catálogo MARSUL 4388, correspondente ao primeiro sítio, constam 99 fragmentos de cerâmica, que foram analisa-

dos e dois objetos líticos (um seixo e um fragmento de basalto); no catálogo MARSUL 4396, correspondente ao segundo sítio, não constaria nenhum material. Dias estudou os 99 fragmentos provenientes do primeiro sítio.

Rogge e Schmitz, em 2017, reanalisaram a cerâmica desse sítio depositada no acervo do MARSUL, localizando 144 fragmentos, sob o número de catálogo MARSUL 4389.

A **Tabela 65** mostra um sítio com impacto relativamente pequeno, no qual as vasilhas se quebraram em fragmentos grandes, que não sofreram erosão, o que possibilita uma contagem aproximada de seu número, o qual indica um assentamento pequeno, ou a casa de uma aldeia. O Corrugado 3 baixo, irregular, com muitas impressões de unhas irregularmente distribuídas, mais alguma presença de Ungulado e Escovado sugerem assentamento recente. Por ser de difícil separação, contabilizamos os fragmentos Pintados juntamente com os Simples.

Tabela 65. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Escovado	Simples+Pint.	Total
0-2,5cm					0
2,6-5,0	38	15	3	12	68 (47,22%)
5,1-7,5	32	9	3	9	53 (36,81%)
7,6-10,0	13	4	1	2	20 (13,89%)
10,1-12,5	2				2 (1,39%)
12,6-15,0	1				1 (0,69%)
Total	86 (59,72%)	28 (19,44%)	7 (4,87%)	23 (15,97%)	144

A **Tabela 66** e as bordas mostram material utilitário médio de uma casa, com ausência de grandes painéis de cozinhar e vasos para fermentar bebida, característicos de uma comunidade maior.

Tabela 66. Espessura dos fragmentos

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Escovado	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm					0
0,51-0,75	8	4		2	14 (9,72%)
0,76-1,0	46	21	2	17	86 (59,72%)
1,1-1,25	27	3	5	4	39 (27,09%)
1,26-1,5	5				5 (3,47%)
Total	86 (59,72%)	28 (19,44%)	7 (4,87%)	23 (15,97%)	144

Ocorrem 12 fragmentos de bordas infletidas, com acabamento Corrugado ou Corrugado Ungulado, que correspondem a 6 painéis com abertura de boca entre 22 e 34 cm; os 2 fragmentos de bordas infletidas com acabamento Ungulado correspondem a duas painéis com abertura de boca de 16 e 24 cm; os 20 fragmentos de bordas diretas de Corrugado correspondem a 11 vasilhas, com aberturas de boca entre 24 e 30 cm, e uma de 16 cm; ainda existem quatro bordas diretas de tigelas pintadas, com aberturas de 18 e 20 cm e uma simples com 30 cm (**Figura 92**).

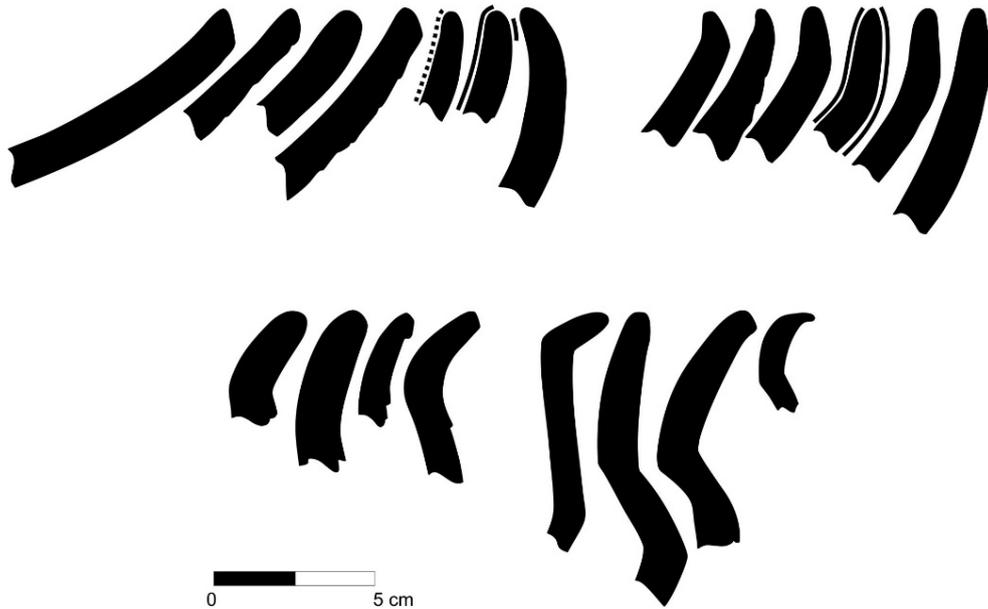


Figura 92. Bordas da cerâmica do sítio RS-S-378, cat. MARSUL 4389.

Antiplástico: Caco moído bem fino, que resulta em superfícies suaves ao tato.

O material lítico: um seixo e um fragmento de basalto.

Assentamento: Uma casa de uma aldeia.

RS-242: WILLY CLOSS

Catálogo IAP 209

O sítio:

Picada Verão, Sapiranga. No vale do arroio Feitoria em patamar na média encosta, em pequena plantação de milho, cercada por mato e macegas, numa superfície de 20 x 20 m, foram recolhidos 53 fragmentos cerâmicos. Água disponível em pequenos córregos a uns 150 m. O solo é avermelhado escuro (terra de mato) e, em 1967, tinha sido lavrado três anos, sem aparecerem manchas escuras. Na proximidade foi encontrada uma lâmina de machado de 20 cm de comprimento, associada a fragmentos cerâmicos, mas como o local estava coberto por mato e macegal, o trabalho ficou para outro momento, que não chegou. Foram recolhidos 53 fragmentos.

O sítio foi registrado em 09/04/1967, por Plínio Dall'Agnol e Pedro Augusto Mentz Ribeiro, em 9/4/1967 (**Figura 93**).

Tabela 68: Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Escovado	Total
0-0,5 cm		1		1 (1,96%)
0,51-0,75	1			1 (1,96%)
0,76-1,0	19	29	1	49 (96,08%)
Total	20 (39,22%)	30 (58,82%)	1 (1,96%)	51

Não classificados: 2.

Antiplástico: Areia média.

Ungulado: 9 bordas.

Marcas de uso: 16 fragmentos Corrugado apresentam película escura internamente e 6 fragmentos Ungulado, película escura interna.

O material lítico: Não há ocorrência.

Assentamento: Aldeia.

RS-SN: PICADA VERÃO-FAMÍLIA LIMA

Catálogo IAP 869

O sítio:

O material foi recolhido por Pedro Ignácio Schmitz em um terreno recém-lavrado, perto do mato que cobre o restante do sítio, na Reserva Ambiental Picada Verão, antigo Sítio da Família Lima (grupo musical conhecido no país), próximo ao arroio Feitoria.

A cerâmica:

Está bastante bem conservada, sendo possível reunir fragmentos dos mesmos recipientes (**Tabela 69**). Foram recolhidos 142 fragmentos.

Tabela 69. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corr.	Corr. Ung.	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-2,5cm		2	2		1 + 2**	7 (4,93%)
2,6-5,0	5	23 + 4*	22	4	1 + 1**	60 (42,25%)
5,1-7,5	3	18 + 8*	11		1	41 (28,87%)
7,6-10,0	3	6 + 2*	7		1 + 1**	20 (14,09%)
10,1-12,5	3	2 + 1*	4			10 (7,04%)
12,6-15,0	3		1			4 (2,82%)
Total	17 (11,97%)	66 (46,48%)	47 (33,10%)	4 (2,82%)	8 (5,63%)	142

*Fragmentos de uma mesma tigela, da qual existem 2 bordas e mais 13 não contabilizados

** Com banho vermelho interno

A **Tabela 70** mostra que estão representados, principalmente, recipientes de tamanho médio.

Tabela 70: Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corr.	Corr. Ung.	Ungulado	Pint. Ext.	Simples	Total
0-0,5 cm		2				2 (1,41%)
0,51-0,75	2	16	14	2	1**	35 (24,65%)
0,76-1,0	4	25 + 15*	33		4 + 3*	84 (59,15%)
1,1-1,25	11	8		2		21 (14,79%)
Total	17 (11,97%)	66 (46,48%)	47 (33,10%)	4 (2,82%)	8 (5,63%)	142

*Fragmentos de uma mesma tigela, da qual existem 2 bordas e mais 13 não contabilizados

** Com banho vermelho interno

Existem dois tipos de acabamentos Corrugado: um regular, sem impressão de unha, o outro, bastante irregular e com presença constante da impressão de unha. A base de um recipiente corrugado apresenta acabamento Escovado alto e regular.

O Ungulado é abundante como acabamento independente, mas também ocorre na maior parte do Corrugado. Ele pode ser pequeno e regular ou grande e menos regular.

Há dois tipos de antiplástico: a maior parte dos fragmentos contém areia mais arredondada e fina, ou mais grossa; o outro antiplástico é formado de pequenos grãos irregulares de quartzo ou feldspato bem salientes, distribuídos pela pasta.

Marcas de uso: 13 fragmentos com acabamento Corrugado regular (76,47% do total) apresentam película escura; 3 internamente, 1 externamente, 7 interna e externamente, 1 apresenta manchas externas e 1 internas e externas. Dos corrugados ungulados, 44 fragmentos apresentam película escura (66,66% do total), sendo que 29 são escuros internamente, 1 externamente, 11 internos e externos e 3 têm manchas escuras junto ao lábio interna e externamente. Todos os fragmentos de uma mesa tigela apresentam manchas escuras externas.

Entre os Ungulados, 32 fragmentos apresentam película escura (68,08% do total), sendo 25 escuros internos, 6 internos e externos e 1 escuro externo. Os fragmentos com acabamento Simples e Pintado não apresentam película escura.

As bordas existentes (**Figura 94**) indicam uma produção de vasilhas com formas tradicionais Tupiguarani.

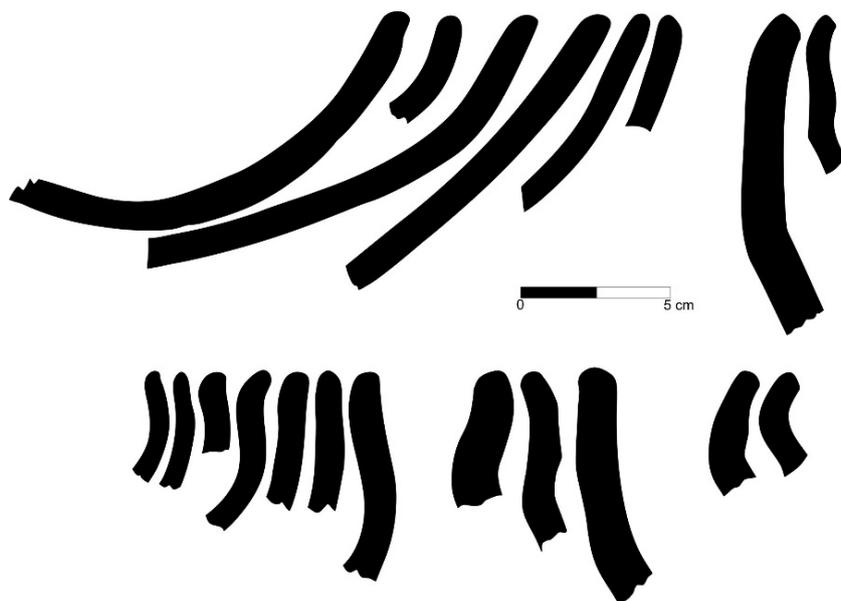


Figura 94. Bordas da cerâmica do sítio RS-SN: Picada Verão

Material lítico: Não foi coletado.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-281: PORTO PALMEIRA 1

Catálogo MARSUL 454

O sítio:

Esse sítio faz parte do complexo de 3 sítios na localidade de Porto Palmeira, sendo aquele que está localizado mais próximo da margem direita do rio dos Sinos (Figuras 95 e 96). Cerca de 200 m mais a noroeste, afastando-se do rio, em uma área mais elevada, estão os outros dois sítios.

Proprietário: Olmerindo Cesário da Silva, morador local. Sítio de habitação Guarani. Superfície parte campo e parte roça de mandioca e cana-de-açúcar, mais ou menos limpa. Duas manchas pequenas de terra escura. A margem direita do rio dos Sinos, uns 120 m, no local chamado Porto das Palmeiras. Elevação baixa tipo coxilha. Ao sul, o rio e banhados, a oeste pequena várzea com arroio, ao norte roça e S-282 e ao leste a estrada para o porto (barca) com plantação de acácia. Solo mais ou menos solto (arado) cor cinza marrom claro, ao redor solo arenoso argiloso. Cacos pequenos a médios, erodidos. Alguns, do tipo Morro da Formiga (Taquara). Poucos petrefatos. (Eurico Th. Miller, 26.12.65 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL).

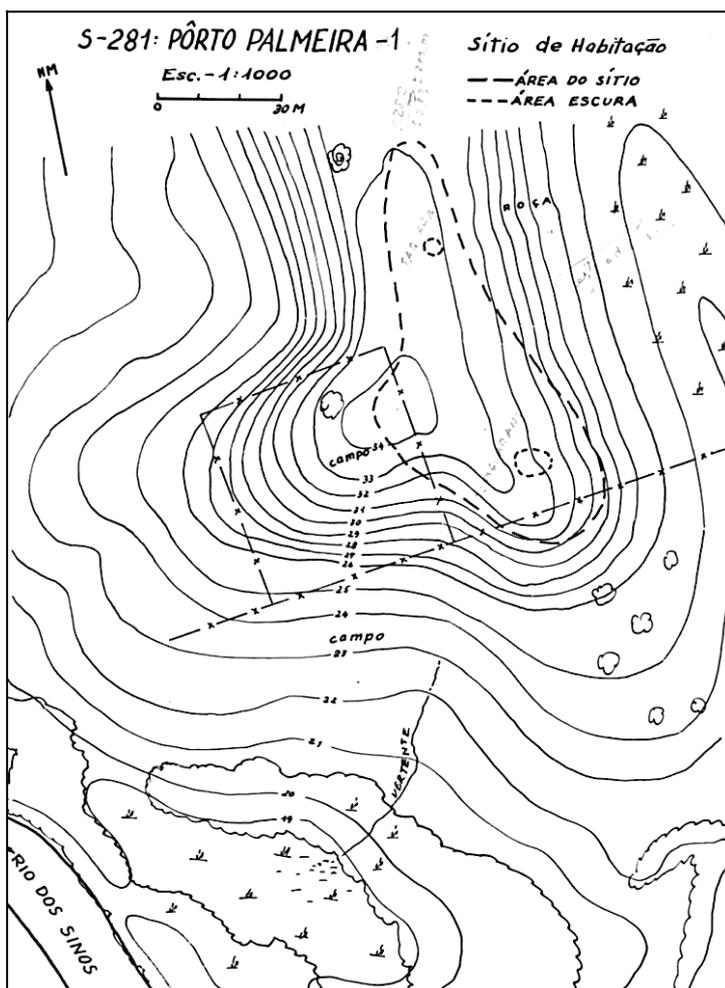


Figura 95. Croqui do sítio RS-S-281: Porto Palmeira 1, de Eurico Th. Miller.



Figura 96. Vista geral da área do sítio RS-S-281: Porto Palmeira 1. Foto de Eurico Th. Miller.

A cerâmica:

Dias (2016:126-127 e 138-142), analisou 123 fragmentos da tradição Tupiguarani e dois fragmentos da tradição Taquara, mais uma peça quebrada que lembra um fornilho de cachimbo.

Rogge e Schmitz, em 2017, reanalisaram a mesma coleção cerâmica, encontrando 129 fragmentos. Devido ao alto grau de erosão da cerâmica, não foram separados os Pintados dos Simples, sendo computados conjuntamente.

A **Tabela 71** mostra que o sítio está bastante impactado, reduzindo muito o tamanho dos fragmentos e erodindo as superfícies e bordas. Com relação ao acabamento de superfície, há domínio quase total dos Corrugados.

Tabela 71. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Simples+Pint.	Total
0-2,5 cm	55	20	75 (58,14%)
2,6-5,0	39	3	42 (32,56%)
5,1-7,5	11	1	12 (9,30%)
Total	105 (81,39%)	24 (18,61%)	129

A **Tabela 72** sugere a presença de peças médias a grandes. A amostra é insuficiente para outras considerações.

Tabela 72. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm			0
0,51-0,75	10	5	15 (11,63%)

0,76-1,0	49	14	63 (48,84%)
1,1-1,25	42	5	47 (36,43%)
1,26-1,5	4		4 (3,10%)
Total	105 (81,39%)	24 (18,61%)	129

Existem dois fragmentos (na realidade um quebrado ao meio) de tradição Taquara, ponteados (cestaria).

Antiplástico: Caco moído bem fino, que produz superfícies e arestas suaves ao tato.

As bordas não foram desenhadas por serem poucas e pequenas (ver Dias, 2015:147).

O material lítico:

Segundo Dias (2015), o material lítico está representado por 19 artefatos. A matéria prima mais utilizada é o basalto, geralmente de boa qualidade, com a produção de diferentes instrumentos, tais como talhadores, mãos-de-pilão e algumas lascas com gume retocado (Figura 97). Ocorrem, ainda, alguns fragmentos de arenito friável e um raspador de arenito silicificado. Esta análise não foi retomada.

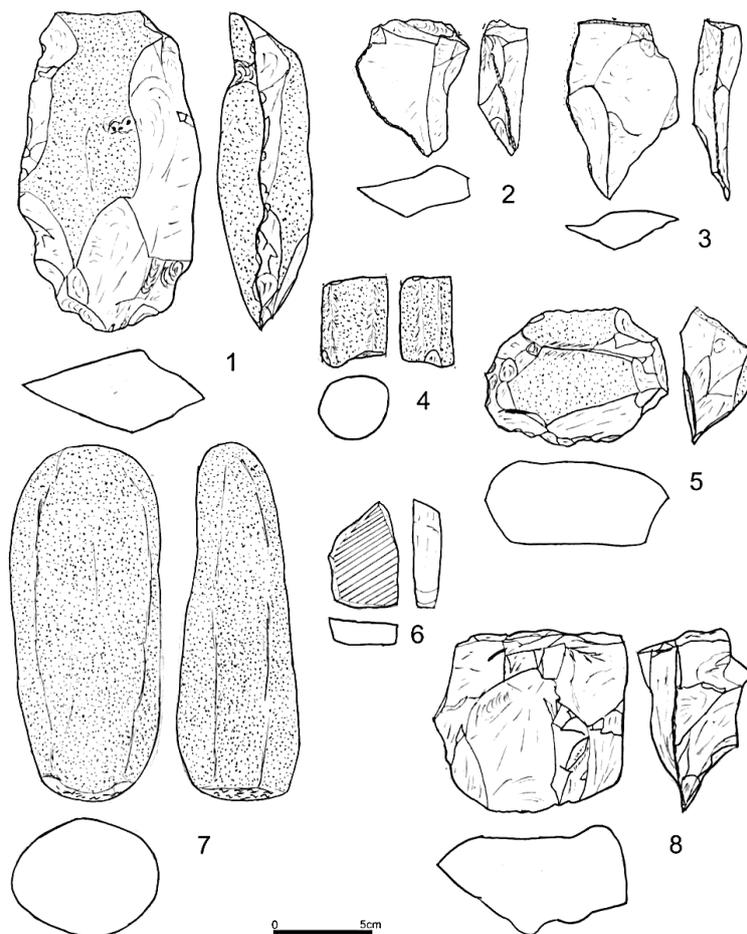


Figura 97. Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-281. 1 e 8 – talhadores bifaciais (basalto), 2 e 3 – lascas secundárias com gume retocado (basalto), 4 – fragmento de mão de pilão (basalto), 5 – raspador plano-convexo (arenito silicif.), 6 – fragmento com face polida (arenito friável), 7 – mão de pilão (basalto).

Fonte: Dias (2015:148).

Assentamento: Aldeia.

RS-S-282: PORTO PALMEIRA 2

Catálogo MARSUL 455

O sítio:

Pela mesma coxilha do S-281 para o norte \pm 120 m. A oeste pequena várzea e arroio, para norte roça e banhado, a oeste junto ao sítio estrada do porto (barca) para o sul S-281. Solo \pm solto (arado) cor cinza marrom claro, ao redor solo areno-argiloso. Três manchas de terra escura. Cacos pequenos a médios, alguns grandes, \pm erodidos, colhidos em toda a superfície, principalmente aqueles que talvez pertençam a um panelão com escora interna. Alguns cacos tipo Morro da Formiga (Taquara). Poucos petrefatos. Proprietário: Olimerindo Cesário da Silva, morador local (terras dos familiares). Data: Miller, 27/12/65. (Eurico Th. Miller, 27.12.65 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figura 98).

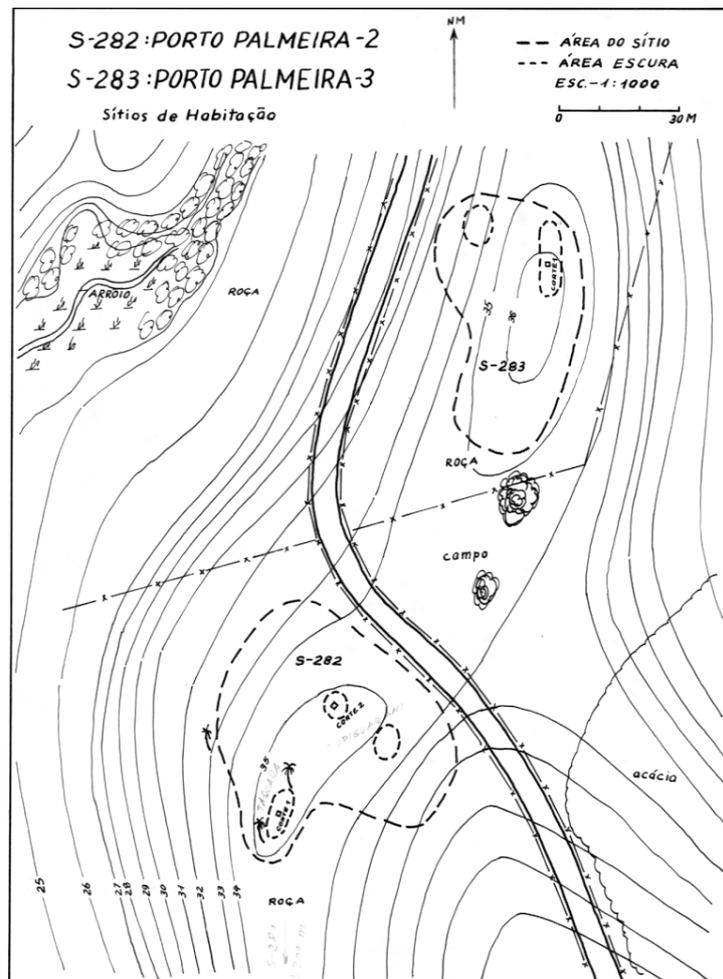


Figura 98. Croqui dos sítios arqueológicos RS-S-282: Porto Palmeira 2 e RS-S-283: Porto Palmeira 3, de Eurico Th. Miller.

Nele foram realizados dois cortes estratigráficos de 1,5 x 1,5 m, com as seguintes descrições:

Corte 1, nível 1, 0-10 cm (MARSUL 456):

Escavação de 1,5 x 1,5 m ao sul do sítio, onde encontramos cacos tipo Morro da Formiga (Taquara) e lascas de arenito cozido. Na superfície alguns cacos e lascas, com plantação de mandioca. Solo solto, cor cinza marrom médio, pouco carvão. Cacos pequenos e erodidos. Algumas lascas. Data: 27/12/65.

Corte 1, nível 2, 10-20 cm (MARSUL 457):

Solo pouco mais compacto, cor cinza marrom escuro, carvão não muito abundante. Cacos pequenos e erodidos. Algumas lascas. Data: 27/12/65.

Corte 1, nível 3, 20-30 cm (MARSUL 458):

Solo fofo, cor cinza marrom claro, pouco carvão. Cacos pequenos e erodidos (até 29 cm). Algumas lascas. Escavamos mais 40 cm chegando a uma camada natural não arqueológica de seixos profundamente (totalmente) oxidados de basalto, que não apresentava à mão muito peso. Data: 27/12/65.

Corte 2, nível 1, 0-10 cm (MARSUL 459):

Escavação de 1,5 x 1,5 m na parte centro-nordeste, ao canto de uma mancha de terra escura. Superfície cultivada com mandioca. Solo solto, cor cinza marrom médio, pouco carvão. Cacos pequenos a médios e pouco erodidos. Data: 27/12/65.

Corte 2, nível 2, 10-20 cm (MARSUL 460):

Solo solto, cor cinza marrom escuro, muito carvão (colhemos amostra para C¹⁴), com algumas manchas cinza marrom claro. Cacos pequenos a médios, pouco erodidos. Data: 27/12/65.

Corte 2, nível 3, 20-30 cm (MARSUL 461):

Solo fofo, cor cinza marrom médio, muito carvão (colhemos amostra para C¹⁴), manchas marrom claro. Cacos pequenos a médios, pouco erodidos. Cacos até 30 cm. Abaixo, aos 35 cm, areia limpa até 80 cm de profundidade. Data: 27/12/65.

A data, não calibrada, para o carvão recolhido, é de 1380 +- 110 anos A.P. (SI-414), ou 570 anos d.C.

A cerâmica:

Dias (2016:127-129 e 138-142), analisou 475 fragmentos Tupiguarani da superfície e 51 fragmentos Taquara também da superfície. Estudou também os materiais das sondagens.

Schmitz e Rogge retomaram a coleção de superfície (MARSUL 455). Devido à grande erosão dos fragmentos, não foram separados os Pintados, que foram contados com os fragmentos Simples.

A **Tabela 73** mostra que o impacto no sítio foi de médio a pequeno, como indicam os tamanhos dos fragmentos. Todas as categorias de vasilhas, com seus acabamentos de superfície, formas e tamanhos estão representadas. Os acabamentos Simples e Pintado, com suas correspondentes formas, são proporcionalmente mais abundantes que na maioria dos sítios do vale.

Tabela 73. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrug. 3	Ungulado	Escovado	Roletado	Simples+Pint.	Total
0-2,5cm	1			5		6 (1,23%)
2,6-5,0	163	7	3	2	112	287 (59,05%)
5,1-7,5	65	1	3		49	118 (24,28%)
7,6-10,0	13		3		29	45 (9,26%)
10,1-12,5	6				16	22 (4,53%)
12,6-15,0					3	3 (0,62%)
15,1-20,0					5	5 (1,03%)
Total	248 (51,03%)	8 (1,65%)	9 (1,85%)	7 (1,44%)	214 (44,03%)	486

A **Tabela 74** as bordas mostram boa representação de vasilhas simples e pintadas de tamanhos grandes, de 32 a 56 cm. As panelas e tigelas corrugadas, com bocas predominantemente ao redor de 30 cm, ocupam uma proporção menor que a tradicional.

Tabela 74. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrug. 3	Ungulado	Escovado	Roletado	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm						0
0,51-0,75	42	7		7	53	109 (22,43%)
0,76-1,0	127	1			57	185 (38,06%)
1,1-1,25	76		9		51	136 (27,98%)
1,26-1,5	3				53	56 (11,52%)
Total	248 (51,03%)	8 (1,65%)	9 (1,85%)	7 (1,44%)	214 (44,03%)	486

Além dos 486 fragmentos de cerâmica Tupiguarani das tabelas acima, foram registrados 3 fragmentos Acanalado, com tamanho entre 7,6-10,0 cm e espessura entre 1,26-1,5 cm (junto à base de vasilhame), dois fragmentos Taquara, um fragmento de cerâmica colonial, vermelha com Ungulação em aresta, com tamanho entre 2,6-5,0 cm e espessura entre 0,76-1,0 cm.

Os desenhos das bordas mostram os modelos do vasilhame (**Figura 99**).

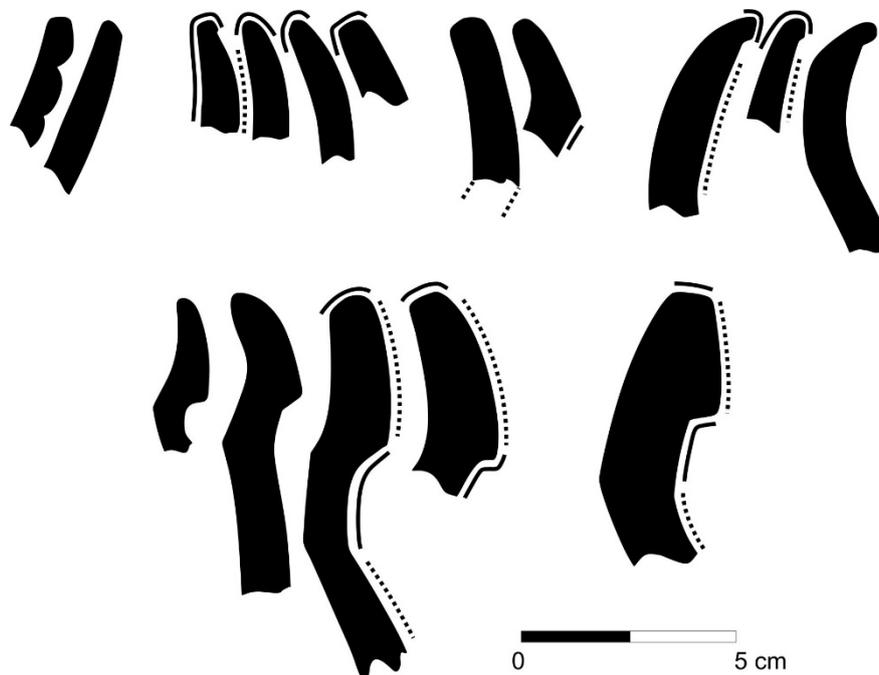


Figura 99. Bordas da cerâmica do sítio RS-S- 282: Porto Palmeira 2.

O antiplástico de caco moído, muitas vezes grande e denso, acompanhado de areia fina e grânulos de hematita, coloca o sítio em conjunto dos mais antigos e bem estabelecidos, próximos ao rio. Ele forma um só assentamento com Porto Palmeira 1 e 3. Nele, é forte a presença da cerâmica Pintada, inclusive as grandes vasilhas.

Dias (2015:153), entre o material de superfície e o dos cortes, encontrou 79 frag-

mentos de cerâmica da tradição Taquara, que classificou da seguinte maneira: 7 Ponteados, 42 Ungulados, 3 Pinçados, 5 com Impressão de Cestaria, 18 Simples e 4 não classificados.

O material lítico:

Schmitz e Rogge não retomaram o material lítico que, segundo Dias (2015), foi representativo tanto na coleta superficial como na primeira sondagem, feita em uma área em que havia tanto cerâmica Tupiguarani, quanto Taquara (**Figura 100**).

Segundo Dias, na coleta superficial, a matéria prima mais largamente utilizada foi o basalto, geralmente ocorrendo na forma de fragmentos naturais ou quebrados intencionalmente, eventualmente como lascas primárias e secundárias. São raros os instrumentos produzidos (somente um pequeno talhador). O arenito silicificado e o friável são pouco comuns, mas o quartzo hialino aparece como elemento importante, com lascas e fragmentos oriundos de retalhamento bipolar.

Nas sondagens realizadas, o material lítico teve maior quantidade e variabilidade na primeira, associada a uma área com material cerâmico da tradição Tupiguarani e Taquara, do que na segunda, exclusivamente Tupiguarani.

Na Sondagem 1, a maior frequência de matéria prima se deu com o uso do basalto, quase sempre como lascas primárias e secundárias, raras com modificações, e fragmentos de lascamento unipolar. É notável novamente a utilização do quartzo hialino, como resíduo de retalhamento bipolar.

Na Sondagem 2, feita em uma área de solo antropogênico associada à ocupação Tupiguarani, o material lítico ocorre em menor quantidade e restrito ao primeiro nível escavado (0-10 cm). O basalto aparece com maior frequência, na forma de lascas primárias e secundárias, eventualmente retocadas. Aparecem 2 fragmentos de prismas, sem modificações e um quebra-coquinho. Não ocorrem outras matérias primas como arenito silicificado e arenito friável e somente um fragmento de quartzo hialino, natural.

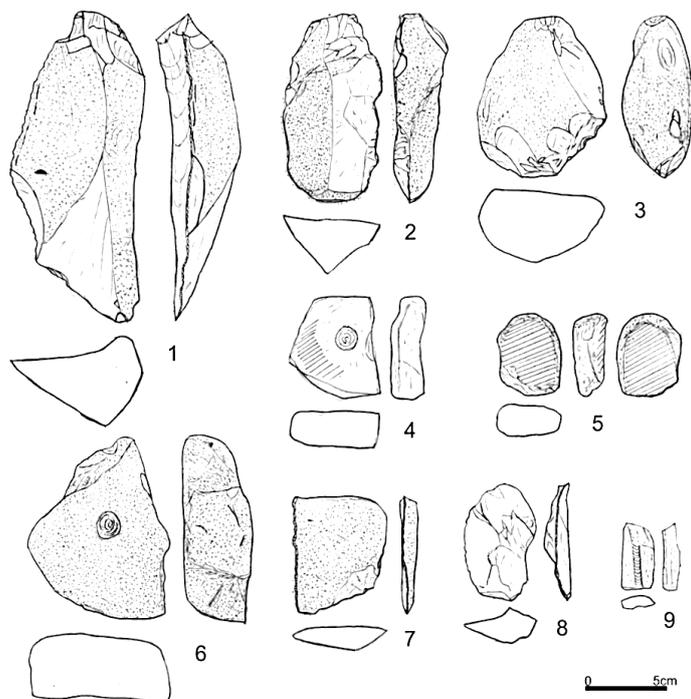


Figura 100. Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-282. 1, 2 e 7 – lasca primária com gume retocado (basalto), 3 – talhador (basalto), 4 e 6 – quebra coquinho (basalto e arenito friável), 5 – seixo com face polida (arenito friável), 8 – lasca secundária com gume retocado (basalto), 9 – afiador em canaleta (arenito friável). Fonte: Dias (2015:156).

Assentamento: Aldeia.

RS-S-283: PORTO PALMEIRA 3

Catálogo MARSUL 462

O sítio:

Este é o terceiro sítio do conjunto Porto Palmeira. Está localizado 70 m a nordeste do anterior, sobre o mesmo terraço, no lado direito da estrada que vai a Sapiranga (ver **Figura 98**).

A nordeste do S-282, a ± 70 m, tendo a estrada do porto entre ambos, e a mesma coxilha por base. Sítio de habitação. A sul e oeste a estrada, ao norte eucaliptos (1 m) e a leste eucaliptos e acácias. Superfície em capinzal e roça de mandioca, com algum milho. Duas manchas de terra escura, a de oeste ocupada por cacos Guarani e a de leste por grande quantidade de lascas e choppers. A 6 m dos cacos Guarani, para o sul, cacos (poucos) tipo Morro da Formiga (Taquara). Cacos médios pouco erodidos. Proprietário: Elísio Costa, morador local (familiares). Data: 27/12/65. (Eurico Th. Miller, 26.12.65 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL).

A mancha 1 só continha cerâmica, da tradição Tupiguarani e Taquara. A mancha 2, na qual foi realizado o corte 2, só rendeu material lítico, que Miller atribuiu à tradição Tupiguarani.

Corte 1, 2 x 2 m, nível 1, 0-10 cm (MARSUL 463):

Escavação de 2 x 2 m ao centro da mancha contendo lascas. Superfície com capim e mandioca. Solo solto cor cinza escuro, pouco carvão, raízes de capim. Algumas lascas e um caco. Data: 27/12/65.

Corte 1, 2 x 2 m, nível 2, 10-20 cm (MARSUL 464):

Solo solto, cor cinza claro, pouco carvão, algumas raízes. Lascas de basalto e arenito cozido, até 18 cm. Nenhum caco. Abaixo até 80 cm nada encontramos. Data: 27/12/65.

O corte foi levado até 0,80 m, com material só até 0,20 cm.

A cerâmica:

Segundo Dias (2016:129-130 e 138-142), a cerâmica Tupiguarani estaria representada na mancha 1 do sítio por 304 fragmentos, além de um pedaço de forninho de cachimbo; também 15 fragmentos da tradição Taquara.

Schmitz e Rogge, em 2017, reanalisaram a amostra e classificaram 323 fragmentos como Tupiguarani e 6 como Taquara. Devido a forte erosão dos fragmentos, não foram separados os Pintados, que foram reunidos com os Simples.

Na **Tabela 75**, o tamanho dos fragmentos e das bordas indica um impacto médio no sítio. A proporção entre o acabamento plástico e o alisado é o tradicional. O Corrugado é bem feito. Não há fragmentos de Ungulado. Há um fragmento de Roletado e três fragmentos de Escovado junto à base. Muitos fragmentos têm engobe ou banho vermelho interno.

Tabela 75. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrug. 3	Escovado	Simples+Pint.	Total
0-2,5 cm				0
2,6-5,0	97	1	35	133 (41,18%)
5,1-7,5	88	2	56	146 (45,20%)
7,6-10,0	18		22	40 (12,38%)
10,1-12,5	1		2	3 (0,93%)

12,6-15,0			1	1 (0,31%)
Total	204 (63,16%)	3 (0,93%)	116 (35,91%)	323

Na **Tabela 76**, a espessura dos fragmentos e o tamanho das bocas indicam boa representação dos tipos de formas, incluindo diversos cambuchis pintados, com bocas de 30 a 52 cm; as panelas e tigelas corrugadas têm bocas menores, com predominância ao redor de 30 cm.

Tabela 76. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Escovado	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm				0
0,51-0,75	42		17	59 (18,27%)
0,76-1,0	96	2	26	124 (38,39%)
1,1-1,25	62	1	65	128 (39,63%)
1,26-1,5	4		8	12 (3,71%)
Total	204 (63,16%)	3 (0,93%)	116 (35,91%)	323

É forte a presença de cerâmica pintada, inclusive em grandes vasilhas (**Figura 101**).

O antiplástico é de caco moído, muitas vezes grande e denso.

Dias (2015:159) ainda encontrou 15 fragmentos da tradição Taquara, que classificou da seguinte maneira: 3 Ponteados, 11 Ungulados e 1 Simples.

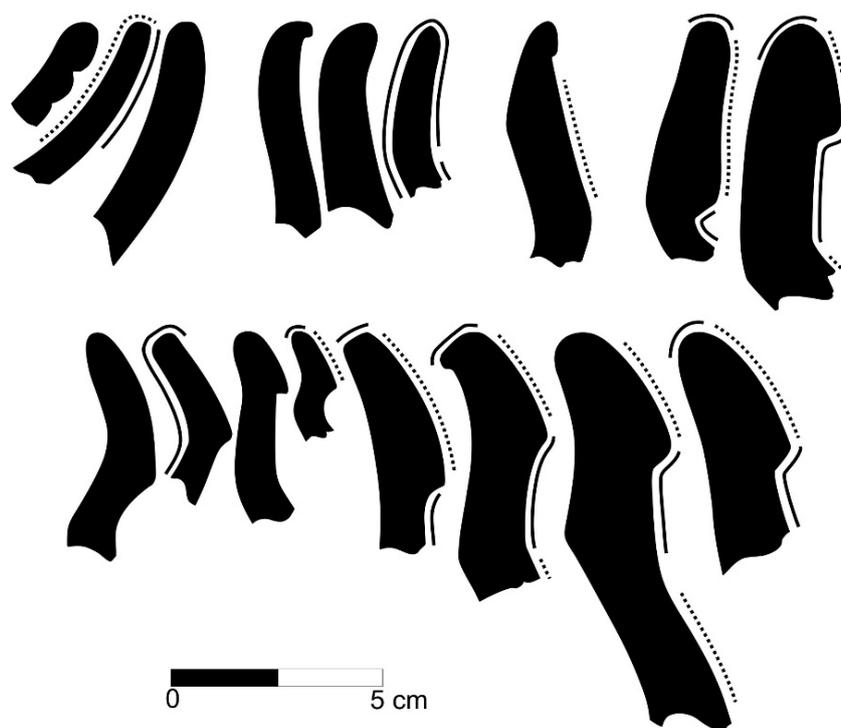


Figura 101. Bordas da cerâmica do sítio RS-S- 283: Porto Palmeira 3.

O material lítico:

Segundo Dias (2015), os artefatos líticos são produzidos preferencialmente em basalto. Na coleta superficial, ocorreram 97 peças, especialmente lascas primárias e secundárias, muitas com retoque em uma aresta para formação de gume; também um talhador, produzido sobre lasca grande e espessa de basalto e um percutor, também em basalto. O arenito silicificado aparece sob a forma de seixos e fragmentos de lascamento; o arenito friável sob a forma de fragmentos, alguns com faces polidas. Um poucas lascas de quartzo hialino e fragmentos de seixos de calcedônia são evidência de retalhamento bipolar.

Na reanálise desse sítio, realizada por Schmitz e Rogge em 2017, o material lítico não foi retomado. Na **Figura 102**, são mostrados alguns artefatos analisados por Dias (2015).

O material cerâmico caracteriza o sítio como uma aldeia, que forma conjunto com outros sítios antigos e bem estabelecidos, próximos ao rio dos Sinos.

Junto com Porto Palmeira 1 e 2, ele forma um só assentamento.

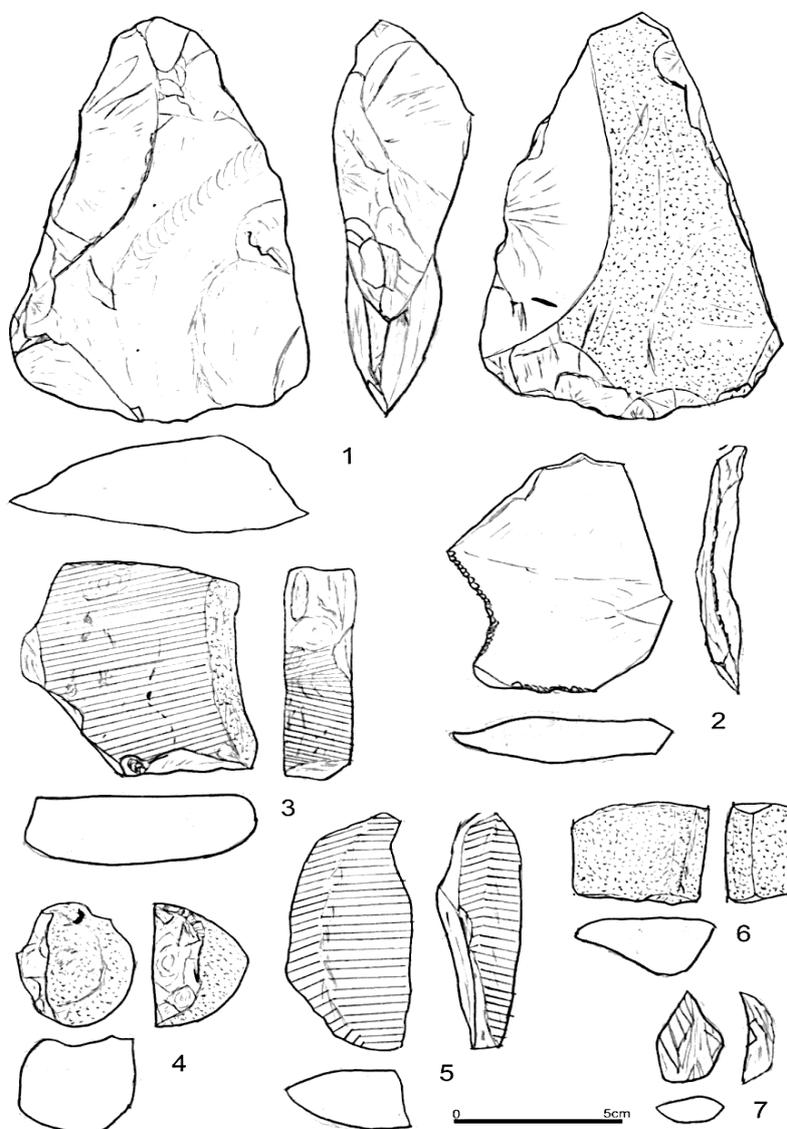


Figura 102. Artefatos líticos mais representativos do sítio RS-S-283. 1 – talhador (basalto), 2 – lasca unipolar secundária com gume retoçado (basalto), 3 – fragmento com faces polidas (arenito friável), 4 – núcleo bipolar (calcedônia), 5 – fragmento de instrumento polido (lâmina de machado?) (basalto), 6 – fragmento de prisma (basalto), 7 – lasca bipolar (quartzo hialino). Fonte: Dias (2015:162).

7. ESTÂNCIA VELHA

Os sítios do município Estância Velha, na margem direita do médio Rio dos Sinos, estão bastante afastados do rio, em ambiente de Floresta Estacional Semidecídua (**Figura 103**). A água mais próxima provém de um arroio e uma nascente. Os sítios foram impactados por longos anos de agricultura tradicional. O estado de conservação é médio. Os dois sítios conformam, cada um, uma aldeia.

As amostras usadas para o estudo são as seguintes:

RS-S-369: Antônio Timóteo da Silva. 1 mancha. 1 coleta. Mentz Ribeiro. 1967. Catálogo MARSUL 4370. 393 fragmentos. Antiplástico: areão. 34 bordas. UTM 22 J 485922.30 E; 6719453.91 S.

S/N: Estância Velha. 4 manchas. 4 coletas. Rogge. 1991. Catálogo IAP 1684 (104 fragmentos), Catálogo IAP 1273 (36 fragmentos), Catálogo IAP 1274 (45 fragmentos), Catálogo IAP 1275 (75 fragmentos). Antiplástico: areia grossa. Numerosas bordas. Forte presença de tradição Taquara. UTM 22 J 481293.96 E; 6722572.15 S.

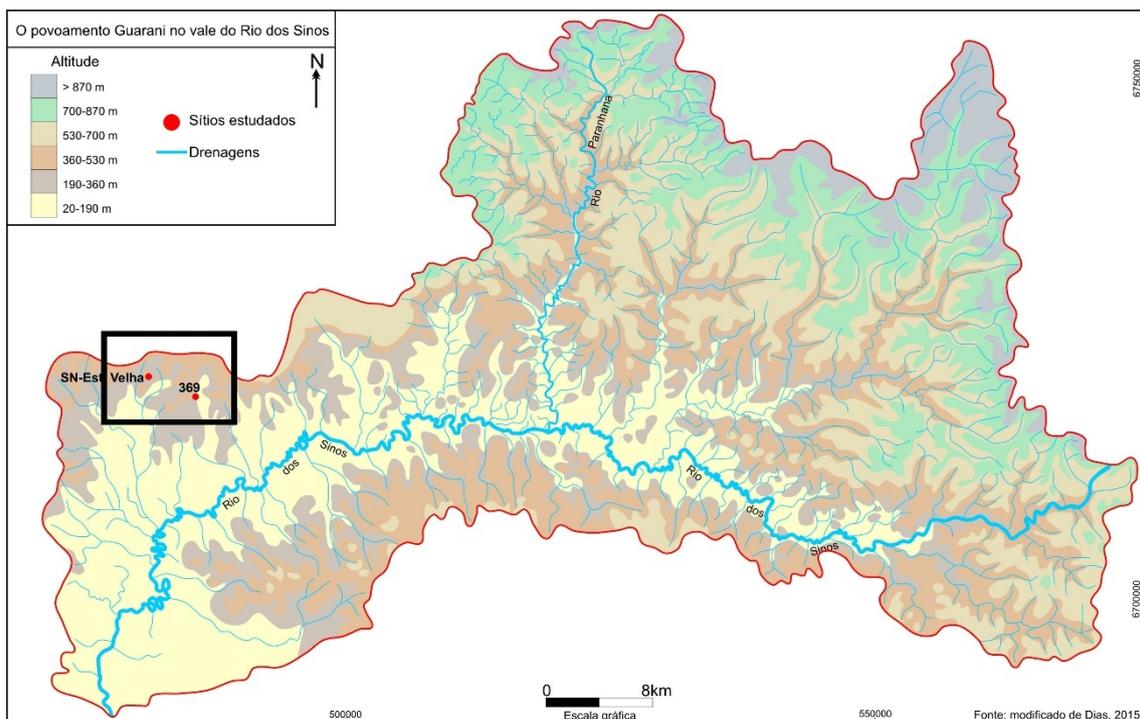


Figura 103. Localização dos sítios de Estância Velha.

RS-S-369 (IAP RS-232): ANTÔNIO TIMÓTEO DA SILVA

Catálogo MARSUL 4370

O sítio:

Km 38, Estância Velha, RS. Na encosta suave de um morro, junto a um arroio, que o contorna e que é afluente do arroio Rau (ou Preto) que atravessa Novo Hamburgo, próximo à BR-116 e à casa do proprietário, foram encontrados alguns fragmentos cerâmicos,

que foram coletados. Terreno arenoso. Mandioca. Superfície: 200 x 60 m. Arroio a 20 m. (Ficha de Registro de Sítio do MARSUL).

O sítio foi registrado junto ao IPHAN em 23/03/67, por P.A. Mentz Ribeiro (**Figura 104**).

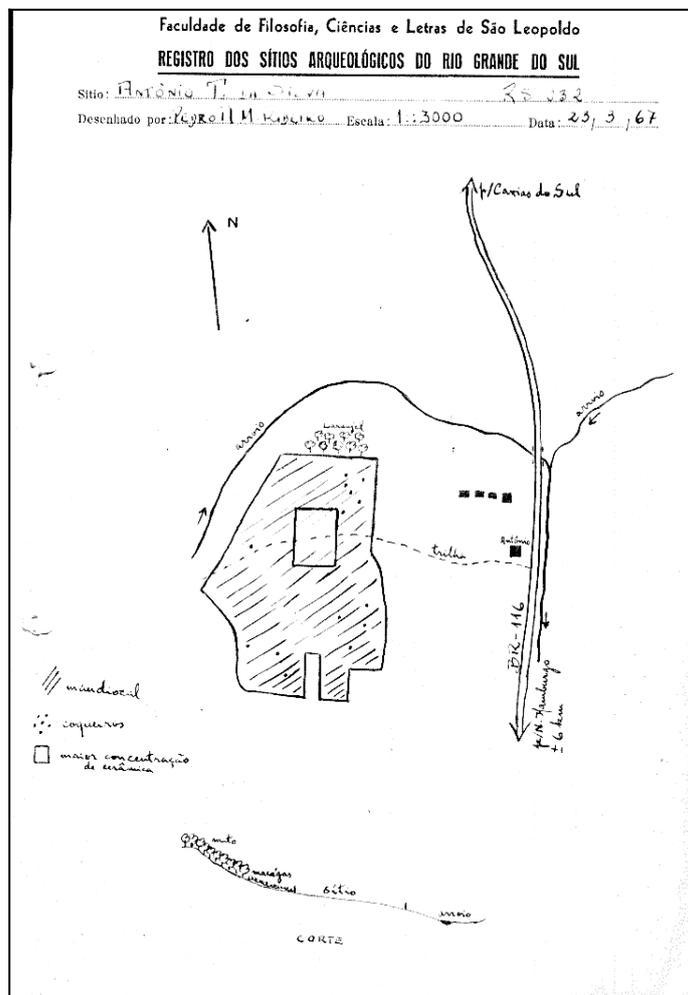


Figura 104. Croqui do sítio RS-S-369: Antônio Timóteo da Silva, de Pedro a. M. Ribeiro.

A **Tabela 77** indica um sítio com impacto médio para pequeno. A erosão superficial e falta de limpeza das superfícies não permitiu a separação de fragmentos Simples e Pintados e também impediu a visualização de crostas ou películas escuras. A distribuição entre os diferentes tipos de acabamentos é a média, encontrada em outros sítios da área. O Corrugado é regular, mas baixo, sem impressão de unhas.

Tabela 77. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-2,5 cm	19		3	22 (5,60%)
2,6-5,0	151	12	67	230 (58,52%)
5,1-7,5	80	5	29	114 (29,01%)
7,6-10,0	17	4	4	25 (6,36%)
10,1-12,5	1	1		2 (0,51%)
Total	268 (68,19%)	22 (5,60%)	103 (26,21%)	393

A **Tabela 78** indica vasilhame de tamanho médio a grande, nos diversos tipos de acabamento.

Tabela 78. Espessura dos fragmentos

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Simples+Pint.	Total
0-0,5 cm				0
0,51-0,75	33	4	22	59 (15,01%)
0,76-1,0	117	15	35	167 (42,49%)
1,1-1,25	105	3	46	154 (39,19%)
1,26-1,5	13			13 (3,31%)
Total	268 (68,19%)	22 (5,60%)	103 (26,21%)	393

Em duas bases existe impressão de cestaria com técnica “costurada”, formando uma faixa.

O antiplástico é areia densa, com muitos grãos de hematita, pequenos fragmentos de quartzo e de feldspato.

Há 22 bordas de Corrugado, com aberturas entre 18 e 42 cm, 6 bordas de Ungulado com aberturas de 14 a 26 cm e 6 bordas de Pintado, com aberturas de 14 a 24 cm. Com exceção do Corrugado, predominam as formas pequenas (**Figura 105**).

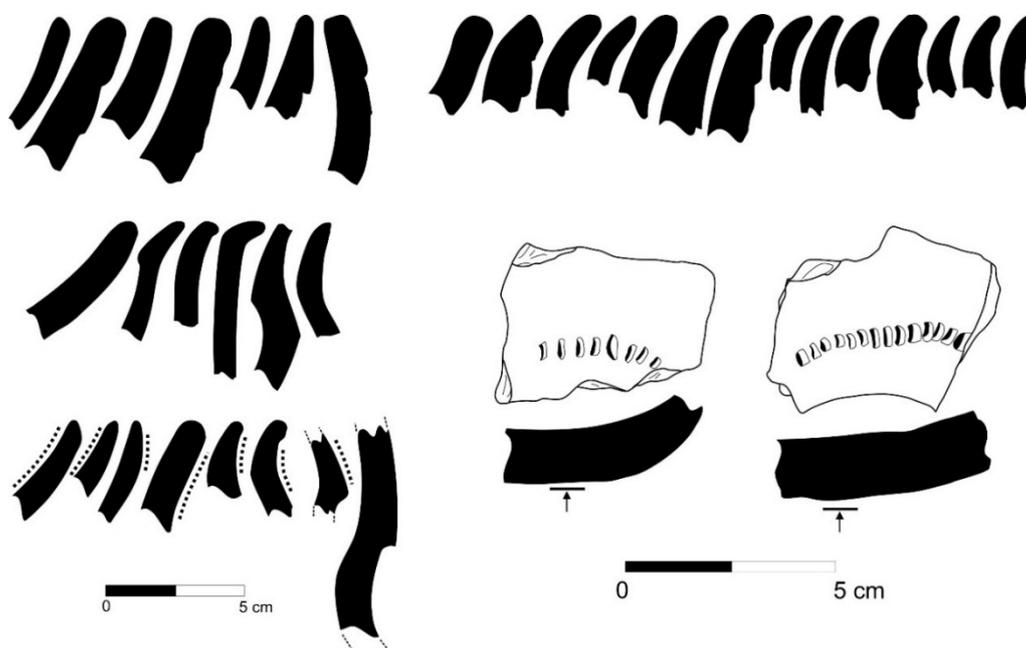


Figura 105. Bordas da cerâmica do sítio RS-S-369: Antônio Timóteo da Silva.
Na linha de cima: Corrugados; no meio, Ungulados; em baixo: Pintados.
Em destaque, fragmentos de bases com impressão de cestaria.

O material lítico: Não foi registrado material lítico.

Assentamento: Aldeia bem estabelecida.

S/N: ESTÂNCIA VELHA

Catálogo IAP 1684, 1273, 1274, 1275

O sítio:

As informações sobre o sítio, sua implantação e as coletas realizadas foram retiradas de J. H. Rogge, a partir de um trabalho manuscrito e não publicado, intitulado "Análise comparativa da cerâmica de dois sítios Tupiguarani", que foi apresentado no VI Simpósio Sul-Rio-Grandense de Arqueologia: Novas Perspectivas, realizado na PUCRS, Porto Alegre, em 02/04/1991.

O sítio está localizado entre as cotas de 60 e 80 metros, na encosta de uma elevação com aproximadamente 150 m de altitude, cercada por dois pequenos córregos de caráter intermitente, que desaguam no arroio Estância Velha, poucos quilômetros ao sul. A distância entre o sítio e a sede de Estância Velha não é maior que 3 quilômetros, utilizando-se uma via secundária e tomando a direção noroeste a partir da área urbana (**Figura 106**).

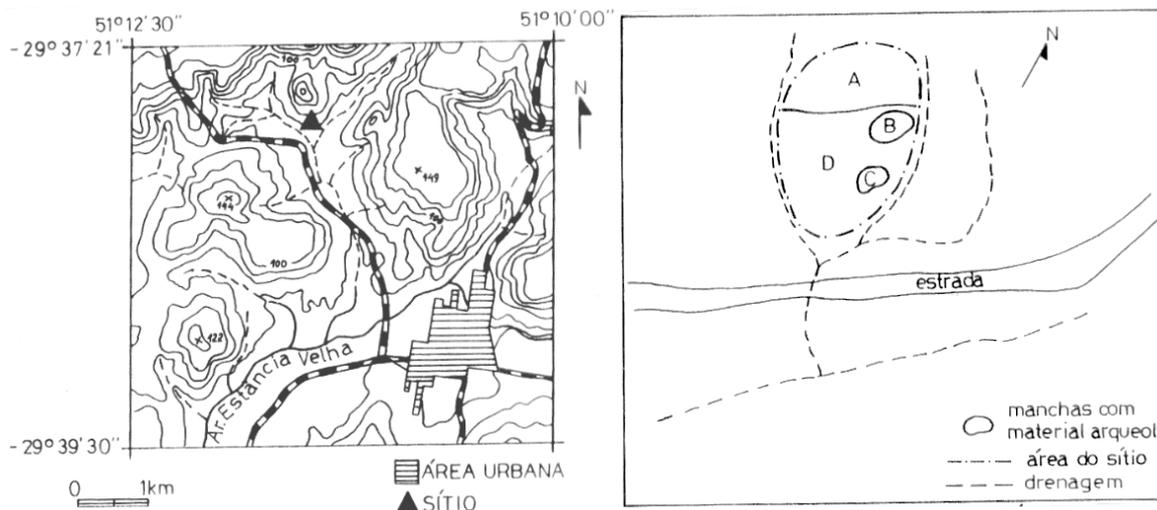


Figura 106. Croqui e planta do sítio S/N: Estância Velha. Fonte: Rogge (1991).

Geomorfologicamente, a área está no domínio da Depressão Central, predominando relevo ondulado, ressaltando pequenos morros, que raramente ultrapassam 200 m de altitude, e não distante da encosta do planalto, situada mais a norte. A rede de drenagem, na área, é pobre, formada por pequenas bacias de 3ª e 4ª ordem em relação à bacia principal do vale do rio Caí; o sítio encontra-se no divisor de águas com o rio dos Sinos.

O terreno é parcialmente coberto por mata subtropical, que se concentra ao longo das drenagens. O solo é formado por sedimentos arenosos, provenientes do Arenito Botucatu, que ali forma uma rampa com pequenos abrigos, e por uma grande quantidade de cascalhos e seixos transportados de áreas de basalto por cima da rampa arenítica.

A superfície do sítio estava sendo cultivada desde muitos anos e nela foi recolhida cerâmica em dois momentos e dois locais: primeiro, de maneira geral, próximo à rampa arenítica, pelos alunos de uma escola local, amostra que foi complementada por pesquisadores do Instituto Anchietano de Pesquisas; e está registrada na amostra D (IAP 1684), composta por cerâmica variada, de tamanho médio e pequeno, um pouco erodida por exposição mais demorada. Posteriormente, partes do terreno foram novamente lavradas, expondo cerâmica mais bem conservada, em três pontos separados, locais de três anti-

gas casas de uma aldeia. São as amostras A (IAP 1273), B (IAP 1274) e C (IAP 1275) (ver Figura 106, à direita).

A cerâmica recolhida nas três últimas amostras, apesar de reproduzir o padrão Tupiguarani, mostra irregularidades ou hesitações na utilização do antiplástico, no preparo e consolidação da pasta, no acabamento da superfície, que não haviam sido percebidas na coleta D. O antiplástico varia entre as vasilhas, podendo ser de areia proveniente do arenito ou de elementos angulosos, derivados do basalto. Diversas vasilhas se esboroaram naturalmente por falta de coesão das paredes e, pela instabilidade das mesmas, são difíceis de manipular em laboratório. O acabamento da superfície externa, predominantemente plástica, mostra execução pouco regular. A queima é oxidante incompleta.

Como as vasilhas se tinham quebrado no lugar em que foram usadas, houve alguma facilidade em agrupar os fragmentos em unidades de vasilhas pelas diversas casas.

Nas coletas A e B, além da cerâmica Tupiguarani, existe uma quantidade representativa de fragmentos típicos da tradição Taquara, o que indica a presença de indivíduos ou famílias desta outra etnia nas habitações. Cerâmica da tradição Taquara não aparece nas coletas C e D.

O conjunto sugere que a aldeia não tenha sido habitada por longo tempo e tenha sido abandonada com o material dentro das casas.

O menor domínio ou cuidado na produção da cerâmica Tupiguarani (mas não na Taquara), a presença de uma grande panela Escovada, a convivência de duas etnias junto a uma rampa de arenito, na borda do Planalto, em local afastado do vale, dá ao sítio características especiais. Elas sugerem ter-se tratado de um lugar de refúgio, em tempo recente, quando o vale já estava sob a influência de bandeiras paulistas, caçadoras de índios ou pelo menos ameaçado por elas. A ação dos bandeirantes se deu a partir do sudeste de Santa Catarina e nordeste do Rio Grande do Sul, predominantemente entre 1585 e 1630. Estava endereçada à população Guarani, não tanto à população Jê que dominava o planalto. Uma aproximação entre os dois grupos indígenas poderia representar uma tentativa de fuga ao perigo paulista.

A data de C¹⁴ AMS, obtida a partir da crosta de alimento carbonizado do interior de um fragmento de panela da amostra B, dá suporte à hipótese levantada: 320 ± 30 AP (Beta-431945) ou ano 1630 de nossa era; calibrada fica entre 445 a 360 AP (AD 1505 a 1590) e 335 a 290 AP (AD 1605 a 1660).

As características da cerâmica e da implantação do assentamento se assemelham às do sítio RS-SN: Picada Verão-Família Lima, em Sapiranga. A presença das duas etnias no mesmo assentamento, com abundante cerâmica de ambas as tradições e, ainda, muita cerâmica escovada, têm paralelo também no sítio RS-S-282: Porto Palmeira 2, na proximidade do rio dos Sinos, também no município de Sapiranga.

O material das amostras D e A foi tratado como o dos outros sítios do vale, contando os fragmentos por unidades de tratamento de superfície. O material das amostras B e C foi tratado como unidades de vasilhas.

A cerâmica da coleta D: catálogo IAP 1684

A Tabela 79 mostra o total domínio do Corrugado. O tamanho dos fragmentos indica impacto humano médio no sítio. Talvez estas características tenham sido influenciadas pela orientação da coleta, feita pelos alunos de uma escola.

Tabela 79. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5cm					0
2,6-5,0	58	1	1	3	63 (60,58%)
5,1-7,5	28			3	31 (29,81%)

7,6-10,0	8				8 (7,69%)
10,1-12,5	2				2 (1,92%)
Total	96 (92,31%)	1(0,96%)	1(0,96%)	6 (5,77%)	104

A **Tabela 80** indica vasilhas com tamanhos médios a grandes.

Tabela 80. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm				5	5 (4,81%)
0,51-0,75					0
0,76-1,0	39	1	1		41 (39,42%)
1,1-1,25	57			1	58 (55,77%)
Total	96 (92,31%)	1(0,96%)	1(0,96%)	6 (5,77%)	104

O Corrugado é predominantemente regular, sem impressão de unha; esta aparece irregularmente em algumas bordas. Ocorre 1 fragmento Pintado vermelho interno.

Bordas: 1 Simples, 15 Corrugado, 1 Ungulado e 1 Pintado externo (**Figura 107**).

Marcas de uso: ocorre película escura em 46 fragmentos Corrugado, sendo que 42 deles, incluindo 2 bordas, são escuros internamente e 4 externamente, representando 80,70% dos fragmentos com aquele acabamento. Os fragmentos Ungulado, Simples e Pintado externo não apresentam película ou manchas.

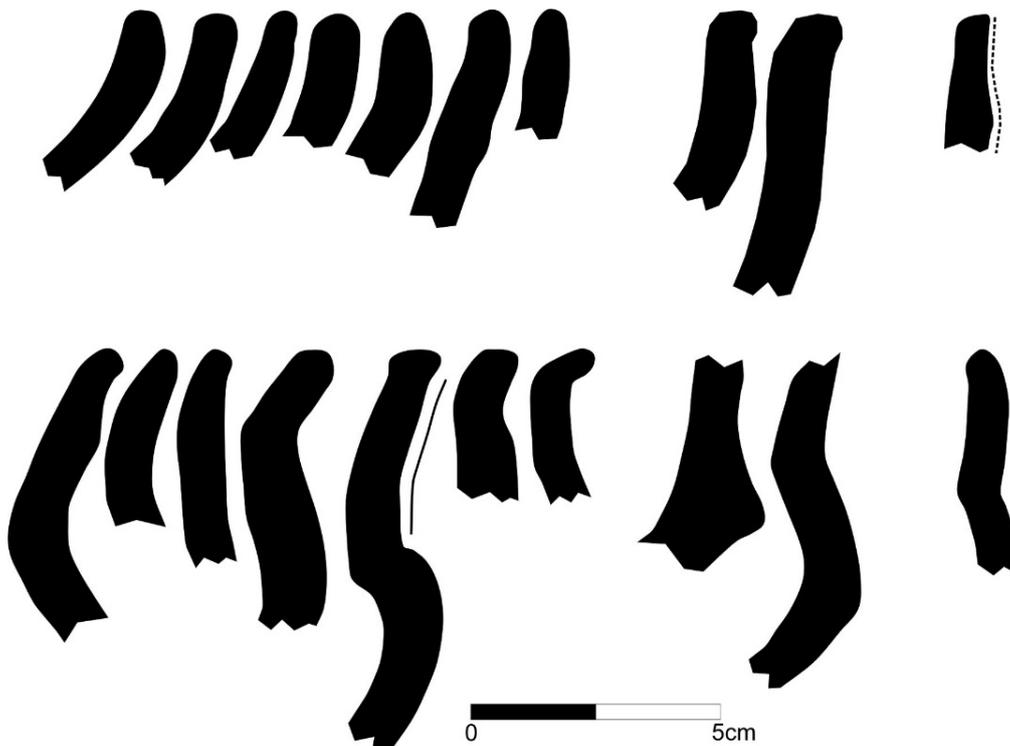


Figura 107. Bordas da cerâmica do sítio S/N: Estância Velha, coleta D, cat. IAP 1684.

O material lítico: Não foi coletado.**A cerâmica da Coleta A:** catálogo IAP 1273

A amostra reúne 36 fragmentos de cerâmica Tupiguarani (**Tabelas 81 e 82**) e 17 fragmentos de cerâmica Taquara.

Tabela 81. Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corr. Irreg.	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5cm		1			1 (2,78%)
2,6-5,0	2	4		7 + 2*	15 (41,67%)
5,1-7,5	1	1	1 + 1**	2 + 2*	8 (22,22%)
7,6-10,0	2	1	1 + 1**	4*	9 (25,00%)
10,1-12,5	2			1	3 (8,33%)
Total	7 (19,44%)	7 (19,44%)	4 (11,12%)	18 (50,00%)	36

*Bases grossas **Pintado vermelho interno

Tabela 82. Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corr. Irreg.	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm					0
0,51-0,75		3		5	8 (22,22%)
0,76-1,0	3	4	1 + 1**	4	13 (36,11%)
1,1-1,25			1 + 1**	1 + 2*	5 (13,89%)
1,26-1,5				6*	6 (16,67%)
1,51-2,00	4				4 (11,12%)
Total	7 (19,44%)	7 (19,44%)	4 (11,12%)	18 (50,00%)	36

*Bases grossas **Pintado vermelho interno

A amostra é pequena demais para ser usada para fins estatísticos e comparativos, mas a descrição de suas características é importante.

No acabamento Corrugado os 4 fragmentos mais espessos são de uma vasilha grande, de corrugado irregular baixo e não organizado, muito craquelada, que se desfez em fragmentos irregulares, mostrando pouca aderência da pasta. Há uma borda de corrugado regular, vermelha interna. Todos os fragmentos estão limpos, sem película escura.

No Ungulado há impressões regulares, pequenas e impressões menos regulares, grandes; ocorrem ao menos duas formas de vasilhas grandes, infletidas. Dois fragmentos são vermelhos internamente. Todos estão limpos.

No Simples há 10 fragmentos mais finos (incluindo 2 bordas) e 8 fragmentos mais espessos, de bases; 2 destas bases apresentam leve escovado. Todos limpos.

No Pintado, 2 bordas da mesma vasilha são pintadas externamente, 2 fragmentos são vermelhos internamente. Todos limpos.

A cerâmica da tradição Taquara:

Na coleção estão 8 conjuntos (vasilhas) da tradição Taquara, somando 17 fragmentos; quase todos escurecidos pelo fogo, formando película escura, sendo que alguns têm crostas carbonizadas internas.

Com acabamento Pinçado ocorrem 4 vasilhas, representadas por 9 fragmentos: 3

fragmentos de corpo de uma mesma vasilha; 1 borda e 1 fragmento de corpo de outra; 1 borda e 1 fragmento de corpo de uma terceira e 2 fragmentos de base da quarta vasilha.

Com acabamento Ungulado em linha (ou impressão de cestaria?), ocorre 1 fragmento de base.

Com acabamento Simples ocorrem 3 vasilhas, em um total de 7 fragmentos representados por 3 fragmentos escuros, 2 fragmentos vermelhos, 1 borda e 1 fragmento de corpo.

O antiplástico é de areia fina.

O material lítico

Está composto por:

- 1 talhador de basalto (12,5 x 10 x 5,5 cm);
- 5 lascas de basalto (entre 1,8 e 5 cm);
- 2 fragmentos de basalto rachados pelo fogo (6,5 e 7,2 cm);
- 2 fragmentos de basalto rachados pelo fogo (6 e 9,8 cm);
- 3 placas de basalto de arestas arredondadas (7,2; 7,8 e 12 cm);
- 8 lascas de fogo (entre 2,5 e 5,5 cm);
- 1 pequeno núcleo de cristal de quartzo.

Nesta pequena habitação existe importante presença de cerâmica da tradição Taquara junto à de tradição Tupiguarani, indicando convivência de pessoas das duas etnias. Os recipientes de ambas as tradições mantêm suas características originais.

A cerâmica da Coleta B: catálogo IAP 1274

Foram coletados 44 fragmentos, que foram agrupados em unidades de vasilhas (**Figura 108**). A seguir, cada tipo de acabamento e suas correspondentes vasilhas são descritos.

Acabamento Corrugado: ocorrem 24 fragmentos (54,54% do total de fragmentos da amostra), distribuídos em 9 unidades de vasilhas:

1. Corrugado regular, com leve escurecimento interno. Quanto ao tamanho dos fragmentos, 1 está entre 7,6-10,0 cm e 1 entre 10,1-12,5 cm. Apresentam espessura entre 1,26-1,5 cm. O antiplástico é de areia média. Forma um recipiente muito grande.

2. Corrugado regular, levemente escurecido. Um fragmento de borda com tamanho entre 7,6-10,0 cm, espessura entre 1,1-1,25 cm. O antiplástico é de areia média. Forma um recipiente grande.

3. Corrugado regular, uma borda escurecida internamente no lábio e proximidades, com tamanho entre 7,6-10,0 cm, espessura entre 0-0,5 cm. O antiplástico é de areia média. Forma um recipiente com tamanho médio.

4. Corrugado baixo regular. Um fragmento de borda com tamanho entre 2,6-5,0 cm, espessura entre 0,51-0,75 cm. Limpo. O antiplástico é formado por grãos de quartzo e feldspato. Recipiente com tamanho pequeno.

5. Corrugado irregular, cor alaranjada internamente, limpo, com mancha na base. Ocorrem 4 fragmentos com tamanhos entre 2,6-5,0 cm a 10,1-12,5 cm e espessura entre 1,1-1,25 cm. O antiplástico é de areia média. Recipiente com tamanho médio.

6. Corrugado com algumas unguiações, com película escura internamente, suja externamente. Três fragmentos possuem tamanho entre 2,6-5,0 cm, 2 entre 5,1-7,5 cm, 2 entre 7,6-10,0 cm e 1 entre 10,1-12,5 cm. Entre os fragmentos estão 2 bordas, bojos e bases, com espessura entre 1,1-1,25 cm. Estão erodidos interna e externamente por causa do antiplástico denso de areia. Recipiente com tamanho grande.

7. Corrugado irregular, com crosta escura interna. Ocorrem 2 fragmentos com tamanho entre 10,1-12,5 cm e espessura entre 1,1-1,25 cm. O antiplástico é de areia média. Recipiente com tamanho grande.

8. Corrugado irregular, craquelado internamente. Um fragmento com tamanho entre

7,6-10,0 cm e espessura entre 1,26-1,5 cm. O antiplástico é formado por grãos de quartzo e feldspato. Recipiente de tamanho grande.

9. Corrugado acanalado, com leve película escura interna. Dois fragmentos possuem tamanho entre 5,1-7,5 cm, 1 entre 7,6-10,0 cm e outro entre 10,1-12,5 cm, todos com espessura entre 1,1-1,25 cm. O antiplástico é formado por grãos de quartzo e feldspato. A forma é de uma tigela grande.

Acabamento Ungulado: ocorrem 9 fragmentos (20,45%), distribuídos em 5 unidades de vasilhas:

1. Ungulado regular. Um fragmento com tamanho entre 2,6-5,0 cm e espessura entre 0-0,5 cm. Limpo. Antiplástico composto por areia média. Vasilha pequena.

2. Ungulado regular. Um fragmento com tamanho entre 2,6-5,0 cm e espessura entre 0,51-0,75 cm. Possui película escura interna e externa. Antiplástico composto por grãos de quartzo ou feldspato. Borda de uma pequena tigela.

3. Ungulado em faixa entre escovado horizontal. Um fragmento com tamanho 2,6-5,0 cm e espessura entre 1,1-1,25 cm. Possui mancha escura externa. Antiplástico composto por areia média. Vasilha pequena.

4. Ungulado irregular, com película escura interna e externa, na base. Um fragmento com tamanho entre 5,1-7,5 cm e espessura maior que 12,5 cm e outro entre 7,6-10,0 cm, com espessura entre 0-0,5 cm. Antiplástico composto por areia média. Vasilha média.

5. Ungulado irregular, com película escura interna. Dois fragmentos com tamanho entre 5,1-7,5 cm e 2 fragmentos entre 7,6-10,0 cm, todos com espessura entre 0-0,5 cm. Antiplástico grosseiro, composto por grãos de quartzo ou feldspato. Vasilha média.

Acabamento Escovado: ocorrem 3 fragmentos (6,82%), correspondentes a uma vasilha de tamanho médio:

1. Escovado alto e regular, com unguado regular em direção à base, com película escura externa e interna junto da base. Três fragmentos com tamanho entre 10,1-12,5 cm, um com espessura entre 1,26-1,5 cm e 2 com espessura maior que 12,5 cm. Antiplástico composto por areia média.

Acabamento Simples: ocorrem 5 fragmentos (11,36%), distribuídos em 4 unidades de vasilhas:

1. Simples, limpo internamente, com mancha escura externa. Um fragmento com tamanho entre 5,1-7,5 cm e 1 fragmento entre (borda) entre 10,1-12,5 cm, ambos com espessura entre 0,51-0,75 cm. Antiplástico composto por areia média. Tigela pequena.

2. Simples. Um fragmento com tamanho entre 2,6-5,0 cm e espessura entre 0,51-0,75 cm. Possui película escura interna e manchas internas. Antiplástico composto por areia fina. Pescoço e bojo de pequena vasilha.

3. Simples. Um fragmento com tamanho entre 5,1-7,5 cm e espessura entre 0,76-1,0 cm. Limpa. Antiplástico de areia média. Fragmentos próximos da base de pequena vasilha.

4. Simples. Um fragmento com tamanho entre 5,1-7,5 cm e espessura entre 0-0,5 cm, com película escura externa. Antiplástico de areia média. Bojo de pequena vasilha.

Acabamento Pintado: 3 fragmentos (6,82%) de uma mesma vasilha:

1. Pintado externo (ombro e base), fortemente erodido internamente. Três fragmentos com tamanho entre 7,6-10,0 cm e espessura entre 1,26-1,5 cm. Antiplástico de areia média. Recipiente grande.



Figura 108. Bordas de cerâmica das coletas A, B, C: corrugado e escovado (esquerda); outros acabamentos (direita).

A cerâmica da tradição Taquara:

Ocorrem 6 fragmentos, cada um relacionado a uma unidade de vasilha (**Figura 109**):

1. Ungulado tangente-em-linha (impressão de cestaria, corpo). Um fragmento com tamanho entre 5,1-7,5 cm e espessura entre 0,51-0,75 cm, com película escura interna.
2. Pinçado (corpo). Tamanho entre 5,1-7,5 cm e espessura entre 0,51-0,75 cm, com película escura interna e externa.
3. Pinçado (corpo). Tamanho entre 2,6-5,0 cm e espessura entre 0,51-0,75 cm, com película escura interna.
4. Pinçado (corpo). Tamanho entre 2,6-5,0 cm e espessura entre 0,51-0,75 cm. Escuro interno.
5. Ponteado vasado em linha (corpo). Tamanho 2,6-5,0 cm e espessura 0,51-0,75 cm. Limpo.
6. Ponteado cheio em linha (borda). Tamanho 2,6-5,0 cm e espessura 0-0,5 cm. Escuro interno e externo.

O antiplástico é de areia fina.

Nesta habitação, a maior do assentamento, a presença da tradição Taquara é menor (6 para 45 fragmentos), mas existe outro elemento diferente, uma grande panela escovada. Estes elementos continuam indicando convivência de etnias diferentes na mesma habitação.

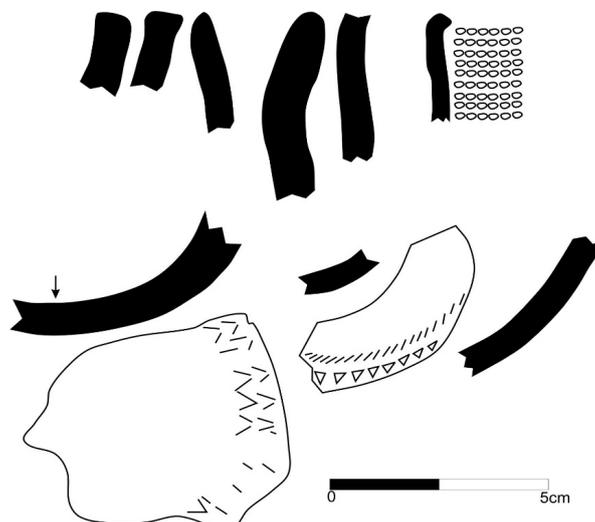


Figura 109. Bordas de cerâmica da Trad. Taquara, coleta B, cat. IAP 1274.

O material lítico:

O material lítico analisado está composto por (**Figura 110**):

1 lasca secundária pequena: 3,2 x 4,7 x 1,1 cm. Arenito silicificado.

1 fragmento de lascamento: 5,2 x 2,9 x 2,2 cm. Arenito silicificado.

1 placa de arenito com uma face plana, a outra com 3 retiradas longitudinais: 15 x 9 x 2,3 cm.

1 seixo rachado longitudinalmente: 7,9 x 4,6 x 2,5 cm. Basalto.

1 talhador triangular com talão liso e trabalho bifacial grosseiro nos bordos longitudinais que convergem para uma ponta: 10,2 x 11 x 3,5 cm. Basalto duro que quebra irregularmente.

1 talhador semicircular feito a partir de uma lasca grossa tirada de um seixo de basalto. Talão cortical com pequenas acomodações, face externa cortical, bordos trabalhados unifacialmente. A orientação do talhador não corresponde à orientação da lasca.

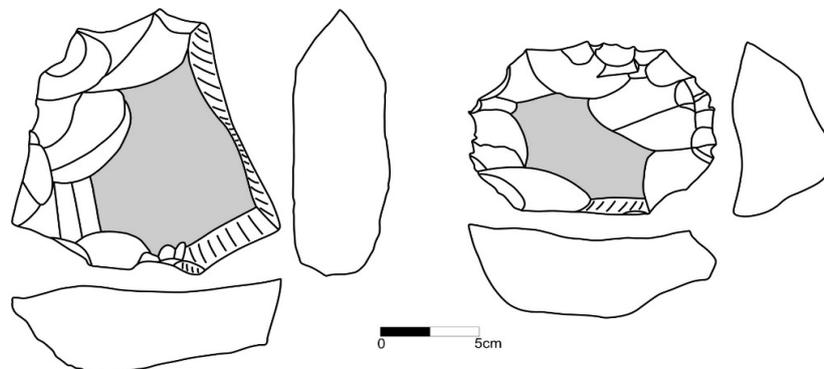


Figura 110. Artefatos líticos do sítio S/N: Estância Velha, cat. IAP 1274.

A cerâmica da Coleta C: catálogo IAP 1275

Os 75 fragmentos desta coleta também foram analisados como unidades de vasilhas, a partir dos diferentes acabamentos de superfície.

Acabamento Corrugado: ocorrem 37 fragmentos (49,33%), relacionados a 6 unidades de vasilhas:

1. Corrugado longo, irregular, cor cinza, representado por 2 bordas, 1 fragmento de corpo e 3 fragmentos grandes a partir do ombro, com espessura de 1,5 cm, que formam uma vasilha com 32 cm de boca. Possui manchas escuras externas. Antiplástico de areia média quartzosa.

2. Corrugado curto, irregular, cor cinza, com 2 bordas e 4 fragmentos de corpo, com espessura de 1,1 cm, que formam uma vasilha com 42 cm de boca. Exterior sujo com manchas escuras isoladas. Antiplástico com grãos de hematita.

3. Corrugado médio, denso, regular, cor marrom, com 18 fragmentos de bojo inferior e base, sem bordas, com espessura de 1,4 cm e abertura do bojo de 44 cm. Escuro interno, limpo externo. Antiplástico com hematita densa.

4. Corrugado médio bastante regular, cor marrom, com 4 fragmentos grandes e 1 pequeno, próximos da base, com espessura de 1,7 cm e abertura de 28 cm. Escuro interno, externamente limpo. Antiplástico de areia média.

5. Corrugado muito baixo ou Simples, marrom, superfície interna provavelmente pintada de vermelho, com 1 fragmento de borda, com espessura de 1,2 cm e 30 cm de abertura. Sujo. Antiplástico com grãos de quartzo ou feldspato.

6. Corrugado grande, com 1 fragmento próximo da base, com 1,2 cm de espessura. Limpo. Antiplástico com grãos de quartzo ou feldspato.

Acabamento Ungulado: ocorrem 25 fragmentos (33,33%), relacionados a 7 unidades de vasilhas:

1. Ungulado irregular e alisado na base, com 1 fragmento grande próximo da base e 1 fragmento pequeno, com 1,2 cm de espessura. Sujo interno e externo. Antiplástico com grãos de quartzo ou feldspato, até 0,5 cm.

2. Ungulado regular, com 1 fragmento de bojo próximo da base, com 1 cm de espessura. Pequeno pote com 14 cm de bojo. Bem escuro internamente. Antiplástico com areia média quartzosa.

3. Ungulado regular até o ombro, depois liso, com 1 fragmento de bojo de 1,2 cm de espessura, com abertura de 30 cm. Limpo. Antiplástico de areia média quartzosa.

4. Ungulado, com 1 fragmento de borda de 0,8 cm de espessura e abertura de 14 cm. Limpo. Antiplástico de areia média quartzosa.

5. Ungulado regular, com 1 fragmento de bojo de 1,1 cm de espessura. Escuro interno. Antiplástico de areia média quartzosa.

6. Ungulado regular, com 2 bordas com 18 cm de abertura e 5 fragmentos de bojo com 1 cm de espessura. Escuro interno. Antiplástico de areia quartzosa.

7. Ungulado regular, com 3 fragmentos de borda com 24 cm de abertura e 9 fragmentos de bojo e base, com 0,8 cm de espessura. Bem escuro internamente na base e parte escurecida externamente. Antiplástico de areia fina quartzosa.

Acabamento Simples: ocorrem 9 fragmentos (12,00%), relacionados a 4 unidades de vasilhas:

1. Quatro fragmentos, com espessura de 1,5 cm. Dois com película escura interna, 1 escura externa e erodido internamente e 1 escuro interno e externo. Antiplástico de areia quartzosa.

2. Três fragmentos, com espessura de 1,0 cm, um deles com película escura interna e os demais com cor natural vermelha. Antiplástico de areia quartzosa.

3. Um fragmento, com espessura de 0,9 cm, cor natural cinza claro e película escura interna. Antiplástico de areia quartzosa.

4. Um fragmento, com espessura de 0,5 cm, cor natural cinza claro e película escura interna. Antiplástico de areia quartzosa.

Acabamento Pintado externo: ocorrem 4 fragmentos (5,33%), relacionados a 3 unidades de vasilhas:

1. Dois fragmentos, com espessura 0,7 cm e antiplástico de areia quartzosa. Limpo.

2. Um fragmento, com espessura de 1,0 cm, e película escura interna. Antiplástico de areia quartzosa.

3. Um fragmento, com espessura de 1,2 cm e antiplástico de areia quartzosa. Limpo.

Nesta área, não ocorrem fragmentos cerâmicos da tradição Taquara, nem cerâmica com acabamento Escovado, mostrando a individualidade de ocupação de cada habitação da antiga aldeia.

O material lítico:

O material lítico analisado está composto por (**Figura 111**):

1 talhador sobre lasca grande, sem córtex, de basalto: 11,5 x 7,5 x 3,5 cm.

1 talhador sobre seixo de basalto, com poucas retiradas numa ponta e uma só na outra. Tamanho semelhante ao anterior.

1 lasca grande de basalto, com retiradas para formar um talão e retiradas em uma das bordas.

1 percutor em seixo de basalto, com bordas bem esmagadas: 6 x 5,3 x 4 cm.

Pequenas lascas de basalto: tamanhos 4,5 e 3,8 cm.

3 seixos de basalto: 2 alongados sem modificação: 10,5 x 4 x 3 cm; 9,8 x 5,5 x 4 cm; 1 irregular: 7 x 5,8 x 3,2 cm.

1 seixo plano de basalto, quebrado pelo fogo: 6 cm.

Fragmentos térmicos em basalto: tamanhos 7,7; 6,2; 5 cm.

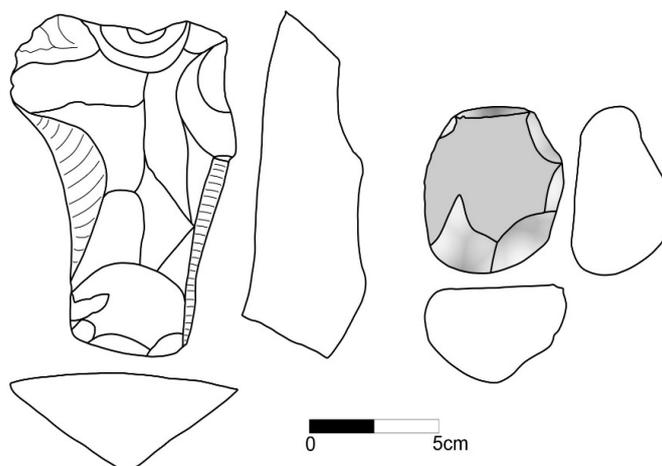


Figura 111. Artefatos líticos do sítio S/N: Estância Velha, cat. IAP 1275.

Assentamento: aldeia em que convivem duas etnias, mantendo, cada uma, características técnicas próprias: a da tradição Taquara aparentemente sem desvios, a da tradição Tupiguarani, com desvios técnicos ou menor domínio dos elementos tradicionais.

8. ALTO VALE DO RIO DOS SINOS

A primeira pesquisa sobre a tradição cerâmica Tupiguarani, ao longo do alto rio dos Sinos, foi realizada por Eurico Th. Miller na década de 1960, com a localização de 7 sítios que, apesar de muitos anos de cultivo tradicional, ainda apresentavam alguma consistência e as coletas deram resultados representativos. A documentação e o material foram depositados no MARSUL e puderam ser retomados nesta pesquisa. São os sítios RS-S-284, RS-S-285, RS-S-286, RS-S-287, RS-S-288, RS-S-289 e RS-S-290.

Em outro momento, Eurico Th. Miller fez semelhante pesquisa ao longo do rio Rolante, seu afluente no alto curso, com a localização dos sítios indicados abaixo, cuja documentação e material foram depositados no MARSUL (Werlang, 1981), mas que não foram mais localizados:

- RS-S-341: Riozinho 1, Rolante, fase Maquiné, MARSUL 1854;
- RS-S-342: Riozinho 2, Rolante, fase Maquiné, MARSUL 1855-1859;
- RS-S-343: Rolantinho da Figueira, Rolante, fase Maquiné, MARSUL 1860-1861;
- RS-S-344: Rolantinho da Areia-1, Rolante, fase Maquiné, MARSUL 1862;
- RS-S-345: Rolantinho da Areia-2, Rolante, fase Maquiné, MARSUL 1863-1864;
- RS-S-346: Rolantinho da Areia-3, Rolante, fase Maquiné, MARSUL 1865;
- RS-S-348: Rolante, Rolante, fase Maquiné, MARSUL 1876-1877;
- RS-S-356: Chuvisqueiro-3, Rolante, fase Taquara, MARSUL 1885.

Adriana Schmidt Dias, no âmbito do “Projeto Arqueológico Santo Antônio da Patrulha (PASAP)”, coordenado por André Luis Jacobus, do MARSUL, realizou na área a pesquisa de sua tese de doutorado, intitulada “Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul” (Dias, 2003). O PASAP proporcionou uma varredura completa da área do Alto Vale do Rio dos Sinos, abrangendo tanto a calha do rio dos Sinos quanto parte de seus afluentes, anteriormente estudados por Eurico Th. Miller.

O PASAP envolvia o estudo de todos os tipos de sítios arqueológicos (caçadores, horticultores e sítios históricos). No entanto, em sua tese, Dias (2003) restringiu-se aos assentamentos indígenas, muitos dos quais já haviam sido localizados e estudados por Miller (1967, 1974). Ao final da década de 1990, quando o projeto foi implementado, os sítios estavam mais impactados do que ao tempo da pesquisa de Miller e pouco material pôde ser resgatado, às vezes alguns fragmentos cerâmicos ou apenas um talhador, que foram usados para identifica-los. Dias continuou a numerar os sítios pelo sistema do PRONAPA usado por Miller e indicava eventuais coincidências entre os sítios por ela estudados e os de Miller. As fichas e os materiais desta nova pesquisa também ficaram sob a guarda do MARSUL.

A localização dos sítios estudados por Dias foi registrada em um mapa, em sua tese (Dias, 2003, Anexo3, p. 332); estão indicados na **Janela 9**. Além dos sítios que levantou e estudou pessoalmente, Dias (2003) também teve informações de outros sítios na região, mas que não chegou a visitar.

Sítios estudados por Dias (2003):

JANELA 9

- RS-S-285: Passo da Forquilha 1, 40 x 20 m, coleta superficial, cerâmica e lítico Tupiguarani. Estudado por Miller, 1967.
- RS-S-287: Passo da Forquilha 2, 120 x 60 m, coleta superficial, cerâmica e lítico Tupiguarani. Estudado por Miller, 1967.
- RS-S-288: Passo da Forquilha 3, 40 x 20 m, coleta superficial, cerâmica e lítico Tupiguarani. Estudado por Miller, 1967.
- RS-S-396: Evaristo 1, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani.
- RS-S-399: Campestre Novo 1, superfície indeterminada, 1 quadrícula e 13 sondagens, cerâmica e lítico Tupiguarani. Provavelmente sítio histórico, ligado à Guarda Velha. Datas: 165 ± 20 AP (LVD 594) e 205 ± 25 AP (LVD 595).
- RS-S-400: Alto Rio dos Sinos 1, superfície indeterminada, cerâmica e lítico Tupiguarani.
- RS-S-401: Alto Rio dos Sinos 2, superfície indeterminada, lítico Tupiguarani.
- RS-S-402: Rio dos Sinos 1, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani. Possível sinonímia de RS-S-290: Monte Serrat 2, de Miller.
- RS-S-403: Rio dos Sinos 2, superfície indeterminada, lítico Tupiguarani. Possível sinonímia de RS-S-289: Monte Serrat 1, de Miller (1967).
- RS-S-404: Caraá 1, superfície indeterminada, cerâmica e lítico Tupiguarani.
- RS-S-405: Caraá 2, superfície indeterminada, lítico Tupiguarani.
- RS-S-406: Caraá 3, superfície indeterminada, lítico Tupiguarani.
- RS-S-407: Quebrada Rio dos Sinos, superfície indeterminada. Cerâmica Tupiguarani.
- RS-S-408: Alto Rolantinho, superfície indeterminada, cerâmica e lítico Tupiguarani.
- RS-S-409: Evaristo 2, superfície indeterminada, cerâmica e lítico Tupiguarani.
- RS-S-410: Evaristo 3, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani.
- RS-S-413: Fenda Arenítica, superfície indeterminada, cerâmica e lítico Tupiguarani.
- RS-S-414: Rincão do Herval 1, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani.
- RS-S-415: Rincão do Herval 2, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani.
- RS-S-416: Campestre Novo 2, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani. Possível sinonímia de RS-S-338: Campestre 3 de Miller (1967).
- RS-S-421: Rincão do Herval 3, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani. Possível sinonímia de RS-S-284: Arroio do Carvalho, de Miller (1967).
- RS-S-422: Caraá 4, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani.
- RS-S-423: Bom Retiro 1, superfície indeterminada, coleta, lítico possivelmente Tupiguarani.
- RS-S-424: Bom Retiro 2, superfície indeterminada, cerâmica e lítico Tupiguarani.
- RS-S-425: Bom Retiro 3, superfície indeterminada, cerâmica.
- RS-S-426: Bom Retiro 4, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani.
- RS-S-427: Pinheiros, superfície indeterminada, cerâmica Tupiguarani.
- RS-S-428: Evaristo 6, superfície Indeterminada, cerâmica e lítico Tupiguarani.
- RS-S-429: Furna 1, superfície indeterminada, coleta superficial, cerâmica e lítico Taquara.
- RS-S-430: Furna 2, superfície indeterminada, coleta superficial, cerâmica Taquara.
- RS-S-431: Furna 3, superfície indeterminada, coleta superficial, lítico Taquara.
- RS-S-432: Sertão Rio dos Sinos, superfície indeterminada, coleta superficial, lítico talvez Taquara.
- RS-S-433: Morro das Flores, superfície indeterminada, coleta superficial, lítico talvez Taquara.

Comparando a quantidade de sítios estudados por Miller com os de Dias percebe-se grande diferença, que pode ter alguma explicação no método usado: Miller ia de casa em casa perguntando, enquanto que a equipe de Dias palmilhava todos os terrenos em caminhamentos densos; Miller buscava sítios com abundante material, que permitia boa identificação de acordo com as normas do PRONAPA, já Dias fazia interpretações mesmo a

partir de objetos isolados e identificava sítios Tupiguarani a partir de peças líticas, que podem ser ambíguas, ocorrendo com formas semelhantes em diversas tradições cerâmicas. Com isso, a impressão de que o alto vale tenha sido mais povoado pode não ser totalmente verdadeira.

A partir de 2016, a documentação e as coleções de Eurico Th. Miller, depositadas no MARSUL, foram retomadas pela equipe de arqueologia do Instituto Anchieta de Pesquisas, analisadas e interpretadas dentro dos pressupostos do tempo de sua coleta.

A área pesquisada está localizada nos municípios de Santo Antônio da Patrulha ou de Caraá compreendendo o Alto Rio dos Sinos, na margem esquerda do rio (**Figura 112**). O ambiente é de Floresta Estacional Semidecidual. A água mais próxima aos assentamentos provém de arroios ou nascentes. O impacto nos sítios é resultante de longos anos de agricultura tradicional e o estado de conservação dos mesmos é médio. O estabelecimento se dá na forma de sete aldeias em pequeno espaço geográfico.

Nesse mesmo ambiente se instalou, recentemente, um grupo Mbyá-guarani em uma Terra Indígena, no município de Riozinho, junto às nascentes do rio Rolante. A imagem da capa e as figuras 126 a 133, que estão no final do texto, cedidas por Denise Maria Schnorr, ilustram a instalação de sua aldeia, as casas de moradia, a casa de reza, o pilão e materiais para confecção de artesanato. Estas imagens replicam, em grandes linhas, a informação dos missionários do século XVII, junto aos Carijós do litoral meridional. As imagens, junto com a informação dos missionários, projetam alguma luz sobre os fragmentos de informação conseguidos nos sítios arqueológicos e possibilitam um pouco mais de compreensão.

As amostras arqueológicas usadas para esse estudo são as seguintes:

RS-S-284: Carvalho. 2 manchas. 1 coleta. Miller. 1965. MARSUL 465. 139 fragmentos. Antiplástico areia média. 14 bordas. UTM 22 J 550100.48 E; 6703912.08 S.

RS-S-285: Passo da Forquilha 1. 3 manchas. 1 coleta. Miller. 1966. MARSUL 466. 142 fragmentos. Antiplástico areia fina/média. 11 bordas. Aldeia junto com RS-S-287 e 288. UTM 22 J 550546.81 E; 6704371.95 S.

RS-S-287: Passo da Forquilha 2. 1 mancha indefinida. 1 coleta. Miller. 1966. MARSUL 468. Lítico, 1 fragmento de cerâmica. Aldeia junto com RS-S-285 e 288. UTM 22 J 550878.64 E; 6705380.70 S.

RS-S-288: Passo da Forquilha 3. 2 manchas. 1 coleta. Miller. 1966. MARSUL 469. 313 fragmentos. Antiplástico areia/caco moído. 71 bordas. Aldeia junto com RS-S-285 e 287. UTM 22 J 551453.09 E; 6705195.66 S.

RS-S-286: Sítio Castelhana. 1 mancha. 1 coleta. Miller. 1966. MARSUL 467. 128 fragmentos. Antiplástico areia fina/média. 9 bordas. UTM 22 J 550370.30 E; 6704637.28 S.

RS-S-289: Monte Serrat 1. 3 manchas. 1 coleta. Miller. 1966. MARSUL 470. 166 fragmentos. Areão. 24 bordas. UTM 22 J 552087.49 E; 6704835.75 S.

RS-S-290: Monte Serrat 2. 1 mancha. 1 coleta. Miller. 1966. MARSUL 471. 254 fragmentos. Antiplástico areia média. 50 bordas. UTM 22 J 552364.46 E; 6704780.93 S.

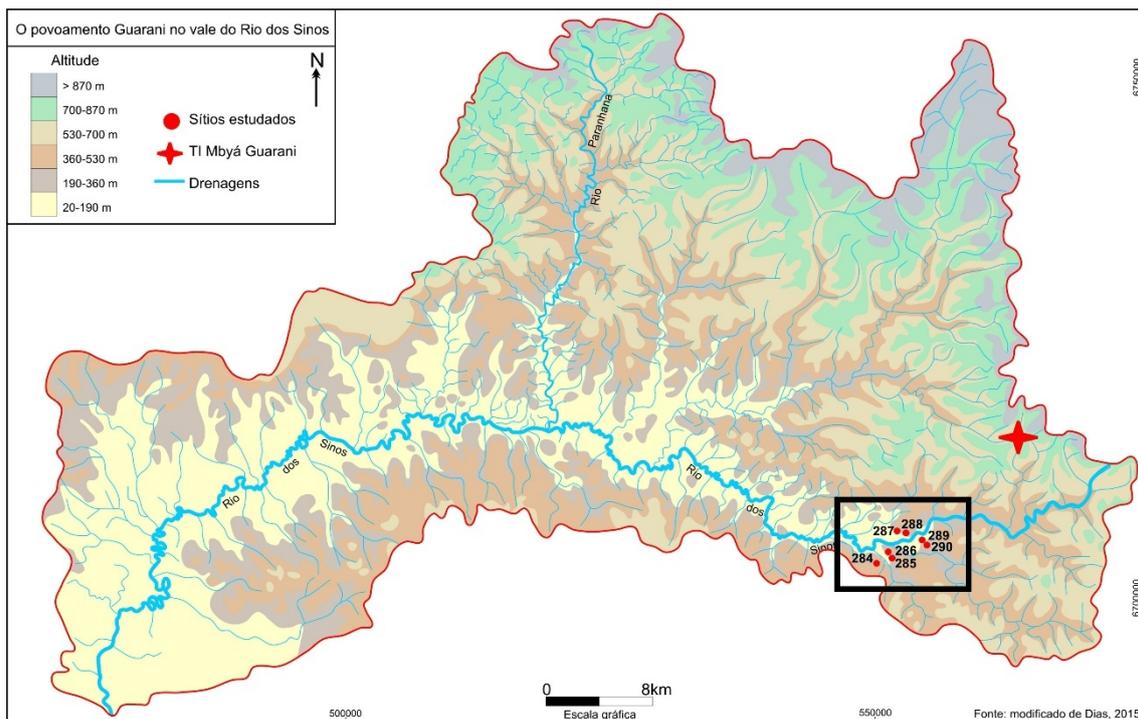


Figura 112. Localização dos sítios arqueológico do alto vale do Rio dos Sinos e da aldeia Mbya.

RS-S-284: CARVALHO

Catálogo MARSUL 465

O sítio:

Em terras de Lílio Francisco dos Santos, a nordeste de Santo Antônio da Patrulha, numa chapada abaixo para leste do pico do morro que fica à esquerda do Arroio Carvalho e do qual o sítio dista 1,5 Km e 2 Km do Rio dos Sinos, ao norte em sua margem esquerda. O sítio tem a limitá-lo pelo leste a estrada que vai a Santo Antonio da Patrulha desde as nascentes do Rio dos Sinos. A oeste o pico do morro coberto de mato. O solo é argiloso e coberto de matacões, abóboras e milho. Duas manchas de terra preta na parte superior e ocidental do sítio. Ao centro, grande concentração natural de matacões sobre os quais recolhemos muitos cacos de tamanho médio e pouco erodidos. A chuva despindo o solo deixou os cacos por entre as pedras. Alguns petrefatos. Não escavamos por não encontrarmos focos de cacos em terra escavável. (Eurico Th. Miller, 28.12.65 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figura 113).

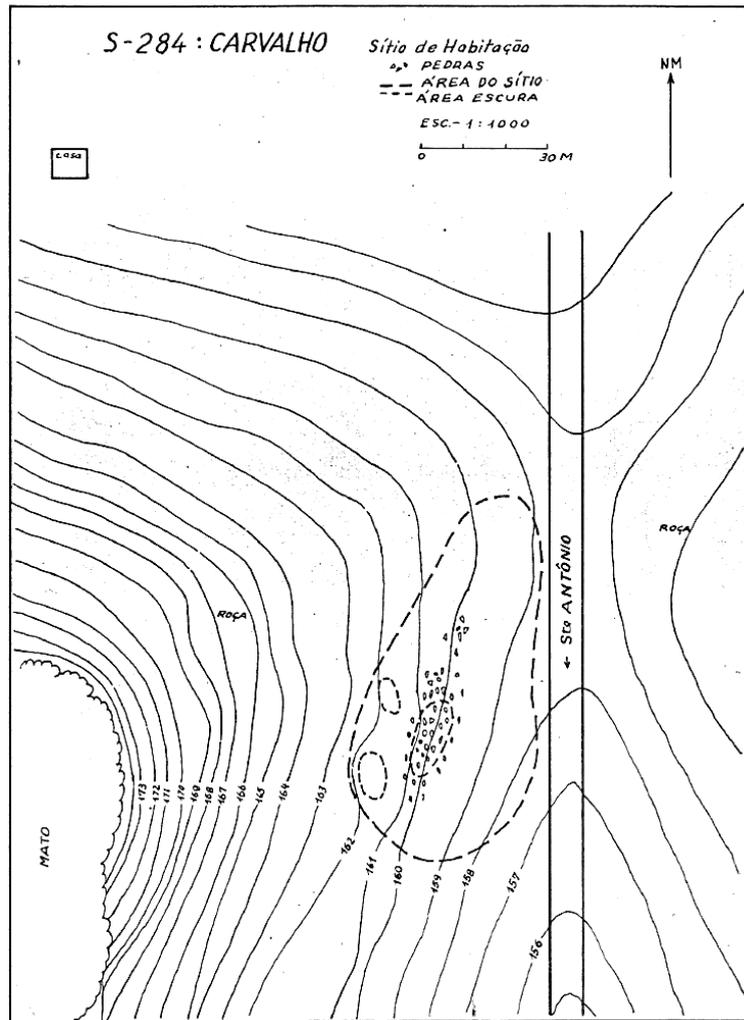


Figura 113. Croqui do sítio RS-S-284: Carvalho, de Eurico Th. Miller.

A cerâmica:

A **Tabela 83** mostra um alto percentual de Corrugado 3, com fragmentos predominantemente de tamanho médio (entre 2,6 e 7,5 cm), indicando que à época da coleta, o impacto recente sobre o sítio não havia sido tão intenso (**Figura 114**).

Tabela 83: Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm					0
2,6-5,0	42	1	2	6	51 (36,69%)
5,1-7,5	49	7	2*	5	63 (45,33%)
7,6-10,0	13	1	1		15 (10,79%)
10,1-12,5	9				9 (6,47%)
12,6-15,0	1				1 (0,72%)
Total	114 (82,02%)	9 (6,47%)	5 (3,60%)	11(7,91%)	139

*Um fragmento Pintado interno.

A **Tabela 84** indica que o vasilhame, especialmente o Corrugado, era de tamanho médio a grande.

Tabela 84: Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm			1	4	5 (3,60%)
0,51-0,75	4	5	3*	1	13 (9,35%)
0,76-1,0	38	2		6	46 (33,09%)
1,1-1,25	51	2	1		54 (38,85%)
1,26-1,5	21				21 (15,11%)
Total	114 (82,02%)	9 (6,47%)	5 (3,60%)	11(7,91%)	139

*Um fragmento Pintado interno.

O corrugado é muito regular e sem impressão de unha.

O antiplástico é composto por areia média com hematita, alguns grânulos de carvão e, nos fragmentos maiores, algum caco moído.

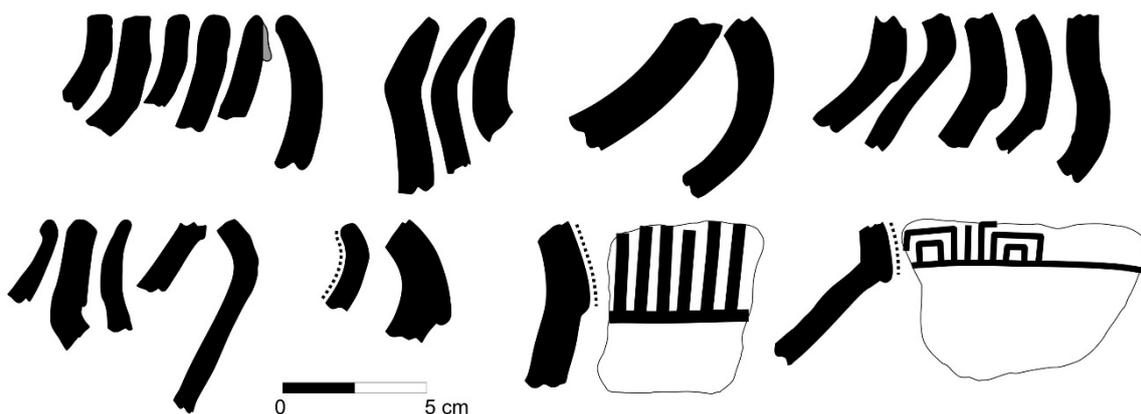


Figura 114. Bordas da cerâmica do sítio RS-S-284.
Na linha de cima: Corrugados; na linha de baixo, Ungulados e Pintados.

Marcas de uso: ocorre película escura em 77 fragmentos Corrugado, sendo 37 na parte interna, 12 na externa e 28 interna e externamente (67,54% do total com esse acabamento). Na cerâmica com acabamento Ungulado ocorre película escura em 6 fragmentos, sendo 4 internamente e 2 interna e externamente (66,66%). No acabamento Simples, ocorre em 8 fragmentos, sendo 4 externamente e 4 interna e externamente (72,72%).

O material lítico:

Está composto por (**Figura 115**):

1 talhador bifacial em basalto, lascado nas duas faces, reduzindo e formando o talão triangular para encabamento; gume transversal bastante grosso. 14,1 x 7,6 x 3,3 cm.

1 talhador unifacial de basalto, com trabalho em todos os bordos: 11,5 x 8,8 x 3,4 cm.

1 lasca triangular de basalto com aresta dorsal, com trabalhos nos dois bordos convergentes, talão cortical. 7,1 x 6,9 x 2,4 cm.

1 bloco de basalto de córtex amarelo: 12 x 9,5 x 4,9 cm, do qual se tiraram várias lascas longitudinais e transversais. Núcleo pouco aproveitado.

1 plaqueta de basalto: 4,5 x 2,9 x 0,4 cm, natural.

1 plaqueta de basalto frágil: 5,0 x 4,4 x 1,8 cm, natural.

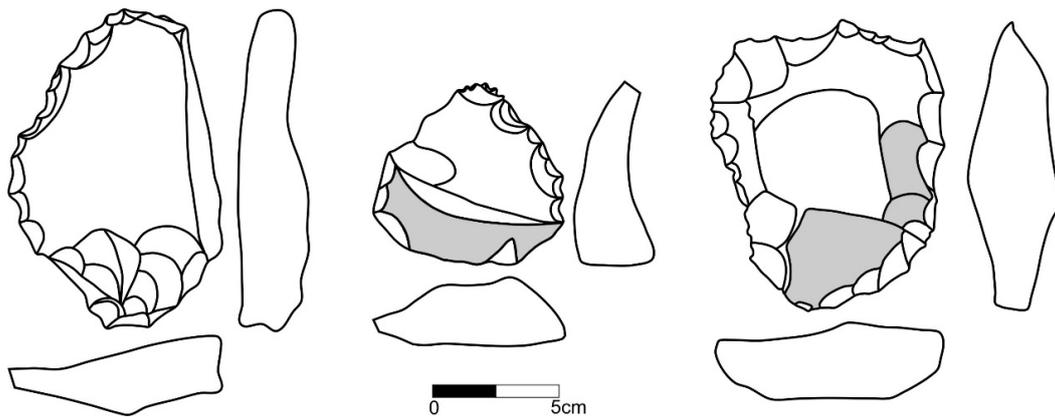


Figura 115. Artefatos líticos do sítio RS-S-284: Carvalho.

Assentamento: Aldeia.

RS-S-285: PASSO DA FORQUILHA 1

Catálogo MARSUL 466

O sítio:

Terras de José Ferreira Rocha. À esquerda do Rio dos Sinos, e a 60 m, sobre uma pequena e baixa elevação, este sítio de habitação se desenvolve do topo para a ladeira descendente a nordeste. Como limite norte e sul, várzea, a oeste o rio, e a leste a estrada de Santo Antônio da Patrulha. Três manchas de terra escura num solo arenoso e fofo, com roça tomada pelo capim. Poucos cacos, pouco erodidos, pequenos a médios. Alguns petrofos na parte oriental do sítio. (Eurico Th. Miller, 01.01.66 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL) (Figura 116).

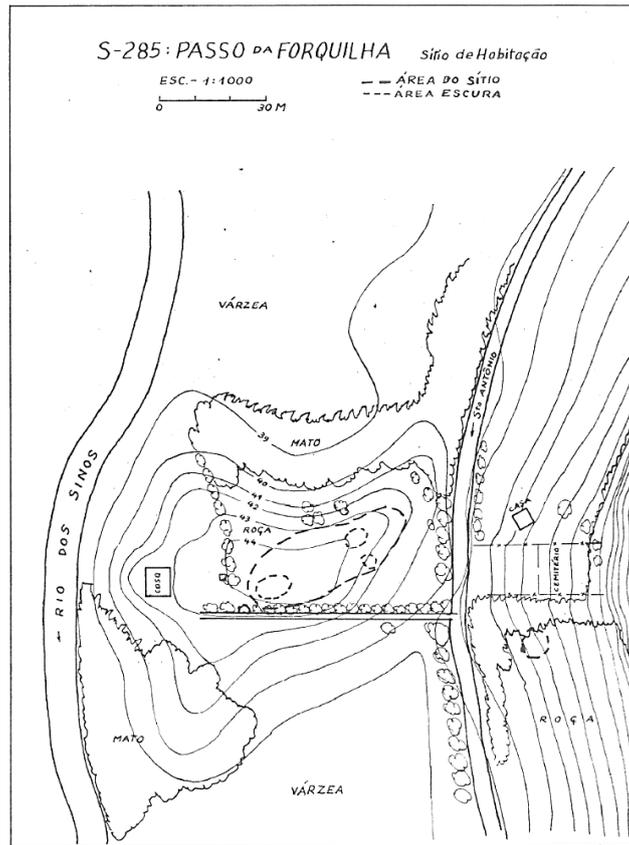


Figura 116. Croqui do sítio RS-S-285: Passo da Forquilha 1, de E. Th. Miller.

Este sítio, originalmente estudado por Miller, foi revisitado em 24/07/2001 por Gislene Monticelli e Sirlei Hoeltz, que recolheram poucos fragmentos cerâmicos: 2 muito erodidos, não classificados, 1 fragmento Pintado branco externo e 1 borda Corrugado 3, com diâmetro de abertura de 24 cm; o tamanho desses fragmentos é de 2,6-5,0 cm e a espessura de 0,51-0,75 cm. Encontraram ainda 1 talhador bifacial de basalto, com dimensões de 12,30 x 8,50 x 5,0 cm.

Em outra amostra dessas mesmas pesquisadoras (P624), foram registrados 4 fragmentos de cerâmica Tupiguarani não classificados e 1 fragmento de cerâmica da tradição Taquara, com acabamento Pinçado.

Nessa ocasião, as pesquisadoras obtiveram a localização geográfica do sítio e produziram um relatório que se encontra sob a guarda do MARSUL.

A cerâmica:

Na Tabela 85 percebe-se uma significativa diferença no percentual dos acabamentos de superfície, em relação a outros sítios da área, com a diminuição significativa do Corrugado e o aumento do Ungulado e do Simples, além da ocorrência de Escovado. Os fragmentos são predominantemente de tamanho médio, mas há um número relativamente alto de fragmentos em que não foi possível classificar o acabamento e não foram contabilizados.

Tabela 85: Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrug.2	Corrug.3	Ung.	Escov.	Pintado	Simples	Total
0-2,5 cm		10	5		3	7	25 (17,61%)
2,6-5,0	3	33	20	3	10	38	107 (75,35%)

5,1-7,5	3	1	1	3	8 (5,63%)		
7,6-10,0			2		2 (1,41%)		
Total	3 (2,11%)	46 (32,39%)	25 (17,61%)	4 (2,82%)	16 (11,27%)	48 (33,80%)	142

Não classificados: 19 fragmentos.

A **Tabela 86** indica presença maior de vasilhas médias e grandes.

Tabela 86: Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrug.2	Corrug. 3	Ungulado	Escovado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm					2		2 (1,41%)
0,51-0,75			6		11	4	21 (14,79%)
0,76-1,0		6	8	1	3	24	42 (29,58%)
1,1-1,25	3	27	7			11	48 (33,80%)
1,26-1,5		13	4	3		9	29 (20,42%)
Total	3 (2,11%)	46 (32,39%)	25 (17,61%)	4 (2,82%)	16 (11,27%)	48 (33,80%)	142

Não classificados: 19 fragmentos.

O antiplástico é composto por areia fina a média, com isolados grãos de hematita e fragmentos de carvão e caco moído. O antiplástico é denso, produzindo uma pasta uniforme e compacta.

Ocorrem 11 bordas, sendo 8 no acabamento Corrugado 3 e 3 no Simples. Os exemplares são muito pequenos e não foram desenhados.

Marcas de uso: ocorre película escura em 40 fragmentos, sendo 15 em Corrugado, 8 em Ungulados, 2 em Escovado e 15 em Simples, todos eles internamente.

O material lítico:

Está composto por (**Figura 117**):

1 lasca cortical de basalto amidaloide, 11 x 4 x 2,6 cm. 466/8.

1 núcleo cúbico de basalto amidaloide, 4,2 x 5,8 x 2 cm com retiradas perpendiculares ao talão em todas as faces, nenhum córtex. 466/7.

1 plaqueta de basalto amidaloide, 11,7 x 10,5 x 2 cm, com os bordos laterais em lado, gume bifacial no bordo transversal, talão com algum ajusteamento. 466/5.

1 seixo de basalto amidaloide, com gume grosseiro em extremidade longitudinal, 11 x 8 x 4,3 cm. 466/6.

1 seixo alongado (coluna) de basalto amidaloide, com uma retirada longitudinal para redução da espessura e gume bifacial grosseiro numa extremidade, 22 x 6 x 6 cm. 466/1.

1 grande lasca cortical, curva no sentido longitudinal, com trabalho periférico pouco invasivo nos bordos longitudinais e no bordo transversal, formando bonita enxada. 466/3.

1 seixo triangular de arenito silicificado com gume bifacial grosseiro, 8,3 x 8,7 x 4,6 cm. 466/4.

1 talhador bifacial sobre placa de basalto. 466/2.

1 seixo pequeno de quartzo.

Assentamento: aldeia.

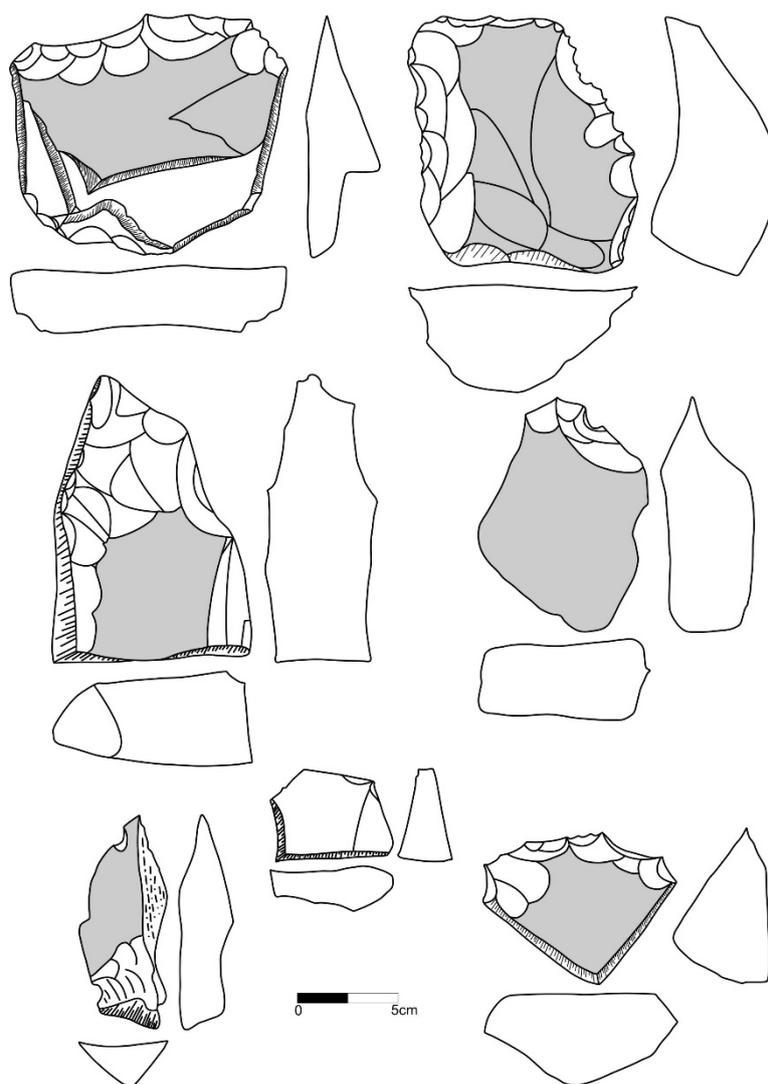


Figura 117. Artefatos líticos do sítio RS-S-285: Passo da Forquilha 1.

RS-S-287: PASSO DA FORQUILHA 2

Catálogo MARSUL 468

O sítio:

Proprietário: Hercílio Francisco da Rosa. À direita do Rio dos Sinos, a 60 m no alto de um morro, grande mas baixo, encontramos um extenso sítio de habitação constituído exclusivamente de petrefatos, com excessão de um caco de cerâmica. Com exceção de uma estreita faixa de terra, este morrinho está rodeado pelo varzedo. A leste do sítio, uma taipa de pedrae que o separa da estrada que acompanha o rio e, um pequeno mato, ao sul roça de onde se avista o morro Castelhana, a oeste mato e roça, ao norte a estradilha que leva à casa do proprietário seguido de pequeno mato. O solo é argiloso com grande quantidade de matações. O sítio tem a aparência sinuosa pois segue a encosta do morro desde sua parte mais alta pelo declive noroeste. A grosso modo podemos dividi-lo em três partes, os extremos que apresentam principalmente talhadores bifaciais, o central mais elevado com batedores, pedras bigorna, lascas, polidores etc. Todo o terreno está em roça pouco limpa, piretro, milho, arroz e feijão. (Eurico Th. Miller, 03.01.66 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL).

Segundo a descrição de Miller, não havia cerâmica em superfície, com exceção de um único fragmento, que não foi localizado no acervo do MARSUL.

O material lítico mencionado encontra-se no acervo, mas não foi analisado.

Este assentamento forma uma aldeia em conjunto com RS-S-285 e RS-S-288. O croqui pode ser visto na **Figura 118**.

RS-S-288: PASSO DA FORQUILHA 3

Catálogo MARSUL 469

O sítio:

Proprietário: João Manuel da Silva Filho. Ao norte do RS-S-287 e a 20 m sobre estreita faixa de terra que liga o morro onde se situa RS-S-287 ao sistema de morros, ao norte está RS-S-288. A 40 m do Rio dos Sinos, tem a sudoeste uma taipa e um pequeno mato, a sudeste outra taipa a qual encosta, a nordeste outra taipa a 7 m, a noroeste um declive que vai ao vargado. O terreno está em roça de milho e é areno-argiloso. Sítio de habitação de pequenas dimensões possui duas manchas de terra escura. Não escavamos. Os cacos são pequenos a médios, pouco erodidos, em pequena quantidade. Alguns petrefatos (choppers). (Eurico Th. Miller, 04.01.66 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figura 118).

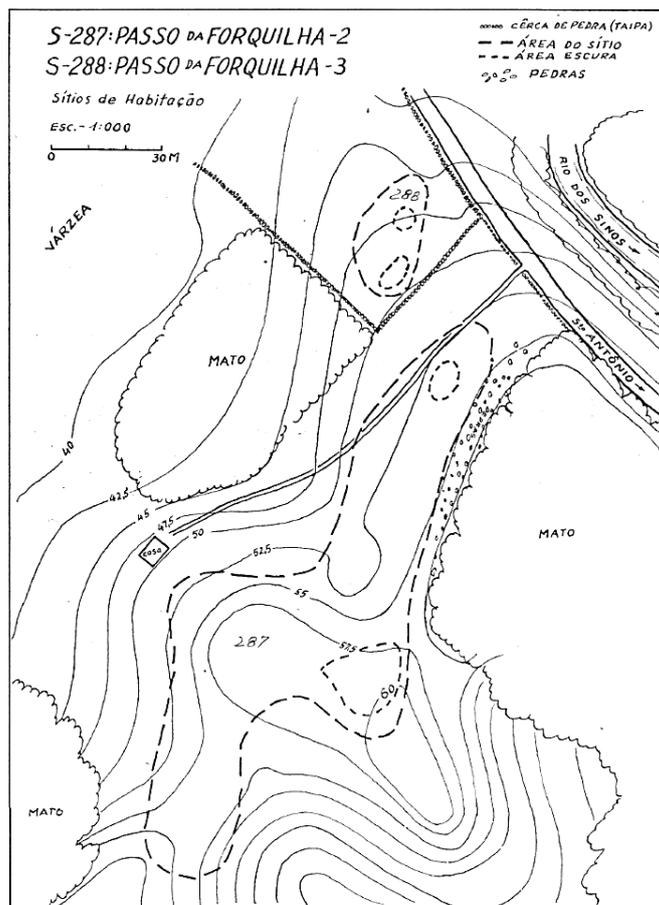


Figura 118 . Croqui dos sítios RS-S-287e 288: Passo da Forquilha 2 e 3, de E. Th. Miller.

A cerâmica:

A **Tabela 87** mostra uma distribuição normal dos tipos de acabamento, com um mai-

or percentual de Corrugado. O número significativo de cerâmica Pintada permitiu uma separação em externa e interna. A predominância de fragmentos de tamanho médio e presença de fragmentos grandes indica relativamente pouco impacto posterior à ocupação do sítio,

Tabela 87: Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrug.3	Ungulado	Pint. ext.	Pint. int.	Simples	Total
0-2,5 cm	2	26				28 (9,18%)
2,6-5,0	94	11	18	8	48	179 (58,69%)
5,1-7,5	54	1	8	3	17	83 (27,21%)
7,6-10,0	11		1	1	2	15 (4,92%)
Total	161 (52,79%)	38 (12,46%)	27 (8,85%)	12 (3,93%)	67 (21,97%)	305

Não classificados: 8 fragmentos.

A **Tabela 88**, pela espessura dos fragmentos, mostra uma maior concentração entre 0,6 e 1,0 cm, indicando o predomínio de vasilhas de tamanho médio.

Tabela 88: Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrug. 3	Ungulado	Pint. ext.	Pint. Int.	Simples	Total
0-0,5 cm	10	6	8	7	13	44 (14,43%)
0,51-0,75	72	18	12	4	40	146 (47,87%)
0,76-1,0	78	13	7	1	13	112 (36,72%)
1,1-1,25	1	1			1	3 (0,98%)
Total	161 (52,79%)	38 (12,46%)	27 (8,85%)	12 (3,93%)	67 (21,97%)	305

Não classificados: 8 fragmentos.

O Corrugado é baixo e com acabamento regular. Ocorrem ainda 2 fragmentos de cerâmica da Tradição Taquara, ponteados, com tamanho entre 2,6-5,0 cm e espessura entre 0-0,5 cm.

O antiplástico é composto por areia com caco moído.

Ocorrem 71 bordas (**Figura 119**), distribuídas entre 34 com acabamento Corrugado 3, 6 Ungulado, 9 Simples, 9 Simples com vermelho interno, 11 Pintado externo e 2 Pintado interno.



Figura 119. Bordas da cerâmica do sítio RS-S-288: Passo da Forquilha 3. De cima para baixo, primeira linha: Corrugados; segunda linha, Ungulados; terceira linha, Simples e Simples com pintura vermelha interna; quarta linha, Pintados.

Marcas de uso: ocorre película escura em 77 fragmentos cerâmicos com acabamento Corrugado 3 (58 na face interna e 19 na externa, compondo 47,83% do total desse acabamento; em 21 fragmentos Ungulado (18 na face interna, 2 na externa e 1 interna e externa, com 55,26%); em 44 fragmentos Simples (29 na face interna, 14 manchas externas, 1 interna e externa, predominantemente tigelas, com 65,67%); em 4 fragmentos Simples com vermelho interno (uma mesma tigela com película externa) e em 8 fragmentos Pintado externo (7 na face interna e 1 interna e externa, com (29,63%).

O material lítico:

4 lascas de basalto, pequenas: 3,8; 4,3; 5; 5 cm.

1 microlasca de basalto: 2,8 cm.

1 lasca de basalto com aresta dorsal: 5,3 x 5,0 x 1,6 cm.

1 seixo lenticular com retiradas grosseiras em três bordos, na tentativa de criar um pequeno talhador: 6,0 x 5,4 x 1,8 cm.

Assentamento: forma uma aldeia com RS-S-285 e 287.

RS-S-286: SÍTIO CASTELHANO

Catálogo MARSUL 467

O sítio:

Proprietário: Mateus Coelho Munis, morador local. À esquerda do Rio dos Sinos, a 400 m sobre o alto de um morro chamado de Castelhana, encontramos este sítio habitação, pequeno, com uma mancha pouco escura. A noroeste e a 30 m uma vertente, ao norte a 20 m mato, a sudoeste o topo do morro coberto de vassouras, ao sul roça e a

oeste capoeira baixa. O terreno é argiloso e duro com matações espalhados a esmo. Sendo poucos os cacos, somente colhemos superficialmente e por toda a área (a cerâmica em cacos pequenos a médios e pouco erodidos). Daí de cima avista-se uma dilatada várzea, principalmente no lado direito do Rio dos Sinos, que vai até o lugar chamado Monjolo, rio abaixo. (Eurico Th. Miller, 02.01.66 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL).

Gislene Monticelli e Sirley Hoeltz, em 25.7.2001, fizeram novo relatório sobre o sítio, que denominaram PASAP P627. O relatório está no MARSUL.

A cerâmica:

A **Tabela 89** mostra uma proporção equilibrada entre os acabamentos de superfície, predominando o Corrugado 3. Os fragmentos são pequenos a médios, indicando certo grau de impacto posterior à ocupação do sítio.

Tabela 89: Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5cm	13	4		4	21 (16,41%)
2,6-5,0	51	12	13	21	97 (75,78%)
5,1-7,5	7	2		1	10 (7,81%)
Total	71 (55,47%)	18 (14,06%)	13 (10,16%)	26 (20,31%)	128

Não classificados: 9

A **Tabela 90** mostra maior concentração em fragmentos com espessura mediana, indicando uma proporção maior de vasilhas de tamanho pequeno a médio.

Tabela 90: Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm		2			2 (1,56%)
0,51-0,75	36	9	12	12	69 (53,91%)
0,76-1,0	35	7	1	11	54 (42,19%)
1,1-1,25				3	3 (2,34%)
Total	71 (55,47%)	18 (14,06%)	13 (10,16%)	26 (20,31%)	128

Não classificados: 9

Ocorre ainda um fragmento cerâmico da Tradição Taquara, com tamanho entre 2,6-5,0 cm e espessura entre 0-0,5 cm.

O antiplástico é composto por areia fina a média, com grãos isolados de hematita e fragmentos isolados de carvão. É denso, com pasta uniforme e compacta.

Ocorrem 9 bordas, sendo 3 com acabamento Corrugado 3, 2 Ungulado e 4 Pintado externo, que não foram reproduzidas.

Marcas de uso: ocorre película escura em 45 fragmentos com acabamento Corrugado 3, sempre na face interna (63,38% do total com esse acabamento); 10 em Ungulado, sempre na face interna (55,55%); 6 em Simples, na face interna (23,08%) e 4 em Pintado externo (1 na face interna e 3 com mancha preta junto da borda, com 30,77%).

O material lítico:

1 talhador bifacial sobre seixo de basalto amidaloide, 17 x 9,5 x 6 cm.

Assentamento: aldeia.

RS-S-289: MONTE SERRAT 1

Catálogo MARSUL 470

O sítio:

Proprietário: José Isidório Moura. A 200 m da margem esquerda do Rio dos Sinos, sobre uma lombada. Ao sul o sítio tem um capãozinho e o topo da lombada, a leste, é encostado outro matinho com vertente, ao norte descendo a sanga que recebe as águas das vertentes a leste, a oeste a lombada continua descendo sempre paralela ao rio. Nesta região as várzeas são altas e estreitas. A terra é argilosa e está coberta de plantas como fumo e milho e abóboras. O sítio está separado da sanga por uma faixa de matacões. O sítio é de grandes dimensões e por todo ele recolhemos dezenas de choppers mais concentrados na parte centro-oriental, isto é, do caminho de roça às vertentes a leste. Com a mesma disposição encontramos cacos Guarani. Apesar de haver três manchas de terra, os cacos não estão em foco, o que não possibilitou escavação e recolhemos todos os cacos visíveis na superfície. Estes petrefatos quase sempre são acompanhados de cerâmica tipo Morro da Formiga (Taquara) e aqui estão acompanhados de cacos Guarani. (Eurico Th. Miller, 06.01.66 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL). (Figura 120).

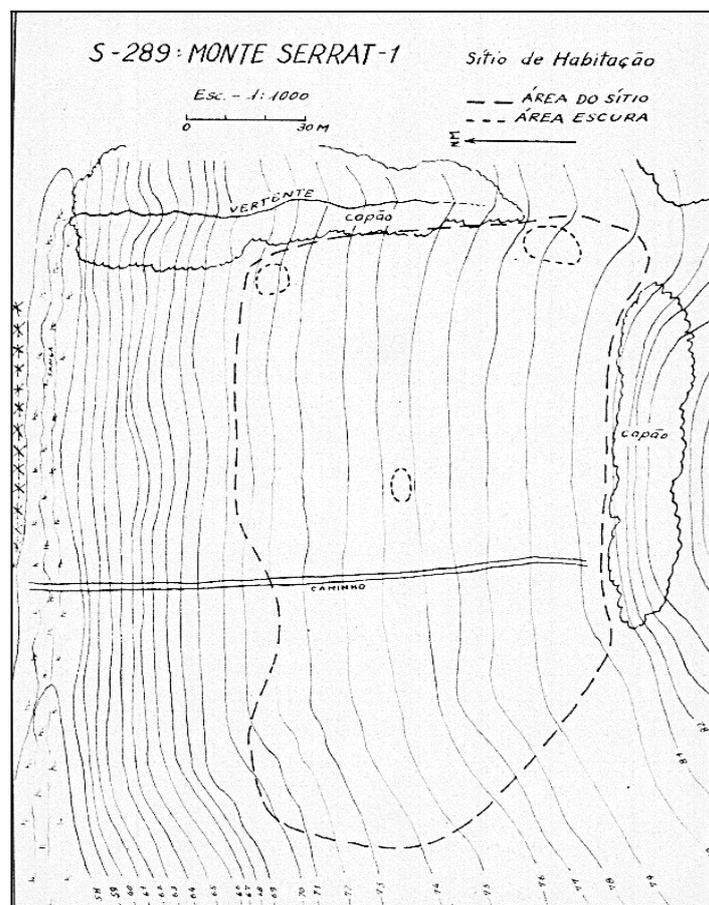


Figura 120. Croqui do sítio do sítio RS-S-289: Monte Serrat 1, de E. Th. Miller.

A cerâmica:

A **Tabela 91** mostra aumento da cerâmica com acabamento Ungulado, em relação aos sítios da área. O tamanho dos fragmentos concentra-se em médios a grandes, indicando maior grau de preservação do sítio.

Tabela 91: Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5cm					0
2,6-5,0	29	34	2	20	85 (51,20%)
5,1-7,5	25	19	2	10	56 (33,74%)
7,6-10,0	12	4	1	3	20 (12,05%)
10,1-12,5	2	3			5 (3,01%)
Total	68 (40,96%)	60 (36,15%)	5 (3,01%)	33 (19,88%)	166

A **Tabela 92** mostra vasilhas em que a espessura dos fragmentos se concentra entre médias a grandes, indicando a presença maior de vasilhas nestes tamanhos.

Tabela 92: Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm					0
0,51-0,75	8	4	1	2	15 (9,03%)
0,76-1,0	35	31	3	14	83 (50,00%)
1,1-1,25	24	20		17	61 (36,75%)
1,26-1,5	1	5	1		7 (4,22%)
Total	68 (40,96%)	60 (36,15%)	5 (3,01%)	33 (19,88%)	166

A maior parte do acabamento Corrugado 3 é irregular, ainda que ocorram alguns fragmentos mais bem acabados. O Ungulado é variado, ora com marcas grandes de unhas e distribuídas espaçadamente, ora pequenas e densamente agrupadas. Às vezes a superfície não foi bem alisada e pode haver certa confusão com o Corrugado. Num caso, há um corrugado grande complementar junto do lábio. Provavelmente algumas superfícies internas eram vermelhas.

Os recipientes Ungulado são grandes e complementam bem os do Corrugado 3. Ocorrem 5 fragmentos Simples com pintura vermelha interna e externa. Dos Pintado, 1 é pintado externo com branco interno, 1 é pintado externo com vermelho interno e 3 são pintados internamente.

O antiplástico é composto por areia média com muitos grãos grandes de hematita, às vezes clastos grandes brancos de feldspato. A superfície é áspera e abrasiva ao tato.

Ocorrem 34 bordas, sendo 13 com Corrugado 3, 19 com Ungulado e 2 com Simples (**Figura 121**).

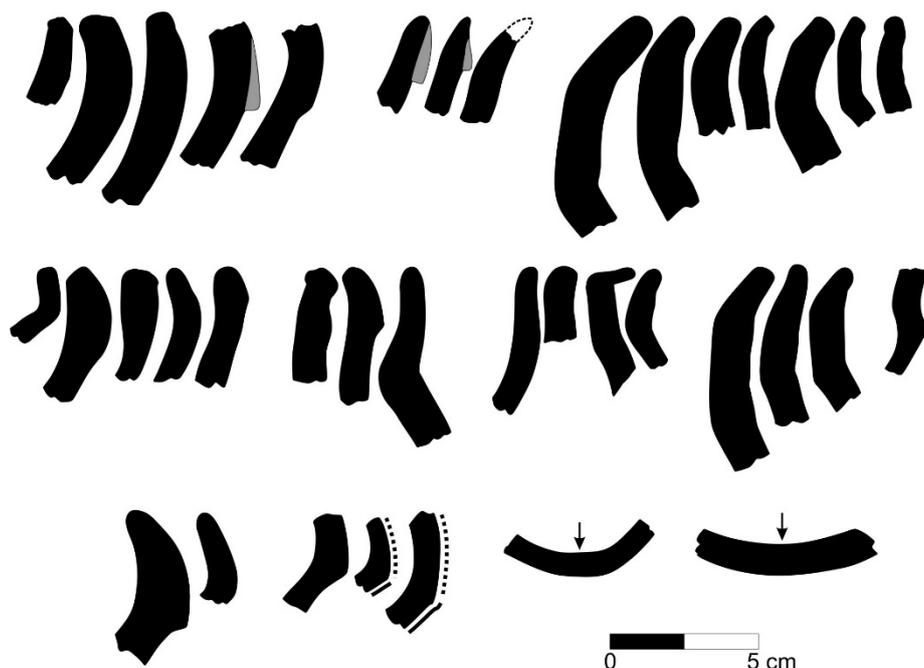


Figura 121. Bordas da cerâmica do sítio RS-S-289: Monte Serrat 1. De cima para baixo, primeira linha, Corrugados; segunda linha, Ungulados; terceira linha, Pintados e bases.

Marcas de uso: ocorre película escura em 47 fragmentos de cerâmica com acabamento Corrugado 3 (28 na face interna, 8 na externa e 11 na interna e externa, compondo 69,12% do total com esse acabamento), 37 em Ungulado (9 fragmentos com película escura interna, 10 externa e 18 escuros internos e externos, com 61,67%) e 6 fragmentos de uma mesma vasilha Simples (4 interno e 2 externo, com 18,18%).

O material lítico:

A abundância e variedade de material lítico permitem estudar, neste sítio, o padrão dos principais artefatos.

A principal matéria prima são seixos rolados de basalto amidaloide, alongados, estreitos, não muito grossos, de córtex muito fino; raramente blocos um pouco maiores dos quais se tiraram lascas longas e estreitas, por percussão com apoio. Está presente também um outro tipo de basalto, de composição mais fina, com córtex avermelhado mais espesso, que aparece em pequenos blocos, dos quais são retiradas lascas curtas e largas. O primeiro podia ser recolhido em cascalheiras próximas, o outro em afloraentos no solo. As nascentes do rio estão em terrenos arenosos da Formação Botucatu capeados por basaltos da Formação Serra Geral, o que explica a presença dos seixos ao longo do rio e nos afloramentos. Neste sítio não aparecem artefatos em arenito silicificado, frequentes em situações de formações semelhantes.

O basalto amidaloide é muito tenaz e as intervenções com percutor duro produzem cicatrizes com superfícies ásperas. Ele foi usado predominantemente na forma original do seixo com pequenas modificações uni ou bifaciais numa extremidade, ou lado, para criar talhadores. Ele também foi usado para produção de longas e estreitas lascas, que foram transformadas em talhadores com pequenas intervenções uni ou bifaciais na extremidade transversal e reforço nos bordos longitudinais. O segundo tipo de basalto, de composição mais fina e regular, foi usado para produzir lascas curtas e largas com bordo transversal expandido, que foram transformadas em instrumentos semelhantes a enxós ou enxadas.

São poucas as intervenções para criar os gumes das peças, geralmente três a cinco golpes. Estes gumes são cortantes, mas irregulares, produzidos por golpes numa face e na outra face, sem regularização posterior. Estes gumes se prestariam mal para trabalhar

madeira, mas seriam úteis para desbastar vegetação menor e preparar o solo para o plantio. Muitas peças aceitariam um cabo, mas não se visualizam adaptações significativas para isto. Alguma vez se exigia uma redução da largura ou espessura do suporte para dar o formato desejado ao instrumento: isto podia ser feito com um só forte golpe com apoio. Não se percebem marcas de uso.

Abaixo são apresentadas as descrições dos tipos de artefatos produzidos, que melhor representam a indústria lítica do sítio e que pode ser usada como padrão para todos os sítios do vale:

Lasca transversais e seixos lenticulares (talhador unifacial ou enxó) (**Figura 122**):

470/44. Talhador unifacial ou enxó. Lasca côncava com talão liso, cornija, bulbo saliente, face externa com uma retirada anterior, mas ainda muito cortical. Bordos longitudinais convexos. Basalto tipo 2. Tamanho: 7,5 x 12,7 x 1,6 cm.

470/50. Talhador unifacial ou enxó. Lasca côncava com talão liso, cornija, bulbo saliente, face externa com três retiradas, conservando 1/3 de córtex. Basalto tipo 2. Tamanho: 6,5 x 10 x 1,5 cm.

470/42. Talhador unifacial ou enxó. Lasca, talão liso, bulbo saliente, uma retirada dorsal mantendo mais da metade cortical, bordo transversal em leque. 10 x 15 x 1,5 cm.

470/49. Talhador unifacial ou enxó. Lasca côncava, talão liso, cornija, bulbo saliente, aresta dorsal assimétrica, 1 bordo longitudinal convexo. Basalto tipo 2. 10 x 6,5 x 3 cm.

470/37. Talhador unifacial ou enxó. Lasca côncava, talão minúsculo cortical, bulbo saliente, 1 bordo longitudinal lado, o outro convexo retocado, bordo transversal espesso, dorso é superfície interna de outro lascamento. 10,5 x 7 x 2,6 cm.

470/33. Talhador unifacial ou enxó. Lasca longitudinal curta, plano de percussão liso, cornija, face interna levemente convexa, face externa com uma retirada longitudinal que retirou 1/3 do córtex. Sem outra intervenção. 3 bordos cortantes. 10 x 8,5 x 4,3 cm.

470/40. Lasca/núcleo irregular com uma faceta cortical. Basalto tipo 2. 9 x 7 x 4,3 cm.

740/48. Talhador unifacial ou enxó. Seixo aplanado com uma retirada larga numa face e uma curta na outra face do mesmo bordo para criar um gume cortante. Basalto tipo 2. 10 x 9,5 x 2,8 cm.

470/41 Seixo lenticular com duas retiradas numa face. Basalto tipo 2. 11 x 8,7 x 1,7 cm.

470/19. Seixo plano com 3 retiradas unificiais num dos lados e 1 retirada numa outra ponta natural produzindo bom gume. 15 x 13 x 4,3 cm.

470/46. Lasca de basalto amidaloide, com bulbo saliente e bordos trabalhados com retiradas abruptas, pequenos restos de córtex. 6,2 x 7 x 5 cm.

Lasca longitudinais (talhador unifacial) (**Figura 123**):

470/8. Lasca longitudinal, talão liso, face interna lisa, bulbo removido, face externa com retirada longa de uma extremidade à outra, com 2 pequenos restos de córtex, reforço dos bordos longitudinais com pequenas retiradas abruptas, bordo transversal com retiradas nas duas faces. 19,5 x 9,5 x 6,2 cm.

470/34(?). Lasca longitudinal, talão liso, face interna lisa, levemente curva, face externa com aresta dorsal curva, reforço dos bordos longitudinais por pequenas retiradas abruptas, bordo transversal com retiradas bifaciais. 17,8 x 7,5 x 4 cm.

470/27. Lasca longitudinal, talão liso, face interna lisa, face externa com retirada dorsal junto ao bordo transversal, mais 2 outras pequenas retiradas, deixando a maior parte cortical, pequeno reforço do bordo transversal para criar gume ogival. 19,5 x 9,2 x 4,2 cm.

470/6. Lasca longitudinal com as duas extremidades impactadas por desprendimento bipolar e mais um golpe lateral duro para formatação. Face interna bem irregular, face externa quase toda cortical. As duas extremidades com gumes grosseiros, sem trabalho secundário. 22,5 x 9,1 x 5,5 cm.

470/2. Grande lasca bipolar com perfil triangular, redução da aresta dorsal e pequena intervenção bifacial na extremidade oposta ao talão. 22,8 x 8 x 7,2 cm.

Seixos alongados de basalto amidaloide transformados em talhadores (Figura 124):

470/20. Seixo rachado ao meio por percussão apoiada, com um gume criado, enviesado numa extremidade por 2 retiradas na face externa que, de resto, é cortical. Face interna lisa e reta. 16,6 x 9,8 x 6,3 cm.

470/23. Seixo com duas retiradas numa face, 3 pequenas na outra da mesma extremidade. 14,5 x 6,5 x 4,5 cm.

470/28. Seixo com uma retirada numa face numa extremidade. 16,1 x 6,7 x 3,5 cm.

470/3. Seixo com uma retirada numa face, 3 retiradas na outra face da mesma extremidade. 17,2 x 8,4 x 6,5 cm.

470/10. Seixo com um golpe apoiado que produziu duas retiradas, uma em cada face da mesma extremidade e outra numa face da outra extremidade. 18,6 x 9,6 x 4,8 cm.

470/7. Seixo com uma extremidade em gume ogival, com 3 pequenas retiradas numa face, uma na outra face e a regularização de um bordo longitudinal por 3 retiradas. 20,3 x 9,3 x 4,6 cm.

470/31. Seixo quebrado ao meio transversalmente, com 3 retiradas numa face e duas na outra face num dos bordos longitudinais. 11,5 x 12 x 6 cm.

470/22. Núcleo bipolar multifacetado com pequeno resto de córtex, uma de cujas extremidades com gume irregular. 15,3 x 88 x 6,7 cm.

470/53. Seixo com retiradas bifaciais grosseiras numa extremidade, redução do tamanho por quebra da outra extremidade e redução por quebras irregulares num bordo longitudinal. 11,6 x 9 x 3,8 cm.

470/4. Seixo com retiradas bifaciais numa extremidade e redução de um bordo longitudinal. 16,4 x 8 x 5,4 cm.

470/45. Seixo com pequeno gume bifacial numa extremidade. 10,7 x 5,1 x 3,2 cm.

470/43. Lasca bipolar triangular alongada. Talão liso irregular, face interna muito irregular, redução de dois bordos longitudinais. 10,7 x 6 x 4 cm.

470/36. Seixo com uma extremidade apontada por 3 retiradas numa face, a outra face reduzida por um golpe que se estendeu por 2/3 de uma face, retirando uma aresta dorsal. 16,2 x 5,5 x 3,1 cm.

470/25. Seixo com pouca interferência criando gume grosseiro num dos ângulos do seixo. Intervenção desastrada. 15,8 x 9,5 x 5,2 cm.

470/il. Seixo grande e pesado com intervenções em ambas as faces criando um gume ogival, e intervenções fortes num bordo longitudinal e no dorso alto para formatar um grande talhador. 24 x 9,5 x 7,8 cm.

470/55. Núcleo bipolar em forma de biface com algumas intervenções a partir de um bordo longitudinal, sobrando pequena faixa de córtex. 9,6 x 4,4 x 1,5 cm.

470/54. Seixo de arenito silicificado transformado em talhador bifacial. 8,4 x 5,8 x 4,6 cm.

Outros:

470/37. Lasca bipolar de basalto tipo 2 muito meteorizado, talão liso, face interna irregular, face externa com aresta assimétrica. Regularização do bordo longitudinal e transversal. A meteorização do basalto mascara as intervenções. 13,8 x 6 x 2,7 cm.

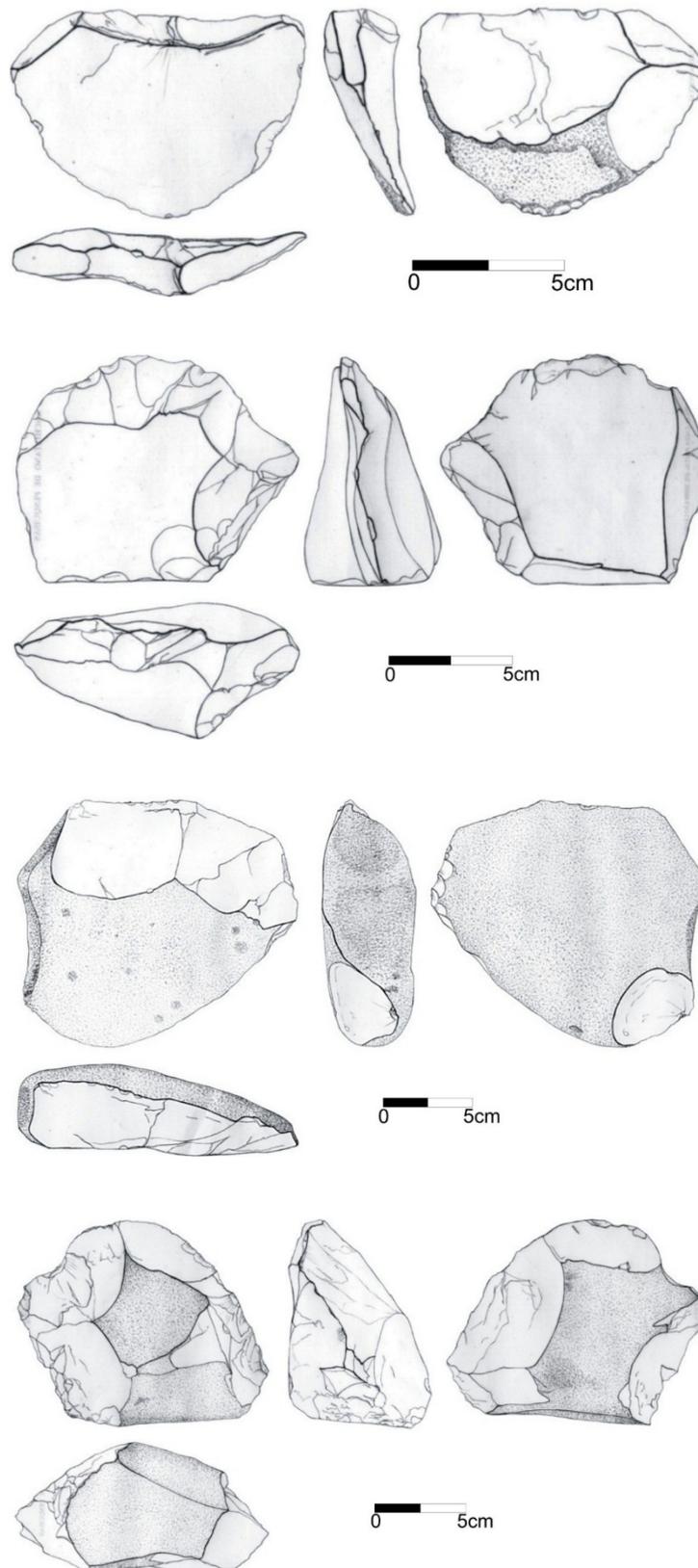
470/39. Plaqueta de basalto tipo 2 com intervenções nas duas extremidades e nos bordos longitudinais produzindo um talhador retangular com gumes nas extremidades opostas. Podia ser encabado. Muito meteorizado. 8,6 x 5,4 x 2,9 cm.

470/47. Seixo retangular achatado com uma batida num bordo longitudinal e uma na extremidade. Não instrumento. 9,4 x 6,6 x 2,5 cm.

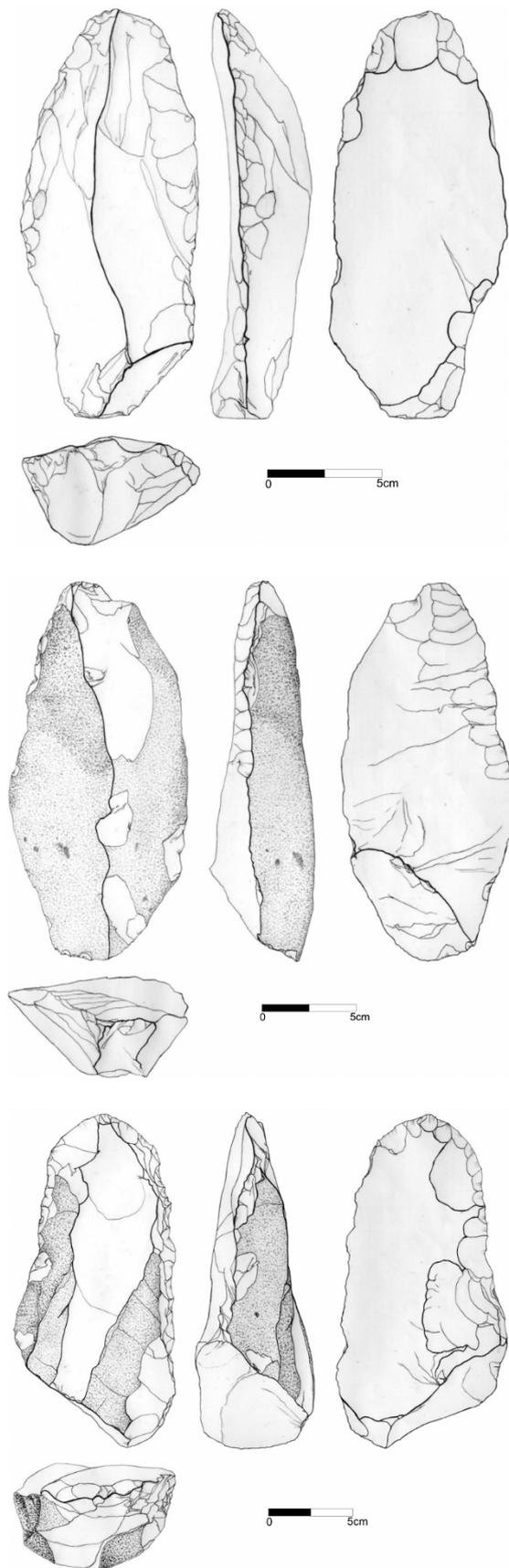
470/25. Fragmento bipolar de basalto amidaloide com típico perfil triangular. 12,3 x 6,9 x 3 cm.

470/57. Fragmento de lascamento com uma face cortical. 6,9 x 4,8 x 3,2 cm.

Vagner Perondi desenhou as peças mais características, que servem de padrão para o material lítico dos sítios do vale.



Figuras 122. Lascas transversais e seixos lenticulares (talhadores ou enxós).
Desenhos de Vagner Perondi.



Figuras 123. Lascas longitudinais (talhadores). Desenhos de Vagner Perondi

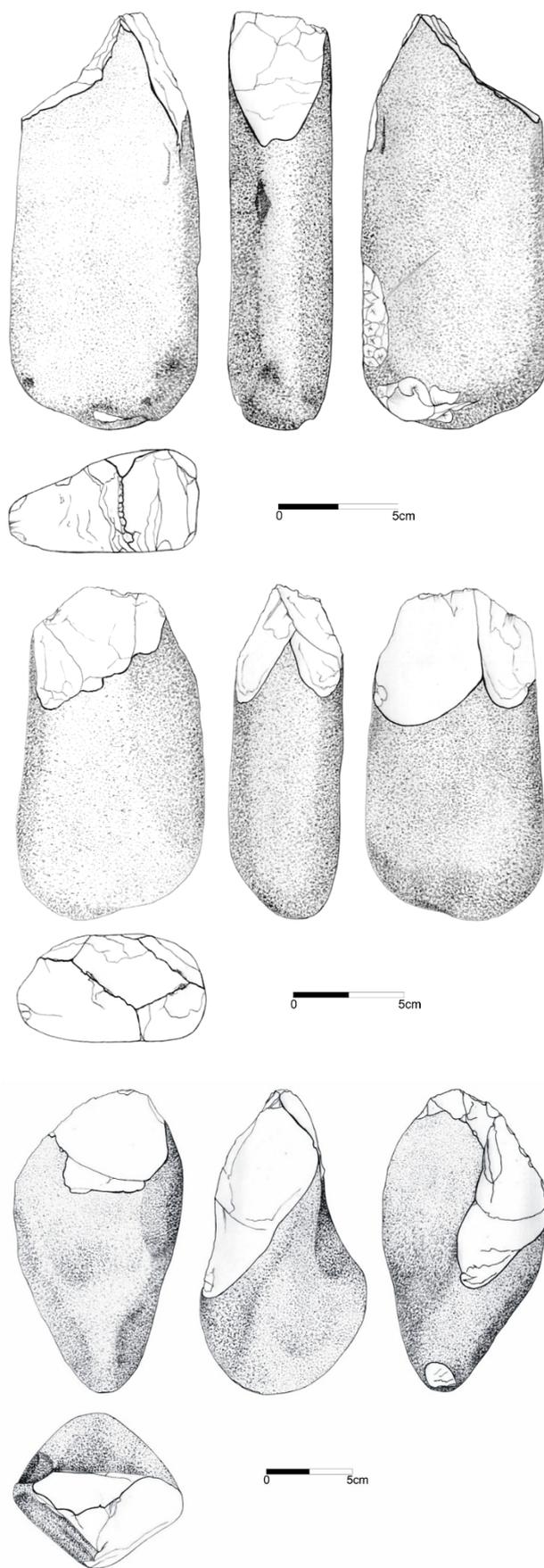


Figura 124. Seixos alongados de basalto amidaloide, transformados em talhadores. Desenhos de Vargner Perondi.

Assentamento: Aldeia.**RS-S-290: MONTE SERRAT 2**

Catálogo MARSUL 471

O sítio:

Proprietário: José Isidório Moura. Ao norte de RS-S-289 e a 18 m da barranca do Rio dos Sinos e a 8 m acima deste, encostado à estrada tem, a oeste, a casa do Proprietário, ao sul um taquaral e sanga com capãozinho. Solo fofo areno-argiloso coberto com batata doce e milho, árvores frutíferas. Cacos pouco erodidos, de pequenos a médios, colhidos em toda a superfície do sítio, sem foco de concentração. Uma pequena mancha de terra preta. (Eurico Th. Miller, 07.01.66 – Ficha de Registro de Sítio do MARSUL).

A cerâmica:

A **Tabela 93** mostra um alto percentual de fragmentos com acabamento Corrugado, que não ocorre nos demais sítios da área. A maior parte deles concentra-se nos tamanhos pequenos a médios, indicando um grau relativamente alto de impacto no sítio.

Tabela 93: Acabamento de superfície e tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-2,5cm	4	1			5 (1,97%)
2,6-5,0	128	8	4	25	165 (64,96%)
5,1-7,5	64	5		6	75 (29,53%)
7,6-10,0	8				8 (3,15%)
10,1-12,5	1				1 (0,39%)
Total	205 (80,71%)	14 (5,51%)	4 (1,57%)	31 (12,21%)	254

A **Tabela 94** mostra uma concentração de fragmentos com espessura entre 0,51 e 1,00 cm, indicando a produção preferencial de vasilhas pequenas e médias.

Tabela 94: Espessura dos fragmentos.

Espessura	Corrugado 3	Ungulado	Pintado	Simples	Total
0-0,5 cm	1	2		1	4 (1,57%)
0,51-0,75	100	12	3	17	132 (51,97%)
0,76-1,0	102		1	13	116 (45,67%)
1,1-1,25	2				2 (0,79%)
Total	205 (80,71%)	14 (5,51%)	4 (1,57%)	31 (12,21%)	254

O acabamento Corrugado 3, que predomina largamente entre outros tipos de acabamento, é baixo e bem produzido.

O antiplástico é composto por areia fina a média.

Ocorrem 50 bordas (**Figura 125**), distribuídas entre 39 Corrugado, 6 Ungulado e 5 Simples.

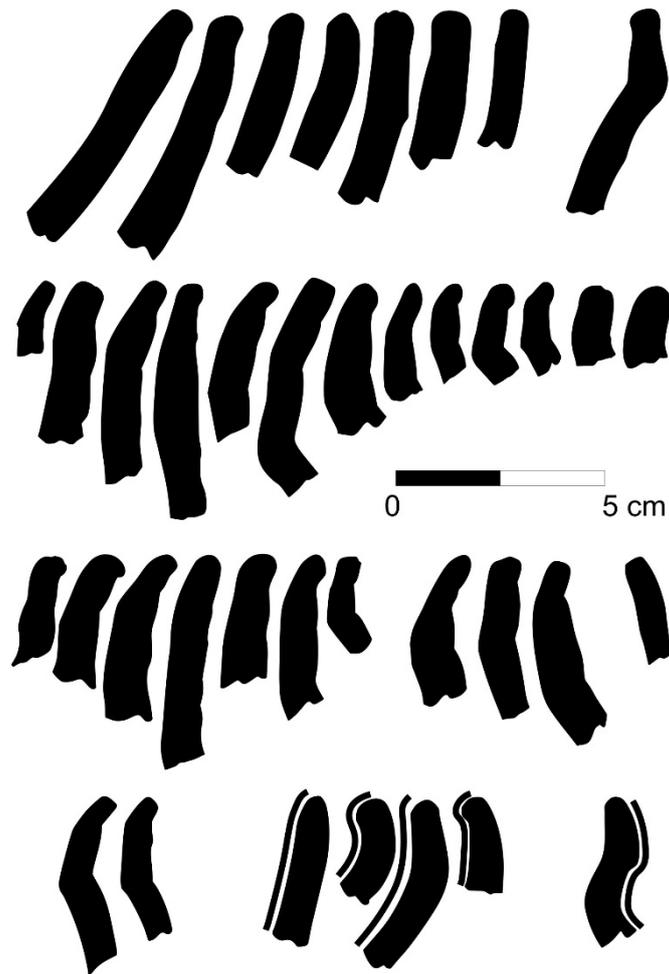


Figura 125. Bordas da cerâmica do sítio RS-S-290: Monte Serrat 2. De cima para baixo, primeira e segunda linhas: Corrugados; terceira linha: Corrugados e Ungulados; quarta linha: Ungulados e Pintados.

Marcas de uso. Ocorre película escura em 108 fragmentos com acabamento Corrugado 3 (90 internamente, 5 externamente e 13 interna e externamente, compondo 52,68% do total com esse acabamento). Das 39 bordas de Corrugado, 25 apresentam película escura (16 interna, 4 externa e 5 interna e externamente, compondo 64,10% do total). Entre o Ungulado, ocorre película escura em 8 fragmentos (5 interna e 3 interna e externamente, com 57,14%). No acabamento Simples, 21 fragmentos (8 interna, 1 externa, 6 interna e externamente, além de 6 fragmentos escuros externamente e pintura vermelha interna, com 67,74%). Ocorre ainda 1 fragmento Pintado externo, com película escura interna e externa (25,00%).

O material lítico:

Está composto por:

2 lascas secundárias de basalto, grosseiras: 7,2 x 5,3 x 1,5 cm e 2,3 x 2,2 x 1,3 cm.

2 lascas semi-corticais: 5,6 x 4,1 x 1,2 cm e 4,7 x 3,4 x 1,0 cm.

Assentamento: Aldeia.

QUADRO SÍNTESE DO MATERIAL CERÂMICO DOS SÍTIOS ESTUDADOS

Sítios	Catálogo	Corr. 2 (%)	Corr. 3 (%)	Unguladado (%)	Escovado (%)	Roletado (5)	Pintado (%)	Simples (%)	Fragm. T. Taquara	Anti-plást.	Total Fragm.
BAIXO VALE DO SINOS E SÃO LEOPOLDO											
RS-S-272	Marsul 442		43,98	5,42			12,05	38,55		areia	166
S-273	Marsul 443	15,08	41,67	5,95			9,13	28,17		caco	252
S-274	Marsul 444		61,11				2,78	36,11		caco	36
S-275	Marsul 445	9,84	47,54	6,56			9,83	26,23		caco	122
S-276	Marsul 446		Urna grande com tampa e vasilha menor, compondo um sepultamento								
S-277	Marsul 447	29,83	35,96	3,51			6,14	24,56		caco	114
S-278	Marsul 448	2,39	71,86	1,80			4,19	19,76	x	caco	167
Aimoré	IAP 6	42,03	22,82				15,75	19,40	x	caco	990
Aimoré	IAP 6	40,85	33,36				13,90	11,87	x	caco	1280
Aimoré. Escav.	IAP 6	14,00	59,46	3,09			13,45	10,00		caco	550
Coleta antiga a	IAP 4		69,94	1,09			4,92	24,04		caco	183
Coleta antiga b	IAP 5	36,36	45,45					18,19		caco	44
Cristo Rei	IAP 35		66,66	8,34			8,34	16,66		caco	12
Unisinos	s/n	21,79	62,82				5,12	10,25		caco	78
Lar Menina	IAP 3	7,67	67,16				11,08	14,07	x	caco	469
LOMBA GRANDE											
RS-17	IAP 34/35		57,14	18,18	1,30		12,34	11,04		areia	154
RS-18	IAP 36		100								4
RS-19	IAP 37		48,00	18,67			8,00	25,33		areia/c	75
RS-20	IAP 38		60,78	17,6			3,92	17,65		areia	51
S-267	Marsul 427		69,29	5,00			5,71	20,00	x	areia/c	140
S-267	Marsul 429		66,67	4,96			6,38	21,99	x	areia/c	141
S-268	Marsul 430		66,35	6,25			13,46	13,94		areia/c	208
S-269	Marsul 431		73,86	4,55			3,41	18,18		areia/c	88
S-270	Marsul 432		69,70	6,06			3,03	21,21		areia	33
Pedreira	IAP 15	14,10	44,87	14,10			11,54	15,39		areia	78

TAQUARA, NOVO HAMBURGO, CAMPO BOM, DOIS IRMÃOS

S-293	Marsul 474	53,79	7,66	8,33	30,22		areia	1188
S-362	Marsul 4409						Material não encontrado	
S-279	Marsul 324						Material não encontrado	
S-280	Marsul 453						Material não encontrado	
S-374	Marsul 4383	68,26	8,98		8,98	13,78	areia	334
S-373	Marsul 4381	71,82	5,45		22,732		areia	110
S-221	Marsul 4409	57,14	7,14		35,72		areião	112
S-227	IAP						Material não encontrado	
S-266	Marsul 423 a 426	41,67	12,5	4,16	33,34	8,33	areia	24 vasilhas
S-377	Marsul 4387	73,20	1,03		25,77		areião	194
S-371	Marsul 4379	92,45	7,54				areia	53
S-372	Marsul 4380	78,51	0,60		20,89		areião	335

SAPIRANGA

S-375	Marsul 4385	46,15			53,85		areião	39	
S-238	IAP 210	49,63	22,67		10,22	17,52	areião	137	
S-238	IAP 211	11,47	52,53	7,47	13,60	13,60	areião	375	
S-378	Marsul 4388 e 4389	59,72	19,44	4,87	15,97		caco	144	
S-242	IAP209	39,22	58,82	1,96			areia	51	
Picada Verão	IAP 869	58,45	33,10		2,82	5,63	areião	142	
S-281	Marsul 454	81,39			18,61		caco	129	
S-282	Marsul 455	51,03	1,65	1,85	1,44	44,03	x	caco	486
S-283	Marsul 462	63,16		0,93	35,91		x	caco	323

ESTÂNCIA VELHA

S-369	Marsul 4370	68,19	5,60		26,21		areião	393	
Est. Ve-lha	IAP 1684	92,31	0,96		0,96	5,77	areião	104	
Est. Ve-lha	IAP 1273	19,44	19,44		11,12	50,00	x	areião	36
Est. Ve-lha	IAP 1274	54,54	20,45	6,82	6,82	11,36	x	A reião	44
Est. Ve-lha	IAP 1275	49,33	33,33		5,33	12,00	Areião	75	

ALTO VALE DO SINOS

S-284	Marsul 465	82,02	6,47		3,60	7,91	Areião	139
-------	------------	-------	------	--	------	------	--------	-----

S-285	Marsul 466	2,11	32,39	17,61	2,82	11,27	33,80	Areia	142
S-286	Marsul 467		55,47	14,06		10,16	20,31	Areia	128
S-287	Marsul 468					Somente material lítico			
S-288	Marsul 469		52,79	12,46		12,78	21,97	Areia/c	305
S-289	Marsul 470		40,96	36,15		3,01	19,88	Areião	166
S-290	Marsul 471		80,71	5,51		1,57	12,21	Areia	254

9. OCUPAÇÃO GUARANI DO VALE DO RIO DOS SINOS

O projeto

O objetivo do trabalho é estudar a ocupação Guarani do vale do rio dos Sinos, um dos afluentes do rio Jacuí, a partir de coletas realizadas nas décadas de 1960 e 1970, quando o modelo de pesquisa era o do PRONAPA (Projeto Nacional de Pesquisas Arqueológicas) orientado pelo casal norte-americano Clifford Evans e Betty J. Meggers (Evans; Meggers, 1965; Chmyz ed. 1966; Meggers; Evans 1970). Embora só um dos pesquisadores (Eurico Th. Miller) pertencesse ao projeto, durante os anos de seu funcionamento (1965-1970), este era o modelo mais acessível para o proposto primeiro levantamento das culturas indígenas brasileiras. Os trabalhos então realizados tinham produzido diversas coleções, que estavam acompanhadas dos respectivos documentos e se encontravam guardadas em museus do vale, especialmente no MARSUL (Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul) e no Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, mas estavam inéditas com exceção de um relatório geral de Miller (1967) e uma comunicação de Rogge (1991).

Foi este o material usado para a análise da cerâmica e a leitura dos assentamentos, posteriormente reforçadas com analogia direta a partir das informações sobre os indígenas locais, denominados de Carijós, da família linguística Tupi-guarani, possibilitada pelos relatos de missionários jesuítas, que estiveram entre eles no começo do século XVII. É ilustrada com fotos de um assentamento Mbya Guarani do mesmo vale. Para completar o quadro, o resultado dessas etapas foi estendido à região do Nordeste do Rio Grande do Sul e Sudeste de Santa Catarina, território atribuído ao grupo indígena Carijó.

Não foram incluídas neste trabalho duas áreas do vale para as quais existiam trabalhos recentes sob a forma de uma tese para o alto vale do rio dos Sinos (Dias, 2003) e outra para o vale do rio Paranhana, seu maior afluente (Dias, 2015; 2016) (ver **Figura 1**). Alguns sítios dessas teses foram retomados em nosso estudo. Os materiais de alguns sítios, registrados no catálogo de Werlang (1981) não foram encontrados na respectiva reserva.

O resultado da análise do material e dos documentos

Foi o rio dos Sinos que orientou a ocupação do vale. Os sítios estudados encontram-se distribuídos ao longo do vale e de seus afluentes maiores, ocupando as primeiras elevações do terreno, no limite externo da várzea ribeirinha. É uma faixa bastante estreita de baixas colinas, que, na margem esquerda, se avizinha dos campos ondulados cobertos por gramíneas e, na direita, emenda com a densa floresta da encosta do Planalto das Araucárias. Só na confluência do rio Paranhana com o rio dos Sinos e junto aos formadores do rio esta faixa se alarga.

Os assentamentos estavam implantados na proximidade da água de arroios ou nascentes; raramente junto ao rio (então, em alta barranca), porque este é margeado por banhados com vegetação intrincada e densa. Esses banhados são maiores na margem esquerda do baixo curso e, como consequência, ali não se instalaram aldeias indígenas. Fora desse trecho, há sítios em ambas as margens do rio. Eles se localizavam numa posição que lhes possibilitava, pela frente, o acesso ao rio, suas várzeas e banhados, e pela retaguarda, a solo drenado apto para cultivos, e ao mato, com madeira, frutas e animais variados. O sustento básico seria produzido por manejo da diversidade ambiental e, principalmente, por cultivo de algumas plantas tropicais.

A localização das aldeias se fazia de tal maneira que as famílias pudessem alcan-

çar estes recursos em suas atividades diárias. Recursos complementares, do campo, da mata da encosta, do Planalto das Araucárias e do litoral atlântico exigiriam ausências maiores da aldeia, geralmente responsabilidade de grupos masculinos.

O distanciamento entre as aldeias, enfileiradas ao longo do rio, também era estratégica para não esgotar muito rapidamente o ambiente, mas não alcançamos calcular a duração de cada uma delas e sua possível movimentação residencial.

Para uma população nativa, como a estudada, o rio e os arroios maiores ofereciam peixes, além da possibilidade de navegação em pequenas canoas; a várzea, materiais para construção e artesanato, aves e alguns grandes mamíferos; a Floresta Estacional, madeira para construção, lenha, frutas, palmito, mamíferos, aves e répteis variados, além de solo medianamente adequado para alguns cultivos. Água para consumo e higiene estaria disponível nos arroios mais que no rio, que estava mais afastado dos assentamentos. Argila para produção cerâmica havia nas áreas úmidas e barrancas; rochas e minerais para a produção de instrumentos lascados e polidos, em cascalheiras do rio e nos afloramentos do dique de basalto que atravessa o vale.

Os assentamentos, que os arqueólogos estudaram, de acordo especialmente com os croquis de Miller, se apresentavam como uma, duas ou três pequenas manchas, próximas, de terra escurecida, com fragmentos cerâmicos concentrados, que se mostravam circundadas por um espaço maior, menos escurecido, no qual os restos eram mais dispersos.

Os assentamentos alinhados em ambas as margens do rio e em afluentes maiores, não formavam aglomerados; sendo exceção talvez os de São Leopoldo onde há sítios maiores e mais densos e outros com poucos restos. Em alguns sítios os materiais continuavam em profundidade possibilitando estudo estratigráfico e coleta de carvão para datação. No presente estudo não se aproveitou a estratigrafia para seriar a cerâmica em busca de uma cronologia relativa, como recomendava o PRONAPA, e só existem duas datas de C¹⁴.

A cerâmica dessas aldeias reproduz o padrão Tupiguarani, subtradição Corrugada, ou subtradição Guarani, na produção, acabamento, forma e uso (Brochado, 1984; Chmyz ed. 1966; La Sálvia; Brochado, 1989).

O antiplástico com que era preparada a massa para sua fabricação podia ser predominantemente caco moído, areia fina e média, ou areão. A construção das paredes se fazia por sobreposição de roletes. No acabamento da superfície externa era usado, predominantemente, o corrugado; em menor proporção, o ungulado, o alisado, que poderia receber um engobo ou ainda pintura; o escovado aparece raramente. A superfície interna costumava ser simplesmente alisada, podendo ainda receber um banho, engobo ou pintura. A boca das vasilhas é arredondada e a base convexa ou cônica, estando ausentes bases planas que geralmente indicam torradores de beiju ou de farinha.

De acordo com trabalhos anteriores, as vasilhas com acabamento Plástico seriam usadas, predominantemente, para preparar (no fogo) e servir alimentos, as de acabamento Simples ou Pintado para fermentação, guarda e consumo de bebidas. As marcas de uso observadas nos sítios, de fato, indicam maior quantidade de película e manchas escuras nas vasilhas Corrugado e Ungulado; erosão interna aparece em vasilhas grandes de diversos acabamentos (Corrugado 2 e 3, Escovado, Simples e Pintado); sulcos, atribuídos à ação de instrumentos para mexer ou retirar alimentos, só foram observados numa vasilha, na qual parte de uma crosta interna está sulcada. As marcas de uso aparecem melhor em sítios mais preservados, como o Estádio do Aimoré em São Leopoldo, Wilibaldo Felt e Picada Verão em Sapiranga e Estância Velha. Vasilhas de acabamento liso ou plástico também podiam ser usadas em sepultamentos, como urna, tampa ou acompanhamento.

Por analogia com as vasilhas usadas pelos Guarani missioneiros do século XVII, da bacia do rio Paraná, descritas por Montoya, os arqueólogos passaram a atribuir funções

aos produtos cerâmicos: as vasilhas de acabamento plástico são classificadas como panelas para cozinhar alimentos líquidos ou pastosos (*yapepó*), como caçarolas para alimentos sólidos (*ñæetá*), como tigelas para servir alimentos (*ñæembé* ou *tembiru*); os grandes jarros simplesmente alisados, engobados e/ou pintados, para fermentar e guardar bebidas (*cambuchi*) e as vasilhas pequenas, para servi-las (*Cambuchi caguabá*) (Brochado; Monticelli; Neumann, 1990; Neumann, 1993; Noelli, 1993).

Na manipulação do material dos sítios, separamos, primeiro, os fragmentos pelo acabamento de superfície, observando que predominam, com boa margem, os de acabamento plástico, usados na preparação e consumo de alimentos; depois, os separamos pela espessura dos fragmentos, que fornece uma sugestão para o tamanho dos recipientes, o qual permite especular sobre uso mais particular ou mais social e também sobre a potência do assentamento. As bordas foram desenhadas para reconstituição das formas. As vasilhas de acabamento Simples, com engobo e/ou pintura são geralmente poucas, indicando predomínio de elementos de subsistência básica familiar, e o predomínio de vasilhas pequenas sugere reduzido potencial das casas, com o predomínio das atividades cotidianas sobre as festivas. Nas aldeias do baixo vale, reunidas em nosso agrupamento 1 (ver adiante) as vasilhas costumam ter maior volume.

O tamanho dos fragmentos foi usado como indicador da conservação do sítio e do material. Todos eles sofreram impacto por instrumentos agrícolas, caminhos ou construções, reduzindo os fragmentos e os estratos dos sítios. Numa volta ao lugar dos sítios, trinta anos depois, eles tinham praticamente desaparecido.

Nos fragmentos procuramos marcas para testar as atribuições dadas pela analogia, sem observar maiores discordâncias com as afirmações correntes. A quase totalidade dessas marcas são crostas ou películas escuras internas, indicando cozimento, além de manchas escuras externas provocadas pelo fogo. Também erosões, espoucamentos, craquelados e sulcos, atribuídos a fermentação, a paredes aquecidas sem proteção, a raspagem na preparação ou retirada de alimentos (La Salvia; Brochado, 1989; Noelli, 1993; Neumann, 1993).

A semelhança entre os materiais dos sítios (ver Quadro síntese do material cerâmico dos sítios estudados) pode ser usada para agrupá-los em fases no modelo do PRONAPA ou "tekohás" na analogia etnográfica, pensando em ocupação de espaços e movimentação no território. Para tanto pareceram úteis o antiplástico usado na preparação da pasta e elementos de acabamento de superfície, a exemplo da qualidade do Corrugado (mais ou menos alto, bem ou mal-acabado, com ou sem impressão de unha), e da porcentagem do Ungulado e do Escovado no acabamento das paredes externas das vasilhas

Tomando por guia o antiplástico, foi possível agrupar os sítios analisados em três grandes conjuntos.

O primeiro conjunto, que usa caco moído (chamote), desdobra-se na parte baixa e média da planície do rio. São os sítios RS-6: Estádio do Aimoré, RS-SN: Unisinos e RS-7: Lar da Menina São José, RS-SN: Morro da Pedreira, em São Leopoldo e Sapucaia do Sul; RS-S-273, 274, 275, 276, 277, 278 no baixo vale; RS-S-281, 282, 283, 378 em Sapi-ranga. Nos sítios se produzia cerâmica volumosa e bem elaborada, com acabamentos plásticos, Simples e Pintado, para fins domésticos; também usada para sepultar os corpos de indivíduos mortos. O Corrugado costuma ser bem alto (Corrugado 2): Aimoré (42%), RS-277 (32%), RS-S-273 (15%), Morro da Pedreira (14%), RS-S-275 (9%), RS-S-278 (2%). O sítio RS-6: Estádio do Aimoré, em São Leopoldo, pode servir de amostra para este agrupamento. Ele tem duas datas calibradas, a primeira, sobre coquinhos calcinados, entre 450 e 355 A.P. (AD 1500 a 1595) e a segunda, sobre carvão, entre 340 e 295 A.P. (AD 1610 a 1655). A data média seria 330 ± 30 A.P. ou AD 1620 (Beta 411919).

Os sítios estão mais perto do leito do rio, principalmente na parte baixa, estendendo-se até sua parte média, e as vasilhas apresentam maior volume.

O segundo grupo, que usa predominantemente areia fina e média, de grãos arredon-

dados, proveniente do arenito Botucatu, ocupa lombas e colinas mais afastadas do rio, no médio e alto vale; ele produzia cerâmica menos volumosa e menos cuidada, encontrada nas habitações e também em enterramentos. O Corrugado é mais baixo (Corrugado 3), muitas vezes com impressões de borda de unha. Sítios: RS-S-272 no Baixo Vale; RS-S-267, 268, 293 e RS-20 em Lomba Grande; RS-S-266, 371, 373, 374 em Novo Hamburgo e vizinhança; RS-S-242 em Sapiranga; RS-S-284, 285, 286, 290 no Alto Vale. Para eles não existem datações radio carbônicas.

Os sítios predominam na parte média e alta do rio.

O terceiro grupo, que usa areia grossa composta por grãos de hematita e fragmentos angulosos de quartzo e feldspato, provenientes da decomposição do basalto, se aproxima da encosta do planalto dominado pelos grupos da tradição Taquara; em alguns sítios se percebe algum descuido ou inabilidade na produção da cerâmica; também ocorre a incorporação de considerável quantidade de cerâmica da tradição Taquara; em três sítios foram produzidos grandes painéis com acabamento Escovado (RS-SN: Estância Velha, no município homônimo, RS-S-378, em Sapiranga e RS-S-293, em Taquara). Outros sítios com antiplástico semelhante são RS-S-328 a e b, RS-S-375 e RS-SN: Picada Verão em Sapiranga, RS-S-377 em Dois Irmãos, RS-S-371 e 372 em Campo Bom, RS-S-221 em Novo Hamburgo; RS-S-289 no Alto Vale. Para esse grupo, serve como amostra o sítio RS-SN: Estância Velha, com datação feita sobre crosta carbonizada de alimento conservada no interior de uma panela, de 320 ± 30 AP (ou 1630 de nossa era); calibrada 445 a 360 AP (AD 1505 a 1590) e 335 a 290 AP (AD 1605 a 1660) (Beta-431945). Esse sítio, junto com RS-S-293, em Taquara, são os que mais se distanciam do padrão encontrado na cerâmica da área.

Os sítios predominam na parte média do rio na proximidade da encosta do planalto.

Para agrupar os sítios podemos servir-nos também do acabamento das superfícies do vasilhame, como a altura e o acabamento do Corrugado: o Corrugado 2 (alto e bem-acabado) acompanha geralmente o antiplástico com caco moído do primeiro agrupamento. Corrugado 3 é comum aos outros dois grupos.

O acabamento Ungulado aparece em pequena porcentagem nos sítios do primeiro grupo, em recipientes pequenos com formas específicas; torna-se mais presente no segundo grupo, mantendo suas formas tradicionais e pode assumir porcentagem representativa no terceiro, na forma de grandes painéis.

O acabamento Escovado é raro, estando mais presente em sítios do terceiro grupo.

Os elementos usados oferecem pistas, não soluções, para associação dos sítios. Mesmo assim, tentativamente, associamos o primeiro grupo de sítios ao povoamento mais antigo e, com isso, nos aproximamos de Bonomo et al. (2015), que indica o povoamento a partir da desembocadura, subindo o rio. O segundo grupo representaria, então, a expansão e consolidação do povoamento pelo vale. E o terceiro grupo corresponderia ao período final, talvez numa estratégia de retirada para lugares mais afastados do rio fugindo à expansão da frente colonial escravista e da missão religiosa. Nas pesquisas do vale não foram registrados objetos que indiquem contato com grupos coloniais.

Miller (1967), baseado em seriação de material cerâmico, havia estabelecido duas fases arqueológicas para a área: a fase Maquiné, considerada por ele como mais antiga, se assemelha a nosso primeiro conjunto; a fase Paranhana é mais parecida com o nosso terceiro agrupamento. Dias (2003), por sua vez, criou diferentes agrupamentos no Alto Vale a partir da perspectiva do estabelecimento de distintos “*tekohás*”.

A cronologia do povoamento pode ser considerada recente, comparável à de outros assentamentos da região nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina, onde predominam as datas de C^{14} entre 400 e 500 anos A.P. (Noelli, 2014). Cronologias mais antigas para a região, constantes da mesma listagem, produzidas no início do processo de datação, mostram-se agora inadequadas. Datações por TL (termoluminescência) também parecem, em grande parte, difíceis de serem absorvidas.

A estratigrafia, quando conservada, demonstra a existência de habitações estáveis e, junto a pouca variedade de artefatos, um modo de vida relativamente simples, de cultivadores em meio à mata, onde também obtinham alguma proteína animal proveniente da caça, produtos de coleta e pesca.

O término da ocupação indígena, no começo do século XVII, foi traumático, produzido principalmente por doenças trazidas pelo colonizador e pela transferência dos índios para São Paulo e Rio de Janeiro por ação escravista e missionária (Leite, 1940; 1945).

Tanto em assentamentos considerados antigos como mais recentes, ocorrem elementos cerâmicos da tradição Taquara, misturados com os da Tupiguarani, indicando algum tipo de contato entre as populações das duas tradições cerâmicas regionais.

Populações da tradição Taquara estão presentes no Planalto Sul-brasileiro, ao menos desde a metade do primeiro século de nossa era (Schmitz, 2016). No vale do Sinos, e de forma geral no nordeste do Rio Grande do Sul, eles também antecederam o Guarani. No sítio RS-S-282: Porto Palmeira 2, em Sapiranga, colocado em nosso primeiro grupo, além da cerâmica Tupiguarani, há boa representação da cerâmica Taquara; a data não calibrada do sítio é, como as primeiras do Planalto, do século VI (1380 ± 110 anos A.P. [SI-414], AD 570); o sítio RS-S-61 (Morro da Formiga), na cidade de Taquara, um sítio Taquara sem indícios de cerâmica Tupiguarani, possui uma data não calibrada do século VIII (1190 ± 100 A.P. [SI-409], AD 760) (Miller, 1967; Rosa, 2007).

No sítio RS-SN: Estância Velha, colocado em nosso terceiro grupo, os fragmentos de cerâmica Taquara também são numerosos, e indicam convivência dos dois grupos no mesmo assentamento e nas mesmas casas. Em diversos sítios entre os considerados antigos, médios e recentes do vale se recuperaram fragmentos isolados, sugerindo ligações menos diretas, regulares ou duradouras. Como veremos mais adiante, esta presença é mais marcada nos sítios da planície litorânea.

Em dois assentamentos, RS-6: Estádio do Aimoré, do primeiro grupo e em RS-S-293: Arroio Taquara, do terceiro grupo, foram encontrados fragmentos de cachimbos tubulares.

Os relativamente poucos artefatos líticos, recolhidos nos sítios, mostram uma tecnologia utilitária, expedita. Eram talhados muito parcimoniosamente sobre materiais provenientes do dique de basalto que atravessa o vale, ou sobre seixos rolados, quando havia uma corredeira na proximidade. Com eles se produziam talhadores para cortar o mato, construir canoas e outros utensílios simples e abrir e manter limpo o solo nos espaços destinados ao cultivo. Havia também raspadores, úteis para nivelar e alisar madeira e lascas, retocadas ou não, para diversas utilidades. Em alguns sítios, ocorrem distribuídos em espaços separados dos residenciais. No sítio RS-S-289: Monte Serrat I, no Alto Vale, onde o lítico era mais numeroso, os instrumentos mais representativos foram utilizados como amostra para o restante do vale (ver **Figuras 122, 123 e 124**). Excepcionalmente se encontra uma lâmina polida de machado, no sítio RS-6: Estádio do Aimoré (ver **Figura 22**); nenhuma ponta de projétil foi encontrada nas coleções estudadas.

Ampliando o espaço e a informação

O vale do rio dos Sinos faz parte de um processo maior de colonização das matas subtropicais do sul do Brasil por populações da tradição Tupiguarani. O mesmo tipo de sítios foi encontrado no vizinho vale do rio Caí, a oeste do Sinos, com assentamentos de implantação parecida (Mentz Ribeiro, 1968; Neumann; Dias 2005).

Mais abundantemente eles foram encontrados na vizinha planície litorânea do nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina, onde as aldeias estavam implantadas em pequenas ondulações do terreno entre as lagoas litorâneas e a encosta do planalto; em Santa Catarina foram estudadas, entre outros, por Lavina (1999, 2000), Milleira (2004, 2010, 2014) e Lino (2007); no Rio Grande do Sul, por Schmitz (1958), Miller

(1967), Gaulier (2001-2002), Rogge (2004, 2006), Wagner (2004, 2014), Becker (2007, 2008) e Noelli; Milheira; Wagner (2014).

A disponibilidade de recursos alimentares parece ter sido mais variada e abundante, fazendo com que as aldeias estivessem mais próximas umas das outras, formando agrupamentos na proximidade das lagoas enfileiradas ao longo da costa, onde também podiam ocorrer assentamentos maiores (p. ex. Schmitz; Sandrin, 2009). O solo era de mais fácil cultivo e havia mais peixes, moluscos, mamíferos e aves, ligados à água (Gazzaneo, 1990; Lavina, 1999; Rosa, 2002, 2010).

Nesses sítios repete-se com mais frequência e intensidade a presença de cerâmica Taquara (p. ex. Schmitz, 1958; Lavina, 1999; Wagner, 2004; Rogge, 2004, 2006), mostrando interação entre as duas populações, que podiam morar nas mesmas casas ou acampar associadas para explorar o ambiente proporcionado pelas lagoas e o litoral atlântico.

Em tempos coloniais aí viviam os índios Carijó, da família linguística Tupi-guarani, cujo território se estendia da ilha de Santa Catarina até a Lagoa dos Patos, do Oceano até o vale do rio Caí. Temos boas razões para o pressuposto de que os assentamentos ali estudados eram do grupo histórico e de seus antepassados.

Entre as últimas décadas do século XVI e as primeiras do século XVII, quando o escravo africano era escasso no mercado brasileiro, esses nativos foram intensamente negociados por escravagistas de São Paulo para abastecer suas próprias fazendas e aliviar o mercado. Em sua própria afirmação, eles teriam aprisionado uns cento e vinte mil índios, só parando a exploração quando o recurso escasseou e finalmente se esgotou (Leite, 1945).

Paralelamente aos bandeirantes, os jesuítas do Rio de Janeiro tentaram cristianizar esses índios e, diante do fracasso, levaram os últimos contatados para uma aldeia missionária no Rio de Janeiro. Seus relatos, publicados por Leite (especialmente 1940 e 1945), explorados inicialmente por Franzen (1998), se tornam importantes para entender o assentamento, considerando que os sítios estudados na região correspondem aos ancestrais ou mesmo aos próprios índios descritos, no caso da missão de Imbituba (Lavina, 1999; Milheira, 2004; Lino, 2007).

O material arqueológico recolhido nas décadas de 1960 e 1970 e seus documentos, e as pesquisas posteriores na área, se tomados isoladamente, são pouco explícitos com relação à organização do assentamento, aos artefatos, às atividades e ao sustento desses aldeões. Para alcançar a compreensão de semelhantes assentamentos e materiais, alguns arqueólogos produziram hipóteses criadas a partir das obras de Ruiz de Montoya, missionário jesuíta de guaranis da Província do Paraguai em começos do século XVII (Brochado; Monticelli; Neumann, 1990; Noelli, 1993, entre outros).

No presente caso talvez alcancemos maior aproximação se, em vez das informações de Montoya, usarmos, em analogia mais direta, os relatos dos jesuítas portugueses, que missionaram os índios Carijó da planície costeira do sul do Brasil, num tempo semelhante ao de Montoya. Os padres portugueses provavelmente eram menos treinados em termos linguísticos e etnográficos, e seus relatos tinham objetivos diferentes, mas, com os devidos cuidados, eles podem ser bem úteis.

Os jesuítas, sediados no Rio de Janeiro, formaram uma missão entre os índios Carijó, no porto Dom Rodrigo, em Imbituba, SC, na Laguna, onde também estava o porto de concentração e embarque dos índios escravizados. A missão durou de 1605 a 1607, sendo retomada, por breve tempo, em 1635, após o que os índios sobreviventes foram levados para uma aldeia missionária no Rio de Janeiro (Leite, 1940, 1945; Franzen, 1998; Schmitz; Rogge, 2017).

Segundo seus relatos, a missão se instalou numa aldeia com duas habitações indígenas a qual cresceu para 5 casas. “*Em Imbituba eram ao todo cinco [casas], depois de se ajuntarem alguns conosco; (...)*” (Leite, 1940: 228).

A Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC), sediada em Criciúma, realizou escavações em Imbituba, no provável sítio da missão jesuítica e registrou 17 manchas, algumas mais, outras menos escuras, com muita cerâmica da tradição Tupiguarani e diversos sepultamentos em urnas (Lavina, 1999). Ao redor e dentro de uma dessas urnas havia fragmentos de cerâmica Taquara.

Além da aldeia de Imbituba, os missionários fizeram outros contatos com os mencionados índios Carijó. Em 1619 João Fernandes Gato e João de Almeida se encontraram com os índios líderes Tubarão, Papagaio e Anjo do Sertão do Rio Grande; em 1622 criaram a Aldeia dos Patos, em 1626 a Aldeia do Caibi, que Franzen (1998: 107) coloca no vale do rio Caí.

Segundo Leite (1945: 480, nota de rodapé), os padres estiveram com certeza também no Rio Grande do Sul, no itinerário sempre em direção austral até Mampituba, que foi Laguna, Tubarão, Araranguá, Boipetiba (atual Mampituba) e Arachãs, que ficavam ao Sul do Tramandaí, pondo-se em contato com o Anjo do Sertão do Rio Grande e, numa descida, tentaram uma missão na altura de Tramandaí, RS.

Os indígenas do vale do rio dos Sinos eram parte do território dos Carijó, que se estendia até o vale do rio Caí. Junto a este rio, os Carijó teriam matado o P. Cristóvão de Mendoza quando ele, acompanhado de índios das missões espanholas, tentou ultrapassar a fronteira do território desse grupo para chegar ao mar (Leite, 1945: 518-519; Franzen, 1998; Schmitz; Rogge, 2017).

Os relatos desses missionários nos autorizam a utilizar suas informações para iluminar os assentamentos dos índios antecessores e ou coetâneos das missões, a partir das quais escreveram.

Segundo os missionários, as estruturas das aldeias não eram grandes malocas coletivas, mas pequenas habitações de famílias estendidas ou associadas, construídas com troncos e cobertas com palha.

E nos fomos para a aldeia. ... E assim nos metemos na primeira casa da primeira aldeia, que segunda nem terceira e outra alguma tinha. E assim são cá todas as aldeias, de maneira que, a uma casa, chamam uma aldeia. E esta não tinha dentro em si mais de três moradores, ou para melhor dizer três casais com três ou quatro filhos. (Leite, 1940: 216-217).

E nos fomos à quarta aldeia, que tinha duas casinhas, com alguns 9 ou 10 moradores (homens). E nesta fizemos nossa morada e igreja, por ser maior, ... E todos (os moradores) estavam amancebados e cheios de filhos, com diversas mulheres. (Leite, 1940: 217-218)

O pai do inocente Fernando, que é o senhor daquela (outra) aldeia, não havendo nela mais que ele e um seu genro, nos mandou convidar por uma, de quatro mulheres que tem, com obra de um punhado de farinha, e uns pequenos feijões ... (Leite, 1940: 216).

As informações se ajustam ao que se observa nos sítios estudados.

As casas dos índios, como não haja terra (para fazer as paredes de pau a pique, taipa ou barreado), são todas de jeçara (yuçara = uma palmeira) a pique. E assim dizíamos muitas vezes missa com a porta fechada, e comíamos sem abrir a porta, vendo da mesa quantos passavam e o mesmo nos viam de fora. E como os ventos cá (em Imbituba, litoral) são grandíssimos de dia nem noite estávamos sem ele. (Leite, 1940: 237)

Estas descrições replicam as imagens que temos da aldeia Mbya de Riozinho (**Capa e figuras 126-133**). A casa de reza dos Mbyá (**Figura 126**) era mais bem fechada que a descrita pelos missionários, mas as outras são muito parecidas.

Os missionários também falam na reduzida comodidade dessas casas, cheias de pragas de todo tipo e sem remover o lixo; para sorte dos arqueólogos, o lixo doméstico e as panelas quebradas permaneceram dentro da casa.

E informam sobre o alimento e sua disponibilidade sazonal.

Têm o ano repartido em quatro partes, scilicet três meses comem milho (seria o fim da primavera e o começo do verão), outros três, favas e aboboras (seria o alto verão), outros três, alguma mandioca (seria o outono), outros três (o inverno) comem farinha de uma certa palmeirinha, que é assaz de fome e miséria. ... (Leite, 1940: 230-231).

Mas o que se dá aos naturais é mandioca, feijões em grande cópia, milho, batatas, abóboras sem número de estranha grandeza, e estas são as maiores delícias dos Carijós, por que não somente as estimam por tais para seu mantimento, mas o que mais prezam são os cascos de certa casta delas, que fazem suas vasilhas, em que recolhem, bem como em pipas e tonéis, seu mantimento, e, como em caixas bem lavradas, todas suas alfaias. E estes vasos têm em tanta estima, que ao tempo que se embarcam, para se despedirem de sua pátria, estes são os grilhões, que mais os prendem e detêm, e antes deixarão um filho em terra que uma peça destas. (Leite, 1945: 496)

... os índios (de Imituba) neste tempo comiam gesaras (palmito?) com peixe e mexilhões. E o que tinha algumas folhas de mandioca, e alguns olhinhos de abóbora tinha que comer. (Leite, 1940: 219-220).

As crostas conservadas no interior de algumas vasilhas, que foram úteis para fazer uma datação, podem servir para confirmar esta informação.

O missionário explica o preparo da mandioca:

Não comem farinha ralada, nem têm espremedores, nem tatapecoabas (abano de fogo) nem os sabem fazer. A mandioca, depois de estar podre, trazem-na da roça. E fazendo uma nova cova na areia, do tamanho de meio barril, fora de casa, põem-lhe umas folhas debaixo e ali a botam; e toda a que cai na areia com a mesma areia a botam com a outra; e quando cansam põem o pilão na areia; tornando a socar leva uma boa quantidade de areia, com outras sujidades que não são para escrever; e, coberta com umas folhas e com areia a deixam daquela maneira, e pouco a pouco a vão tirando; e, pisando-a em um pilão a desfazem e põem em uma urupema (peneira) ao sol e depois a cozem, mal cozida, e às vezes depois de cozida, vem pedaços tamanhos como a cabeça dum dedo, crus, que parecem minicureras (raspa grossa) e com tanta areia, que se não fosse a necessidade, ou se houvera outra, ainda que não tão boa, se não comera. (Leite, 1940: 233). Ver pilão na figura 133.

Anchieta (1988: 136-137) também descreve o processo da mandioca puba:

O principal mantimento desta terra é uma farinha de pau, que se faz de certas raízes, que chamam mandioca, as quais são plantadas e lavradas a este fim, e se se comem cruas ou assadas ou cozidas, matam, porque é necessário deixá-las em água até que apodreçam, e depois de apodrecidas se fazem em farinha: este é o principal mantimento, com alguns legumes e folhas de mostarda.

Como eles não torravam a farinha e o beiju pelo processo amazônico, não havia necessidade de grandes torradeiras de bases planas e todos os recipientes podiam ter base convexa ou cônica, que é característica da subtradição Corrugada, ou Guarani.

É de notar que os missionários não falam da cerâmica doméstica, usada nas casas para cozinhar, nem dos grandes cântaros nos quais os índios sepultavam seus mortos, mesmo ao relatarem a morte por sarampo dos seguidores do filho do cacique, que era o protetor da missão. Tudo indica que, ao menos alguns, se não todos, foram enterrados em urnas na própria sede da missão (Lavina, 1999; Schmitz; Rogge, 2017).

Mas destacam a abundância e valorização de porongos (*Lagenaria* sp.). Estes substituiriam a cerâmica em muitas situações, especialmente para servir alimentos e bebidas e guardar bens.

Todas suas riquezas e felicidade é terem muitos cabaços e muitas cuias, e assim entrar em suas casas é entrar em uma tenda, mas de cabaços.” (Leite, 1940: 239).

... o que mais prezam são os cascos de certa casta delas (abóboras), que fazem suas vasilhas, em que recolhem, bem como em pipas e tonéis, seu mantimento, e, como em caixas bem lavradas, todas suas alfaias. E estes vasos têm em tanta estima, que ao

tempo que se embarcam (para formação de povoado no Rio de Janeiro no fim da segunda missão de 1635), para se despedirem de sua pátria, estes são os grilhões, que mais os prendem e detêm, e antes deixarão um filho em terra que uma peça destas. (Leite, 1945: 496).

Na aldeia Mbya predomina a cestaria (**Figura 132**) para fins domésticos e também para venda nas cidades próximas.

Em algum momento dos relatos há referência a canoas indígenas, redes de dormir e tipoiás de vestir. Mais objetos aparecem na festa da matança do prisioneiro: tripeça (assento), tacape, cordas, alguidares, gamelas, cuias, cabaças, cuiaba, colares e adornos plumários, mas nada disto sobrou para os arqueólogos. O correspondente relato também tem caráter mais literário do que de observação e por isso a informação nele contida não é tão confiável. (Leite, 1940)

... têm muita contaria, e, assim, em suas festas, andam carregados delas. As mulheres as trazem nos pés e nos colos das mãos, e nos buchos dos braços, e ao pescoço, ... e às vezes tantas que as faz andar com o pescoço baixo com o peso ...” (Leite, 1940: 240).

Nada disso aparece nas coleções dos museus, nem há referência nos documentos correspondentes.

Depois, o missionário fala na maneira de plantar a mandioca.

... *E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabando de a queimarem, logo prantam, sem fazerem coivara nem fazem covas para a mandioca; mas com o cabo de cunha com que derribaram a roça, fazem um buraquinho no chão e ali metem o pau de mandioca; e muitas vezes sem lhe fazerem buraco. E pera uma índia meter um pau na terra dá sete e oito e mais pancadas com ele na terra; e assim machucado e ferido, o mete.* (Leite, 1940: 235).

Isto é possível porque o solo, na maior parte do território, é arenoso. A aldeia Mbya de Riozinho faz seus roçados em mata secundária e usa machados de ferro (**Figura 131**) O missionário não informa se a cunha era lascada ou polida; os arqueológicos são predominantemente talhadores lascados.

Os arqueólogos, mais recentemente, preferem agrupar as aldeias indígenas de uma área usando o conceito de *Tekoha*, construído a partir a obra de Montoya. Noelli (1993), em sua dissertação, desenvolveu este conceito. Dias (2003) o usou para sítios do alto rio dos Sinos. Outros, como Miller (1967) preferiram o conceito de fase. Neste estudo, com os materiais e documentos que possuímos, consideramos não ter elementos suficientes para organizar os dados do vale dentro de um ou outro desses conceitos; apenas os reunimos em grupos.

Os missionários, entretanto, oferecem algum detalhe sobre um tipo de liderança que supera a dos coordenadores das casas e aldeias e que também é registrado em outros espaços guaranis; é o líder regional (Basile Becker, 1992). Segundo os costumes do tempo eles são chamados feiticeiros. Eles se identificam como pessoas de vida diferenciada, são fortemente apoiados pelos próprios seguidores, defendem seu espaço físico e social e interagem com os estrangeiros.

O terceiro gênero de feiticeiros é daqueles que fazem crer ao povo que são filhos de Anjos e não têm Pai na terra. ... o seu Príncipe, que os governa a todos, é um muito assinalado em profecias e por isso estranhamente obedecido e adorado. Reside nas ribeiras de um rio, chamado por excelência o Rio Grande (a Laguna ou a Lagoa dos Patos?); aqui é venerado e visitado de toda a província e de todas as novidades que se colhem, se lhe oferecem as primícias como a um Melquisedék (sacerdote mencionado na Bíblia). (Leite, 1945: 500)

... *se há de notar que toda esta província dos Carijós estava dividida em dois senhores idólatras, que a seu querer, a governavam. O primeiro é o Anjo, ... que por nome se diz também Ara Abaeté, que quer dizer ‘Dia do Juízo’. O outro era um índio parente, mui*

chegado do mesmo Anjo, chamado Marunaguaçu, que quer dizer o 'Grande Papagaio'. ... como na repartição das terras lhe coube a parte do Norte, que fica mais vizinha ao comércio dos Portugueses, com o trato destes lhe foi crescendo tanto o bico (ele é apelidado papagaio), que por seu meio estava já mui venerado e temido de seus vassallos e pouco afeiçoado aos Padres da Companhia, e por seu meio tiraram os mesmos Portugueses (segundo eles confessam) acima de cento e vinte mil Carijós ...

Em diversos lugares do nordeste do Rio Grande do Sul, em sítios com cerâmica tupiguarani, aparecem contas venezianas, típicos artefatos de intercâmbio colonial (Schmitz, 1958; Becker, 2007, 2008)

... enquanto o 'Papagaio' teve junto a si muitas povoações e aldeias de sua gente, fazia algumas entradas, levando consigo bons guerreiros, nas terras dos Guaianás (populações da tradição cerâmica Taquara do planalto), e com ciladas que lhes armavam trazia alguns deles cativos, para conforme a sua brutal fereza matarem em terreiro, armando-se cavaleiros, e depois desta solenidade os comiam em ódio e vingança, por serem inimicíssimos seus." (Leite, 1945: 508-509). Embora muito destacado, este não parece ter sido o contato mais importante dos Carijós com os Guaianás, como demonstram as numerosas ocorrências em que estão juntos elementos de uma e da outra tradição ceramista local. Vale lembrar que junto e dentro de uma das urnas escavadas na missão de Imbituba havia fragmentos de cerâmica Taquara, confirmando esses contatos.

E por este nome (Carai bebe = homem que voa) se nomeia este, ... Este não tem mais que uma só mulher, e estranha muito aos seus vassallos usarem de tão grande multidão que todos têm. Preza-se muito de ser amigo dos Padres da Companhia, e assim nos faz mercê de nos comunicar seu nome e chamar-nos Anjos. A intenção, que todos os Carijós têm, em oferecer estas primícias e virem dos fins de todo o Reino, a obedecer-lhe, não é outra mais senão por que ele os bafeje, porque tem em seu bafo tanto que firmemente creem que qualquer pessoa, que por ele for bafejada, leva para sua casa todas as boas fadas, e muitos anos de vida, além daqueles que ordinariamente houvera de viver. É tanto isto assim, que os Carijós Cristãos, que entre nós residem, se à sua pátria tornam, por nenhum caso perdem os perdões do bafo santo. ... (Leite, 1945: 501)

(Moradores de São Vicente e Cananeia mandam) "... recados a seus compadres, como foram ao grande 'Tubarão' e por outro nome 'Trovão', senhor das chuvas e tempestades, o qual se intitula senhor de todas aquelas terras e mais dos Arachãs, e terras dos castelhanos até Santa Catarina, grande feiticeiro, que diz que sabe as coisas antes que sucedam e que Deus lhas diz; e, assim, que Deus lhe dissera como nós havíamos de ir lá, mas que lhe não dissera havia de vir conosco. Faz-se também senhor do peixe, e ele manda de lá o que cá vem aos brancos. O mesmo foi ao 'Conta-Larga' e ao 'Papagaio' e ao 'Grande Anjo' (Carai bebe), outro grande principal de lá, do meio do sertão, grande feiticeiro; este, dizem eles que não nasceu de mulher. Dá filhos e o mais que lhe pedem. E assim o temem e obedecem a qualquer recadinho." (Leite, 1945: 478- 479)

A história de uma população

O vale do rio dos Sinos fazia parte do território dessas lideranças, que brigavam por manter sua identidade, seus seguidores e seus territórios. Acredita-se que o jesuíta Cristóvão de Mendoza teria sido morto, sob as ordens de um desses líderes (Ibaparu), quando quis atravessar, sem autorização, o território indígena em busca de um porto no litoral que desse acesso direto ao mar para as missões espanholas do interior do Rio Grande do Sul (Leite, 1945; Franzen, 1998; Schmitz; Rogge, 2017).

Não só as lideranças, também a cultura era partilhada: o vale do rio dos Sinos era parte da região mencionada, que compreendia a planície litorânea e os vales dos rios mais próximos, até o rio Caí; a partir daí existiam outras tribos de língua Guarani que foram missionados por jesuítas espanhóis, entre os quais estava Cristóvão de Mendoza. Esta constatação autoriza a pensar a história dos Carijós e de seus antepassados pré-colo-

niais como uma unidade. Eles fazem parte do movimento colonizador do Guarani, que, nos séculos XV e XVI, terá chegado à floresta subtropical do vale do rio Caí, do vale do rio dos Sinos, da planície costeira do Nordeste do Rio Grande do Sul e do Sudeste de Santa Catarina.

Nos densos matos subtropicais ele construiu casas estáveis, habitadas por famílias aparentadas ou associadas, que ergueram pequenas aldeias dispersas ao longo das várzeas do rio e de seus afluentes, aldeias que chegavam a crescer e adensar na proximidade das lagoas litorâneas. Através do cultivo, foram penetrando a mata, semeando-a de pequenas chácaras de subsistência, destinadas a nunca enriquecer. Partilhavam língua, costumes e técnicas com outras populações do Sul do Brasil, com as quais formavam uma poderosa área populacional e cultural de tribos, sem chegar a um estado.

Com a expansão da sociedade europeia essas aldeias na mata foram atingidas, simultaneamente, pela ação de escravagistas e de missionários, os quais, juntamente com as epidemias trazidas pelo homem branco, reduziram seu número e finalmente os aniquilaram biológica, social e culturalmente.

A memória de sua existência, quando surgia do solo, foi mal interpretada pelos que ocuparam seu antigo espaço. As ruínas de seus assentamentos nada representavam de positivo para as novas levas de famílias de diversas etnias, que cultivavam o espaço com o mesmo anseio de sobreviver; eram 'selvagens'.

Os restos materiais e documentos que sobraram nos museus, a escassa e nem sempre confiável informação de antigos missionários, estão aí para que a Academia as disponibilize no esforço de construção de memória histórica. Ela pode ter alguma serventia para as gerações indígenas que retornam à região para reproduzir um modo de vida semelhante ao dos antigos (Vietta, 1992; Garlet, 1996; Dias; Silva, 2014; Herrero, 2017). Este é um movimento silencioso, como o anterior, mas persistente como então, de famílias da mesma etnia, agora autodenominada Mbya-guarani, que, sob a orientação de novos líderes proféticos, busca fragmentos do antigo espaço para neles viver 'uma terra sem males' (**Figuras 126 a 133**). Mas a utopia não está protegida; ela é contaminada, exteriormente, pela interação permanente com a vizinhança urbana e ameaçada, internamente, pelo moderno sistema educacional que lhe proporciona os conhecimentos e as técnicas necessários para viver na sociedade globalizada, sem, por enquanto, lhes abrir muito espaço para esta realização.

A construção de memória histórica correta e digna dessa população é ainda mais importante para que a sociedade que ocupou seu território e se diz civilizada, aprenda a reconhecer a identidade, as qualidades e fantásticas realizações desses seus irmãos nativos.



Figura 126. A casa de reza, paredes com troncos de xaxim, em que mora o cacique. Foto de Denise Maria Schnorr, 1997.



Figura 127. A casa de reza: Tekoa mbya rekoa. Bruvica roga apy. Foto de Denise Maria Schnorr, 1997.



Figura 128. Uma residência. Foto de Denise Maria Schnorr, 1997



Figura 129. A estrutura de uma casa. Foto de Denise Maria Schnorr, 1997.



Figura 130. Outra casa. Foto de Denise Maria Schnorr, 1997.



Figura 131. Um roçado. Foto de Denise Maria Schnorr, 1997.



Figura 132: Material para artesanato. Foto de Denise Maria Schnorr, 1997.



Figura 133. O pilão. Foto de Denise Maria Schnorr, 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHIETA, J. de. 1988. *Cartas, Informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia e USP.
- BASILE BECKER, I.I. 1992. Lideranças indígenas no começo das reduções da Província do Paraguay. *Pesquisas, Antropologia* 47.
- BECKER, J.L. 2007. *O homem pré-histórico no litoral norte, RS, Brasil. De Torres a Tramandaí*. Torres: Graf. e Ed. TC, 1.
- BECKER, J. L. 2008. *O homem pré-histórico no litoral norte, RS, Brasil. De Torres a Tramandaí*. Torres: Graf. e Ed. TC, 3.
- BONOMO, M.; ANGRIZANI, R.C.; APOLINAIRE, E.; NOELLI, F.S. 2015. A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and littoral zone of southern Brazil. *Quaternary International* 356: 54-73.
- BROCHADO, J. et al. 1969. *Arqueologia brasileira em 1968. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas 12
- BROCHADO, J. 1973. *Desarrollo de la tradición ceramica tupiguarani*. UFRGS, Gabinete de Arqueologia, Publicação n. 3.
- BROCHADO, J. 1984. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South América*. (Tese de Doutorado). Carbondale: University of Illinois at Urbana-Champaign.
- BROCHADO, J.; MONTICELLI, G.; NEUMANN, E. 1990. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Véritas* 35(140): 727-743.
- CHMYZ, I. 1966. *Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica*. Manuais de Arqueologia n. 1. Curitiba, UFPR, Centro de Ensino e Pesquisa.
- DIAS, A.S. 2003. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. (Tese de Doutorado). São Paulo: MAE/USP.
- DIAS, A.S.; SILVA, S.B. 2013. Seguindo o fluxo do tempo, trilhando o caminho das águas: territorialidade guarani na região do Lago Guaíba. *Revista de Arqueologia* 26(1): 56-70.
- DIAS, J.L.Z. 2015. *A ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani do médio vale do rio dos Sinos e do vale do rio Paranhana*. (Tese de Doutorado). São Leopoldo: UNISINOS.
- DIAS, J.L.Z. 2016. A ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani do médio vale do rio dos Sinos e do vale do rio Paranhana. *Pesquisas, Antropologia* 72: 99-149.
- EVANS, C.; MEGGERS, B.J. 1965. *Guia para a prospecção arqueológica no Brasil*. Belém, Museu Goeldi.

- FRANZEN, B. V. 1998. *Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no Sul do Brasil e Paraguai (1580-1640), um estudo comparativo*. (Tese de Doutorado). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- GARLET, I.J. 1997. *Mobilidade Mbyá: História e significação*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS.
- GAULIER, P. 2001. Ocupação pré-histórica Guarani no município de Porto Alegre, RS, considerações preliminares e primeira datação do sítio arqueológico RS-LC-71: Ilha Francisco Manuel. *Revista de Arqueologia* 14/15: 57-73.
- GAZZANEO, M. 1990. Restos alimentares no sítio de Itapuã. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 4: 131-135.
- HERRERO, R. 2016. Ribeira: Vale do sonho Guarani. *Porantim*, n. 384. Brasília.
- IBGE. Mapas de solos, vegetação e relevo. *Cartas avulsas*, 2002, obtidas em <http://downloads.ibge.gov.br/>.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J.P. 1989. *Cerâmica guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.
- LAVINA, R. 1999. *Projeto de salvamento arqueológico da ZPE Imbituba, SC*. Relatório final. Criciúma, UNESCO.
- LAVINA, R. 2000. *Projeto de salvamento arqueológico da Rodovia Interpraías (Trecho Morro dos Conventos – Lagoa dos Esteves)*. Relatório final. Criciúma, UNESCO.
- LEITE, S. 1940. *Novas cartas jesuíticas (De Nóbrega a Vieira): A missão aos Carijós, 1605-1607 – Relação do P. Jerônimo Rodrigues*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 196-246.
- LEITE, S. 1945. *História da Companhia de Jesus no Brasil, vol. VI. Do Rio de Janeiro ao Prata e ao Guaporé, estabelecimentos e assuntos locais, século XVII-XVIII*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugália.
- LEITE, S. 1949. *História da Companhia de Jesus no Brasil, vol. VIII. Relação da Província do Brasil, 1610. P. Jácome Monteiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, p. 393-425.
- LINO, J.T. 2007. *Arqueologia guarani na bacia hidrográfica do rio Araranguá, Santa Catarina*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS.
- MEGGERS E EVANS. 1970. *Como interpretar a linguagem da cerâmica*. Washington D.C. 1970
- MENTZ RIBEIRO, P.A. 1968. Os sítios arqueológicos do vale do rio Caí. *Pesquisas, Antropologia* 18:153-169.
- MILHEIRA, R.G. 2010. *Arqueologia guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. (Tese de Doutorado). São Paulo: USP.
- MILLER, E.Th. 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publ. Av. M. Pa. Emílio Goeldi* 6: 15-38.
- NEUMANN, M. 2014. A cerâmica guarani do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. In: R.G. - Milheira e Gustavo Peretti Wagner (orgs). *Arqueologia guarani no litoral sul do Brasil*, Curitiba-PR, Appris, p. 63-80.

- NEUMANN, M.; DIAS, A.S. 2005. A cerâmica guarani pré-colonial do vale do rio Caí, Rio Grande do Sul: aspectos de estilo tecnológico e função. *Anais do XIII Congresso da SAB*. Campo Grande, c.d.
- NOELLI, F.S. 1993. *Sem tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e a aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí, Rio Grande do Sul*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, PUCRS.
- NOELLI, F. S. 2014. Tabela de sítios guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. In: R.G. Milheira, G. P. Wagner (orgs.): *Arqueologia guarani no litoral sul do Brasil*. Curitiba, PR, Editora Appris, p. 205-255.
- NOELLI, F.S., MILHEIRA, R.G., WAGNER, G.P. 2014. Os Sítios arqueológicos Guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. Registros até 2013. In: Milheira, R.G., Wagner, G.P. (Eds.), *Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil*. Appris: Curitiba, p. 177 - 186.
- NUNES, J.A.; SCHMITZ, P.I. 2017. O Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos: um panorama da implantação do grupo. In: *Estudos históricos latino-americanos: conexões Brasil e América Latina*, São Leopoldo, p. 29-43.
- PANTE, A.R. 2006. *Aplicação de instrumentos de gestão de recursos hídricos na bacia do rio Paranhana*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre.
- RIBEIRO, P.A.M. 1968. Os sítios arqueológicos do vale do rio Cai. *Pesquisas, Antropologia* 18: 153-169.
- RODRIGUES, J. 1940. A missão dos carijós - 1605-1607. In: S. Leite: *Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)*. Coleção Brasileira (Série 5ª) São Paulo, Cia Editora Nacional, p. 196-246.
- ROGGE, J.H. 1991. Análise comparativa da cerâmica de dois sítios Tupiguarani'. *VI Simpósio Sul-rio-grandense de Arqueologia: Novas Perspectivas*, PUCRS, Porto Alegre, 2-4.05.
- ROGGE, J.H. 2004. *Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul*. (Tese de Doutorado). São Leopoldo, UNISINOS.
- ROGGE, J.H. 2006. O material cerâmico dos sítios do Litoral Central. In: Schmitz, coord. A ocupação pré-histórica do Litoral Meridional do Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 63: 179-192.
- ROSA, A.O. 2006. Análise preliminar dos restos faunísticos do sítio RS-LC-80, uma ocupação Tupiguarani. *Pesquisas, Antropologia* 63: 249-257.
- ROSA, A.O. 2010. Arqueofauna de um sítio de ocupação pré-histórica guarani no município de Porto Alegre, RS. *Pesquisas, Antropologia* 68: 109-119.
- ROSA, C.A.D. 2007. *Pessoas, coisas e um lugar: uma interpretação para a ocupação pré-colonial no sítio arqueológico Morro da Formiga, Taquara, RS*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, PUCRS.
- SCHMITZ, P.I. 1958. Paradeiros guaranis em Osório (Rio Grande do Sul). *Pesquisas* 2: 113-143.
- SCHMITZ, P.I. 2016. A arqueologia do Jê Meridional, uma longa aventura intelectual. *Cadernos do CEOM*. 45 Estudos Arqueológicos Regionais. Chapecó: Unochapecó.

SCHMITZ, P.I.; SANDRIN, C. 2009. O sítio Lagoa dos Índios e o povoamento guarani da planície costeira do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 11: 89-134.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H. 2017. Os carijós do litoral meridional do Brasil. Um espelho para os arqueólogos olharem os sítios arqueológicos. *Pesquisas, Antropologia* 73 on-line.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; RATHKE, R.H.; NUNES, J.A. 2017. A ocupação guarani do vale do rio dos Sinos, uma proposta de pesquisa. *Pesquisas, Antropologia* 73.

SOUZA, L.F.de. 2008. Estudo acerca da cobertura vegetal e uso do solo nas zonas ciliares dos principais corpos hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. *DOCUMENTO DAT-MA Nº 0616/2008*. Porto Alegre.

STRECK *et al.* 2008. *Solos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR.

VIETTA, K. *Guarani de verdade*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: UFRGS.

WAGNER, G.P. 2004. *Ceramistas pré-coloniais do Litoral Norte*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, PUCRS.

WAGNER, G. 2014. O povoamento guarani do litoral norte do Rio Grande do Sul e suas relações com os demais ocupantes da região. In: R.G. Milheira & G.P. Wagner. *Arqueologia guarani no litoral sul do Brasil*, Curitiba, Editora Appris, p. 39-62.

WERLANG, O.T. 1981. *Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul*. (Trabalho de conclusão de curso de História). São Leopoldo, Unisinos.

